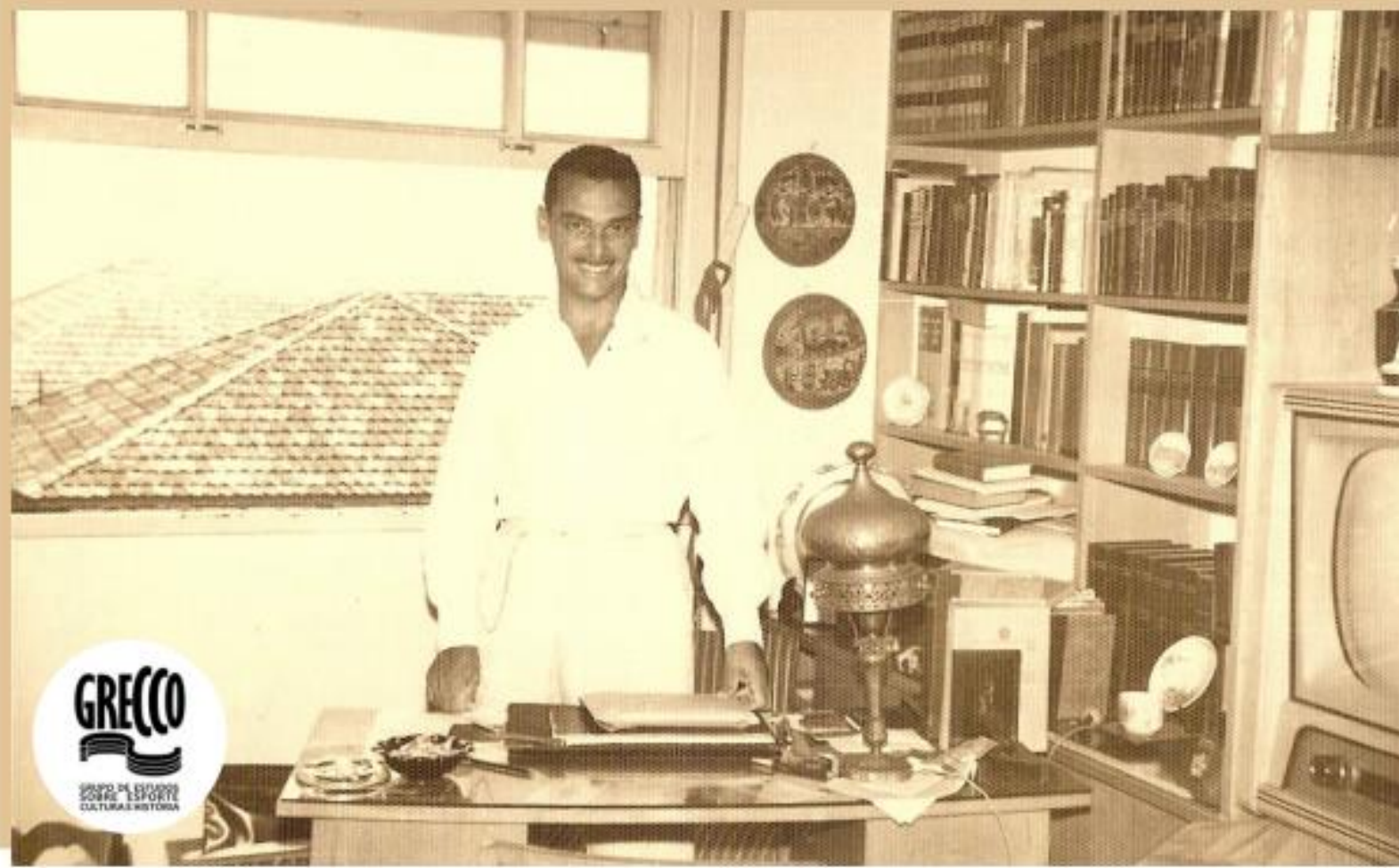


INEZIL PENNA MARINHO

ARTIGOS PUBLICADOS
NO JORNAL DO SPORT

Organização
André Luiz dos S. Silva
Christiane G. Macedo
Silvana Vilodre Goellner



GRECCO
GRUPO DE ESTUDOS
SOBRE ESPORTE
CULTURAL-HISTÓRICO

André Luiz dos Santos Silva
Christiane Garcia Macedo
Silvana Vilodre Goellner
(Organizadores)

**Inezil Penna Marinho:
artigos publicados no Jornal dos Sports**

Porto Alegre, 2016

**Copyright © 2016 Centro de Memória do Esporte
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS**

Reitor: Carlos Alexandre Netto

Vice-reitor: Rui Vicente Oppermann

Pró-reitora de Extensão: Sandra de Deus

Vice-pró-reitora de Extensão: Claudia Porcellis Aristimunha

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) – UFRGS

Diretor: Alberto Reinaldo Reppold Filho

Vice-diretor: Flávio Antônio de Souza Castro

Centro de Memória do Esporte – CEME

Coordenadora: Silvana Vilodre Goellner

Revisão: Ivone Job e Naila Touguinha

Projeto Gráfico (Capa): Nina Figueira Sodré

Projeto Gráfico e diagramação (Miolo): Christiane Macedo e Suelen de Souza Andres

Fonte de imagem da Capa: Acervo Pessoal Inezil Penna Marinho, cedida por Alice Opala e Inezil Penna Marinho Júnior.

Qualquer parte ou o todo desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada corretamente a fonte.

I42 Inezil Penna Marinho: artigos publicados no Jornal dos Sports / Organização André Luiz dos Santos Silva, Christiane Garcia Macedo, Silvana Vilodre Goellner - Porto Alegre : Centro de Memória do Esporte, 2016.
251 p., il. (Coleção Grecco)

ISBN: 978-85-66106-56-5

1. Esporte. 2. Lazer. 3. Memória. 4. Inezil Penna Marinho. I. Silva, André Luiz dos Santos, org.. II. Macedo, Christiane Garcia, org. III. Goellner, Silvana Vilodre, org.

CDU: 796

Ficha catalográfica elaborada por Naila Touguinha Lomando, CRB-10/711

PREFÁCIO

Tenho acompanhado os trabalhos do CEME desde 2005 e o esforço deste grupo em guardar, higienizar e divulgar o acervo pessoal de Inezil Penna Marinho. Esse esforço realizado pelo grupo que desencadeou na publicação de coletâneas de textos e de memórias do acervo pessoal de Inezil¹ possibilitou também, a partir do Repositório Digital da UFRGS, a disponibilização de fontes importantes de sua obra a serem visitadas por pesquisadores da área que, como eu, tinham interesse nessa produção.

Acompanhei ao longo desses últimos anos o trabalho árduo, lento e rigoroso da produção do “Inventário do Acervo Pessoal de Inezil Penna Marinho: Educação Física e Esportes”. Em 2014, ainda com o Inventário inacabado pelos autores, tive a oportunidade de acessar parte do acervo pessoal do autor e conferir de perto não somente a grandiosidade de sua produção, mas também a rigurosidade da forma como foi organizado e catalogado pelo próprio Inezil. A impressão primeira ao adentrar no seu acervo pessoal foi a de que ele me dizia: “Deixei tudo organizado para facilitar sua vida de pesquisadora”! Impressionou-me o rigor com que Inezil produziu e guardou a sua própria memória de professor, intelectual e pesquisador da Educação Física brasileira. Em seu centenário, o grupo do CEME novamente não deixou suas memórias passarem em vão pela Educação Física brasileira reconhecendo sua produção como fonte importante para a nossa historiografia da Educação Física.

Sua produção ajuda a melhor compreender a própria área da Educação Física e suas mudanças ao longo de pelo menos cinco décadas. O *Jornal dos Sports* é certamente mais uma fonte importante para os pesquisadores da Educação Física de acessar a obra de Inezil. O esforço do CEME em divulgar a obra de Inezil possibilitando acesso à sua produção permite também melhor compreendê-la em sua historicidade. Seus artigos apresentam duas importantes características presentes na atuação profissional de Inezil ao longo dos anos de 1940/1950: a multiplicidade de temas a serem analisados, algo próprio dos intelectuais do período e de um campo que se constituía em seus primeiros cursos de formação superior e sua preocupação com a História e a Metodologia da

¹ Goellner, Silvana (org). Inezil Penna Marinho: coletânea de textos. Porto Alegre: UFRGS, CBCE, 2005; e Goellner, Silvana; Silva, André L. dos S. (Orgs). Nos recônditos da memória: o acervo pessoal de Inezil Penna Marinho. Porto Alegre: Gênese, 2009.

Educação Física e dos Esportes, decorrente de sua atuação como catedrático dessas duas disciplinas na ENEFD² ao longo de mais de uma década.

A história das práticas apresentadas, assim como sua sistematização mostram que seus escritos para o *Jornal dos Sports* estavam também em sintonia com seus interesses de trabalho como professor preocupado em divulgar uma História da Educação Física nacional que, diferentemente das publicações anteriores sobre essa temática, estiveram preocupadas com uma História “estrangeira” do campo. Inezil trouxe para suas obras o futebol, a capoeira, as práticas indígenas como forma de marcar uma produção nacional sem dispensar ou negar os “estrangeirismos” e obras consagradas já anteriormente estudadas e citadas nas produções que circularam pelo Brasil nas décadas anteriores. Sua inclinação pelos temas “nacionais” é perceptível no *Jornal dos Sports* tanto para historicizá-los quanto para, como professor de Metodologia, também produzir uma sistematização e aplicabilidade de tais conhecimentos, reconhecendo assim que esses temas poderiam atingir um público mais amplo que o acadêmico.

Como Técnico da Divisão de Educação Física do MES³ e Catedrático de Metodologia e História da Educação Física e dos Desportos na ENEFD ao longo de mais de uma década, Inezil esteve constantemente atento à formação de instrutores, médicos e professores de Educação Física. Parte da sua produção do *Jornal dos Sports* é destinada também à formação dos “técnicos do MEC” daquele momento; a série de artigos destinada à formação de professores, os temas nacionais ligados à história dos esportes, da escola e a regulamentação da Educação Física no país são fontes que ajudam a melhor compreender que a atuação com a formação de professores foi um dos principais objetivos de sua atuação profissional.

Por isso, para além de dar um “*vida longa*” ao trabalho que vem sendo produzido pelo grupo do CEME em conjunto com a família do autor, é preciso também desejar que os artigos de Inezil no *Jornal dos Sports* como fonte histórica possam ser a partir de agora transformados em trabalhos de monografias, mestrados e doutorados pelos pesquisadores da área. A disponibilização da produção dos artigos do *Jornal dos Sports* permite muitas pesquisas futuras dos professores e pesquisadores do presente

² Escola Nacional de Educação Física e Desportos. Inezil lecionou na ENEFD entre os anos de 1949 a 1962.

³ Ministério da Educação e Saúde Pública. A Divisão de Educação Física criada em 1937 foi órgão que ao longo do Governo de Getúlio Vargas estabeleceu regulamentações para a Educação Física nacional e para a formação de professores.

que, ao olharem para o passado possam compreendê-los como um conjunto pequeno de textos perto de toda sua produção, mas extremamente importante de uma obra que merece ser mais divulgada e estudada com a merecida profundidade do intelectual que foi Inezil Penna Marinho.

Priscilla Kelly Figueiredo
Professora da Universidade Federal de Sergipe
Belo Horizonte, março de 2016

APRESENTAÇÃO

O pensamento tem o poder de unir o passado e o futuro; a memória e a esperança são fontes de prazer, pois aquela nos permite transformar o que foi corporal em espiritual e esta, o que é espiritual no que será corporal. Da mesma forma que conservamos a imaginação das sensações anteriores, guardamos as lembranças dos prazeres e dos sofrimentos passados; o presente não nos absorve, o passado sobrevive a si mesmo em nossa memória e resulta disso que somos capazes de imaginar o futuro. (Inezil Penna Marinho, *Amor & Lembrança*)

A contribuição de Inezil Penna Marinho para a estruturação da Educação Física brasileira é inegável. Autor de uma obra inestimável, sobretudo entre as décadas de 1940 e 1980, dedicou-se a uma variada gama de publicações tanto literárias quanto acadêmicas. Este livro é um exemplo de sua profícua e diversificada produção. Trata-se de uma compilação feita pelo próprio autor no qual reúne artigos que publicou no *Jornal dos Sports*. Trata-se também de uma homenagem do Centro de Memória do Esporte (CEME) ao centenário de seu nascimento, ocorrido no dia 15 de agosto de 2015.

Os 114 pequenos textos aqui reproduzidos foram publicados no período compreendido entre os dias 3 de outubro de 1953 e 11 de junho de 1954 e contemplam temáticas como esporte, orientação para a Educação Física escolar, ginástica, arco e flecha, natação, esgrima, capoeira, torcida, árbitros, recreação, entre outras.

O *Jornal dos Sports* foi criado por Argemiro Bulcão no ano de 1931, na cidade do Rio de Janeiro, caracterizando-se como um dos primeiros periódicos exclusivamente esportivos produzidos no Brasil, num período no qual as matérias jornalísticas apresentavam uma linguagem curta e rápida, acrescentada de imagens que “pudessem se transformar no retrato fiel do dinamismo do jogo” (Couto, 2010)⁴. Em 1936, o jornalista Mário Rodrigues Filho comprou o jornal, tornando-se seu proprietário e diretor até 1966. Os textos reunidos neste livro foram produzidos naquele período e resultam de uma tentativa de seu autor de divulgar para um público mais amplo os estudos que vinha empreendendo sobre a história do esporte e suas contribuições para a Educação Física nacional.

⁴ COUTO, André Alexandre Guimarães. Uma arena de notícias: a fundação do Jornal dos Sports e os seus primeiros editoriais. In: Anais do XIV Encontro Regional da ANPUH – RIO. 2010.

Essa direção é apresentada nos primeiros dez artigos, que em seu conjunto desenvolvem uma breve sistematização sobre o que denomina “Evolução Desportiva Brasileira”, contemplando neste tópico os períodos colonial, imperial e republicano. Para além da abordagem histórica, Inezil apresenta uma diversidade de temáticas as quais agrupa em séries com denominações específicas, tais como torcidas e juízes, futebol, fundação de clubes, uma apologia aos esportes, a situação atual dos desportos no Brasil, capoeira, os esportes no tempo e no espaço, os esportes na escola, orientações para a Educação Física escolar, o comitê Pierre de Coubertin, os estádios populares de Porto Alegre, o atletismo e atividades físicas na França e a recreação como problema social. Sua compilação apresenta também alguns artigos isolados que não integram esse agrupamento temático.

Inezil Penna Marinho: artigos publicados no Jornal dos Sports integra as ações do projeto *100 anos de Inezil Penna Marinho*, desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte, que contempla a publicação de outro e-book⁵, com a catalogação das obras preservadas em seu acervo pessoal, assim como a organização de uma exposição com o mesmo tema. O lançamento dos e-books e a inauguração da exposição aconteceram nos dias 8 a 13 de setembro de 2015 na cidade de Vitória (ES) durante a realização do XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VI Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Afora essas ações, desde 2005, o CEME está envolvido com a higienização, a organização e a catalogação deste acervo, por meio de iniciativas como a organização de exposições, a produção de textos, a digitalização de imagens e documentos e sua disponibilização no Repositório Digital da UFRGS⁶, possibilitando, assim, um maior acesso à diversidade de documentos que constitui o seu acervo pessoal.

Nenhuma dessas ações seria possível sem a colaboração ativa e carinhosa de Alice Opala e Inezil Penna Marinho Júnior, que abriram sua casa e suas memórias para que pudéssemos visibilizar e divulgar aquilo que com tanta dedicação o professor Inezil produziu. Agradecemos também as pessoas que integram a equipe do Centro de Memória do Esporte e que de um modo ou outro participam das atividades relacionadas à catalogação do acervo de Inezil Penna Marinho. Para a construção deste livro, contamos com a colaboração preciosa de Nina Figueira Sodré, Fúlvio Dickel e Juliana

⁵ *Inventário do Acervo Pessoal de Inezil Penna Marinho: Educação Física e Esportes*, de autoria de André Silva, Christiane Macedo, Silvana Goellner, publicado pela Coleção GRECCO do Centro de Memória do Esporte em setembro de 2015

⁶ Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/105081>>.

Prado Cros, cuja dedicação foi imprescindível para chegarmos ao resultado que ora apresentamos.

Por fim, acreditamos que a organização deste livro torna visível aquilo que expressou Inezil Penna Marinho, ao referir que o “passado sobrevive a si mesmo em nossa memória e resulta disso que somos capazes de imaginar o futuro”. Não sabemos se ele imaginou um futuro no qual seu centenário seria celebrado. No entanto, temos certeza de que suas palavras, ainda potentes, continuam sendo fonte de inspiração para outras pessoas.

André Luiz dos Santos Silva
Christiane Garcia Macedo
Silvana Vilodre Goellner

SUMÁRIO

EVOLUÇÃO DESPORTIVA BRASILEIRA.....	15
Nº 1 – O homem, o arco e a flecha.....	15
Nº 2 – A natação entre os índios do Brasil.....	18
Nº 3 – A canoagem entre os índios do Brasil.....	20
Nº 4 – As corridas a pé a as touradas entre os índios do Brasil	22
Nº 5 – Equitação entre os índios e os primeiros colonizadores do Brasil	24
Nº 6 – A esgrima, a natação e a equitação no Império.....	26
Nº 7 – O remo no Império.....	28
Nº 8 – O remo nas três primeiras décadas da República (I).....	31
Nº 8 – O remo nas três primeiras décadas da República (II)	33
Nº 9 – Os outros desportos (I).....	35
Nº 9 – Os outros desportos (II).....	37
Nº 10 – O football no Brasil (I).....	39
Nº 10 – O football no Brasil (II)	41
Nº 10 – O football no Brasil (III)	43
Nº 10 – O football no Brasil (IV).....	45
Nº 10 – O football no Brasil (V)	48
Nº 10 – O football no Brasil (VI).....	50
Nº 10 – O football no Brasil (VII).....	51
Conclusões.....	53
A TORCIDA - ÊSSE GIGANTE	54
1 – Classificação das multidões.....	54
2 – Características das multidões	56
3 – O comportamento da torcida	57
4 – Documentário	59
5 – O problema: compreender a torcida	61
O JUIZ-ÊSSE COITADO	63
1 – Introdução.....	63
2 – Os erros de percepção como principais fatores de mau julgamento	65

3 – Os erros testemunhais	67
4 – A influência dos fatores subjetivos.....	69
5 – Qualidades para ser bom juiz	72
A SITUAÇÃO ATUAL DOS DESPORTOS NO BRASIL.....	75
Bases de sua organização	75
POR QUE FORAM OS CAPOEIRAS DERROTADOS NAS LUTAS DO RINQUE? 78	
A CAPOEIRAGEM É “ARMA DE FUGA” E NÃO “ARMA DE LUTA”	78
1 – Primeiras notícias sobre o aparecimento da capoeiragem no Brasil	78
2 – A capoeiragem no Brasil Colonial e no Império	80
3 – A capoeiragem no início da República.....	83
4 – A capoeiragem nas três primeiras décadas do século XX	86
O FOOTBALL: APONTAMENTOS PARA A SISTEMATIZAÇÃO DE SEU ESTUDO	88
1 – Origens	88
2 – Evolução até o football de nossos dias	90
3 – O papel do football no Brasil.....	92
4 – O football como elemento educacional	94
5 – O football como fator de recreação	95
6 – O football como meio de competição.....	97
7 – Determinação do valor morfológico do jogador de football	99
8 – Determinação do valor fisiológico do jogador de football	101
9 – Determinação do valor psíquico do jogador de football.....	103
a) as crendices e as superstições.....	103
9 – Determinação do valor psíquico do jogador de football.....	105
b) Os complexos, a cólera e o medo	105
10 – A importância da aptidão física para o football.....	107
a) Generalidades	107
10 – A importância da aptidão física para o football.....	109
b) A orientação desportiva e o football	109
11 – A preparação física do jogador de football.....	111
12 – A preparação técnica do jogador de football	113

13 – A preparação tática do jogador de football (I).....	115
13 – A preparação tática do jogador de football (II)	117
14 – Controle fisiológico do jogador de football.....	119
15 – Controle técnico e tático do jogador de football.....	120
16 – Elementos fundamentais para a organização do plano treinamento para uma equipe de football (I)	122
16 – Elementos fundamentais para a organização do plano treinamento para uma equipe de football (II).....	124
 POR QUE MARIO FILHO?	 126
 PENSA FUNDAR ALGUM CLUBE?: ENTÃO LEIA ISTO	 128
I - Considerações	128
II – Os clubes infantis e juvenis.....	130
III – Os clubes com personalidade jurídica	132
 APOLOGIA DOS DESPORTOS	 134
1 – A "enquete" que a UNESCO está realizando.....	134
2 – Os desportos na formação do caráter.....	135
3 – Os desportos na educação da vontade	137
4 – Os desportos na Educação Física.....	139
5 – A competição na vida do homem	141
6 – A favor ou contra o récorde?	143
 A ATIVIDADE DESPORTIVA SOB O PRISMA ENDOCRINOLÓGICO	 145
Uma sugestão aos nossos médicos desportivos.....	145
 OS DESPORTOS NO TEMPO E NO ESPAÇO	 147
1 – Os desportos mais antigos	147
2 – Da natação utilitaria a natação desportiva	149
3 – Os jogos desportivos modernos.....	151
 ENSAIO PARA UMA CLASSIFICAÇÃO DOS DESPORTOS	 153

OS DESPORTOS CONQUISTAM A ESCOLA	156
Nova orientação para a Educação Física escolar	156
A orientação da Educação Física escolar durante o Império	156
Nº 1 – As primeira tentativas	156
Nº 2 – As tentativas seguintes	158
A orientação da Educação Física escolar em meio século de República	162
Nº 1 – A ginástica e a falta de espaço nas escolas	162
Nº 2 – O projeto de Jorge de Moraes	164
Nº 3 – A primeira influência americana	166
Nº 4 e/ou 5	168
Nº 6 – A consolidação do Método Francês	171
Nº 7 – A disseminação do Método Francês	173
A orientação da Educação Física escolar na década 1940-1950	175
Nº 1 – Os inquéritos promovidos pela Divisão de Educação Física	175
Nº 2 – As experiências da Escola Nacional de Educação Física e Desportos	177
Nº 3 – A influência da II Lingíada	180
Moderna orientação da Educação Física escolar na França	183
Nº 1 – Educação Física, civil, e instrução física, militar	183
Nº 2 – A Educação Física desportiva generalizada	185
Nº 3 – Quando e por que a iniciação desportiva	187
Nº 4 – Classificação dos exercícios	189
Nº 5 – Nova sessão de Educação Física desportiva generalizada – 1. ^a e 2. ^a partes ..	191
Nº 5 – Uma sessão de Educação Física desportiva generalizada - 3. ^o e 4. ^o partes	193
Nº 6 – Os desportos nas escolas francêsas	195
A realidade dos desportos nas nossas escolas	197
Nº 1 – Tendência desportiva sôbre a tendência gímnica	197
Nº 2 – O interêsse desportivo da escola	199
NEM SÓ DE PÃO VIVE O HOMEM	201
TÉCNICOS DE BOX	204
QUE É O COMITÉ PIERRE DE COUBERTIN?	207
1 – A carta endereçada ao IBECC	207

2 – A constituição do C.P.C.	209
3 – O desporto, fonte de aperfeiçoamento humano	211
4 – A Educação Física Desportiva como elemento da educação moderna	213
 A ELEVACÃO DO NÍVEL CULTURAL DO TÉCNICO DESPORTIVO NO BRASIL	 215
A partir de 1957 os nossos técnicos desportivos serão formados com 16 anos de estudos escolares	215
 OS ESTÁDIOS POPULARES DE PÔRTO ALEGRE.....	 217
OS ESTÁDIOS POPULARES DE PÔRTO ALEGRE (2).....	220
 O ATLETISMO, DISCIPLINA FUNDAMENTAL DA FORMAÇÃO DESPORTIVA NA FRANÇA	 222
O ATLETISMO, DISCIPLINA FUNDAMENTAL DA FORMAÇÃO DESPORTIVA NA FRANÇA (2)	224
 ORGANIZAÇÃO DAS ATIVIDADES FÍSICAS DA JUVENTUDE OPERÁRIA NA FRANÇA	 226
I – Amplitude e dificuldade do problema.....	226
II – O histórico dos esforços já realizados no setor não-escolar	227
III – Resultados obtidos.....	230
IV – O encorajamento as iniciativas tomadas	232
 RECREAÇÃO – PROBLEMA SOCIAL.....	 233
1 – Origens da recreação na vida social contemporânea (1)	233
1 – Origens da recreação na vida social contemporânea (2)	235
2 – O conceito moderno de recreação	236
3 – Papel social da recreação na vida do estado moderno.....	238
4 – O movimento da recreação no cenário mundial	240
5 – A recreação em face das necessidades bio-psico-sociais da criança.....	242
6 – A recreação em face das necessidades bio-psico-sociais do adolescente.....	244
7 – A recreação em face dos cinco pontos estabelecidos pela comissão de lazeres operários (1).....	246

7 – A recreação em face dos cinco pontos estabelecidos pela comissão de lazeres operários (2).....	248
8 – O verdadeiro motivo da existência dos exercícios analíticos nas escolas do Brasil	250

EVOLUÇÃO DESPORTIVA BRASILEIRA

(Série de 10 Artigos)

I Parte: Brasil Colonial

Nº 1 – O homem, o arco e a flecha

Quando Cabral descobriu a nova terra a que chamou de Santa Cruz, seus habitantes, como não poderiam deixar de suceder, viviam no mais íntimo contacto com a Natureza. As necessidades do meio obrigavam-nos à utilização de sua fôrça física para assegurar a própria existência. Somente os fortes deveriam sobreviver, impunha a lei de seleção natural. E nos cruentes combates que sustentavam entre si ou contra as feras, que deles pouco diferiam, vencia sempre o mais forte, o mais destro. A pesca, a caça, a natação, a canoagem e a corrida a pé eram processos indispensáveis à vida de então.

A guerra era uma atividade natural na vida dos antigos senhores de nossa terra. E, para viver, eles precisavam estar preparados para a luta; o forte impunha respeito e o fraco não tinha direito a coisa alguma.

No primeiro contacto entre portugueses e índios do Brasil, tal qual se encontra descrito na célebre carta de Pero Vaz Caminha, encontramos, como uma das formas de captar a simpatia dos naturais, a demonstração de ginástica acrobática, realizada pelo almoxarife Dógo Dias e assim descrita pelo escrivão da armada de Cabral: “Depois de dançarem fêz-lhes ali, andando no chão, muitas voltas ligeiras e salto real, de que se eles espantavam e riam, e folgavam muito”. Esta foi, sem dúvida, a primeira aula de ginástica realizada no Brasil.

O arco e a flecha eram os principais instrumentos de que nossos índios se valiam para a caça, pesca e combates a distância. E, hoje, quando assistimos às competições de arco e flecha, nos “Jogos da Primavera”, não podemos deixar de evocar a destreza de nossos antepassados no seu manejo, que lhes permitiria alcançar todos os prêmios e satisfazer aos mais exigentes juízes de nossos dias.

O Padre Simão de Vasconcelos, em sua crônica “Notícias curiosas e necessárias sobre o Brasil”, afirma apenas o seguinte: “Suas armas são arco e flechas e nestas são tão destros que podem acertar a um mosquito voando”. Em outra passagem diz: “Nas pescarias usam de flecha, com que atravessam o peixe, que vai nadando, com arte extremada”.

Debret, mais tarde mostrou-se particularmente admirado da precisão dos nossos indígenas quando, deitados no chão, atiravam a flecha. Ficar assim de costas e lançar com todo o vigor uma flecha, de uma maneira quase incrível para nós, não passa para o caboclo de um simples exercício de destreza, oferecido à contemplação dos viajantes estrangeiros que o visitam. Ele escolhe sempre o menor de seus arcos para mostrar sua habilidade; em seguida, a fim de continuar a atrair a admiração dos espectadores, ele se levanta e de pé, o corpo extremamente recurvado, arremessa sua flecha perpendicularmente, por cima da cabeça, de maneira a que recaia a seus pés, no interior de um circulo traçado no chão, em torno dele”.

Seidler confirma a perícia dos índios do Brasil no manejo do arco e das flechas “Toda a compleição desses puros filhos da Natureza atesta seu grande vigor físico. Não são homens grandes, mas são massudos e seus musculosos braços têm extraordinária dureza. Não menos notável é a sua perícia de atiradores. Um índio prisioneiro a quem em minha presença pediram que desse uma mostra de sua tão gabada perícia nessa matéria, tomou logo uma laranja e a colocou a cinco passos distância no chão. Em seguida retesou o arco com tão gigantesca energia que seus dois extremos quase se tocavam e disparou a flecha tão alta ao ar que pareceu escapar à vista. Esta flecha depois de subir algum tempo, lentamente voltou-se e com a velocidade acelerada à proporção que descia penetrou no chão atravessando a laranja pelo meio. E repetiu essas façanhas diversas vezes consecutivas, sem que uma única vez errasse o alvo. É hábito deles nunca atirarem diretamente, mas em curva, porque as flechas muito leves, atiradas na horizontal muito depressa se inclinam para o chão. O mesmo índio prisioneiro acertou a vinte passos num pedacinho de papel, do tamanho de uma noz, que se havia colado num pau muito duro, e, se bem que fosse apenas de osso a ponta da flecha, esta penetrou mais de polegada e meia”.

De Lery julga que no arco nossos índios eram mais destros que os célebres arqueiros ingleses: “Já disse a que ponto os indígenas manejam destramente os seus tacapes: quando ao arco dirão comigo os que os viram em exercício que embora com os braços nus o envergam com tanta desenvoltura e atiram com tanta rapidez que não desagradariam aos ingleses, considerados ótimos flecheiros; pois um índio, com molhos de flechas na mão lançaria uma dúzia de setas mais depressa do que um inglês meia dúzia delas”.



06/10/1953

EVOLUÇÃO DESPORTIVA DO BRASIL

I Parte: Brasil Colonial

Nº 2 – A natação entre os índios do Brasil

Com a grande orla marítima que o Brasil apresenta e o seu interior sulcado por profundos e imensos rios, nossos índios tinham necessidade de valer-se da natação como um dos complementos indispensáveis às condições de vida da região que habitavam.

Os historiadores e cronistas da época são unânimes em proclamar a extraordinária habilidade dos índios das diversas tribos de que se constituíam as grandes nações que ocupavam o solo brasileiro.

Dos Paumarís, Joseph Beal Steere, em *“Narrative of a visit to indian tribus of the Púrus River, Brazil”*, afirma que “são índios essencialmente fluviais, peritos nadadores, e canoieiros insignes”. E Berredo, nos *“Anais Históricos do Maranhão”*, assim se refere aos Taramambezes: “Sendo todos os índios Americanos grandes nadadores, são os Taramambezes entre todos os mais insignes, porque sem outra embarcação que a de seus próprios braços e quando muito um pequeno remo, além de atravessarem muitas léguas de água se conservam também debaixo dela por longos espaços livres de receio”. Desses mesmos índios Viriato Corrêa, em *“Gaveta de sapateiro”*, nos conta peripécias que hão de causar inveja aos nossos famosos campeões de pesca e de mergulho: “Esses índios Taramambezes eram, realmente, dos mais interessantes que habitavam o setentrião brasileiro. Gozavam da fama dos mais perfeitos e mais audazes nadadores selvagens. Mergulhavam com tanta perícia que diziam permanecer horas a fio no fundo d’água. Conta-se que armados de paus aguçados e curvos iam no fundo do mar atacar os tubarões metendo-lhes os paus pela garganta adentro e matando-os”. E isso sem nadadeiras, sem máscaras e sem espingardas de ar comprimido.

Das mais interessantes é esta narração de Varnhagem, baseada nas cartas do Padre Manoel da Nóbrega, pela qual temos notícia do papel de desempenhado pela natação em um feroz combate aquático. “Mem de Sá desembarcou com a sua gente à meia-noite; e aproveitando-se da escuridão que parecia maior a quem não conhecia a terra, seguiu para o sul, em busca dos inimigos que lhe não fizeram frente, e, deixando-o pelo contrário passar, começaram a hostilizá-lo pela retaguarda. Então o bravo Vasco Rodrigues de Caldas resolveu replicar lhes com uma manobra igual e, emboscando-se caiu sobre eles quando passavam. Como, porém, eram grandes nadadores, e o mar estava perto,lançaram-se todos a nado; o que vendo os nossos, seguiram-nos com os índios amigos; e sobre as águas a grandes distâncias da praia, se travou uma peleja, como não sabemos de outra tal; mas não nos admire que para hostilizarem serão os homens capazes de vir a combater nos ares. A vitória se decidiu em favor dos nossos nadadores, que já levavam em seu favor a força moral, visto que os outros não haviam buscado o mar senão como refúgio”. Ressalta-se que o combate foi travado exclusivamente entre índios - os aliados e os inimigos.

Frei Manoel Calado fala de outro combate dentro d'água, em que os índios de Felipe Camarão caçaram os seus adversários a nado. Eis as suas palavras: “Todos os outros Caboclos Brazilianos foram fugindo e largando as armas, e se deitaram a nado ao mar, por salvarem as vidas, após dos quais foram também entrando na água os índios do Camarão e os seus Tapuias, e foram ferindo e matando nêles, enquanto a água lhes não cobriu as cabeças, e gritando o Mestre de Campo André Vidal de Negreiros, que lhe tomassem um Holandês vivo, os Tapuias do Camarão foram seguindo a dois que haviam escapado do encontro, e os trouxeram fora da água pelos cabelos, dos quais mataram a um e o outro apresentaram ao mestre de Campo para lhe fazer perguntas do que entre os Holandeses se passava, este era o seu tambor”.

Dentre as pitorescas lendas com que se misturam os nossos fatos históricos, sobressai-se a de Moema, que poderá ser assim resumida: Diogo Álvares Correia fazia parte de uma expedição que naufraga nos baixios ao norte da baía de Todos os Santos; foi o seu único sobrevivente, pois os que morreram afogados foram devorados pelos tubinambas. Como fosse muito magro os índios resolveram deixar que engordasse. Certo dia, vindo ter à praia um barril e uma espingarda, deles dtilizou Diogo Alvares para matar um pássaro; os selvagens, aterrorizados com os disparos da arma e o fato de cair a ave morta, gritaram “caramuru”, que significa “homens de fogo, filho de trovão”. Tratando, a partir desse fato, com grande distinção, casou-se Paraguassú, filha do grande Taparica, e fixou residência em Vila-Velha. Mais tarde, indo a Europa com sua esposa, muitas índias que por ele haviam se apaixonado, conta a lenda, seguiram a nado o navio; vendo porém que não o alcançavam, retrocederam com exceção de Moema que continuou a seguir a embarcação até morrer exausta.

Nenhum dos cronistas se preocupou em descrever o estilo com que nossos índios nadavam, mas como alguns afirmam que os mesmo nadavam “silenciosamente”, concluiu-se que não tiravam os braços d'água nem batiam os pés, tal qual ocorre no “*crawl*”. Os braços se deslocavam sob a água e as pernas, possivelmente, descreveriam o movimento que hoje se denominamos de “*tesoura*”. Temos a impressão de que os nossos índios usavam, em face das longas distâncias que percorriam um estilo semelhante ao “*over-arm*”.



EVOLUÇÃO DESPORTIVA BRASILEIRA

I Parte: Brasil Colonial

Nº 3 – A canoagem entre os índios do Brasil

Conforme vimos no artigo anterior, a nossa grande orla marítima e os numerosos rios que entrecortam o interior. Fizeram de nossos índios, como afirmou Beal Steere, “peritos nadadores e canoeiros insignes”.

De Lery, em “História de uma viagem feita à Terra do Brasil” afirma que as ygaras proviam de uma casca de árvore propositalmente arrancada de cima para baixo, e tão grandes que comportavam, cada uma, de quarenta a cinquenta pessoas. Sobre a forma de remar dos índios e o tipo de remo assim conclui: “Permanecem todos de pé, empunhando um remo achatado, nas pontas e que seguram pelo meio”.

Varnhagem (“História Geral do Brasil”) confirma a capacidade da canoa construída, porém, segundo outra técnica: “De ordinário era esta feita de um tronco, carcomendo-o ou cavando-o por dentro com ajuda do fogo. Havia-as enormes remadas até por cinquenta e sessenta homens, exatamente com as antigas pentencontores no velho continente. Outras vezes era só uma cortiça de árvore, com pontaletes no meio, e apertada com cipós, para ficar convexa, e lhes chamavam ubás”. E mais adiante: “As canoas, a rapidez de seus movimentos e o modo regular de remar não puderam deixar de admirar os europeus, com toda a sua civilização”.

O missionário Labatut, no seu opúsculo “Sobre o Brasil Antigo”, nos dá notícias de verdadeiras regatas entre os nossos índios: “É mesmo certo que entre os habitantes do povo país (colonos e índios) era praxe fazerem grandes corridas em suas habituais pirogas (embarcações usadas pelos naturais), espetáculos estes com que se recreavam em dias de descanso”.

Pedro Calmon (“História da Civilização Brasileira”) observa: “Em algumas tribos interiores já era conhecido o uso de varejão para a navegação em rios pouco profundos”. E depois: “Dizem às crônicas que os nossos índios remavam de pé, contudo em algumas tribos, foi averiguado o uso de ficarem sentados os remadores”.

Das pesquisas a que, sobre o assunto, procedemos, chegamos à conclusão de que o remo utilizado era de cabo curto ou longo, conforme os remadores estivessem de pé ou sentados, e com uma única pá. Parece que não fizeram uso de forquilhas para apoio dos remos nas bordas das canoas.

O pitoresco das lendas, da mesma forma que apareceu na natação com a amorosa figura de Moema, também surge na canoagem, e Manoel de Macedo, em “Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro”, é quem disso nos dá notícia. Eis o resumo da história: “Em dias de julho de 1566, quando Estácio de Sá tinha já alcançado os fundamentos da cidade de São Sebastião, perto do Pão de Açúcar, e se mantinha ali diante dos franceses e dos tamóios seus aliados, viram alguns desses selvagens em vinte canoas simular um ataque, e realmente provocar os portugueses, que, deixando-se iludir saíram em quatro canoas a combatê-los. Fingiram os tamóios amedrontados e foram-se retirando. Com o que, ainda mais animados, os portugueses, lançaram-se em seguida em

perseguição do inimigo. Mas, de súbito, ao dobrar um cabo, viram-se no meio de duzentas canoas que cercaram as suas quatro. O combate era desigual e o êxito não podia ser duvidoso, tanto animavam e dirigiam os índios. Sucedendo, porém, atear-se o fogo na pólvora de uma das canoas, e logo a mulher do principal ou Guaixará, que assim se chamava, ao ver o incêndio, começou tomada de pavor, a bradar que era ardil dos portugueses para queimar todos os tamoios, e logo deita a fugir, assim como o Guaixará e todos os seus companheiros de combate. Os portugueses atribuíram a milagre de São Sebastião o terem escapado de tão grande perigo. O padre Simão de Vasconcelos diz que foi visto um soldado, muito gentil homem, aparecer de canoa em canoa, combatendo contra os selvagens, e referindo-se ao padre José de Anchieta, pretende que esse soldado fosse São Sebastião. Certo é que voltaram à cidade nascente aqueles bravos de Estácio de Sá e os seus valorosos aliados, os índios do intrépido Ararigbóia; e em ação de graças por vitória tão assinalada, começaram a celebrar no dia 20 de janeiro, dedicado àquele santo mártir, a solenidade que por muito tempo ficou conhecida por festa das canoas. E após mais algumas considerações concluí o autor: “As regatas são instituições utilíssimas. Não é preciso demonstrá-lo. Achar na sua história uma origem romanesca para instituição das regatas é ouro sobre azul para qualquer nação. Pois então? Restaure-se entre nós a festa das canoas com a instituição das regatas. O dia da festa marítima está marcado pela história. É o dia 20 de janeiro”.

E aqui fica para os aficionados do remo a sugestão da data e do padroeiro para a tradicional festa das regatas, tal qual ocorreu com os veneziados, ao festejarem o fato de se fazerem ao mar, em perseguição dos piratas que lhes tinham roubado as noivas, reconquistadas após combates dos mais encarniçados.

O remo que foi o mais importante desporto praticado no Brasil durante as duas últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX, bem merece essa justa homenagem.



EVOLUÇÃO DESPORTIVA BRASILEIRA

I Parte: Brasil Colonial

Nº 4 – As corridas a pé e as touradas entre os índios do Brasil

A necessidade de perseguir a pé a caça ou de fugir às feras ou aos inimigos, tornou os nossos índios velozes, dando-lhes, na expressão de alguns cronistas, asas aos pés. Sabemos que, em muitas tribos, era hábito soltar o prisioneiro para que, corresse, oferecendo-se-lhe pequena vantagem, após a qual os perseguidores saíam a caçá-lo e, quando o alcançavam, o abatiam em plena fuga; e o prisioneiro só poderia escapar com vida se fosse realmente veloz, muito veloz.

Frei Vicente Salvador mostra o sentido utilitário dos corredores de velocidade, quando, no cap. XVI da sua “História do Brasil”, trata “Do modo de guerrear do gentio do Brasil”, dizendo que os guerreiros, ao entrar pelas terras dos contrários “levam as suas espias adiante, que são mancebos mui ligeiros”⁶⁴.

Grande era também a resistência dos nossos índios nas marchas, como atesta frei Gaspar da Madre de Deus em “Memórias para a História da Capitania de S. Vicente, hoje chamada de São Paulo e Notícias dos anos em que se descobriu o Brasil”, quando descreve a presteza com que João Ramalho correu a socorrer os de Bertioga “Como os esquadrões brasílicos excedem na brevidade das suas marchas a todos os exércitos do mundo, não só pela razão de consistir o seu trem nos arcos e flechas dos soldados, mas também pelo grande exercício que eles têm de viajarem, empregando todos os dias da sua vida em discorrer por campos e serras fragosíssimas, ocupados no exercício da caça, e, além disso, os apressava Ramalho; chegou o socorro à Bertioga primeiro do que os inimigos, e com tanta brevidade, que apareceu no terceiro dia depois do desembarque”.

Joan Nieuhof, em sua “Memorável viagem marítima e terrestre ao Brasil”, nos dá notícias da primeira tourada que se realizou no Brasil e que teve por toureiros simplesmente dois tapuias, sem picadores nem “banderillas”. Eis a cena descrita pelo historiador: “Certa vez o Príncipe Maurício, estando de bom humor, quis experimentar a fôrça e a agilidade dos indígenas, em luta contra um touro bravo”. Mandou então que trouxessem o animal para um recinto cercado, onde dois tapuias, inteiramente nus, sem outras armas que seu arco e flecha. Logo que o touro os percebeu, arremeteu-se contra eles que, extremamente ágeis, se esquivaram das amarradas e crivaram de flechas os flancos do animal. Urrando horrivelmente e espumando de raiva o touro lançou-se de novo com todo furor, contra os indígenas. Mais uma vez os tapuias se esquivaram, escondendo-se atrás de uma árvore existente no meio da arena, de onde continuaram a atirar seus dardos contra a fera, até que, quando esta esvaia em sangue, um dos bugres saltou-lhe sobre o dorso e, tomando-a pelos chifres, atirou-a por terra. Ajudado por seu companheiro matou o animal”.

Esta foi a primeira, mas não a única tourada realizada antes da proclamação da Independência. Com a chegada de D. João VI ao Brasil, assumiu o Rio de Janeiro ares de metrópole, havendo então algumas touradas e cavalhadas. Luiz Gonçalves dos

Santos, conhecido por Padre Perereca, em suas “Memórias para servir à História do Reino do Brasil”, faz referência a tais assuntos e, dentre eles, narra o espetáculo realizado a 12 de outubro de 1810: “No dia seguinte, destinado para o divertimento da corrida dos touros, logo que o Príncipe Regente Nosso Senhor chegou com a real família pelas quatro horas da tarde à praça do curro, começaram a entrar por ela os carros e as lanças, como na tarde antecedente, e tendo cada uma delas divertido por largo espaço aos espectadores, que naquele anfiteatro ocupavam tanto os camarotes, como as bancadas, a um sinal dado se recolheram os carros, e os máscaras despejaram o terreiro, para dar lugar ao combate dos touros. Apareceu então muito bem montados com o séquito das capinhas, e demais serventes, que conduziam o trem necessário; e, depois que o neto fêz as suas cortezias, passou a postar-se no competente lugar, para ali receber as ordens que Sua Alteza Real fôsse servido mandar dar-lhe. Logo entraram dois valentes e animosos campeões, montados em soberbos ginetes, acompanhado cada um dele de dois capinhas, e tendo feito ao Príncipe Regente Nosso Senhor, aos augustos consortes, e à real família as devidas vênias, como também as cortezias aos espectadores, segundo o estilo da cavalaria, voltaram para fora da praça, a fim de mudarem de cavalos; o que tendo feito, sem muita detença, tornaram a entrar na praça, estando já solto no meio dela o primeiro touro, e passaram a recebê-lo em duelo, e depois deste os demais, que sucessivamente se soltaram para este fim. À medida da ferocidade, maior ou menor, destes animais, assim os toureadores tiveram ocasião de ostentar, mais ou menos, a sua destreza, e valor no combate, conforme os encontros, e acometimentos, que houveram; e os capinhas executaram da sua parte muitas sortes com desembaraço e ligeireza”.

Quando comparamos a pompa desta última com a simplicidade da primeira tourada, não podemos deixar de render homenagem à bravura, destreza e perícia dos índios do Brasil.



14/10/1953

EVOLUÇÃO DESPORTIVA BRASILEIRA

I Parte: Brasil Colonial

Nº 5 – Equitação entre os índios e os primeiros colonizadores do Brasil

Existem interessantes controvérsias sobre se os nossos índios conheceram e fizeram uso do cavalo.

Francisco Rodrigues Prado, em memória que se lê na Revista do Instituto Histórico (Vol.II-1839), afirma que os Guaicurús, índios que habitavam o Sul de Mato Grosso, se fizeram temíveis pelo uso dos cavalos. E, referindo-se à tática de guerra, assevera que “com a violência com que iam, rompiam e atropelavam os inimigos; e eles com a lança matavam quanto encontravam adiante”.

Pedro Calmon, o magnífico reitor da nossa Universidade do Brasil, que parece se haver inspirado nessa fonte, as páginas 95 e 96 de sua “História da Civilização Brasileira”, escreve referindo-se a esses índios: “Tinham um amor enorme ao cavalo e eram peritos na arte equestre. Chamavam de apolicane – anta – e a anta de apolicane do mato. De cima do cavalo manejavam, com admirável rapidez, um porrete, de cinco ou seis palmos de comprimento com uma polegada de diâmetro, feito da estripe da palmeira de gerivá”. E descrevendo a forma como combatiam: “Com o animal em disparada, íncola desferia violenta pancada na caça a abater, todavia quando via que não podia alcançar a presa, girava o porrete no ar e o arremessava-o com força. A certeza do golpe era absoluta em virtude do bastão atingir a caça pelas pernas. A pancada era tão violenta que quebrava as pernas do homem ou da fera, impossibilitando-os de fugir”.

João Lira Filho, a quem tanto deve a nossa cultura desportiva contesta essas informações, escrevendo no artigo “A Sociologia dos Desportos”, publicada no número cinco da “Revista Brasileira da Educação Física”: “Alguns cronistas acrescentaram a equitação ao rol dos desportos ensaiados pelos nossos índios. Dizem que os Guaicurús dedicavam amor ao cavalo e que eram peritos na arte equestre. Parece-nos que o chamego desse amor era, antes a prova de devoção à anta-símbolo totêmico das cruzadas de penetração e, depois expressão mística de brasilidade. Dizem que os índios montavam a cavalo e manejavam, com rapidez, um porrete de cinco a seis palmos, feito de estipe da palmeira de gerivá. Temos dúvidas em aceitar a generalização. Os índios chamavam de apolicane ao cavalo, que veio depois e eis o que parece identificar a lembrança da anta que vivia na terra. O cavalo fêz viagem para o Brasil, trazido pelos portugueses. Depois sim, ao amplo do século XVIII, sobretudo, ele teve seu dia de fortuna e até de aristocracia”.

O que, porém, está fora de dúvida é que, em abril de 1641, se realizaram, no Recife, as primeiras cavalcadas do Brasil. Portugal estava sob o domínio da Espanha e esta em guerra com a Holanda. Os holandeses haviam invadido o Brasil, quando sobreveio a trégua entre estes e os espanhóis, a qual, naturalmente, se estendeu às colônias. Para festejá-la foram organizados torneios equestres em que os portugueses e brasileiros competiam contra holandeses. Frei Manuel Calado, em “O Valeroso

Lucidemo e o Triunfo da Liberdade”, descreve, com grandes detalhes e entusiasmo, cada uma das provas, relacionando inclusive os nomes dos cavaleiros, quer de um lado, quer de outro. A quadrilha dos holandeses eram capitaneada pelo próprio príncipe Maurício de Nassau, enquanto Pedro Marinho Falcão chefiava os locais. Os prêmios parecem ter sido os mais valiosos até hoje disputados em competições desportivas no Brasil, pois, como nos lendários jogos homéricos em honra a Pátroclo, consistiam em pesadas cadeias de ouro, anéis com diamantes e outras coisas no gênero. Esta página de Frei Calado merece ficar gravada no coração dos desportistas portugueses e brasileiros. Assim, dada a primeira carreira, armou-se a corda da argolinha; “estavam postos muitos anéis de ouro com custosas pedras, e trancelins do mesmo e voltas de cadeias de ouro, e cortes de tela, e seda, e começaram todos a correr, sendo que o Príncipe João Maurício o primeiro com umas lanças de um pau mui agudo, e de comprimento de dez até doze palmos, e os portugueses com lanças de vinte e cinco palmos. E o primeiro prêmio levou Henrique Pereira, que foi uma cadeia de ouro miúda de três voltas, o segundo prêmio foi um anél de um diamante de preço, o qual ganhou João Fernandes Vieira, mas como seu competidor no pôr das lanças foi o Secretário do Príncipe, os juízes lhe quiseram dar o prêmio, e mandaram que tornassem a correr outras três lanças, porém nunca o Secretário se pôde melhorar, e tanto que a João Fernandes Vieira se julgou o prêmio, ele o aceitou, e o deu ao Secretário, dizendo-lhe que a ele pertencia por melhor cavaleiro; os mais dos outros prêmios levaram os cavaleiros portugueses; e correndo no fim patos à mão, e à espada, partiu Vicente Rodrigues de Souza a carreira na sela, e logo se pôs nas ancas do cavalo, e quando se foi chegando ao pato, pôs a cabeça na sela, e levantou os pés para o alto, e deu com ele no pato, e foi acabar a carreira assentado na sela (coisa que os holandeses ficaram admirados); já o partirem dois portugueses juntos, e abraçados, e no meio da carreira passar-se um ao cavalo do cavalo do camarada nas ancas, isso era coisa ordinária, porque em Pernambuco há muitos, e mui bons homens de cavalo. Enfim, os portugueses correram com tanto ar, e com tanta bizzaria, que algumas damas inglesas e francesas tiraram os anéis dos dedos, e os mandaram oferecer por prêmios, só por os ver correr. Acabado este jogo se apertaram as quadrilhas, cada um por sua parte, e vieram, como que cada um buscava seu inimigo e quando se encontraram, indo passando uns por os outros, levavam das espadas, e se iam acutilando ao falso: e entretanto a mosquetaria, que estava emboscada, saía a dar suas surriadas: e com isto se acabou a festa deste dia”.



16/10/1953

EVOLUÇÃO DESPORTIVA BRASILEIRA

II Parte: Brasil Imperial

Nº 6 – A esgrima, a natação e a equitação no Império

Após a proclamação da nossa independência, a esgrima, a equitação e a natação constituem, a par da ginástica, as principais atividades físicas, sobretudo nos estabelecimentos militares.

A Escola Militar, criada pela Carta Régia de 4 de dezembro de 1810, com o nome de Academia Real Militar, com o decreto n. 2.116, de 1-3-1858, estabelece entre as práticas escolares obrigatórias a esgrima e a natação, admitindo ainda um mestre de equitação e hipiátrica. Também a Escola de Marinha estabelece as seguintes práticas: esgrima e ginástica, uma vez por semana e natação duas vezes e aos domingos, antes da missa.

Em 1860, o capitão José Ferreira Costa é nomeado instrutor de ginástica do Depósito de Aprendizes de Artilheiros, situado na Fortaleza de São João. O programa dessa Escola obrigava à prática de ginástica, esgrima e natação, submetendo os alunos aos respectivos exames, nos quais, em 1875, conforme ata existente, foi um aluno reprovado, talvez o primeiro do Brasil no caso.

Entre os colégios, a natação surge facultativamente em setembro de 1861, quando é publicado o Regulamento do Colégio Paraense, em Belém, no qual se prevê que o ensino da dança, desenho, música, ginástica e natação, que não é obrigatório, será feita em aulas com a duração de hora e meia.

Os regulamentos quer da Escola da Marinha, quer da Escola Militar, que se seguiram nos anos de 1871 a 1874 mantiveram para a primeira a natação e a esgrima e para a última, mais a equitação. Também o Colégio Naval, com o decreto n.8.386, de 17-1-1882, inclui a natação e a ginástica entre as atividades dos alunos. E, a 26 de junho de 1885, o decreto n.9.611, reúne, sob a denominação de Escola Naval, a Escola de Marinha e o Colégio Naval, mantendo os exercícios de ginástica, a natação e a esgrima.

A 9 de março de 1889, já no ocaso do Império, o Decreto n.10.202, cria, o Município da corte, incluindo entre as práticas obrigatórias a natação, a ginástica, o tiro ao alvo, e a esgrima e as evoluções militares.

A primeira iniciativa importante referente à natação no meio civil surge no ano de 1885, quando a Sociedade de Ginástica de Pôrto Alegre, com o auxílio de pontões, constrói uma piscina aberta no Rio Guaíba.

Por falar em equitação, poderemos também apontar as notícias sobre as primeiras manifestações do turf nacional.

Assim, a 13 de junho de 1851, a população carioca teve o prazer de assistir, em São Francisco Xavier, à primeira corrida de cavalos efetuada no Rio de Janeiro, graças à iniciativa do Major Guilherme Suckow.

“Êsse acontecimento, embora festivo, não deixou de dar algum trabalho a Polícia, pois quando corria o último páreo, se deu um conflito entre três proprietários de animais, havendo um tiro alcançado o braço de um policial que intervieria para apaziguar os ânimos”. Esta informação foi colhida na “História da Policia do Rio de Janeiro”, de Melo Barreto Filho e Hermeto Lima (Vol.II, págs.182 e 183) e parece também que foi um dos nossos primeiros “sururus” desportivos.

A 16 de julho, de 1868, funda-se no Rio de Janeiro, o Jockey Club Fluminense, sendo escolhidos para a construção do respectivo hipódromo, os vastos terrenos que em São Francisco Xavier possuíam o Major Suckow e seu genro, conde Herzberg, de origem prussiana e há muito domiciliados no Brasil. A 16 de Março de 1869, ultimada a construção do hipódromo do Jockey Club Fluminense, ao qual se denominou Prado Fluminense, foi realizada a corrida inaugural, com a presença da Família Imperial e toda a alta sociedade carioca. A 14 de março de 1875, é fundado na cidade de São Paulo, o Jockey Club de São Paulo que realiza sua primeira reunião a 29 de setembro de 1876, com a disputa de cinco páreos. Finalmente a 6 de março de 1886 no Rio de Janeiro, é fundado o Derby Club, grande centro turista, cujo notáveis empreendimentos marcavam época.



17/10/1953

EVOLUÇÃO DESPORTIVA BRASILEIRA

II Parte: Brasil Imperial

Nº 7 – O remo no Império

Da mesma forma que os índios haviam desenvolvido a canoagem, em face de nossa imensa orla marítima, a mocidade brasileira do tempo do Império encontrou no remo o salutar desporto que, ocupou entre todos a figura mais destacada.

O ano de 1846 assinala um grande acontecimento. Trata se do desafio entre famosas guarnições de duas canoas de remos de pá, “Cabocla” e “Lambe - Água”, para uma corrida da enseada de Jurujuba à praia dos Cavalos, em Santa Luzia. Eis como o “Jornal do Comércio”, de 20 de agosto desse ano, noticiou o grande acontecimento, que figura como uma das primeiras crônicas desportivas publicadas pela imprensa carioca: “Era de esperar a notável concorrência, que ontem afluí à praia de Sta. Luzia, para assistir emocionada ao desafio das tripulações das canoas de pescaria “Cabocla” e “Lambe - Água”, a primeira timonada pelo velho Alecrim e a segunda às ordens do valente remador José Ferro.

A distância a percorrer era da praia da aprazível Jurujuba até à dos Cavalos, nesta cidade.

Às 4 horas da tarde, grande era a ansiedade entre a multidão, que já ao longe divisava a luta homérica entre as rivais, a qual se decidiu afinal a favor “Cabocla”, cuja guarnição foi carregada em triunfo pela mocidade alegre e festiva.

Com esse fato parece-nos que ficou assentada para breve criação de um grupo para promover passeios marítimos e corridas em embarcações a remos e vela”.

Nasceu daí grande interesse pelo remo na cidade do Rio de Janeiro e era comum aos domingos verem-se grupos de moços, principalmente empregados no comércio, empenhados em largos passeios em canoas de remos de pá ou botes para esse fim alugados.

A partir de 1850 tornaram-se frequentes nos jornais do país notícia e desafios para regatas. Segundo o depoimento de Alberto de Mendonça (“História do Esporte Náutico no Brasil”), O Ceará encabeçava dos precursores do “rowing”, fazendo disputar famosas corridas nas suas tradicionais jangadas. E diz textualmente: “Quase simultaneamente na Bahia e no Pará operavam-se tentativas nesse sentido, fazendo disputar em suas grandes enseadas corridas em pequenas baleeiras e canoas de alto mar”.

Ao mesmo tempo aqui e no vizinho Estado do Rio de Janeiro, a nossa canoagem impelida por devotado amor de nossa mocidade, galgava notório desenvolvimento, porquanto, aos grandes desafios, então em voga entre embarcações ele tipo comum, sucedia com grande êxito a fabricação de escales e baleeiras, de formas e dimensões apropriadas a esse ramo de desporto. Cabe a primazia dessa confecção ao conhecido construtor Massière, que sendo reputado amador, construiu o escaler “Amphitrite”, que

na sua estreia conquistou a palma da vitória e plantou definitivamente um novo tipo de embarcação de regatas.

Dessa data e por esse fato houve certo alvoroço nas rodas náuticas, então, em plena evidência e encomendas de barcos de diferentes tipos eram feitas a construtores que começaram a aparecer.

A partir dessa ocasião originou-se o desabrochar de uma nova fase para o já consagrado desporto náutico brasileiro.

Em Niterói, fundava-se com bases sólidas o Grupo do Mareantes, cuja sede provisória era uma dependência da chácara do avultado capitalista João de Mattos e que ficava situada no pitoresco Valonquinho. Foi desse núcleo de esforçados sportmen, que surgiu a época do florescimento da nossa canoagem. Embora reduzido o seu número de associados, o futuroso propagandista do rowing coligou em pouco tempo todos os elementos que careciam ao seu desideratum, e assim fortalecido pela nobreza de seu ideal, fez realizar em 3 de dezembro de 1851, a sua primeira regata, que apenas constou de três páreos, sendo um destinado a canoas de um remo de pá e tripuladas por pescadores e os outros associados.

Na tarde de 14 de fevereiro de 1852 surge a primeira vítima do remo, o valente remador Américo Silva, afogado em consequências de um forte temporal que acoossou o seu frágil barco. Esse fato repercutiu tão fortemente no seio da sociedade niteroiense, que provocou a dissolução do novel centro náutico, que tão promissor se mostrava para desenvolvimento do remo.

Há notícias de uma grande regata realizada na enseada de Botafogo, a 27 de maio de 1855 e que movimentou “metade da população carioca” para assisti-la.

O ano de 1862 assinala também a realização de duas regatas, ambas promovidas pela nossa marinha de guerra e com o valioso concurso de diferentes grupos da canotiers. A respeito da última dessas regatas, assim se manifesta Alberto de Mendonça: “A última dessas festas que foi uma honra do “Marques do Pombal”, teve esplendor desusado e foi assistida por S.S.M.M e A.A.I.I e avultada massa popular.

Dentre os páreos, figurava o que recebia o título de “amadores” e do qual saiu vencedor o escalar “Carangueijo”, timonado pelo distinto 1º tenente Mariz e Barros esse bravo que em 1866, no inóspito Paraguai, selou com a sua morte alariosa o heroísmo brasileiro.

Essa festa náutica teve larga repercussão no nosso país e dela unânime e se ocupou a imprensa dessa época. Há um exemplar do programa dessa regata nos arquivos do Grupo de Regatas do Grangantá.

A 14 de julho de 1863 outra grande regata foi realizada na enseada de Botafogo, sob os auspícios da nossa Armada, e no qual tomaram parte os escaleres Berloronhonte e Zardo a 6 remos de voga. Construídos especialmente para torneios dessa natureza. A guerra do Paraguai que logo a seguir sobreveio trouxe um verdadeiro hiato a tais atividades desportivas.

A 9 de agosto de 1874, funda-se o Clube Guanabareense, que teve a virtude de despertar o espírito associativo entre os diversos grupos que se dedicaram á pratica do remo, assinalando uma era promissora para este salutar desporto. E a 27 de agosto de

1876, promove a sua primeira regata, que constitui um dos grandes acontecimentos desportivos da época.

No Ano de 1885, há que assinalar a fundação do Clube de Regatas Cajuense, no Rio de Janeiro, que se tornou notável pelas suas festas náuticas. A 8 de setembro o Clube Guanabarenses organiza uma grande regata em honra às esquadras inglesa e americana que se achavam na Guanabara. Participaram dessa grande regata a Sociedade Francesa de Ginástica, com a canoa Precieux, e o Clube Atlético Fluminense com a canoa Atlética. Essa regata foi distinguida com a presença do Imperador D. Pedro II. E, no ano seguinte, sob o patrocínio desse Clube uma grande regata é realizada, da qual participam o Clube Ginástico Português, com o Lusitânia, o Clube de Botafogo com o Botafogo, a Sociedade Francesa de Ginástica com o Audacieux e o Clube promotor com o Cajuense; após renhida luta, venceu a Sociedade Francesa de Ginástica.

A 10 de julho de 1888, funda-se no Rio de Janeiro, o Clube de Regatas Internacional, a 21 de novembro, no Rio Grande do Sul, uma importante agremiação sob o nome de “Ruder Club”.

Como grande último acontecimento do remo no Império, há que assinalar a imponente regata, realizada a 13 de maio de 1888, na enseada de Botafogo, de que participaram, além dos clubes amadores, as Escolas Naval e Militar. Esse festival, que tem a assisti-lo assombrosa massa popular, ficou conhecida como Regata da Abolição.

O remo foi, pois, e inegavelmente, o desporto que atraiu a mocidade brasileira no século XIX.



21/10/1953

EVOLUÇÃO DESPORTIVA BRASILEIRA

III Parte: Brasil Republicano

Nº 8 – O remo nas três primeiras décadas da República (I)

Após a proclamação da República, o remo, como já vinha acontecendo fim do Império foi o desporto que dominou a mocidade brasileira.

Durante as três primeiras décadas, antes que o football iniciasse a sua avassaladora conquista do público desportivo brasileiro, cobriu-se o remo das glórias de cuja tradição ainda hoje vive.

E tal qual ocorreu mais tarde, no football, com a instituição dos famosos “bichos”, a profissionalização desportiva do remo surgiu a 21 de maio de 1894, quando foi realizada na baía de Guanabara uma regata, que incluiu páreos para profissionais com prêmios em dinheiro. Pode-se dizer, sem receio de contestação, que os anos de 1894 a 1904 assinalam o apogeu do remo em nosso país.

Após a fundação, em 1893, do Clube de Regatas Paquetaense, na ilha de Paquetá, o ano seguinte assinala a criação destes clubes para a prática do remo: Clube de Regatas Botafogo, Clube Luís Caldas, Sul Americano e “Veterano”, no Distrito Federal; Clube do Remo, no Pará; Centro Náutico Capeberibe, em Pernambuco; Grupo de Regatas São Francisco, na Bahia; Almirante Tamandaré, no Rio Grande do Sul e clube de regatas 15 de Agosto, constituído de oficiais e alunos da Escola Militar do Distrito Federal. A 30 de julho, sob o patrocínio do *Union des Canotiers*, realiza-se uma grande regata na enseada de Botafogo, integrada de dez páreos, dos quais dois dedicados a profissionais, com prêmios em dinheiro. E, a 25 de novembro, o governo nacional promove em homenagem à Comissão Militar Uruguaia, uma excelente regata.

Os principais acontecimentos verificados em 1895 poderão ser assim resumidos: nos dias 27 de agosto, 3 e 9 de setembro, são realizadas as três sessões de fundação da União de Regatas Fluminense, cuja ata, de 12 de setembro, foi assinada por todos os representantes dos Grupos de Icaraí, Luiz Caldas, Gragoatá e Botafogo; a 23 de setembro, aparecia nas colunas d’“O País”, a primeira seção consagrada especialmente ao desporto náutico, tendo como redator Benjamin Motta; a 24 de novembro, no Saco dos Navegantes, os dois clubes de Pôrto Alegre - Ruder Clube Pôrto Alegre e Ruberverein Germânia - realizam uma grande regata que empolgam toda a população da cidade: a 6 de dezembro, em Paqueta, tinha lugar uma regata à vela, a 15 do mesmo mês, o Grupo de Regata Gragoatá promovia uma interessante regata na qual o segundo páreo era dedicado a barcos a vela. E parecem ter sido essas as primeiras regatas à vela realizadas no Brasil, pois o Iate Clube Brasileiro só veio a ser fundado a 10 de setembro de 1906, promovendo a sua primeira regata a 7 de abril do ano seguinte.

O Ano de 1896, além da instituição do Clube de Natação e regatas, apresenta um fato pitoresco, que não poderá deixar de ser assinalado: a 15 de novembro, disputa-se em Paquetá promovido pelo vigário dessa freguesia e sob a direção do clube das regatas

Botafogo, uma regata em louvor a São Roque, sendo-lhe dedicado o segundo páreo, que consistia numa volta ao redor da ilha em *cutter*.

1897 também é fértil em acontecimentos relativos ao desenvolvimento do remo. No Distrito Federal aparecem o “Clube de Regatas Boqueirão do Passeio” e o “Clube de Regatas do Cajú”; no Estado de S. Paulo, em Santos, surge o “Clube de Regatas Santista” e, no Estado do Rio Grande do Sul, em Rio Grande, o Clube de Regatas Rio Grande. A 31 de julho, desse ano, funda-se a entidade que mais tarde vem a ser a Federação Brasileira das Sociedades do Remo, reunindo os clubes de regatas da baía de Guanabara. Dois grandes festivais foram realizados nesse ano: o primeiro levado a efeito pelo Clube de Natação, na enseada do Boqueirão, constituído de cinco páreos de natação, no dia 17 de janeiro; o segundo teve lugar a 16 de maio, organizado pelo Governo Federal em homenagem ao Chile, constando de seis páreos de regatas. Foi essa a última regata disputada sem a intervenção oficial da União de Regatas Fluminense. A 5 de setembro, sob o patrocínio do Clube de Regatas Botafogo, é realizada uma regata na praia de Botafogo, dirigida pela Federação Brasileira das Sociedades do Remo.

Sem muitos fatos 1898, é, no entanto, um ano de gala para o remo. Fundam-se o “Clube Internacional de Regatas”, em Santos, e o “Clube de Regatas Vasco Gama”, no Distrito Federal. A 5 de junho, sob os auspícios da União de regatas fluminense, é realizado o primeiro campeonato de remo no Rio de Janeiro, honrado com a presença das mais altas autoridades do país, entre as quais o então Presidente da República, Dr. Prudente José de Moraes Barros. Outras regatas foram realizadas a 14 de agosto, 16 de outubro e 13 de novembro, promovidas respectivamente pelo Clube de Regatas Botafogo, Grupo de Regatas de Gragoatá e a última sob a denominação de Regatas Datas Nacionais.

A 4 de junho é disputado o campeonato do Rio de Janeiro, na praia do Botafogo, sob o patrocínio de União de Regatas Fluminenses, e a 15 de outubro, na praia de Icaraí, verifica-se uma regata, sob a direção do Clube de Regatas Icaraí.

Em 1899, há pouca coisa que assinalar. Os principais três clubes de remo: o Esporte Clube Vitória, na Bahia. O clube de Regatas Guanabara e o Clube de Regatas São Cristovão no Rio de Janeiro.

A fundação de um grande número de clubes de remo vem encerrar as atividades do século XIX. Ei-los: Club de Regatas Paulistano e o Clube Espéria, na cidade de São Paulo, e o clube de Regatas Piracicaba, em Piracicaba, o Clube Internacional de Regatas, o Clube de Regatas Infantil, no Distrito Federal, o Clube Náutico em Niterói e no Rio Grande do Sul, o Clube Fluvial de Regatas na cidade do Rio Grande. Duas regatas são realizadas nesse ano, ambas patrocinadas pelo Conselho Superior de regatas: a primeira a 6 de maio na enseada do Boqueirão e a segunda a 12 de agosto na praia do Botafogo.



22/10/1953

EVOLUÇÃO DESPORTIVA BRASILEIRA

III Parte: Brasil Republicano

Nº 8 – O remo nas três primeiras décadas da República (II)

Em 1901 há que assinalar, ao que tudo indica, a primeira tentativa para concessão de subvenção anual a uma entidade desportiva. Considerando os relevantes serviços que a Federação Brasileira das Sociedades de Remo vinha prestando ao país, os senhores intendentos Honório Gurgel e Pereira Braga apresentam, a 11 de março, no Conselho Municipal, um projeto para a concessão de uma subvenção anual de Cr\$ 5.000,00 ao desporto náutico, por intermédio do Conselho Superior de Regatas. Infelizmente essa iniciativa não logrou o apoio necessário. Além da fundação do Saldanha da Gama, no Espírito Santo, do Clube de regatas Fluminense em Niterói e do Clube de Regatas Carangolense, em Carangola no Estado de Minas Gerais, o fato mais importante é a criação do primeiro clube feminino de remo, notável acontecimento para a época. Por iniciativa de um grupo de distintas senhoras, funda-se o Grupo de Regatas Feminino da Ilha de Pombeba, na Guanabara.

Embora o início do século XX, evidencie o interesse da mocidade por outros desportos, notadamente o football, que começa a ganhar muitos adeptos, o remo detém o título de desporto mais popular do Brasil. E 1902 é um ano importante na história do remo. A 11 de janeiro no Estado do Rio Grande do Sul, fundavam-se o Clube de Regatas Germânia, dirigido por influentes membros da colônia alemã, e o Clube de Regatas Rio Grande do Sul. A 6 de julho, criava-se em Vitória, no Espírito Santo, o Clube de Natação e Regatas Álvares Cabral; a 1º de setembro, o Clube de Regatas Itapagipe, ambos na Bahia. No Ceará, a 31 de julho, era fundado o Clube de Regatas Saldanha da Gama e no Rio de Janeiro eram instalados a 12 de junho, o Rowing Clube e a 22 de dezembro, o Clube Esportivo de São Bento.

Verificou-se, em maio, a instituição do Campeonato Brasileiro de Remo, que deveria ser corrido na distância máxima de 1.000 metros em canoés tendo as remador, sem patrão, tendo as seguintes características: 7 metros de comprimento, 0,70 de boca e 5 tábuas de cada lado; o barco teria o banco movediço, braçadeiras fora da borda e com pêso médio de 29 quilos. Quatro são as regatas disputadas nesse ano, tôdas da Praia de Botafogo: a 8 de junho, sob os auspícios do Clube de Regatas do Flamengo; a 10 de agosto, o Campeonato do Rio de Janeiro, cargo da Federação Brasileira das Sociedades de Remo; a 17 de agosto por conta da mesma Federação, a 12 de outubro, sob a direção do Clube de Regatas Vasco da Gama. A 26 de outubro, o Clube Germânia, de Pôrto Alegre, realiza uma grande regata para comemorar o seu décimo aniversário de fundação.

Além de três importantes regatas, 1930, indica o aparecimento dos seguintes clubes de remo: Grêmio Natação e Regatas Almirante Tamandaré, Grêmio Náutico Rio Grandense e Clube de Regatas Almirante Barroso, no Rio Grande do Sul; Clube de

Regatas São Paulo, Esporte Clube Náutico, Rowing Club, Clube Internacional de Regatas; Clube dos Argonautas e Clube Saldanha da Gama em São Paulo; e o Grupo de Regatas União Náutica do Distrito Federal.

Em 1904, o remo começa a perder terreno para o football. A fundação de clubes de regatas já é inferior a de clubes de football. Há que registrar: o Esporte Clube Santa Cruz, na Bahia; o Lagoense, na Lagoa Rodrigo de Freitas, no Distrito Federal; o Clube de Regatas Almirante Barroso, em Vila Velha, no Estado do Espírito Santo. No Maranhão, é fundado o Clube Ginástica Maranhense, com várias seções, dentro as quais uma náutica. A 29 de junho é criada a Federação dos Clubes de Regatas na Bahia reunindo em seu seio clubes náuticos do Estado da Bahia. Em Santos é fundada a União Paulista das Sociedades do Remo, consagrando os clubes náuticos que tinham a sua sede na referida cidade. São realizadas, no Rio de Janeiro, três regatas, todas elas na Praia de Botafogo; a 19 de junho pelo Clube de Regatas Internacional; a 14 de agosto, o Campeonato do Rio de Janeiro, pela Federação Brasileira das Sociedades do Remo e a 23 de outubro também pela mesma Federação.

A partir de 1905, poucos são os acontecimentos realmente importantes. O fato de maior relevância verificou-se a 19 de novembro, desse ano, quando na Praia de Botafogo, foi realizado o Campeonato Escolar, com iole-franches a quatro remos, vencendo a guarnição que tripulou o barco Iberê, do Clube de Regatas Boqueirão do Passeio. As guarnições eram constituídas de escolares e preparadas pelos clubes de remo, correndo com os barcos destes. Este campeonato foi repetido no ano seguinte.

Alguns clubes de remo continuam a ser fundados, mas os fatos de maior relevância são: a 4 de agosto de 1907, a instalação da Federação Paulista das Sociedades de Remo, e, ainda nesse ano, a participação do Brasil nos Jogos Desportivos de Montevideú, quando foi o remo representado pelo Clube Espéria de São Paulo, que logrou vencer o páreo de ioles a 4 remos. A 30 de outubro de 1911, funda-se no Estado do Rio Grande do Sul, a liga Náutica Rio Grandense.

Homens que figuravam como os mais destacados da época, dentre eles Olavo Bilac escreveram lindas páginas sobre o remo, entusiasmados com os espetáculos que a mocidade desportiva do Brasil lhes oferecia.

O remo teve a sua época, foi a atração de nossos avós, tal como ocorre, em nossos dias com o Football, em que como nunca, se concentra toda a paixão desportiva.



23/10/1953

EVOLUÇÃO DESPORTIVA BRASILEIRA

III Parte: Brasil Republicano

Nº 9 – Os outros desportos (I)

No artigo anterior, tivemos o ensejo de evidenciar como o remo conseguiu a situação impar durante muitos anos desfrutou em nossos pais perdendo, paulatinamente, terreno para o football, ao qual dedicaremos o nosso próximo artigo. Vejamos agora, quais foram os principais acontecimentos verificados com cada um dos demais desportos, após a proclamação da república.

NATAÇÃO E POLO AQUÁTICO

No ano de 1896, com a fundação do Clube de Natação e Regatas realizam-se, na antiga Praia do Boqueirão do Passeio as primeiras provas de natação de que se têm notícia. Em 1898, realiza-se o 1º Campeonato Brasileiro de Natação promovido pelo Clube de Natação e Regatas e que constou de um percurso mais ou menos de 1.500 metros de distância entre a Fortaleza de Villegaignon e a praia de Santa Luzia. O vencedor foi José Guimarães do Clube de Natação e Regatas. A 13 de dezembro de 1903 o Clube de regatas Boqueirão do Passeio organiza uma festa com pareôs de natação nas distâncias de 100, 200, 400 e 600 metros.

A 13 de outubro de 1904, verifica-se o primeiro interestadual de natação, quando o Clube Espéria, de São Paulo promove uma festa desportiva na qual figura um páreo de natação na distância de 100 metros, tendo Abrahão Saliture do Clube de Natação e Regatas, do Rio, como vencedor. Em 1907, o Brasil colhe em Montevideú os primeiros triunfos internacionais neste desporto quando Abrahão Saliture vence gloriosamente as provas de 100 a 1.500 metros em que tomara parte. Em 1913 são disputados os primeiros jogos aquático no Brasil, sob o patrocínio da Federação Brasileira das Sociedades do Remo. O primeiro torneio infantil de Polo Aquático, foi realizado a 1 de março de 1917, na enseada do Botafogo sob o patrocínio da Federação Brasileira das Sociedades do Remo ocasião em que Coelho Neto pronunciou belíssimo discurso; foi vencedor o “Clube de Regatas Guanabara”. A 29 de janeiro de 1919, inaugura-se a piscina Fluminense F.C grande acontecimento social da época; Ainda nesse ano os brasileiros conseguem levantar os Campeonatos Sul-Americanos de Natação e Polo Aquático, vencendo neste último os uruguaios por 14x0 e os argentinos por 11x0. No ano de 1921, pela primeira vez é levada a efeito a travessia da baía da Guanabara a nado sagrando-se vencedor Rogério Melo, do Clube de Regatas Boqueirão do Passeio. O percurso de 4.100 metros estava compreendido entre a ilha da Boa Viagem, em Niterói, e a Praia de Santa Luzia, no Rio de Janeiro sendo coberto o tempo de uma hora 44 minutos e 40 segundos. Também em 1922 os brasileiros se sagram Campeões Sul Americanos do Polo Aquático, ainda nesse ano, é instituída a primeira taça feminina de

natação para a prova de cem metros nado livre, vencida por Violeta Coelho Neto, Chierly Matheus, do Clube Natação e Regatas, vence a II Travessia da Guanabara, a III travessia, no ano seguinte é vencida por Abrahão Saliture que também levanta a IV travessia em 1924, ano em que é realizada a travessia de São Paulo a nado, vencida por Carlos de Campos Sobrinho e Jandira Barroso. Somente no ano de 1928 a Confederação Brasileira do Desporto organiza o primeiro campeonato brasileiro de natação em piscina e contagem pelo sistema de pontos vencido pela Federação das Sociedades do Remo. E, estes foram os mais importantes acontecimentos que assinalaram a evolução da natação e do polo náutico no Brasil. As melhores marcas de natação até hoje conseguidas pelos brasileiros foram os recordes mundiais de 200 a 400 metros nado de peito de Maria Lenk em 1938 e o 3º Tetsuo Okamoto nos 1. 500 metros, por ocasião dos jogos de Heisinki em 1952.

ATLETISMO

O atletismo parece nunca ter ocupado lugar de grande destaque em nossa vida desportiva. Inicialmente ele se representou pelas corridas a pé, notadamente chamadas corridas rústicas. Somente após 1920, começa ele a encontrar campo mais propício a sua disseminação. Assim em 1921, o Clube Atlético Paulistano que havia sido fundado em 1900 constrói dentro de todos os requisitos da técnica contemporânea, a primeira pista de atletismo do Brasil. Com 350 metros de desenvolvimento, O Clube de Regatas Tieté levanta o 1.º Campeonato Paulista de Atletismo e, também nesse ano, realiza-se a primeira maratona de que se tem notícia no Brasil, com percurso de 42.750 metros, vencida pelo atleta Roberto Costa, com o tempo de 3 horas 15 minutos e 15 segundos. A 30 de Janeiro de 1924 funda-se a Federação Paulista de Atletismo. No ano seguinte 1925 disputa-se em São Paulo o 1º Campeonato Paulista de Atletismo, vencido pela Federação Paulista de Atletismo, colocando-se os cariocas em segundo e os gaúchos em terceiro; o II e o III também são levantadas pelos paulistas e somente em 1928, quando se disputou o IV Campeonato Brasileiro do Atletismo lograram os cariocas sagrar-se campeões. A primeira atuação de destaque no cenário mundial foi conseguida no ano de 1932, quando Lúcio de Castro obteve 6º lugar no salto com vara assinalando a marca de 3,90 metros. Em 1937 o Brasil levanta o Campeonato Sul Americano de Atletismo realizado em São Paulo iniciando-se para esse desporto em fase de maior progresso, em 1929 sagra-se bicampeão vencendo o certame levado a efeito em Lima e em 1941 alcança o tricampeonato continental ao levantar o XII Campeonato Sul Americano de Atletismo realizado em Buenos Aires, sobrepujando de modo brilhante as representações do Chile e da Argentina que se encontravam fortemente preparadas. Em 1936, nos jogos Olímpicos de Berlim, Silvio de Magalhães Padilha conquista o 5º lugar na prova de 400 metros com barreiras. A maior figura de nosso atletismo esta representada pelo saltador tríplice Ademar Ferreira da Silva, campeão olímpico de Heisinki e recordista mundial de 1952.



25/10/1953

EVOLUÇÃO DESPORTIVA BRASILEIRA

III Parte: Brasil Republicano

Nº 9 – Os outros desportos (II)

BASKETBALL

O basketball foi introduzido no Brasil em 1898, pelo professor Augusto Shaw que regressando dos Estados Unidos trouxe uma bola própria para esse desporto, interessando os alunos do Mackenzie College, de São Paulo, na sua prática, logo a seguir as A.C.M do Rio e São Paulo se encarregaram de difundir o basketball entre a juventude brasileira, figurando esse desporto hoje em dia, como dos mais praticados juntamente com o volleyball. O primeiro torneio de que se tem notícia foi promovido, no Distrito Federal, pela A.C.M no ano de 1915, com a participação do Clube Internacional de Regatas, do Colégio Silvio Leite, do Clube Ginástico Português do Corpo de Marinheiros Nacionais e do America Football Clube. O torneio foi levantado brilhantemente pela A.C.M

No ano de 1922 os brasileiros vencem o Campeonato Latino-Americano de Basketball, realizado no Rio de Janeiro. A 29 de Abril de 1924, funda-se a Federação Paulista de Basketball. A partir dessa época vai o basketball ganhando terreno até que os brasileiros conquistam boa situação internacional nos Jogos Olímpicos de Londres e de Helsinki, quando se classificaram respectivamente em 3º e 6º lugares.

ESGRIMA

A história da esgrima começa a despontar do período republicano a 15 de julho de 1902, quando é fundada na Brigada Policial de São Paulo, uma escola de esgrima com sede no Quartel da Luz sito na Av. Tiradentes em São Paulo. E já nos dias de 16 e 27 desse mês, sob o patrocínio do Esporte Clube Internacional realiza-se em São Paulo um Campeonato Brasileiro de Esgrima que despertou grande entusiasmo principalmente entre os valores novos. A 12 de outubro aparecia o primeiro número da revista quinzenal, “O Sportman” órgão do Clube de Esgrima Masaniello Parise. O primeiro torneio público de esgrima foi realizado em 1904, no antigo Velódromo, com avulta assistência. Oficialmente, o I Campeonato Brasileiro de Esgrima desenvolve-se em 1928, no Rio, cabendo aos paulistas o título máximo e aos cariocas o de vice-campeões. A esgrima tem tido mais ligações com os meios militares embora nossos clubes desportivos continue sendo praticado por uma elite.

TENNIS

O tennis nunca conseguiu entre nós, penetrar o íntimo do povo: manteve-se sempre à parte constituindo antes um desporto de elite. Sua história no Brasil começa no

ano de 1898 quando, a 22 de outubro, foi fundado o Tennis Clube Walhala em Porto Alegre. O Tijuca Tennis Clube, do Rio de Janeiro, aparece somente a 11 de junho de 1915. Em março de 1916 disputa-se o primeiro torneio oficial de tênis patrocinado pela Liga Metropolitana de Esportes Terrestres. A 6 de março de 1924. Funda-se a Federação Paulista de Tennis, ano em que se realiza o I Campeonato Brasileiro de Tennis, levantado pelos paulistas.

FOOTBALL

O football, tal e qual hoje nós o conhecemos, poderá ser considerado como o produto de uma evolução lenta, que se processou através de milênios, partindo das mais rudimentares formas de jogo para chegar à complexidade técnica e tática que hoje se apresenta.

Diferentemente do que ocorreu com outros desportos, sobretudo as corridas, natação, lutas, pesca, caça etc., que resultavam de práticas que se confundiam com as necessidades de própria vida quotidiana, em que o homem ou perseguia ou era perseguido, caçava ou era caçado, vencia ou era vencido, os jogos de bola aparecem, desde os seus primórdios com características lúdicas e, sobretudo, de disputas, de apostas, para conquistar aplausos ou valiosos prêmios.

Na classificação dos desportos por nós organizados, colocamos sob a denominação de *esferísticos* todos os desportos que utilizam a bola. Os antigos gregos chamavam de *esferística* ao jogo da bola e de *esfaira* a bola em si.



24/10/1953⁷

EVOLUÇÃO DESPORTIVA BRASILEIRA

III Parte: Brasil Republicano

Nº 10 – O football no Brasil (I)

Todos aqueles que têm escrito sobre as origens do football no Brasil, apontam, baseando-se no livrinho de Antonio Figueiredo, Charles Miller como o introdutor do popular desporto bretão em nosso país. Esquecem-se, no entanto, de um fator importante: Antonio Figueiredo escreveu sobre a “História do Football em São Paulo”, onde Charles Miller foi realmente o pioneiro, e não sobre a “História do Football no Brasil”. E nos outros Estados e no Distrito Federal, quando foi o football introduzido? Não poderia ter alguém trazido o football a qualquer parte do país, talvez ainda na vigência do Império, nos seus últimos anos, quando os desportos ganharam tantos adeptos e tanta popularidade que até S.M. o Imperador D. Pedro II honrava as competições desportivas com a sua presença? Precisamos pesquisar mais um pouco a respeito desse fato de tanta importância para a nossa história desportiva. Dentre as investigações que realizamos uma fonte, pelo menos, merece a nossa atenção e, por ela, teria o football chegado ao Brasil antes de Charles Miller, trazido pelos padres jesuítas, que o introduziram em seus colégios, o primeiro dos quais teria sido o Colégio Anchieta em Nova Friburgo. Aliás, todos nós sabemos que o football sempre encontrou a maior acolhida nos colégios de padres, sobretudo nos mantidos pelos jesuítas.

Vejamos os documentos em que nossas suposições se baseiam.

A Ordem dos jesuítas foi fundada em 1540, suprimida em 1759 e restabelecida em 1814. O Colégio Anchieta foi inaugurado a 12 de abril de 1886, tendo como reitor o Padre de Meis, substituído no cargo em 10-2-902 pelo Padre Yabar, que, por sua vez, no ano de 1910, foi substituído pelo Padre José Manuel de Madureira. É importante considerar que o Colégio Pio Latino Americano de Roma foi fundado em 1858 e por ele passavam os que deveriam desempenhar funções de relevância (entre as quais estava a de reitor) na Ordem dos Jesuítas, Os jesuítas, desde o tempo colonial, mantiveram uma linha pedagógica das mais avançadas. Segundo se pode verificar na “*Storia degli Sport*”, de Andrea Franzoni, obra das mais completas que existe a respeito, o football “*association*” desenvolveu-se no sul do continente europeu no ano de 1885, encontrando na Itália clima bastante propício, pois as origens, do football estavam nitidamente relacionadas ao “calcio”, jogo tão do agrado dos peninsulares. Já no ano de 1887, Edoardo Bosio organizava o primeiro núcleo de jogadores em Torino, aos quais outros se seguiram. O football, já com as regras inglesas, estava em moda na Itália e, possivelmente, por essa época, foi trazido pelos jesuítas para os seus colégios no Brasil, tal qual ocorreria também, mais tarde, com o basketball.

⁷ Existem algumas incongruências nas datas, optamos por manter a data registrada por Inezil, visto que não foi possível confirmar.

Mas como poderíamos nós ter chegado à conclusão de que pudesse o football ter sido trazido diretamente da Itália, para o Brasil pelos jesuítas?

Nas minuciosas pesquisas bibliográficas a que procedemos, consumindo dias sobre dias, noites sobre noites, de leitura na Biblioteca Nacional e em várias outras, encontramos a obra de autoria do Padre J. M. de Madureira (1), publicada em comemoração ao 1º Centenário da Independência do Brasil e intitulada “A Liberdade dos Índios - A Companhia de Jesus, Sua Pedagogia e Seus Resultados”,- Trabalho apresentado ao Congresso Internacional da América, cujo 2.º volume contém a 4º, 5º, 6º e 7º. Partes da obra citada com os seguintes títulos:

4º Parte - Resultados da Companhia de Jesus na época anterior à supressão da Ordem (1540-1773).

5º Parte - Resultados da Companhia de Jesus depois de seu restabelecimento por Pio VII (1814-1923).

6º Parte- Resultados da Pedagogia da Companhia de Jesus no Brasil Colônia (1549-1759).

7º Parte - Pedagogia nos Colégios da Companhia de Jesus restabelecida no Brasil Independente (1841-1923).

Desta última parte, o Capítulo IX (Págs. 531 a 563) é dedicado à história do Colégio Anchieta de Nova Friburgo (1886-1922) como dissemos anteriormente, inaugurado a 12 de abril de 1886. Referindo se ao horário do estabelecimento escreve o autor: “Um horário bem organizado distribui as horas de modo a serem as aulas e os estudos entremeados com recreios, e refeições, nas quais a alimentação é simples, farta e substancial. Sem cair nos excessos do atletismo, organizam os Padres Prefeitos tôdas as espécies de jogos ginásticos e desportivos, tais como o football, o basketball, os jogos de fôrça e agilidade (o dardo, o disco, os saltos) e outras muitas diversões, acompanhando com criterioso discernimento o progresso e movimento das modernas associações ginásticas e desportivas” (2).

Sôbre que a prática do football no Colégio Anchieta remonta ao século passado não existe a menor dúvida, mas não nos foi possível precisar o ano exato. Cremos, no entanto, que o mesmo já figurava entre as atividades desportivas realizadas para aproveitamento das horas de recreio, quando chegou a São Paulo Charles Miller, trazendo as duas bolas a que se refere Antonio Figueiredo.

O que nos parece importante considerar está em que o livro do Padre Madureira é um documentário em que pretende o mesmo apenas demonstrar a pedagogia usada pelos jesuítas em seus colégios, sem qualquer pretensão ou objetivo de vincular aos mesmos o aparecimento do football no Brasil. Daí a importância de seu depoimento, sabido que o mesmo é espontâneo e verdadeiro e que a menção ao football é feita simplesmente de passagem, entre assuntos que foram por ele considerados de maior relevância.

E, talvez, possam outros completar as pesquisas que iniciamos, fazendo levantamentos semelhantes nos diferentes Estados do Brasil.



27/10/1953

EVOLUÇÃO DESPORTIVA BRASILEIRA

III Parte: Brasil Republicano

Nº 10 – O football no Brasil (II)

“Em 1894 chegou ao Brasil, Charles Miller, que vinha destacado para ocupar um lugar na agência da Mala Real Inglesa. Êsse distinto sportman, que sabia muito bem o football, trouxera duas bolas desse esporte. Instalado em São Paulo, entrou para o São Paulo Athletic, e começou com outros sócios, a organizar torneios de football”. E assim que Antonio Figueiredo, na obra “História do Football em São Paulo”, publicada em 1918, documenta a entrada do football no Brasil. Após a chegada de Miller sob a inspiração dêste, alguns ingleses e brasileiros educados na Europa começaram a praticar o football, que despertou o maior interesse em quantos o assistiam.

Já no ano de 1896, foi possível realizar, na cidade de São Paulo, a primeira partida oficial do football, travada entre o São Paulo Athletic Club e uma equipe constituída de empregados da São Paulo Railway.

A 19 de agosto de 1899, fundou-se em São Paulo, o “Esporte Clube Internacional”, que muito contribuiu para a difusão de vários desportos, principalmente o football. No ano seguinte, a 14 de julho, foi fundado o Esporte Clube Rio Grande primeiro clube de football do Estado do Rio Grande do Sul, com sede na cidade do Rio Grande.

Já em 1901, realiza-se o primeiro interestadual de football, que atrai em todos os seus jogos grande assistência. É interessante assinalar que o primeiro jôgo entre paulistas e cariocas terminou empatado por 2x2 e o segundo, dois dias após, também empatados por 1 x 1; ambos os jogo foram realizados em São Paulo. O primeiro jôgo efetuou-se a 19 de outubro. Há que assinalar também nesse ano, a 22 de setembro, o “Brazilian Team”, do Rio de Janeiro, havendo jogado uma partida de football contra o Inglês Club, de Niterói, venceu-o pela contagem de 3 a 1. E a 19 de dezembro, instala-se em São Paulo a Liga Paulista de Football, cuja sessão contou com representantes dos seguintes clubes: Athletic, Paulistano, Germânia, Mackenzie e Internacional.

O ano de 1902 é importante para a evolução do football; no Rio de Janeiro funda-se o Fluminense F. C. e o São Paulo Athletic Club sagra-se campeão da Liga Paulista de Football, inaugurando o primeiro campeonato de football organizado no Brasil, em disputa da taça “Casemiro Costa”. Há que assinalar ainda dois jogos interestaduais de football realizados no Rio: O primeiro entre um combinado carioca e o Clube Atlético Paulistano em que aquele logrou vencer por 2x0. No jogo, o combinado carioca venceu o Esporte Clube Internacional por 3x0.

Em 1903, há que registrar a fundação do Grêmio Football Portoalegrense e o Football Clube de Pôrto Alegre. Foi a 7 de setembro que o Esporte Clube Rio Grande realizou em Porto Alegre com grande sucesso uma demonstração do que era o Football. A primeira partida de football entre clubes portoalegrenses foi jogada a 6 de março de 1904, entre o G. F. Porto Alegrense e o football Clube de Porto Alegre. Em São Paulo, os campeonatos de football já vinham sendo normalmente disputados e o São Paulo

Athletic a exemplo do ano anterior, consegue levantar os títulos de 1903 e 1904, sagrando-se com este último, tricampeão paulista.



28/10/1953

EVOLUÇÃO DESPORTIVA BRASILEIRA

III Parte: Brasil Republicano Nº 10 – O football no Brasil (III)

Esse ano de 1904 começa a assinalar a predominância do football sôbre o remo: no Rio de Janeiro são fundados e o America F.C., O Bangu A. C. e o Botafogo F.C.. A Liga Metropolitana de Football criada a 21 de maio do ano em tela, a que veio permitir o início da disputa de campeonatos oficiais, tal qual já vinha ocorrendo em São Paulo; essa instituição mais tarde se transforma na Liga Metropolitana de Desporto Terrestre. Posteriormente a Liga Metropolitana de Desporto Terrestre é extinta, surgindo ai a “Associação Metropolitana de Esportes Atléticos”, cuja vida foi efêmera. Verificandose com o advento do profissionalismo a cisão do “football” brasileiro e com ele a dos demais desportos, a A.M.E, funda-se com a veterana “Liga Metropolitana de Desporto Terrestre”, resultando daí a Federação Brasileira de Desportos. A outra entidade que aparece é a “Liga Carioca de Football”, cuja vida também é curta, pois com uma pacificação levada a efeito em 1937 é criada a “Liga de Football do Rio de Janeiro”, que, por sua vez, em virtude do Decreto-Lei nº3.199, de 14-4-41, se transforma em “Federação Metropolitana de Football”. A 21 de agosto de 1904, o nº 19 de “A Vida Esportiva”, publica esta interessante estatística, referente à cidade de São Paulo: “Até 31 de julho último existiam nesta capital 118 associações esportivas assim discriminadas: Clubes de football : 72; Ginástica: 9; de canoagem: 2; de ginástica: 2; de esgrima: 4; de tiro: 5; de corridas: 1; de Ciclismo: 2; de atletismo:8; de lawn tennis: 3; de base-ball: 4; de peteca: 2; de chinquilha: 2; de equitação: 1; de pedestrianismo: 2; e de patinação: 1. São nacionais 92 sociedades; alemãs, 4; italianos, 9; inglesas,3; e internacionais,10.

Em 1906 temos de assinalar vários acontecimentos dignos de menção. A 13 de julho, realiza-se um jogo internacional de Football, em São Paulo, entre o combinado paulista e uma equipe sul africana, vencendo esta última por 6x0; o Esporte Clube Germânia levanta o campeonato da Liga Paulista de Football. Entre os paulistas e cariocas são realizadas três jogos de Football, com os seguintes resultados: no Rio - paulistas e cariocas, 1; em São Paulo – cariocas, 2, paulistas zero; em São Paulo, paulistas 4, cariocas zero. Há que referir ainda ao aparecimento de um “Guia de Football”, devidamente ilustrado e destinado ao ano de 1906.

No ano seguinte, o Esporte Clube Internacional levanta novamente o Campeonato da Liga Paulista de Football. Os Paulistas vencem os cariocas no football em duas partidas consecutivas: A primeira realizada em São Paulo, por 4x1 e a segunda, realizada no Rio, por 1 a 0.

1910 o ano em que de fato começa o football a evidenciar a sua supremacia sobre os demais desportos. O Botafogo F. C. vence o campeonato de football do Rio de Janeiro e a Associação Atlética Palmeiras levanta em São Paulo, o título máximo da Liga Paulista de Football. A 3 de maio funda se, em São Paulo, o Minas F.C , a 1º de setembro, o Esporte Clube Corinthians Paulista. São realizados entre paulistas e cariocas

dois jogos de football, que apresentam êstes resultados, a 15 de agôsto, em São Paulo. - Botafogo F. C., 7 x Associação Atlética das Palmeiras 2. A 18 de setembro, no Rio Fluminense F. C. 5 x Clube Atlético Paulista, ainda em agosto no Rio de Janeiro é vistado pelo “Corinthians Team” composto por estudantes ingleses pertencentes as universidades de Oxford e Cambridge. Três foram as partidas realizadas que apresentam esses resultados : a 24 “Corinthians Team” 10 x Fluminense F.C. 1; a 26 “Corinthians Team” 8 x Combinado Carioca 1; a 28 “Corinthians Team” 5 x Combinado Brasileiro 2. Esse mesmo conjunto Inglês realiza também alguns jogos em São Paulo, com seguintes resultados: a 31 de agosto “Corinthians Team” 2 Combinado Palmeiras 0; a 2 de setembro “Corinthians Team” 8 x Combinado Estrangeiro de São Paulo 2. Foi pois, uma brilhante temporada a que o “Corinthians Team” realizou.



29/10/1953

EVOLUÇÃO DESPORTIVA BRASILEIRA

III Parte: Brasil Republicano Nº 10 – O football no Brasil (IV)

O Fluminense Football Clube volta a vencer o campeonato de football da cidade do Rio de Janeiro, em 1911, e o São Paulo Atlético levanta o título máximo da Liga Paulista Football.

A 10 de agosto, em São Paulo, realiza-se o jogo de football entre um combinado Uruguaio e o Clube Atlético Paulistano, que termina empatado por 3 x 3. A 12, verificou-se o segundo jogo dos uruguaiois, agora contra o São Paulo Atlético registrando-se um empate de 2x2. No dia seguinte, os uruguaiois jogaram contra o Esporte Clube Americano, sendo derrotados por 3 x 0. Finalmente, a 15 desse mês, os uruguaiois defrontam-se com o Combinado Paulista, jogo que termina empatado por 2 x 2. Em São Paulo realizados cinco jogos de football e no Rio três, entre clubes da Capital Federal e da Capital Paulista, a exemplo do que já vinha sendo feito, nos anos anteriores.

Em 1912, o Paissandu Atlético Clube levanta o título de campeão de football do Rio de Janeiro, e, em São Paulo, o Esporte Clube Americano vence o torneio da Liga Paulista de Football.

Os anos que se seguem são férteis em acontecimento. Assim, em 1913, temos os seguintes fatos. A 26 de março, funda-se o Football Clube Santa Cruz; a 24 de maio o Esporte Clube São José e, a 31 de maio, a sociedade Esportiva Sokol, ambos em Pôrto Alegre e todos no Estado do Rio Grande do Sul. A 22 de abril, funda-se, em S. Paulo, a Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA), sendo o Sr. Antônio Prado Junior eleito presidente. Em Julho, são realizados em São Paulo diversos jogos de football, entre paulistas e um combinado português. Resultados: paulistas 2 x portugueses 2; Mackenzie College 4 x Portugueses 1; Clube Paulistano 0 x Portugueses 1. Em agosto, o Corinthians Team volta ao Brasil, realizando no Rio três jogos com estes resultados; Combinado Carioca 2 x Corinthians Team 1; Combinado Estrangeiro 0 x Corinthians Team 4. Combinado Brasileiro 1 x Corinthians Team 2. Em São Paulo, o Corinthians Team também realizou três jogos. Combinado Paulista 1 x Corinthians Team 2; Mackenzie College 2 x Corinthians Team 8. Combinado Paulista 1 x Corinthians Team 1. A questão esportiva, que encontra campo fértil à sua proliferação no Exército, culmina, a 15 de junho, com o aparecimento da Liga Militar de Football, que, em 1920, se transforma em Liga de Esportes do Exército. Em setembro, Rio e São Paulo foram visitados por uma equipe chilena de football. No Rio foram realizados três jogos, com estes resultados: Chilenos 2 x Combinado Escola Naval e Militar 1; Chilenos 1 x Combinado Brasileiro 2; Chilenos 1 x Combinado Carioca 6. Em São Paulo, também foram três os jogos realizados: Chilenos 1 Combinado Paulistano 6; Chilenos 2 x Combinado Paulista 1; Chilenos 3 x Esporte Clube Americano, pela segunda vez consecutiva, levanta o título máximo da liga Paulista de Football. O Clube Atlético

Paulistano vence o primeiro campeonato de Football promovido pela Associação Paulista de Esportes Atléticos. Na cidade de Santos, Estado de S.Paulo funda-se o Santos Football Clube em São Paulo, a Associação Atlética São Bento.

DEPOIS DE 1914

A partir de 1914, deixa de haver interêsse no registro de acontecimentos isolados, mesmo porque difícil se tornaria que pudéssemos seguir, registrando sem omissões. Os múltiplos jogos e campeonatos que, então, foram realizados.

Vejamos uma síntese do que de mais importante ocorreu até 1920, abandonando os dados estatísticos para assinalar apenas os fatos de maior relevância. A “Taça Roca” foi instituída pelos argentinos e disputada pela primeira vez a 27 de setembro de 1914, devendo ser considerada como um símbolo para o estreitamento das relações entre Brasil e Argentina. Duas grandes temporadas internacionais são realizadas em nosso país pelo Football Clube Torino e pela Squadra Representativa Nazionale, com jogos de grande importância realizados em S.Paulo. Em 1917, institui-se um campeonato sul-americano de football de realização anual, sendo o mesmo disputado, nesse ano, em Montevidéu. A título de curiosidade consignamos os resultados das partidas em que os brasileiros tomaram parte: Brasil 2 x Argentina 4; Brasil 0 x Uruguai 4; Brasil 5 x Chile 0. Os brasileiros classificaram-se em terceiro lugar e, num jogo amistoso, perderam novamente para os uruguaios por 3 x 1.

Quando a primeira conflagração mundial terminava o football já estava arraigado ao país, como uma de suas mais sólidas instituições. E, em 1918, surgia o trabalho de Antônio Figueiredo “História do Football em São Paulo”, que parece ter sido a primeira obra do gênero. No ano seguinte, 1919, os brasileiros conseguem sua projeção no football internacional, levantando o Campeonato Sul Americano de Football, realizado no Rio de Janeiro, convindo assinalar que tinham terminado empatado com os uruguaios por 2 x 2, vencendo-os no desempate por 1 x 0. Também nesse ano começa a aparecer o nome do saudoso esportista Coelho Melo vingulado ao football conforme veremos em nosso próximo artigo.



31 de Outubro de 1953

Evolução Desportiva Brasileira
III PARTE - BRASIL REPUBLICANO
N.º 10 - O FOOTBALL NO BRASIL
INIZIE VENTURA GILBERTO

... a primeira vez que se viu no Brasil um jogo de futebol jogado por brasileiros... a primeira vez que se viu no Brasil um jogo de futebol jogado por brasileiros... a primeira vez que se viu no Brasil um jogo de futebol jogado por brasileiros...

Imagem 2 – Reprodução do volume Artigos em Jornais dos Sports (p. 20)

EVOLUÇÃO DESPORTIVA BRASILEIRA

III Parte: Brasil Republicano

Nº 10 – O football no Brasil (V)

Traduzido por Valter Azevedo, aparece, em 1919, “Association Foot-Ball como é jogado”, de John Cameron, com uma carta prefácio de Coelho Neto, datada 6-5-919, na qual há trechos que merecem ser destacados. Entre outras coisas afirma o grande escritor brasileiro: “O football não é, como muitos o imaginam, um entrevero brutal em que apenas se exercitam músculos, mas um jogo como o xadrez, cujas peças animadas movem-se inteligentemente em concurso, mas cada qual a seu tempo e como convém ação. Nele a inteligência é o principal; a força e a agilidade são elementos de execução”. E, em seguida “Como na esgrima não é o de pulso mais rijo, senão o mais destro o favorito da vitória, no football o mais sagaz, mais diligente e mais calmo, domina sempre. O que se requer do jogador antes de lhe pedir força, é coragem serena, atenção segura, agilidade sem precipitação e vista firme. E, assim sendo, um valioso exercício atlético, é, ao mesmo tempo, o football um treino das faculdades na qual ocorrem ativamente: a inteligência preparando, de surto, as combinações, a atenção afirmando-as, a vontade executando-as e ainda a calma para dominar-se a um tempo contra o medo e contra a rebentina dirigindo-se na avançada por entre adversários, sem a preocupação desleal de os magoar, conduzindo habilmente a bola até onde possa, com segurança, arremessá-la a gol ou passa-la a quem esteja mais a feição de conseguir o ponto, jogo de combinação, football deve ser exercitado pelo team como o corpo executa os vários movimentos, distribuindo-os pela indicação da inteligência impulsionada pela vontade, aos respectivos membros”. Essas palavras tão repassadas de sabedoria, evidenciam a posição que Coelho Neto adotaria em relação ao football, defendendo-o em oposição a outros literatos, que, pela mesma época o combateram tenazmente. No museu do Fluminense F.C encontram-se vários manuscritos, com a caprichosa letra de Coelho Neto testemunhando os vínculos que o ligaram ao nosso football.

Em 1920, os brasileiros participam do Campeonato Sul-Americano de Football, realizado em Valparaizo, classificando-se em 3º lugar, sendo estes os resultados dos jogos em que tomaram parte: Brasil 1 x Chile 0; Brasil 0 x Uruguai 6; Brasil 0 x Argentina 2. Nesse ano, Odilon Penteado do Amaral publica, em São Paulo: “Coisas do Football”, em que reúne uma série de conselhos, máximas e observações, além de mostrar vários truques utilizados na prática deste desporto.

Também em 1920, o Sr Fernando de Azevedo, que hoje representa uma expressão da cultura brasileira, publica sob o título “Da educação Física”, obra de grande vulto dividida em três partes:

- I- O estado da questão: Fatos e Interrogações
- II- Escolas e métodos: à qual cabe a supremacia.
- III- Importância e situação do problema no Brasil, aplicação que o soluciona.

Nesta última parte as páginas 230 e 237 são dedicadas ao football, cuja a prática é qualificada de footballmania. A obra publicada no ano seguinte por Carlos Sussekina de Mendonça, a qual nos referiremos no próximo artigo, basea-se bastante nessa crítica de Fernando de Azevedo.



31/10/1953

EVOLUÇÃO DESPORTIVA BRASILEIRA

III PARTE: BRASIL REPUBLICANO

Nº 10 – O football no Brasil (VI)

Lima Barreto figurava entre os literatos que combatiam o football e não lhe encontravam nada de útil. Assim, o fez, em uma das suas crônicas, (1-10-921-“Caretá”), sob o título “Bendito Football”. Justificou-a a celeuma que então se fazia para decidir se a equipe brasileira, que deveria disputar o Campeonato Sul-Americano de Football em Buenos Aires, poderia ou não ser integrada por elementos de cor e a imprensa carioca estava agitada com a questão. Acusa o football de fator de dissensão, escrevendo: “Além daqueles ótimos serviços, que citamos, prestados pelo football, à Pátria e à mocidade brasileira de mais de quarenta anos, falemos de um terceiro mais geral de que todos nós brasileiros lhe somos devedores; ele tem conseguido graças a apostas belicosas e rancorosas, estabelecer não só a rivalidade entre vários bairros da cidade, mas também o dissídio entre as divisões políticas do Brasil. Haja visto o que se tem passado entre São Paulo e Rio de Janeiro, e vice-versa, por causa do jogo de pontapés na bola”. Nesse Campeonato, que tantas discussões causara, foram estes os resultados dos jogos em que tomamos parte: Brasil 0 x Argentina 1; Brasil 3 x Paraguai 0; Brasil 1 x Uruguai 2.

Em solidariedade à intransigente atitude assumida por Lima Barreto, aparece, também em 1921, publicado no Rio de Janeiro, um livro de Carlos Sussekind de Mendonça, anatematizando os desportos. Chama-se “O Esporte está deseducando a mocidade brasileira”; escrito em forma de carta, começa assim: “meu caro Lima Barreto”, compreendendo quatro partes, que tratam respectivamente:

I – A necessidade inadiável de uma campanha séria contra o Esporte no Brasil. (Diz aí o autor que “O Brasil está perdido”, afirmando que “o esporte não é a única causa, mas é a principal”).

II – O Esporte mau fator da nossa Educação Física (Esclarece que “o esporte é um elemento complementar da Educação Física”, não sendo “pois, a própria Educação Física”).

III – O Esporte mau fator de nossa Educação Moral escreve que o esporte é “um vivificante de discórdias”).

IV-O esporte mau fator de nossa Educação Intelectual (A página 143 encontra-se a seguinte expressão: “o esporte é o primado absoluto da ignorância e da imbecilidade”).

Como vimos, 1921, foi um ano em que o Football sofreu forte campanha, pois também o “Correio da Manhã” abriu baterias contra os preconceitos raciais que se pretendiam transplantar para o campo desportivo, conforme “suelto” publicado a respeito em 17-9-21.



01/11/1953

EVOLUÇÃO DESPORTIVA BRASILEIRA
III PARTE: BRASIL REPUBLICANO
Nº 10 – O football no Brasil (VII)



A equipe do Paulistano: Clodoaldo, Barthô, Sérgio, Nestor, Mondas, Alere, Filo, Mário, Friedenreich, Araken, Netinho.

1922, ano em que se comemorou o primeiro centenário da independência do Brasil, foi auspicioso para o nosso football, pois, no Campeonato Sulamericano, realizado no Rio de Janeiro, logramos levantar o título máximo. Os resultados dos jogos em que o Brasil toma parte são estes: Brasil 1 x Chile 1; Brasil 1 x Paraguai 1; Brasil 0 x Uruguai 0; Brasil 2 x Argentina 0. Os brasileiros venceram os paraguaios no jogo de desempate, por 3 a 0, a 22 de outubro. Também em São Paulo, os brasileiros vencem os argentinos por 2 x 1 na segunda disputada da Taça Roca.

Em 1923, há que assinalar alguns acontecimentos mais relevantes. Verifica-se a disputada oficial do primeiro “Campeonato Brasileiro de Football”, sagrando-se campeã a equipe paulista; no jogo final os cariocas foram derrotadas por 4 x 0. No Campeonato Sulamericano de Football ,realizado em Montevideú, os brasileiros cumprem apagada atuação, colocando-se em 4º lugar, sendo estes os resultados dos jogos em que tomaram parte: Brasil 0 x Paraguai 1; Brasil 1 x Argentina 2; Brasil 1 x Uruguai 2. No ano de 1925, o Clube Atlético Paulistano, que havia levantado em São Paulo o campeonato da Liga de Amadores de Football, realiza uma gloriosa excursão pela Europa, jogando dez partidas de football das quais venceu nove e perdeu uma. Entre os seus principais adversários contavam-se; o selecionado Francês, derrotado por 7 a 2; o selecionado português, sobrepujado por 6 a 0.

O Campeonato Sulamericano de Football, realizado em Buenos Aires, apresenta para os brasileiros estes resultados: Brasil 5 x Paraguai 2; Brasil 1 x Argentina 4; Brasil 3 x Paraguai 1; Argentina 2 x Brasil 2. Os brasileiros classificam-se em segundo lugar.

Os brasileiros não participam dos Campeonatos Sul-Americanos de Football de 1926, em Valparaíso de 1927, em Lima, e, de 1929 em Buenos Aires.

Em 1928 surge o primeiro “Almanaque Esportivo”, de Thomaz Mazzoni, publicado em São Paulo, reunindo interessante documentação desportiva; essa publicação continuou a aparecer, periodicamente, até nossos dias, ocupando o football o principal lugar no seu noticiário.

A partir de 1930 vai o football se revelando força social cada vez mais importante, à qual nada se poderá opor. Erram os que pretendem combatê-lo ele é necessário e pode ser inteligentemente aproveitado como teremos ensejo de comprovar em outra série de artigos sob o título “A função social do Football no Brasil”. Quando viajamos pelo interior do país, encontramos sempre dois marcos que assinalam a penetração das forças civilizadoras; a igreja e o campo de football. E, em muitas das nossas fazendas ou estâncias, poderá faltar a igreja, mas não faltará o campo de football. O estádio do Maracanã, verdadeiro colosso arquitetônico, esta erguido como ciclópico templo ao ídolo do povo brasileiro; o football.



EVOLUÇÃO DESPORTIVA BRASILEIRA

IV PARTE

Conclusões

II-SÍNTESE DA EVOLUÇÃO DESPORTIVA BRASILEIRA

Quando o Brasil foi descoberto, os naturais do país, em face das condições de vida a que o meio os obrigava, se entregavam a diversas atividades de natureza física, que lhes desenvolveu extraordinárias habilidades. Dentre aquelas, cumpre destacar o manejo do arco e da flecha em que se tornaram verdadeiramente excepcionais, segundo o testemunho dos cronistas da época; em face da nossa extensa orla marítima e dos rios que sulcam o interior do país, a natação e a canoagem desempenharam papel de grande relevância; as corridas a pé também constituíram prática das mais oportunas, pois a necessidade de perseguir a caça ou de fugir às feras e aos inimigos fazia com que os nativos fossem bastante velozes; a equitação só veio ser reconhecida pelos nossos índios após a chegada dos descobridores e dos primeiros colonizadores, desenvolvendo-se sobretudo, no sul do país e em Mato Grosso. Há ainda notícias de cavalgadas e corridas de touros realizadas no período colonial, com a predominante participação dos europeus ou daqueles que tinham ascendência europeia.

Durante o desenvolvimento do Império, a esgrima, a natação e a equitação ocuparam lugar de real destaque, sobretudo até 1850. Mas, na segunda metade do século passado, o remo surge com grande impulso e apaixonado, de norte a sul, a mocidade brasileira. O número de clubes fundados, o esplendor das regatas realizadas, os desafios que se verificavam tudo isso atesta o interesse pelos desportos náuticos, cujo apogeu se prolonga pelo período republicano, alcançando, de 1894 a 1904, a sua máxima expressão. Até 1920, o remo ainda desempenha papel de relevo no cenário desportivo nacional, perdendo paulatinamente, o seu prestígio para o football, cujo império sobre o nosso povo advém após as grandes críticas e combates que sofreu, sobretudo nos anos de 1920 a 1921. O poder de football se evidencia extraordinário, constituindo-se na mais vigorosa força social capaz de mobilizar multidões imensas, suscitando na massa popular um interesse difícil de ser explicado. O desenvolvimento dos outros desportos, como natação e polo-aquático, atletismo, basketball e volleyball, tennis, esgrima etc. processa-se lentamente, à custa de grande esforço e dedicação, enquanto o football parece brotar espontaneamente em todas as partes do país. Qualquer um seja, o dia ou a hora escolhida, pela manhã, à tarde ou à noite, os estádios ficam superlotados.

Tendo os desportos assumido tão grande relevância na vida nacional, em 1941, o Estado evidencia o desejo de colocá-los sob a sua tutela com o decreto-lei n.3.199, de 14-4-941, que institui o Conselho Nacional de Desportos e dá-lhe as bases e diretrizes para a respectiva organização.

E eis de forma sucinta, nos limites que uma pequena série de artigos impõe, a evolução desportiva brasileira.



A TORCIDA - ÊSSE GIGANTE

1 – Classificação das multidões

Gustave Le Bon (“Psychologie des Foules”) classificou as multidões em dois grupos: heterogêneas e homogêneas. As primeiras são as anônimas - como as ruelas - e não anônimas - jurados, assembleias parlamentares, etc, - e as últimas abrangem, na ordem de complexidade crescente, as seitas - políticas, religiosas, etc, - as castas - militar, sacerdotal, etc.- e as classes - burguesa, por exemplo.

A torcida é uma multidão no sentido do grupo heterogêneo e anônimo; os indivíduos que a compõem são suscetíveis de reações psicológicas uniformes. A multidão se caracteriza, assim, pela perda da individualidade da pessoa no grupo; é um ser provisório formado de elementos heterogêneos que por um instante se unem, [a]traídos pela força irresistível de um sentimento ou interesse comum.

A personalidade consciente se desvanece, os sentimentos e as ideias de todas as unidades, são orientadas em uma mesma direção. Forma-se uma alma coletiva, transitória sem dúvida, mas que apresenta caracteres muito definidos.

Pouco aptas para o raciocínio, as multidões são, ao contrário, muito aptas para ação. As civilizações, assim o afirma Gustave Le Bon, não têm sido criadas nem guiadas senão por uma pequena aristocracia intelectual, nunca pelas multidões; estas não têm poder para criar, mas somente para destruir.

Raul Briquet (“Psicologia Social”) escreve: “Para que o grupo passe ao estado de multidão, são precisas quatro condições: a) objetivo comum para o comportamento de todos os indivíduos; b) razões idênticas de ação; c) fator emotivo externo, representado por determinado grupo ou pessoa que o simboliza, e em relação ao qual a multidão alimenta sentimento de medo, hostilidade ou vingança; d) líder, que consolide as aspirações da coletividade e lhe guie a ação. O líder não é obrigatoriamente personificado. Na multidão formada em derredor da vítima de um acidente, o sentimento geral de simpatia pelo sofrimento alheio, é a imagem que reativa a emoção”.

Para Gustave Le Bon é fácil comprovar o fato de que o indivíduo em multidão difere do indivíduo isolado, mas bem difícil se torna descobrir as causas dessa diferença. Eis as suas próprias palavras, tentando explica-las: “Diversas são as causas que determinam os aparecimentos desses caracteres especiais da multidão, e que os indivíduos isolados não possuem. A primeira é que o indivíduo em multidão adquire, pelo só fato dos números, um sentimento de poder invencível que o leva a ceder a instintos que, só, seguramente os teria refreado. Esta falta de freio se dará tanto mais quanto o anonimato implica a irresponsabilidade; o temor, o sentimento da responsabilidade, que retém o homem, desaparece inteiramente. A segunda causa, o contágio, intervém igualmente para determinar as multidões a manifestação de caracteres especiais, e, ao mesmo tempo, sua orientação. O contágio é um fenômeno fácil de comprovar, mas não explicado, e que é preciso unir os fenômenos de ordem hipnótica, que estudaremos a seguir. Numa multidão todo sentimento, todo ato, é contagioso, e contagioso até o ponto do indivíduo sacrificar muito facilmente seu

interesse pessoal ao interesse coletivo. É esta uma atitude muito contrária à sua natureza, e da qual não é quase capaz o homem senão quando forma parte de uma multidão. Uma terceira causa, que é muito mais importante, determina nos indivíduos em multidão caracteres especiais, às vezes, completamente contrários aos do indivíduo isolado. Quero falar da sugestibilidade, na qual o contágio mais intenso é somente um efeito”.

E conclui: “Desvanecimento da personalidade consciente, predomínio da personalidade inconsciente, orientação por via da sugestão e contágio dos sentimentos e das ideias num mesmo sentido, tendência a transformar imediatamente em atos as ideias sugeridas; tais são, pois, os principais caracteres do indivíduo em multidão. Não é o indivíduo mesmo, é um autômato em quem a vontade não prepondera. Assim, pelo só fato de formar parte de uma multidão organizada, o homem desce muitos degraus na escala da civilização. Isolado, seria talvez um indivíduo culto; em multidão é um bárbaro, isto é, um impulsivo. Tem a espontaneidade, a violência, a ferocidade e também os entusiasmos e os heroísmos dos seres primitivos”.



A TORCIDA - ÊSSE GIGANTE

2 – Características das multidões

O que sempre domina na alma das multidões não é a ânsia de liberdade, mas a de servilismo. E, se ampliarmos as proporções dessa irreprimível necessidade de obediência, veremos muitos povos renunciarem a sua própria liberdade e escolherem – ó ironia! – pelo direito democrático do voto aquele que os há de tyrannizar. A ânsia de obediência é tal, que as multidões instintivamente se colocam a serviço de quem se lhes impõe, do mais hábil comando, do mais audacioso na escolha de seus objetivos, do menos escrupuloso na seleção dos meios que levam aos fins colimados.

Segundo Raul Briquet, três são as características do comportamento da multidão: o predomínio do inconsciente, definido pela hiperemotividade e raciocínio elementar; a sugestibilidade e a irreprimibilidade do desejo e ação.

A segunda característica da multidão – a sugestibilidade – se identifica pela onda contagiosa que a tudo domina e a todos impede raciocínio claro. E a “reação será tanto mais intensa quanto maior o número de pessoas se verifica”.

A irreprimibilidade de desejo e ação leva a multidão a agir impetuosa e agressivamente, exigindo a satisfação de seus desejos, sejam estes de que natureza forem. A multidão apresenta quase sempre uma sanguissedência inconsciente, que se traduz pelo desejo de fazer justiça com as próprias mãos. Porto Carrero se refere a tal fato quando lembra aqueles que julgam que só com muito sangue as coisas endireitam. Martin conta certo caso verificado em cidade do sul dos Estados Unidos, onde foi linchado o jurado cujo voto provocara a absolvição de um réu negro; este escapara à punição, mas aquele pagara em seu lugar. É interessante assinalar o aspecto psicológico da vingança, que não é apenas individual, mas também coletiva, e, aí, em grau muito mais elevado. A indignação pública contra o réu nos primeiros momentos que sucedem o crime é quase insopitável; o ódio ao delinquente se avoluma e o povo deseja que ele sofra, e pague imediatamente pelo crime cometido. O linchamento é a manifestação coletiva do desejo de vingança.

Os caracteres gerais das multidões denominadas criminosas são exatamente os observados em todas as multidões de sugestibilidade, credulidade, mobilidade, exageração dos sentimentos bons e maus, manifestação de certas formas de morabilidade, etc.

É interessante assinalar, que na multidão não existe a responsabilidade pessoal e é justamente disso que muitos indivíduos se aproveitam para dar expansão a instintos recalçados pelas contingências da vida social, pelo temor ao castigo correspondente a tais ações.

O indivíduo espera que na multidão, não será reconhecido e que ninguém se animará a denunciá-lo como responsável. Persuade-se de que seus atos ficaram ocultos, por não ser possível punir todos os participantes”.



A TORCIDA - ÊSSE GIGANTE

3 – O comportamento da torcida

A torcida nada mais representa que uma multidão em que cada um dos indivíduos que a compõem perde a sua personalidade, a sua vontade individual e adquire as características que identificam aquele grupo.

O torcedor é, em geral, um indivíduo habitualmente morigerado, que trabalha durante toda a semana, cumpre fielmente as suas obrigações, obedece às ordens de seus superiores, é incapaz de ofender uma pessoa a quem não conhece e que nada lhe fez e muito menos de agredi-la; afável, bem educado na aceção comum da expressão. Mas, quando na multidão, como integrantes da torcida, êle sofre transformação radical. É capaz de dirigir os maiores insultos ao juiz ou aos jogadores da equipe adversária, atirar-lhes garrafas ou pedras, agredí-los se tiver oportunidade e estiver em boa situação; torna-se exaltado, perde inteiramente, o controle sobre si mesmo e não lhe será impossível depredar o estádio, o ginásio ou a piscina, incendiá-los e até matar aqueles que se, opuserem aos seus intentos ou se tiverem transformado em alvo da sua ira. Só conhece uma justiça: aquela que emana de suas próprias mãos. O juiz é quase sempre a vítima escolhida, é o alvo da sua ira, o motivo de sua vingança. Toda a tempestade de seus sentimentos, todo o tumulto de seu interior tem por causa, geralmente, a figura do juiz. Dificilmente poderá conhecer que o mesmo agiu de modo imparcial; julga sempre que prejudicou seu clube propositadamente, que é um “ladrão”, que estava “comprado”, e outras coisas semelhantes. Não raciocina com lucidez e é vítima de grande número de erros de percepção pela paixão que o domina, pelo partidarismo que lhe impede analisar os fatos como são, perceber os objetos da sensação sem lhes associar ideias ou fatos posteriores que o conduzem a juízo errado, a uma falsa interpretação da sensação. Vê coisas que não existem, deturpa os fatos, protege inconsciente, subconsciente ou conscientemente os interesses de seu clube e dos jogadores que integram a equipe dêste. Raramente reconhece as faltas praticadas portais jogadores, ainda quando são flagrante e incontestáveis.

Como em toda multidão, também existem instintos sanguinários na torcida. Ela prefere o jogo bruto, as intervenções violentas, as jogadas perigosas numa sede de sensações, num desejo de fortes emoções. Não raro anima os jogadores a que machuquem ou inutilizem os adversários. Frases como estas são bastante comuns nos campos de football: “Dá-lhe duro”, “Quero ver sangue!”, “Arrebenta-lhe a canela!”, “Tira de campo, inutiliza logo!”, “Aleija êsse desgraçado!”.

E isso nos faz lembrar os jogos circenses tão do agrado dos romanos, em que o sangue era elemento indispensável. E quanto mais sangue, maior o prazer suscitado. As corridas dos aurigas, embora, assaz emocionantes foram cedendo lugar aos combates entre os gladiadores, os quais terminavam quase invariavelmente com a morte de um dos contendores. “Ave Cesar, imperator, morituri te salutant” era a saudação dos que tinham de matar para não morrer. E, se por acaso alguns dêles caía vencido, desarmado, impotente, e clamava perdão a Cesar, este indagava do populacho a resolução, sempre

assim expressa: “Mata! Mata!”. E o imperador baixava o braço, gesto seguido do golpe de misericórdia do vencedor daquele dia, que não estava livre de ser o vencido no espetáculo seguinte. E os próprios combates entre os gladiadores foram sendo substituídos por outros números mais extravagantes, como lutas entre feras reconhecidamente inimigas, entre homens e feras, e, finalmente, pelos massacres aos cristãos acusados por Nero como incendiários de Roma.

Após a revolução francesa, as praças onde se erguiam as guilhotinas viviam apinhadas de gente que ali ia unicamente para satisfazer a uma sanguissedência insopitável. Os melhores lugares eram disputadíssimos e as mulheres que os ocupavam ali permaneciam horas a fio, fazendo crochê, enquanto o espetáculo não começava. E bem ufanas se mostravam quando suas roupas ficavam salpicadas pelo sangue dos condenados, ao rolares suas cabeças nas cestas que as recolhiam.

Cerremos, por um instante os olhos e procuremos reconstituir a cena, de um espetáculo no Coliseu. Transportemos-nos agora para qualquer de nossos estádios durante uma partida de football. Que pouca diferença existe entre os espetáculos públicos que vinte séculos de civilização separam! Os gladiadores substituídos por jogadores, que ao invés de lançarem a rede sobre o antagonista como os reciários, devem levar a bola ao “goal” contrário; as arquibancadas são as mesmas e a multidão de espectadores nada mudou. Apenas, mais humanizada, disfarça talvez os seus instintos primitivos não exigindo a morte dos vencidos; compraz-se com uma cena de pugilato entre os jogadores, ou entre êstes é o juiz, com a jogada violenta que fratura a perna de um adversário ou lhe arrebenta o supercílio. E quando tais cenas não são possíveis, a sua insatisfação é tanta, que não raro, os elementos que a compõem são obrigados, êles próprios, a se transformarem em gladiadores romanos.

Tais são as cenas que se nos deparam, muitas vezes, nos campos de football.

Como vemos, a torcida não mudou muito nestes últimos dois mil anos.



08/11/1953

A TORCIDA - ÊSSE GIGANTE

4 – Documentário

Há que assinalar os casos em que a “torcida” não se conforma com a derrota da equipe de sua predileção e procura desagrá-la com manifestações hostis aos vencedores, que vão desde as vaias até as pedradas e outras formas de agressão.

Um telegrama de Asa Press, procedente de São Paulo, e publicado no JORNAL DOS SPORTS, de 10 de abril de 1946, noticiava o seguinte:

“Já se encontra nesta capital, de regresso de sua recente e vitoriosa temporada em Pôrto Alegre, a delegação do Palmeiras. Todos os seus integrantes se mostram satisfeitos com a execução e com o tratamento recebido por parte dos dirigentes gaúchos. Contudo, não deixam de lamentar o ambiente sobremodo carregado do que cercou o “match” de encerramento, com o Internacional, com cuja derrota não se conformou a “torcida” local, tomando uma atitude de tal modo hostil que, ao final, a polícia têve de entrar em campo para proteger os jogadores alviverdes, sendo que Rodrigues e Mantovani ficaram sem poder sair do gramado cêrca de hora e meia”.

Julgamos interessante ilustra, o assunto com mais as seguintes notícias, escolhidas entre as dezenas que possuímos e que seriam suficientes para constituir em grosso volume.

“Na estrada Rio - São Paulo, ao regressarem em automóveis, do campo do Bangu onde venceram o clube local, os jogadores do Vasco da Gama foram apedrejados por torcedores exaltados que não se conformaram com o resultado da partida. Foi atingido por uma das pedras o jogador do quadro de aspirantes, o guarda civil Almir Nunes Ribeiro, de 25 anos, casado, morador à Rua Getúlio, 209, o qual sofreu um ferimento contuso no supercílio direito, sendo socorrido pela Assistência do Méier”. (Publicado no “Diário de Notícias” de 14-9-943).

NOTÍCIAS ARREPIANTES A RESPEITO DE UM ESPETÁCULO DEPRIMENTE

Eis outra notícia publicada pelo mesmo jornal: “Ligeiras ocorrências foram assinaladas na tarde policial, domingo, em Guaratinguetá - Um morto e 14 feridos - O juiz ameaçado de morte - Impotente a polícia para manter a ordem, tendo perdido a vida um inspetor - Indignação em Taubaté.

S.PAULO,13 (Asapress) - Chegaram a esta Capital notícias arrepiantes a respeito do espetáculo deprimente em que degenerou a disputa do clássico encontro realizado em Guaratinguetá, entre as equipes A.A. Guaratinguetá e do E.C Taubaté, na decisão do campeonato regional de football.

RECEPÇÃO MUITO “DURA”

Os excursionistas Taubateanos foram recebidos a pedradas pelos aficionados do clube local, o que deu origem a sérios incidentes que precederam outros conflitos mais

graves, ocorridos durante o desenrolar da partida, que foi muitas vezes interrompida e truncada por “encrencas” que envolveram mais de 500 pessoas.

“OU APITA OU MORRE”

A polícia local foi impotente para manter a ordem ou sequer controlar a situação que cada vez se agravava. O juiz da peleja foi obrigado a levar o jogo a t rmo, pois foi apedrejado, quando tentou suspender a partida e ameaado de morte, caso se negasse a continuar a apitando.

14 FERIDOS E UM MORTO

Antes, durante e depois do jogo foram muitas as ocorrências de ordem policial que deslustraram   tarde “esportivas”. Quase seria mais razoável dizer que “ligeiras ocorrências esportivas foram assinaladas naquelas tardes policiais”. Nesses acontecimentos, verdadeiramente brutais, teve-se a registrar um balanço espantoso: 14 feridos e 1 morto. O morto no conflito é um inspetor da policia de Guaratingueta.

TIROS E OUTRAS COISAS

Durante os conflitos foram disparados muitos tiros. Os automóveis de Taubaté foram alvejados repetidas vezes. O diretor da Rádio de Taubaté, que viajava num deles, foi ferido   bala. O carro de transporte coletivo da “Pássaro Marron”, que transportava os jogadores de Taubaté, foi baleado e depredado.

Em consequência, desses tristes acontecimentos, o povo de Taubaté está profundamente indignado, esperando-se que na primeira oportunidade haja represálias ainda mais graves.

“Os excursionistas regressaram a Taubaté em automóveis, conduzindo pessoas feridas que se apresentavam com as roupas em frangalhos”.

E para concluir, apenas mais esta, inserta em “O Globo” de 11-6-945, edi o das 11 horas, página 10:

“ASSASSINARAM O JUIZ”

Crime revoltante cometido por jogadores e “torcedores” de um team italiano.

MILÃO, 11 (A. F. P.) - “O juiz foi torturado e, em seguida, assassinado pelos “torcedores” do quadro de football Milão Bello, em seguida ao “match” que êsse clube realizou com um team de football de uma cidade vizinha, realizado em Oceiliano”. Esta foi a informa o publicada pelo Jornal “Corriere Lombardo” acrescentando que os assassinos do juiz assistiram sua agonia, lanando-o, em seguida numa fossa do cemitério.

O mesmo jornal informa que seis jogadores da equipe convidada saíram gravemente feridos, tendo sido aberto inquérito”.

Tais notícias constituem uma pequena amostra dos desvarios a que o football pode levar a “torcida”.



11/11/1953

A TORCIDA - ÊSSE GIGANTE

5 – O problema: compreender a torcida

Algumas vezes, a torcida se volta contra os jogadores de seu próprio clube, quando logra perceber que se mostram ineficientes ou desastrosos. Exige então a retirada dos mesmos, e sua substituição sempre que esta é possível. Quando o jogo se torna monótono, não esconde a profunda decepção, o seu desgosto. Lembramo-nos bem de que, em certo jogo de football a que assistimos no Rio de Janeiro, faz alguns anos, como transcorresse o mesmo sem entusiasmo, verdadeiramente monótono, as torcidas de ambos os quadros se associaram para cantar uma valsa, enquanto o jogo prosseguia.

É de justiça esclarecer que há casos em que a torcida é preparada previamente pelos seus dirigentes, como em alguns jogos universitários, na disputa entre as Escolas Militares e Naval, e mesmo, algumas vezes, entre clubes desportivos. Aí verificam-se belos espetáculos, troca de cortesias, brincadeiras bem organizadas, cânticos, saudações. É a torcida organizada que perde sua característica de grupo heterogêneo e começa a se identificar como grupo homogêneo. Nesta torcida, existe espontaneidade na manifestação das emoções como na outra, mas todas as suas ações são orientadas, quando não comandadas. Essa é a torcida educada, é a torcida que sabe vencer e perder, é a torcida que aplaude vencedores e vencidos, é a torcida que traduz o espírito do “fair-play”. Assim aconteceu recentemente, por ocasião dos jogos da primavera, patrocinados por JORNAL DOS SPORTS, quando no estádio do Maracanã, se disputou o jogo da final de volleyball entre Flamengo e Fluminense, perante uma assistência superior a 30.000 pessoas.

Uma das manifestações que bem comprovam o desejo de ação irreprimível da torcida – grupo heterogêneo – é a invasão de campo. Quando as coisas chegam a um ponto que a torcida julga não mais poder suportar pelo alto estado emocional, em que se encontra, a multidão leva tudo de vencida, não conhece obstáculos e procura então satisfazer aos desejos que a impeliram. Muitas vezes, notadamente nos jogos de football estabelecem-se violentos conflitos entre os torcedores ou entre estes e a polícia de que resultam feridos e até mortes. Em outras ocasiões quando a multidão se comprime lotando todas as dependências do estádio do ginásio ou da piscina, qualquer incidente pode leva-la a pânico, verificando-se então, desastres de grandes proporções. Faz algum tempo, no estádio do Clube de Regatas Vasco da Gama, um gradil cedeu à pressão daqueles que nele se apoiavam, e, na sua queda, arrastou grande massa humana. Embora a altura fosse apenas de um metro, o número de feridos foi bastante elevado pelo pânico que se estabeleceu. A ação da polícia, fazendo uso de armas de fogo, também pode levar a torcida ao pânico, pois aí o instinto de conservação grita mais alto que todos os demais, e o mesmo Clube de Regatas Vasco da Gama já foi local de espetáculo dessa natureza.

Quando uma equipe excursiona ao estrangeiro ou mesmo a outro Estado ou cidade, seus dirigentes devem ter a precaução constante de, ao início do jogo, procurar conquistar as simpatias dos espectadores. Uma saudação dirigida pelos jogadores à assistência que se apinha em cada lado do campo e aos adversários sempre ecoa favoravelmente na multidão. É preciso haver o cuidado, a habilidade de não desgostar a torcida de não irritá-la, de não menosprezá-la. Certos jogadores imprevidentes, quando apupados, fazem gestos inconvenientes à torcida e isso a exaspera pela impossibilidade de pronta ação, de castigo imediato pela afronta, de punição do ofensor pelas suas próprias mãos.

É preciso ter em mente que a torcida é uma multidão que aplaude com a mesma facilidade com que vaia e apupa. É a multidão que ergue um ídolo e também o derruba, que num domingo prefere certo juiz e elogia a sua atuação e no domingo seguinte o condena irremediavelmente.

A torcida é uma multidão que se comporta como todas as multidões: apresenta o predomínio do inconsciente, deixa-se dominar pela sugestibilidade e traduz a irremediabilidade de desejo e ação. A educação da torcida se nos afigura bastante difícil, mas impossível. Um grande movimento poderá ser iniciado pelos clubes desportivos no sentido de organizar as suas torcidas e, por esse intermédio, evitar certos excessos que se verificam com tanta frequência. O ponto de partida para essa iniciativa, louvável sob todos os aspectos, reside, antes de tudo na educação dos dirigentes das entidades, os quais geralmente são os primeiros a demonstrar má formação desportiva e incompreensão do papel social que os desportos desempenham; são quase sempre os primeiros a invadir o campo, ou a quadra, a invectivar contra os juízes, a protestar em altos brados, a gesticular teatralmente, enfim, a arrastar a multidão a atos de desvario.

Preparados convenientemente os juízes, esclarecidos sobre a sua missão os cronistas desportivos, educados os dirigentes das entidades desportivas e organizada a torcida de cada clube, estariam quase totalmente resolvidos os problemas disciplinares que tanto afligem os espetáculos desportivos e os desvirtuam de duas finalidades. E o football poderia tornar-se então uma escola de elevado padrão moral – já individual, já social – evidenciado o nosso grau de civilização e cultura.



12/11/1953

O JUIZ-ÊSSE COITADO

1 – Introdução

Os juízes desportivos constituem uma das classes de indivíduos, principalmente os de football cuja honorabilidade tem sido posta dúvida com maior frequência. Isso representa flagrante injustiça e há vários fatores que contribuem para tal estado das coisas: os interesses em Jogo, a influência apaixonada da torcida, os erros de percepção, os fatores subjetivos que interferem no julgamento e muitos outros motivos, conforme demonstraremos no decurso desta série de artigos.

Em certos desportos, principalmente nos individuais, a função do juiz não é quase dificultada, nem o seu julgamento influenciado pelos fatores que enumeramos. Numa prova de atletismo, seja corrida, salto ou lançamento, numa prova de natação, num páreo de regatas, numa corrida de ciclismo, etc., as possibilidades de erro do juiz são mínimas, pois ele é solicitado a decidir pouquíssimas vezes, quando não apenas para apontar o vencedor. Os fatores subjetivos de julgamento quase não se fazem sentir e a possibilidade de erro de percepção é bastante menor. Por outro lado, o julgamento tem por base matéria muito mais objetiva, que oferece menor campo para dúvidas e que permite precisão quase integral na decisão do fato. Com os desportos coletivos, como o football, o basketball e o polo-aquático e mesmo o volleyball, a situação do juiz é extremamente dificultada, pela velocidade dos lances, pelos truques que com frequência são utilizados, pelo ângulo em que se coloca ou em que está colocado para analisar os fatos, pela distribuição de atenção a que está obrigado. Pelo impedimento momentâneo de sua visibilidade por outro jogador que corre, etc. Temos visto que nos últimos tempos, no football carioca, não se passa semana em que um ou mais clubes não protestem contra a atuação do juiz nos jogos de que hajam participado, por se julgarem prejudicados. Muitas vezes, ambos os clubes contedores se sentem espoliados nos seus direitos e cada um deles acusa o árbitro da pugna como parcial a favor do antagonista.

As federações de football têm realizado tentativas as mais diversas para resolver o angustiante problema dos juízes, com os quais se debatem quase que desde que foram instituídas. A criação da Escola de Árbitros dirigida pelo saudoso Horácio Verne, a fundação do Departamento de Árbitros, a importação de juízes ingleses, a vinda de árbitros suecos, a elevação dos vencimentos dos juízes, o sorteio, a escolha de comum acordo, a escalação pelo Departamento Técnico tais foram algumas das providências com que a Federação Metropolitana de Football tentou resolver o problema das arbitragens. Mas as “listas negras” organizadas pelos clubes, as sucessivas impugnações, as suspeitas levantadas, os boatos propalados, o baixo nível cultural de muitos candidatos, as invectivas dos paredros, a falta de proteção à integridade física dos juízes, eis o que tem conspirado para que o problema não encontre solução adequada. A Escola de Árbitros da F. M. F., da qual fomos professor da cadeira de Psicologia Aplicada, fracassou, sobretudo porque os alunos, cujo curso ainda não estava concluído, aos quais faltava ainda o período de adaptação indispensável à aquisição da necessária experiência, foram lançados às arbitragens, às vezes de jogos difíceis, nos

quais os interesses eram volumosos e as paixões violentas. Nas outras profissões, como advocacia, medicina, engenharia, etc. não é a simples outorga do diploma que consagra a competência. Mas esta advém da experiência, posterior, isto é do tirocínio no foro, da prática nos hospitais, da assistência às construções.

Quantas vezes a honestidade dos nossos juízes foi injustamente atacada e, na verdade, o que de mais segura neles havia era justamente a sua honestidade. O que lhes faltava, com frequência, era capacidade técnica, era preparação psicológica, era, sobretudo, experiência.

Se temos um football que figura entre os melhores do mundo, por que não termos também juízes que sejam os melhores do mundo?



13/11/1953

O JUIZ-ÊSSE COITADO

2 – Os erros de percepção como principais fatores de mau julgamento

“*Ver bem não é coisa fácil, de vez que contínuas emboscadas espreitam os passos do observador*”, afirma com sabedoria Claparède (“*Psicologia da Criança e Pedagogia Experimental*”), William James (“*Princípios da Psicologia*”), assevera que uma sensação pura é abstração que nunca se realiza na vida adulta. A consciência da coisa material particular presente, no sentido, chama-se agora percepção. E a seguir: “*A percepção difere, pois, da sensação pela consciência de fatos posteriores associados ao objeto da sensação*”. Na opinião desse psicólogo, são os processos cerebrais sensitivos e reprodutivos, combinados, que nos dão o conteúdo de nossas percepções.

A percepção poderá ser definida como o processo pelo qual o espírito completa uma impressão sensível, rodeando-a de sensações reavivadas, e o conjunto total de sensações reavivadas e atuais é solidificado ou integrado na forma de um preceito, que uma apreensão ou conhecimento, aparentemente imediato, de objetivo presente agora em determinado lugar ou região do espaço.

Ilusão é a palavra com que cientificamente se designa uma falsa percepção. Mas quer esta seja falsa, quer verdadeira, o processo é sempre o mesmo. As ilusões visuais são as que diretamente nos interessam neste artigo. Percebemos erroneamente um objeto porque nosso espírito está cheio de pensamento dele naquele momento, e uma sensação que está ligada com ele no menor grau possível o suscita, não obstante, e nos faz sentir que o objeto está realmente diante de nós. William James recorda que numa noite, em Boston, esperava um veículo “Mount Auburn” que o levasse a Cambridge, quando leu distinta e claramente esse nome no letreiro de outro que dizia “North Avenue”. A ilusão foi tão viva que apenas podia crer no engano de seus olhos. Mas o que realmente ocorreria fora a leitura estar mais ou menos preformada naquele sentido. E quantos de nós tem sido vítimas de ilusões semelhantes? A justiça está cheia de casos de testemunhas de boa fé, mas vítimas semelhantes erros de percepção.

Não nos pretendemos aprofundar no estudo dos erros de percepção, pois eles aqui representam a simples passagem de um título; mas também não podemos deixar de apresentar uma vista panorâmica do assunto, que contribuirá decisivamente para explicar muitos dos fatores que podem levar um juiz a produzir má atuação independente de sua fé e do desejo de acertar em todas as suas decisões.

William James, estudando o processo fisiológico na percepção, apresenta a seguinte lei geral: “enquanto uma parte que percebemos nos chega procedente dos objetos, por meio de nossos sentidos, outra parte (que pode ser maior) sai sempre de nosso próprio cérebro”.

Não são, portanto, os nossos sentidos que nos enganam; as ilusões são produzidas pela associação de fatos posteriores ao objeto da sensação e que levam, pela participação de nossa consciência, a uma falsa percepção, a uma interpretação errônea da sensação, se assim podemos dizer.

Um juiz de football, por exemplo, poderá errar, e o faz com frequência, movido pelo desejo consciente de acertar; ele tem a consciência de que determinada intervenção ou certa situação é defesa pelas regras, e em intervenções ou situações que não são aquelas, mas outras diversas embora algumas vezes aproximadas, ele associa, ao objeto da sensação a ideia da falta e a assinala sem que a mesma se tenha realmente verificado. Um juiz de volleyball poderá apontar “mão na rêde” ou “invasão” sem que tais faltas tenham sido cometidas, simplesmente porque viu a rede tremer ou porque o ângulo em que se encontrava naquele momento lhe deu uma falsa percepção especial; o seu cérebro se encarregou de associar ao objeto da sensação qualidades que este não apresentava. Um juiz de polo aquático pode acusar um “foul” inexistente por ter associado ao fato de um jogador esforçar-se por sair do lugar, sem se deslocar (truque comum) a ideia de que esteja ele seguro pelo adversário, fato punido pelas regras. As ilusões, portanto, não provêm de sensações falsas ou erradas, mas de juízos falsos ou interpretações errôneas de sensações, como podemos verificar.



14/11/1953

O JUIZ-ÊSSE COITADO

3 – Os erros testemunhais

O próprio testemunho está sujeito aos êrros de percepção e não, raro duas ou mais pessoas que, presenciaram determinado fato o reproduzem de forma diversa, quando não antagônica. E não pequeno tem sido o número de experiências realizadas nesse sentido.

Henri Wallon (Princípios de Psicologia Aplicada) escreve: “O testemunho do simples espectador, embora pareça orientado somente pelo conhecimento, é também uma reação pessoal, que participa, como as outras, das suas disposições, das suas experiências, da vida, que lhes seguem o movimento e para êle contribuem. A pretendida neutralidade de uma testemunha é coisa impossível, ela toma um partido, quanto mais não seja, ao menos pelo esforço em apreender e explicar-se o acontecimento”

Lembramo-nos de tal fato porque, no Rio de Janeiro, foram, faz algum tempo, instituídos os observadores oficiais nos Jogos de football, cuja função era a de fiscalizar a atuação dos juízes, os quais, de acôrdo com a sua opinião, recebiam notas. Mas êsse testemunho também era suscetível de sofrer fortes influências, quer no próprio indivíduo, quer no ambiente que o cercava, suprimindo, automaticamente, as lacunas das suas impressões com a experiência e crenças comuns que lhe pudessem ter modelado os hábitos mentais. Essa alteração do testemunho pode verificar-se por influências diversas, principalmente quando a testemunha é inquirida. “A pretendida neutralidade de uma testemunha é coisa impossível”, diz Henri Wallon e aqui o repetimos.

A quantidade de erros de uma testemunha aumenta com os detalhes da narração, enquanto o narrador os multiplica para dar impressão de veracidade como garantia da verdade. Quando uma pergunta é formulada, ela se torna mais presente do que o próprio fato e a testemunha reage à pergunta e não à lembrança do fato. Possuímos no Rio de Janeiro, relativamente ao football, um Tribunal de Penas, hoje substituído pelo Tribunal de Justiça Desportiva, com idênticas atribuições, que, tinha por incumbência julgar jogadores e juízes, aplicando-lhes as penalidades adequadas a cada caso. Com frequência esse Tribunal fazia comparecer o acusado e o submetia a interrogatório, assim como as testemunhas, do fato que houvesse dado causa a indicação. É notória a influencia que se pode exercer sobre uma testemunha pelo tom ou pela maneira com que se fazem as perguntas, muitas das quais se poderão insinuar respostas convenientes. A importância da pessoa que interroga, a sua superioridade hierárquica, o seu poder de sugestão, a ênfase emprestadas as palavras, a ges.

O interlocutor hábil poderá conduzir um depoimento de acordo com suas conveniências, levar a testemunha a contradições, anulá-la ou comprometê-la. Muitos juízes de football, quando chamados a comparecer perante o Tribunal de Penas que

acima referimos, caíram em contradições ao descrever fatos sobre cuja existência estavam absolutamente seguros.

A função do juiz desportivo, assim como a de qualquer outro julgador, não é tarefa fácil, principalmente a do juiz de football, que tem contra si grande número de fatores, um jogo formidável de interesses e opiniões apaixonada e partidária da torcida de cada clube. É comuníssimo o fato de um juiz não agradar a ambos os contendores de um jogo e cada qual se sentir mais prejudicado, mais espoliado em direitos que julga líquidos e insofismáveis. A crônica desportiva geralmente não aponta os fatos em que o juiz acertou, que são em grande número mas aqueles em que ele possa ter errado, e que representavam evidente minoria. Basta que o juiz incida em um ou dois erros para que comprometa toda a sua atuação por melhor que esta se tenha conduzido. Ser juiz de football ainda é uma das profissões mais ingratas, no Brasil pelo menos.



15/11/1953

O JUIZ-ÊSSE COITADO

4 – A influência dos fatores subjetivos

Há grande número de fatores subjetivos que poderão influir de modo poderoso no julgamento dos juízes, notadamente, quando se trata de desportos coletivos. Apresentaremos algumas considerações sôbre os fatôres que nos parecem mais decisivos. Dentre êles a “torcida”, à qual já consagramos artigos especiais, se nos afigura o mais importante. Quando se verifica notável superioridade da “torcida” de uma equipe sobre a de outra, quer em número, quer em manifestações, o juiz, ainda que conscientemente não o deseje, é influenciado, porque existe no homem o temor à multidão, à ira popular. E o juiz, subconscientemente, evita desgostar, com as suas decisões, a multidão que o aplaude ou o apupa. Ele se sente amparado, garantido por essa multidão ou por ela amedrontado, e procura compensá-la nos seus desejos. Em alguns desportos como no volleyball e no polo aquático, em que o juiz tem lugar fixo para a direção do Jogo, é comum vermos as “torcidas” mais experientes se aglomerarem junto ao referido local para influenciarem melhor o juiz, já apontando faltas inexistentes da torcida adversária, já discordando quando são assinaladas as faltas na equipe de sua predileção.

Muitas vêzes, quando o juiz marca certa falta e a sua decisão provoca grande reação, procura ele compensá-la na primeira oportunidade, a fim de que se estabeleça um certo equilíbrio e não venha tal decisão influir notadamente no desfecho da pugna. Assim, se no football o juiz anula um “goal” por off-side ou marca um penalty, e êsse gesto desperta grande reação, êle procurará primeira oportunidade, muitas vezes forçando-a, para agir igualmente com a outra equipe. Em alguns casos, o juiz tem consciência de que errou, mas não deseja modificar a sua decisão para não abalar o seu prestígio; ai é evidente que não tardará uma compensação do erro. No volleyball por exemplo, poderá assinalar mão na rêde a invasão e imediatamente se perceber de que errou; e tal êrro, é quase certo, será compensado na primeira oportunidade. Ele ficará então, intimamente satisfeito de ter compensado o seu êrro. No polo-aquático, a expulsão de um dos jogadores é desastrosa para a sua equipe, pois o adversário terá sempre um nadador desmarcado: uma influência poderosa se exerce sôbre o espírito do juiz imparcial no sentido de que as equipes voltam a atuar com número igual de participantes e êle fará o possível para que tal situação se restabeleça.

A simpatia ou a antipatia por um Jogador ou por uma equipe, poderá levar o juiz a certa benevolência no primeiro caso ou a demasiado rigor no segundo, com aquêle ou com este, sem que tenha consciência de estar cometendo alguma injustiça. Nos jogos internacionais quando o juiz é da mesma nacionalidade de uma das equipes ele “torce” subconscientemente para a vitória dessa equipe sem que, no entanto, deseje cometer alguma injustiça ou comprometer a sua atuação com visível partidatismo. Seu desejo consciente é ser justo, mas diversos fatores subconscientes contribuem para que ele favoreça os seus compatriotas. Quando se verifica notável superioridade dos

componentes da equipe adversária àquela por que o juiz sem querer torce, é lógico que essa benevolência não altera o desfecho da partida.

Os recalques de que o juiz seja portador, que tenham por origem um clube ou um jogador, podem levá-lo a uma vingança subconsciente, e uma satisfação íntima de punir, de castigar um ou outro, embora pretenda mostrar-se superior e ser justo. Ele pensa estar sendo justo, mas tal fator está contribuindo para agravar os seus erros de percepção. Esses recalques podem ter as mais diversas origens e, muitas vezes, para não fazer afirmação ainda mais categórica, o indivíduo deles não tem plena consciência.

As reclamações dos jogadores também têm os seus efeitos sobre o juiz, dependendo da maneira porque são feitas. Quando ostensivas e realizadas em termos inconvenientes poderão irritá-lo e ser producentes, mas quando levadas a efeito em termos cortezmente, com habilidade, os seus resultados são sempre favoráveis. No volleyball, principalmente, as reclamações sobre bolas conduzidas, bolas presas, invasões, etc., impressionam o árbitro e o levam a assinalar faltas algumas vezes inexistentes, pois o seu espírito foi preparado para associar fatos posteriores ao objeto da sensação, levando-o a erros de percepção. No football e no basketball, situações semelhantes se podem verificar. Os capitães das equipes deverão ser instruídos pelos técnicos desportivos no sentido de conduzirem com habilidade as suas reclamações ao juiz, evitando todo custo irritá-lo.

A irritação do árbitro, seja motivada pela torcida, seja pela conduta dos jogadores, quer pelas reclamações inadequadas, quer por outros motivos, contribui poderosamente para o aumento de erros de percepção, que prejudicam em maior escala a equipe que se tornou responsável por êsse estado emocional. A irritação diminui a sua faculdade de raciocínio, a sua capacidade de discernimento, e o leva a uma situação em que despreza as consequências de certos atos seus “fica por tudo”, como se costuma dizer, pois, o indivíduo irritado está próximo de perder o controle de seus atos.

A fadiga, finalmente, é outro importante fator que contribui para a má atuação do árbitro desportivo. Se tivermos a curiosidade de observar com atenção, verificaremos que os juízes erram muito mais na parte final da partida do que no seu início. Os erros de percepção se tornam em maior número porque diversos fatores surgidos durante o desenrolar do próprio jogo passaram a influenciar os seus juízos. A fadiga dos centros nervosos diminui a sua acuidade sensorial e o seu tempo de reação se torna bem maior. Os apitos se verificam com algum retardamento sobre os fatos que os determinaram, a atenção já não se distribui satisfatoriamente, ele perde o controle da situação em muitos momentos e não pode acompanhara sucessão de certos lances mais rápidos.

Além dos fatores acima apontados, outros existem que também podem influir no julgamento dos juízes desportivos, como certos problemas, mas de natureza íntima e outros ligados a sua vida doméstica. Há dias em que estamos bem-humorados e outros em que nos mostramos de um mau humor insuportável. É lógico que tais estados venham a influir de algum modo na conduta do árbitro do mesmo modo que influem no espírito de um professor que corrige as provas de seus alunos; ele será benevolente ou rigoroso conforme as condições de seu espírito naquele momento. Há que considerar ainda o grande número de casos em que o árbitro se dirige ao campo com o espírito

prevenido contra tal ou qual situação, contra êste ou aquêle jogador, temeroso de um ou outro acontecimento.

Vemos, assim que, dificilmente, a atuação de um juiz desportivo, nos desportos coletivos poderá satisfazer na íntegra a ambas as equipes, aos dois grupos de torcida e aos interesses de uns e outros.



18/11/1953

O JUIZ-ÊSSE COITADO

5 – Qualidades para ser bom juiz

O bom julgamento de um árbitro desportivo não depende apenas das qualidades que possa apresentar, mas, como vimos também das condições em que atua. O indivíduo poderá ser um juiz bom ou mesmo excelente num domingo e revelar-se mau ou mesmo péssimo no domingo subsequente. Ainda quando reúna todas as qualidades requeridas ele poderá ter um mau desempenho.

Vamos apontar aqui algumas dessas qualidades, as que nos parecem essenciais, a um bom juiz.

BOM ESTADO FÍSICO

Evidentemente, um indivíduo doente não poderá ter bom desempenho como árbitro desportivo. Ele necessita não apenas estar no gôzo de sua saúde completa, mas ainda apresentar-se em bom estado físico, em situação de poder locomover-se com facilidade no campo, no caso do football e do basketball, a fim de acompanhar os diversos lances do jogo. Para o volleyball e o polo-aquático, assim como para os desportos individuais, esta exigência é menos rigorosa.

VISÃO ÓTIMA

Esta condição é básica. Quer se trate de desporto individual, quer coletivo. Uma visão defeituosa prejudicará a sensação o do objeto, podendo até omiti-la, e levará o juiz a maior número de erros de percepção ou omissões.

CONHECIMENTO DE REGRAS

O conhecimento pleno das regras é naturalmente uma das condições básicas para a boa atuação de juiz desportivo. Todas as suas intervenções deverão ter sido convenientemente estudadas de modo tal que não possa ter dúvida, qualquer que seja a situação criada. Poderíamos até ir mais além, afirmando que ele deverá conhecer o jogo em sim, se possível a sua própria técnica.

CONHECIMENTO DE TRUQUES USUAIS (Ilegível)

Em todos os desportos há sempre um grande número de truques de que o jogador poderá lançar mão para alcançar certo objetivo. O árbitro deverá estar familiarizado com aqueles habituais, mais comuns, a fim de evitar ser ludibriado. No boxe, as simulações de golpes baixos ou as pancadas com os cotovelos são frequentes; no polo aquático segurar o adversário com a pernas ou fingir que foi por ele mergulhado é fácil; no volleyball, a invasão no bloqueio para evitar que a bola caia do próprio lado não é [igual no] futebol a [vinculação]⁸ deter sido alcançado violentamente pelo

⁸ Trechos ilegíveis.

adversário ou e nele apoiar-se para cabecear ou de segurá-lo pela camisa ou calção na disputa da bola. São truques que ocorrem a todo momento; no basketball apoiar-se no adversário para saltar ou segurá-lo quando ele o faz, dar-lhe cotoveladas, são fatos que o juiz poderá não perceber se não estiver alertado. Na [palavra ilegível] o número de truques é imenso. A esses há e acrescentar o truque bastante comum de ofender por palavras o adversário até leva-lo à agressão que parecerá aos olhos de todos como injustificada, bárbara [trecho ilegível] como consequência a inevitável expulsão do campo do agressor, fato com que se beneficiará a equipe contrária.

FIRMEZA DAS DECISÕES

Ainda mesmo quando tenha errado o juiz não se deverá mostrar indeciso. A firmeza com que apite, a resolução com que aponte as faltas que pune, o tom em que advirta os jogadores faltosos, a decisão com que assinala faltas técnicas, prestigia a sua autoridade e concorrem para que se torne respeitado. Um árbitro indeciso poderá contribuir para desfecho desastroso de uma partida de football, basketball ou polo-aquático, porque não inspira confiança.

AUTO-CONTROLE

O Juiz precisa de um grande domínio de si mesmo, evitar a todo custo exaltar-se, mostra-se sereno nas situações mais difíceis, não perder a linha, porque se o fizer perderá a sua autoridade que está baseada na força moral e não na força física. Com a força moral ele conseguira controlar os 22 jogadores em campo, mas com a força física não poderá conter nem um sequer. O árbitro que troque ofensas, por palavras ou gestos, com jogadores despe-se da sua autoridade, perde sua autoridade e ele se nivela, não podendo conseqüentemente, ser respeitado. Os juizes de quase todos os desportos estão investidos de grande autoridade, de grande poder, sem abusar, é claro. A entonação da voz, que deverá ser firme, mas não agressiva, e os gestos exuberantes que acompanham as palavras, encenação quase sempre desnecessárias são com frequências responsáveis pelo estabelecimento de uma tensão forte ou mal-estar entre o juiz e jogadores, com a participação inevitável da torcida.

ISENÇÃO DE ANIMO

Este estado de espírito é fundamental para o bom desempenho, ele pode tomar, conscientemente, o partido dessa ou daquela equipe, por este ou aquele motivo, terá ele que ser rigorosamente imparcial e evitar, tanto quanto possível, deixar influenciar-se de uma ou de outra forma, por certa pessoa ou determinado grupo.

CONHECIMENTOS PSICOLÓGICOS

O árbitro desportivo deverá possuir conhecimentos sobre a conduta do indivíduo isolado e em grupos, homogêneo ou heterogêneo. Compreendendo as atitudes dos jogadores e da torcida, sendo capaz de reconhecer as causas que determinam certas reações, poderá ele evitar muitos dissabores. Nos jogos de grande responsabilidade, como aqueles em que se decide um campeonato, o estado emocional dos participantes nunca poderá ser comparado ao apresentado numa disputa sem maior expressão. Cabe

ao juiz exercer a sua autoridade com o espírito sereno, contribuindo com as suas decisões para aliviar a tensão existente e nunca para agravá-la.

EXPERIÊNCIA

A experiência é adquirida com o desempenho contínuo da função. Muitas situações já resolvidas anteriormente se repetem a cada nova situação enriquece o indivíduo, possibilitando-lhe no futuro conduta melhor. A experiência adquirida na solução de velhos problemas, permiti-lhes a solução de novos, de modo satisfatório, pela possibilidade de mobilizar os seis recursos prontamente para atender a nova situação. Quanto maior o número de vezes tiver atuado um juiz, maiores possibilidades apresentar de ter bom desempenho, desde que possua, naturalmente, as qualidades imprescindíveis que apontamos.

Conseqüentemente, vemos que o juiz desportivo de football, basketball ou polo-aquático deverá ter desempenho excepcional para que possa agradar a todos. As qualidades dele requeridas não podem ser apresentadas por qualquer indivíduo. Impõe-se preliminarmente rigorosa seleção e posteriormente criteriosa formação; a esta deverá seguir-se um período mais ou menos longo de adaptação, com o objetivo de enriquecer o indivíduo de experiências.

Mas a boa atuação do árbitro desportivo não é função apenas das suas qualidades e do estado psíquico em que a desempenha; ela depende em muito maior escala da educação desportiva dos jogadores, dos dirigentes das equipes e entidades e, finalmente, da educação da torcida. O de que precisamos, portanto, é iniciar uma grande campanha de educação desportiva, que, partindo dos diretores de clubes, se estenda aos seus atletas, aos associados, e, por fim, aos aficionados. Essa é a colaboração indispensável para termos bons juizes.



20/11/ 1953

A SITUAÇÃO ATUAL DOS DESPORTOS NO BRASIL

Bases de sua organização

Os desportos no Brasil foram oficializados, pelo decreto-lei nº 3,199 de 14-4-941, que estabeleceu as bases de sua organização e instituiu o Conselho Nacional de Desportos, destinado a orientar, fiscalizar e incentivar a prática dos desportos em todo o país. (art 1º). Os artigos 12, 13, 14, 18, 19, 24 e 27 são fundamentais para a organização dos desportos nacionais.

Art. 12 – As confederações imediatamente colocadas sob a alta superintendência do Conselho Nacional de Desportos são as entidades máximas de direção dos desportos nacionais.

Art. 13 – As confederações serão especializadas ou ecléticas conforme tenham a seu cargo um só ramo desportivo ou um grupo de ramos desportivos reunidos por conveniência de ordem técnica ou financeira.

Art.14 – Não poderá organizar-se uma confederação, especializada ou eclética, sem que concorram pelo menos três federações que tratem do desporto ou de cada um dos desportos que ela pretende dirigir nem entrará a funcionar sem que haja obtido a correspondente filiação internacional.

Art.18 – As federações filiadas às confederações, são os órgãos de direção dos desportos, em cada uma das unidades territoriais do país (Distrito Federal, Estados, Territórios).

Art.19 – Poderão as federações ser especializadas ou ecléticas, segundo tratem de um só ou dois ou mais desportos.

Art.24 – As associações desportivas, entidades básicas da organização nacional dos desporto, constituem os centros em que os desportos são ensinados e praticados. As ligas desportivas que têm caráter facultativo são entidades de direção dos desportos, na órbita municipal.

Parágrafo único - As ligas, bem como as associações desportivas, poderão ser especializadas ou ecléticas.

Art.25 – As associações desportivas, no Distrito Federal e nas capitais dos Estados e dos Territórios. Filiar-se-ão diretamente à respectiva federação: nos demais municípios, duas ou mais associações desportiva poderão filiar-se a uma liga que, que se vinculará à federação correspondente.

Parágrafo único - As federações não poderão conceder dentro de um mesmo município, filiação a mais de uma liga para o mesmo desporto.

Art.27 – Nenhuma entidade desportiva nacional poderá sem previa autorização do Conselho Nacional de Desportos participar de qualquer competição internacional.

A) A CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS

A Confederação Brasileira de Desportos (CBD) é a entidade mais antiga no gênero, possuindo diferentes filiações internacionais que a vinculam a várias federações

internacionais. Os principais desportos são controlados por essa entidade, conforme estabelece o parágrafo único do art. 15 do decreto-lei nº 3.199: football, tennis, atletismo, remo, natação, saltos, polo-aquático, volleyball e hand-ball; recentemente a C.B.D, obteve ainda o reconhecimento da filiação internacional do halterofilismo.

B) AS CONFEDERAÇÕES ESPECIALIZADAS

O art. 15 do decreto-lei nº 3.199 reconheceu e oficializou a existência das seguintes confederações especializadas:

Confederação Brasileira de Basketball (CBD);
Confederação Brasileira Pugilismo (CBP);
Confederação Brasileira de Vela e Motor (CBVM);
Confederação Brasileira de Esgrima (CBE);
Confederação Brasileira de Xadrez (CBX);
Posteriormente, foram criadas mais as seguintes:
Confederação Brasileira de Hipismo;
Confederação Brasileira de Tiro e Caça.

C) - A CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS UNIVERSITÁRIOS.

A C.B.D.U. foi Instituída pelo Decreto- lei nº 3.617, de 15-9-941, que oficializou os desportos universitários, estando vinculado ao decreto-lei nº 3.199 pelo art. 11, que os relaciona ao C. N. D. Neste ano, já se processou a filiação da C.B.D.U. a F.I.S.U.

D) - FILIAÇÕES INTERNACIONAIS.

Os desportos internacionais estão organizados por federações em cada desporto, às quais cada país se vai filiando. Somente os filiados podem participar dos torneios Internacionais, congressos desportivos, etc., sendo vedado o seu contato com entidades não filiadas.

A CBD detém as filiações Internacionais dos seguintes desportos:

ATLETISMO – Internacional Amateur Athletic Federation.

Confederation Sudamericana de Atletismo.

BOCHAS - Confederacion Sudamericana de Bochas.

CICLISMO - Unio Cycliste Internationais.

Confederacion Americana de Ciclismo.

FOOTBALL – Federation Internationale de Football Association.

Confederación Sudamericana de Football.

Confederación Pan-americana de Football.

GINÁSTICA - Federation Internationale de Gymnastique.

HALTEROFILISMO - Federation Internationale Halterophill et Culturiste.

NATAÇÃO, SALTOS E WATER-POLO – Federation Internationale de Natation Amateur.

Confederação Sul-Americana de Natação.

Amateur Swmning Union of the Américas

REMO - Federation Internationale des Sociétés d' Aviron.
Confederação Sul-Americana de Remo.
TENNIS - Federation Internationale de Lawn Tennis.
Federacion Sudamericana de Tennis de Mesa.
TENNIS DE MESA – Internacional Table Tennis Federation.
Confederacion Sudamericana de Tennis de Mesa.
VOLLEYBALL – Federation Internationale de Volleyball.
PENTLATO MODERNO - Union Internationale du Pentathlon Moderne.

As nossas confederações, especializadas estão vinculadas por esta forma:

AUTOMOBILISMO – Federation Internationale de la Automobile.
PUGILISMO – Association Internationale de Box Amateur.
BASKETBALL – Federation Internationale de Basketball Amateur.
TIRO E CAÇA – Federation Internationale de Tir aux Armes de Chasse.
HIPISMO – Federation Equestre Internacional.
VELA E MOTOR – International Yachting Racing Union.
XADREZ – Federation International de Echcs.



21/11/1953

**POR QUE FORAM OS CAPOEIRAS DERROTADOS NAS
LUTAS DO RINQUE?
A CAPOEIRAGEM É “ARMA DE FUGA” E NÃO
“ARMA DE LUTA”**

1 – Primeiras notícias sobre o aparecimento da capoeiragem no Brasil

Os atuais capoeiras colocaram em “xeque” o prestígio de sua arte porque desvirtuaram completamente as suas finalidades, pretendendo transforma-la de “instrumento de fuga” em “instrumento de luta”. A capoeiragem surgiu não como o boxe, a luta greco-romana, o judô ou a luta olímpica, isto é, como forma de luta desportiva em que, dentro de certas regras, um dos praticantes devesse subjugar o outro. Não, a capoeiragem nunca foi isso, os moços de nossos dias que se intitulam capoeiras, estão comprometendo as gloriosas tradições de um dos mais ricos elementos de nosso folclore. A capoeiragem sempre foi uma “arma de fuga” e nunca uma “arma de luta”. Desde os primórdios de seu aparecimento até o apogeu de seu domínio, tais características perduraram sempre, mas agora estão sendo completamente deturpadas.

Parece não existir nenhuma dúvida de que a capoeiragem foi trazida para o Brasil pelos negros bantos, procedentes principalmente de Angola. Edison Carneiro, em “Religiões Negras”, afirma que “o folclore regional está fortemente impregnado de elementos bantos- cucumbís, o samba, a capoeira, o batuque, os ranchos de boi”.

Os negros bantos chegaram ao Brasil em número considerável, procedentes em sua maior parte, de Angola, do Congo, de Benguela de Cabina, de Mossamedes, na África Ocidental, e de Moçambique e da Quelimânin a Contra-Costa. Não existia um plano a seguir para a distribuição dos negros, trazidos como escravos destinados à lavoura, ao trabalho nas minas, aos encargos domésticos dos senhores brancos e Recife Salvador e Rio de Janeiro foram os três maiores centros de importações da mercadoria negra. Maranhão, também constituiu zona de destino de muitas levas de africanos, que, posteriormente, se estenderam ao Pará. São Paulo e Minas receberam o seu influxo negro por intermédio do Rio de Janeiro. Nem todos os negros destinados Brasil eram bantos; entre eles havia negros gêges, negros nagôs, negros haussas, que se confundiam com os bantos, no porto de origem e aqui chegavam como tal. Esta a razão porque ainda encontramos até hoje espalhados pelo Brasil, resquícios de religiões gêge-nagôs e malês, no caso de religiões sul-africanas em simbiose com o catolicismo e, principalmente o espiritismo.

Foi do Angola, que se originou, o capoeira. Diz Manoel Querino: “O Angola deu o tipo de capadôcio engraçado, o introdutor da capoeira”. E depois: “O Angola era, em geral, pernóstico excessivamente loquaz, de gestos amaneirados, tido completo, acabado, do capadôcio e o introdutor da capoeiragem na Bahia”. (“Costumes Africanos no Brasil”).

No século XVII, quando se verificaram as invasões holandesas, aproveitando-se da confusão que se estabelecera, milhares de escravos começaram a fugir de seus senhores, agrupando-se, nas faldas da serra da Barriga. No estado de Alagoas, em pouco tempo o número de fugitivos, sem sua maior parte negros engolar, para os quais o cativeiro se mostrava mais penoso pela índole que possuíam refrataria ao trabalho atingia 20.000; constituíram então uma república conhecida pelo nome de Quilombo ou Palmares. Zumbi, dentre todos o mais forte, valente e ágil, foi escolhido como chefe dessa república. Os negros faziam incursões às fazendas e povoados próximos, onde cometiam grandes depredações, vingado-se não raros das afrontas e maus tratos sofridos de seus antigos senhores. Como o perigo crescesse, o governador geral Francisco Barreto de Menezes mandou uma expedição para exterminá-los. Embora com armas primitivas, quase todas improvisadas, os negros derrotaram sucessivamente 24 expedições chefiadas pelos célebres Capitães do Mato. Em 1687, sendo governador Matias da Cunha, o sertanejo estacionado no sertão da Bahia ofereceu os seus serviços ao governo para exterminar os Palmares, exigindo, como prêmio, as terras conquistadas e os escravos que aprisionasse. Aceita a proposta pelo governo, a 3 de março de 1687, foi assinado o respectivo contrato. Domingos Jorge Velho, comandando 7.000 homens bem armados e equipados, dirigiu-se a serra da Barriga, onde iniciou os primeiros combates com os negros. Os soldados tinham recebido ordem de capturar os negros vivos, mas isso era quase impossível.

O escravo se mostrava evidentemente superior na luta, pela agilidade, coragem, sangue frio e astúcia aprendidas ali afrontando os bichos, as feras mais perigosas, lutando mesmo com elas, saltando vaiados, trepando em árvores as mais altas e desganhadas, para se acomodar nas suas frondes, pulando de umas às outras, como macacos onde as nuvens batiam. E tiravam partido disso, tornando-se assim extraordinariamente ágeis, e muito comumente um homem desarmava uma escolta, punha-a em desordem fazendo-a fugir.

A causa dessa superioridade, que, na luta corpo a corpo mostrava o refugiado na capoeira, explicavam os da escolta, que diziam saber e aplicar o foragido um jôgo estranho de braços, pernas, cabeça e tronco, com tal agilidade e tanta violência, capazes de lhe dar uma superioridade estupenda.

Espalhou-se, então a fama do “jôgo do capoeira”, que ficou sendo a “capoeiragem”. (A Burlamaqui - “Ginástica Nacional” - (Capoeiragem) – (“Metodizada e Regrada”).



22/11/1953

POR QUE FORAM OS CAPOEIRAS DERROTADOS NAS LUTAS DO RINQUE?

A CAPOEIRAGEM É “ARMA DE FUGA” E NÃO “ARMA DE LUTA”

2 – A capoeiragem no Brasil Colonial e no Império

Os negros resistiram pelo espaço de 10 anos isto é, até 1697, quando logrou Domingos Jorge Velho exterminar os Palmares. Conseguiu conquistar as terras, mas aprisionou um número muito reduzido de escravos que não compensou as grandes baixas sofridas em suas fileiras. Muitos negros preferiram o suicídio a voltar à escravidão antiga e, entre eles, segundo o historiador Fernandes Pinheiro Zumbi, o valente chefe negro, que se despenhou do alto do rochedo. Outros historiadores classificam essa versão da morte de Zumbi de lenda, asseverando que o chefe da República dos Palmares foi atraído por um valido que o matou, cortando-lhe depois a cabeça

Com a extinção dos palmares, a capoeiragem veio das capoeiras, já agora nitidamente como recurso de ataque e defesa, para as fazendas, os povoados e as cidades. Os mais destros foram nela se exercitando, recebendo ensinamentos daqueles que a tinham visto e praticado. Santo Pôrto nos diz que “o cria de casa não perdia ocasião de ensinar ao sinhô moço como se dava uma rasteira ou se fugia com o corpo”.

O Século XIX assinalou o apogeu da capoeiragem no Brasil; as forças políticas muito contribuíram para a proliferação dos capoeiras e para o desvirtuamento da capoeiragem, principalmente após a República, quando surgiram os interesses eleitorais.

Segundo nos conta Viriato Correia (“Casa de Belchior”), um dos períodos mais ruidosos da capoeiragem no Rio de Janeiro, foi o da transmigração da corte portuguesa. Mais de quinze mil pessoas de todos os matizes invadiram inesperadamente a cidade e com arrogância, repudiaram os direitos daqueles que habitavam, tomando-lhes as casas, os escravos, os móveis, tudo enfim. E a população nada podia fazer contra a horda de assaltantes. Os capoeiras se encarregaram então da vingança: a noite, escoltavam nas esquinas os importantes transeuntes e, após surrá-los, carregavam-lhe tudo que tivessem nos bolsos. Conforme escreve Luiz Marrocos nem o próprio Chefe de Polícia escapou, pois “recebeu por grande favor duas tremendíssimas bofetadas por cair no erro de trazer pouco dinheiro” - (“Dom João VI no Brasil”, de Oliveira Lima).

A 10 de maio de 1808. Paulo Fernandes Viana é nomeado por D. João VI para dirigir a intendência de polícia civil, criada nesta data. Mas os capoeiras não respeitaram a polícia civil e a 13 de maio do ano seguinte era criada a Polícia Militar, sob o Comando do Coronel de Linha José Maria Rabello: compunha-se a milícia de três companhias de infantaria e uma de cavalaria. Como auxiliar do comandante e fiscal da milícia foi designado o Major Miguel Nunes Vidigal, mais tarde um dos principais

personagens do romance “Memórias de um sargento de Milícias”, de Manoel Antônio de Almeida. Coube ao Major Vidigal desfechar a primeira ofensiva contra a capoeiragem no Rio de Janeiro e, para tanto, não usou outra arma que não fôsse o chicote. Adestrou seus homens no manejo deste e tornou-se o terror de todos os capoeiras, pois não perdoava nem admitia pedidos ou interferência nas prisões que efetuava; o próprio regente dava-lhe todo o apoio e o aplaudia.

Oliveira Lima assim se refere à atuação do Major Vidigal: “Era Coronel do corpo de Polícia José Maria Rabelo e Major, o famoso Vidigal, vivo ainda na recordação fluminense, munido de chibata com que surrava sem escrúpulos os capoeiras que entraram a infestar e amotinar com as suas maltas a pacata cidade, associados aos embarcações ébrios da crescente navegação estrangeira. A tradição pinta o Major aparecendo inesperadamente nos batuques, empolgando os vagabundos que, depois de castigados, eram levados a assentar praça e rastejando admiravelmente os criminosos”. (Ob.cit).

Mas, por estranho que pareça, o Major Vidigal fez de uma feita aliança com os capoeiras. Tal ocorrência verificou-se pouco depois de D. Pedro I ter subido ao trono: tivera ele a exótica ideia de contratar batalhões de mercenários alemães e irlandeses. A 9 de julho de 1828, o Segundo Batalhão de Granadeiros alemães revoltou-se, protestando contra o espancamento de um de seus soldados, D. Pedro I prometeu atendê-los no prazo de oito dias, mas no dia seguinte o batalhão de irlandeses insubordinou-se e pouco depois o dos granadeiros alemães. E os mercenários iniciaram o saque da cidade. A população teve de correr para a rua, a fim de defender a sua propriedade. Vidigal congrega os capoeiras e os comanda no ataque à soldadesca desenfreada; consegue assim que os soldados retornem ao quartel onde tinham refúgio certo e poderiam ficar resguardados das cabeçadas, taponas, pontapés, rabos de arraia e navalhadas.

Em oposição ao rigor exigente em 1821, quando a carta de 31 de outubro estabelecia castigos corporais e outras medidas de repressão à capoeiragem, o ano de 1831, assinala o recrudescimento do então terrível mal. A 6 de abril desse ano, inicia-se a revolução que obrigaria D. Pedro I a abdicar. A capoeiragem, sem cores políticas, no dia seguinte à abdicação, domina a cidade.

Durante o período da Regência, absorvido como estava o governo na sufocação das revoltas, não teve Feijó tempo de cogitar de repressão à capoeiragem.

E durante o longo reinado de Pedro II a capoeiragem campeou com inteira liberdade, não só entre os elementos da plebe, como entre muitas figuras de destaque.

Por ocasião da Guerra do Paraguai, muitos capoeiras foram enviados para frente de batalha e lá se fizeram heróis, portadores que eram de grande sangue frio, audácia e coragem, tendo-se em conta que as condições de guerra de então exigiam muitos combates corpo a corpo. As companhias de Zuavos Baianos, no assalto ao forte de Curuzu destacaram-se nos combates corpo a corpo, debandando os paraguaios, e até plantando o pavilhão nacional. Dentre os nomes que, ficaram guardados pela história, destacam-se os de: Cesário Álvaro da Costa, cabo de esquadra do 7º Batalhão de Caçadores do Exército, que enfrentou simultaneamente dois paraguaios em combate corpo a corpo, conseguindo dominá-los e, por este e outros feitos notáveis, foi

condecorado com o hábito da Ordem do Cruzeiro pelo Marechal Conde d'Eu, logrando ser promovido até posto de capitão, quando faleceu na Cidade de Bagé Antonio Francisco de Melo, natural de Pernambuco, primeiro cadete-sargento ajudante do 9º Batalhão de Caçadores do Exército, que integrava o contingente de bordo da corveta Parnaíba, na memorável Batalha do Riachuelo, quando foi distinguido por dois atos de bravura, sendo promovido a alferes e condecorado. Desses dois notáveis capoeiras, diz-se, entre outras coisas, que este último era o único oficial capaz de conter a soldadesca desenfreada nos dias de pagamento do soldo.

No ocaso do Império os capoeiras tiveram papel saliente nas desordens que se verificavam no Rio de Janeiro, foram notavelmente explorados pelos interesses políticos da campanha republicana.



26/11/1953

POR QUE FORAM OS CAPOEIRAS DERROTADOS NAS LUTAS DO RINQUE?

A CAPOEIRAGEM É “ARMA DE FUGA” E NÃO “ARMA DE LUTA”

3 – A capoeiragem no início da República

Proclamada a República, inicia-se numa nova fase de perseguição à capoeiragem. O decreto n. 487, de 11-10-890, - Código Penal Brasileiro – dedicava o capítulo XIII aos “vadios e capoeiras”.

Os artigos, 402 a 404 merecem especial destaque:

“Art. 402 – Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal, conhecido, pela denominação de capoeiragem; andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal:

Pena – De prisão celular de dois a seis meses.

Parágrafo único – É considerada circunstância agravante pertencer o capoeira a algum bando ou malta. Aos chefes ou cabeças se imporá a pena em dobro.

Art. 403 – No caso de reincidência será aplicado ao capoeira, no grau máximo, a pena do art.400.

Parágrafo único – Se fôr estrangeiro, será deportado depois de cumprida a pena.

Art. 404 - Se nesses exercícios de capoeiragem perpetrar homicídio, praticar lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, e perturbar a ordem, a tranquilidade, e a segurança pública ou fôr encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas combinadas para tais crimes”.

Organizado o Ministério, o Marechal Deodoro mandou chamar Sampaio Ferraz, tribuno revolucionário que por várias vezes se dirigirá aos batalhões, e lhe entregou o importante cargo de chefe da Segurança Pública. A capoeiragem constituía então, no dizer de Assis Cinatra. “uma verdadeira potência, estranhamente indebelável”. “Nas campanhas eleitorais, nas festas e formaturas de batalhões, armavam luta feroz à navalha, ferindo-se, deformando-se, e por vezes, fazendo cair sem vida o adversário. Formavam grupos poderosos entre os quais se destacavam os Ganoas e os Guayamus. De rivalidades entre êles nasciam lutas sanguinolentas”. Deodoro desejava extinguir a capoeiragem no Rio de Janeiro e Sampaio Ferraz prontificou-se a levar a têrmo a incumbência desde que lhe dessem carta branca para agir, e, de modo algum, interferissem nas suas diligencias. “A capoeiragem só podia ser exterminada no dia em que o govêrno resolvesse nivelar os capoeiras e tratá-los da mesma maneira e da mesma maneira punir tanto o de pé rapado como os de gravata”.

A campanha se inicia feroz e os desordeiros presos pela polícia eram metidos no xadrez e a seguir sumariamente remetidos para a ilha de Fernando de Noronha, onde os

submetiam a trabalhos forçados. Rara era a família importante que não tivesse um parente preso. E, a gritaria começou pelos jornais pelas tribunas, nos círculos militares e políticos, no clero etc., contra a desumana campanha de Sampaio Ferraz, mas êste se mantinha inabalável e cada vez mais decidido. Conta-se que êle se fizera cercar de alguns bons capoeiras com os quais realizava a prisão dos outros, usando um stratagem que consistia, quando desconfiava de um tipo, em fazer com que um dos camaradas realizasse na frente do parceiro visado uma figuração; se este saltava peneirando ou caía em guarda, estava condenado. O reflexo de defesa que o capoeira tinha era tão forte que, dificilmente, o poderia dominar, sobretudo se fôsse tomado de surpresa.

O caso mais notável da campanha de Sampaio Ferraz foi, sem dúvida, a prisão e desterro de José Elísio dos Reis, filho dos condes de São Salvador de Matosinhos, importante capitalista e figura da alta roda carioca. Essa prisão provocou uma das mais sérias crises ministeriais dos primeiros dias da República. Juca Reis, como era conhecido o capoeira em apreço notabilizara-se pelas suas façanhas: “A cidade inteira o conhecia. Moço, rico, vivia em plena vagabundagem, nos cafés, nas pensões de mulheres, nas festas públicas, provocando desordens, salientando-se nas pugnas da cabeçada, do rabo de arraia, de rasteira e de navalhada”. Após cada barulho de maiores proporções, o rapaz era enviado por seu pai para Portugal, mas neste país tantas fez que o seu regresso foi determinado. O conde de Matosinhos, receoso da campanha de Sampaio Ferraz que, então, estava no auge, consultou-o sobre o que poderia ocorrer e foi por êste informado de que Juca Reis seria prêso logo que aqui desembarcasse. Temeroso de que tal ocorresse pediu a proteção de Quintino Bocayuva, Ministro das Relações Exteriores do Governo Provisório e seu particular amigo. Este empenhou a sua palavra de que nada aconteceria ao rapaz e, confiante, o conde de Matosinhos determinou o regresso do renomado capoeira. No dia 8 de abril de 1890, horas depois de desembarcar do navio “Messageries”, Juca Reis postou-se à porta da Confeitaria Pascoal, na Rua do Ouvidor. Por acaso, Sampaio Ferraz por ali passou e momentos depois José Elísio dos Reis se encontrava recolhido ao xadrez. O conde de Matosinhos correu à Chefatura de Polícia, não logrou, porém, passar da porta: pediu a interferência de Quintino e êste prometeu - lhe resolver o assunto. Mas a oposição firme que encontrou do Chefe de Polícia o abalou e ele correu a Deodoro, expondo-lhe a situação. O generalíssimo estava, no entanto, decidido a apoiar Sampaio Ferraz em quem encontrava inúmeras virtudes e cujo espírito de decisão o tornava admirado por todos. A própria condessa de Matosinhos foi implorar a Deodoro, com os olhos marejados de lágrimas, que soltassem o filho, recolhido a um presídio em companhia de criminosos vulgares. Deodoro prometeu atende-la e, no dia seguinte, mandou chamar Sampaio Ferraz a quem expôs todo o ocorrido: E o Chefe de Polícia redarguiu “Tudo está bem, general, mas permita-me ponderar a V. Ex., neste doloroso momento que igualmente sofri afunda mágoa de ver aos pés uma porção de outras mãos intercedendo por filhos estremecidos a quem resisti em nome dos sagrados interesses sociais e da dignidade da República. Eram humildes criaturas, pobres mulheres do povo, algumas talvez féis companheiras de bravos soldados do Exército Nacional e, entretanto, mães tão extremosas e dignas de compaixão quanto a venerável condessa de Matosinhos!” E

Deodoro, apertando as mãos de Sampaio Ferraz, exclamou comovido: “Tem razão: tem razão. Mande o homem!”. No dia 12 de abril estava todo o ministério reunido: Deodoro, Ruy, Benjamin, Campos Sales, Cesário Alvim, Wandenkolk, Glicério e Quintino. Após terem falado Glicério e Benjamin, Quintino pede a palavra e vai diretamente ao assunto: a prisão de Juca Reis julga que o Chefe de Polícia foi por demais rigorosos e demonstra que nenhum crime cometera o filho do conde de Matosinhos, preso unicamente pelos seus antecedentes. Deodoro esclarece que o Chefe de Polícia ficaria desprestigiado se por acaso, a prisão fosse relaxada. Os demais ministros intervêm propondo várias soluções conciliatórias, até que Quintino coloca as coisas neste pé: ou Juca Reis seria solto ou ele deixaria o gabinete, Ruy Barbosa pede a palavra e propõe um acordo, pois aquela alternativa era bastante prejudicial aos interesses da República. Os demais ministros também interferem e fazem um apelo a Quintino para que modifique a sua resolução. Por fim, fica assentado que, Glicério e Campos Sales tivessem um entendimento com Sampaio Ferraz e, por essa forma, resolvessem o assunto de maneira honrosa para as duas partes. Os dias, entretanto, decorreram e Juca Reis continuou preso até a próxima reunião ministerial, quando Quintino voltou a pedir a sua demissão em caráter irrevogável. Deodoro negou-se a assiná-la, e teceu comentários elogiando a atuação de seu Ministro das Relações Exteriores; Quintino agradece, mas retruca que aquele era um caso de honra. O Chefe do Governo delibera então adiar a solução do caso. E a um de maio de 1890 Juca Reis era deportado com outras capoeiras para Fernando de Noronha, a bordo do vapor Arlindo, onde permaneceu internado seis meses. E Quintino, instado por seus colegas de ministério, foi continuando na sua pasta. Mais tarde Juca Reis obteve permissão para embarcar com destino à Europa.

Sampaio Ferraz deportou grande número de capoeiras que existia no Rio de Janeiro, mas, como bem afirma Luiz Edmundo “deportou capoeiras, mas não extinguiu a capoeiragem”. Esta resistiu, fugindo para os morros, deixando as ruas da cidade, tornando-se mais civilizada.



02/12/1953

POR QUE FORAM OS CAPOEIRAS DERROTADOS NAS LUTAS DO RINQUE?

A CAPOEIRAGEM É “ARMA DE FUGA” E NÃO “ARMA DE LUTA”

4 – A capoeiragem nas três primeiras décadas do século XX

O início do século XX assinalou como que o recrudescimento da capoeiragem; os interesses políticos em jogo muito concorreram para que, os principais capoeiras se tornassem cabos eleitorais, capangas ou secretários de grandes figurões. Nas próprias unidades militares havia interesse de seus comandantes em possuir os melhores capoeiras. No Recife, por exemplo, o 14 era a unidade militar que reunia as preferências da população, enquanto o soldado de polícia era malquisto, como expressa esta quadra:

O 14 é prata fina
O 2º dois de ouro;
Polícia mata-cachorro;
Manichupa, chapéu de couro.

Os manichupas eram os soldados da guarda-civil, como nos explica Mário Sete (“Maxambombas e Maracatus”).

Quando as bandas militares saíam à rua, “os moleques de frente de música” abriam passagem à custa de rasteiras e cabeçadas, ao mesmo tempo em que defendiam os bombos das navalhas dos capoeiras de outras facções, pois um dos principais divertimentos ou maior afronta possível consistia em rasgar à navalha o bombo de uma banda de musica. E, quando isto acontecia, o conflito estalava com a maior violência.

Muitos capoeiras foram ter na Marinha, onde lhes foi permitido continuar no jogo da capoeiragem, sob forma desportiva. Alguns viajaram em suas unidades onde não reproduziram o notado país. Inclusive no Japão, onde reproduziram o notável êxito de Ciríaco por terem lutado em condições adversas.

Em 1947, aparece um opúsculo intitulado “O Guia da Capoeira ou Ginástica Brasileira”, cujo autor se oculta sob as iniciais O.D.C.; segundo informações que nos foram fornecidas por Agenor Sampaio (Sinhôzinho) um dos mais valentes de seu tempo, trata-se de um oficial do Exército que julgou prudente não revelar o nome pelos preconceitos que então existiam contra a capoeiragem. O folheto está dividido em cinco partes que tratam respectivamente dos seguintes assuntos: I) Posições; II) Negaças; III) Pancadas simples; IV) Defesa Relativas; V) Pancadas afiançadas. O autor dedica o seu trabalho “à distinta mocidade”.

Já bem mais próximo de nossos dias, muito moços de boas famílias passaram a praticar a capoeiragem, vendo nela excelente exercício de destreza e magnífico recurso

de defesa pessoal. Alguns mestres organizaram pequenas academias, principalmente no Rio e no Salvador, tentando metodizar a capoeiragem. Assim, em 1928 Anibal Burlamaqui publica um opúsculo, sob o título “Ginástica Nacional (Capoeiragem) Metodizada e Regrada”, que pode ser considerado o melhor trabalho, no gênero, superior ao surgido em 1907, de autoria de O. D. C.. Demonstra Anibal Burlamaqui grande preocupação em fazer ressurgir a capoeiragem e se bate para que ela seja considerada um método nacional de ginástica; estabelece regras para o jogo desportivo da capoeiragem e apresenta, devidamente ilustrados, os principais golpes e contra-golpes de que se vale essa modalidade de luta.

No ano de 1945, a Divisão de Educação Física do Ministério da Educação publicou o trabalho de nossa autoria intitulado “Subsídios para o estudo da metodologia do treinamento da Capoeiragem”, com 120 páginas, com o qual pretendíamos chamar a atenção dos nossos estudiosos de “folclore” para esse elemento tão rico e tão nosso.

Concluindo, poderemos confirmar o sub-título desta série de artigos: a capoeiragem sempre foi “instrumento de fuga”. Durante a vigência da escravidão, serviu para que os negros não se deixassem agarrar vivos e, depois, durante o início da República, para que os “valentes” não se deixassem prender pela polícia. Com cabeçadas, taponas, pontapés e rasteiras, a capoeira se ia desvencilhando de quantos o tentavam deter e desaparecia em desabalada corrida. Podia, portanto, enfrentar cinco ou seis homens porque “não pretendia vencê-los”, mas apenas não se deixar por eles agarrar. A capoeiragem perde todo o seu poder ofensivo na luta agarrada, corpo a corpo, e isso se compreende facilmente pelos motivos expostos, que a caracterizam desde sua origem, como um instrumento para assegurar a liberdade, para fugir ao cativo do século XVII ou à prisão do século XX.

Moços capoeiras de nossos dias: Lembrem-se desta advertência, em que insistimos: A capoeiragem é uma arma de fuga e não arma de luta.



03/12/1953

O FOOTBALL: APONTAMENTOS PARA A SISTEMATIZAÇÃO DE SEU ESTUDO

1 – Origens

O football, tal e qual hoje nós o conhecemos, poderá ser considerado como o produto de uma evolução lenta, que se processou através de milênios, partindo das mais rudimentares formas de jogo para chegar à complexidade técnica e tática com que hoje se apresenta.

Diferentemente do que ocorreu com outros desportos, sobretudo as corridas, natação, lutas, pesca, caça etc., que resultavam de práticas que se confundiam com as necessidades da própria vida quotidiana, em que homem ou perseguiu ou era perseguido, caçava ou era caçado, vencia ou era vencido, os jogos de bola aparecem, desde os seus primórdios, com características lúdicas e, sobretudo de disputas, de apostas, para conquistar aplausos ou valiosos prêmios.

Em classificação dos desportos por nós organizada, colocamos sob a denominação de esferísticos todos os desportos que utilizam a bola, entre os quais se encontra o football. Os antigos gregos chamavam de esferística ao jogo da bola e da esfaira à bola em si.

Já na “Odisséia” de Homero, encontramos Náusica divertindo-se e a suas companheiras com um jogo de bola. Também Ulisses, hóspede do rei dos feácios, é distinguido por seu anfitrião com um fino espetáculo em que o jogo da bola constituia um dos principais números.

Os romanos, por sua vez também empregaram diferentes tipos de jogos em que usavam a bola, alguns semelhantes aos dos gregos e outros distintos e criados por sua própria imaginação.

Entre os Mayas, Aztecas e Incas os jogos com bola também se apresentam numerosos e disputando-lhes entre os demais, a preferência.

Do ano 206 A. C., há uma referência sobre jogo com bola entre os chineses. Assim, na dinastia de Han, foi publicado um livro regulamentando o Jogo de Pelota usado para o treinamento de seus soldados.

De todos os antigos jogos com bola, aquele que maior relação apresentava com o nosso moderno football era, fora de dúvida, o “calcio”, jogo medieval italiano, em que tomavam parte 54 jogadores, 27 para cada lado, distribuídos em quatro linhas: 15 corredores, 5 sacadores, 4 dianteiros e 3 zagueiros.

Segundo alguns historiadores o Harpastum e outros jogos teriam sido levados pelos legionários de Julio Cesar à Inglaterra, onde encontraram irresistível aceitação. A falta de uma regulamentação adequada, o excesso de entusiasmo e as condições sociais da época contribuíram para que as disputas degenerassem, quase sempre, em grandes conflitos, verdadeiras batalhas campais. Por outro lado, os exercícios militares começaram a ser relegados à situação de inferioridade, enfraquecendo o poder bélico

dos reis ingleses, que se foram desgostando com êsse estado de coisas. Eduardo II, por isso mesmo, proibiu a prática dos jogos e o decreto de 1314 assim estabeleceu. “Porque se reproduz em grandes ruidos na cidade ocasionados por escaramuças em volta de pelotas de grande tamanho, do que resultam muitos males, o que Deus não permita, em nome do Rei, ordenamos e proibimos sob pena de prisão que se pratique daqui por diante tal jôgo na cidade”. Em 1349, Eduardo IV ordenou aos juízes que cumprissem os preceitos estabelecidos no decreto.

Aluízio Accioly assim nos refere como Denis Woogan foi o primeiro martir do football: “Nada podiam os Reis contra a enorme popularidade que o jôgo ganhava na Inglaterra. Embora proibido, sua aceitação era enorme e Carlos II, em 1389, foi obrigado a tomar medidas drásticas no intuito de baní-lo do povo inglês. Considerou crime o jôgo e criminoso todo aquele que fosse surpreendido jogando. Em Dublin, Denis Woogan foi processado e condenado a 6 anos de prisão por estar organizando partidas de football. Foi o primeiro mártir oficial do amor ao desporto, que se conhece na história da Educação Física”.



04/12/1953

O FOOTBALL: APONTAMENTOS PARA A SISTEMATIZAÇÃO DE SEU ESTUDO

2 – Evolução até o football de nossos dias

Já no século XVI, encontramos, com um esboço de regulamentação, o Hurling over Country, jogado entre habitantes de cidades vizinhas com número de jogadores limitado, vencendo a equipe que conseguisse levar a bola até a praça da cidade vizinha. No século seguinte, o referido jogo sofreu profundas modificações impregnando-se de características desportivas. Ao invés de levar a bola à cidade vizinha, os disputantes deveriam, em um campo de 100m x 30m, leva-la ao goal do adversário, representado por dois postes de 4 metros de altura, sem travessão. A bola era feita de bexiga de boi ou porco, cheio de ar, revestida de couro e redonda. O Hurling over goals, embora ainda impregnado de certa violência conquistou a simpatia popular e deu ensejo, com algumas modificações ao Rugby, que encontrou em Thomas Arnold, nomeado em 1828, diretor do Colégio de Rugby, um grande incentivador.

O Rugby foi, no entanto, julgado excessivamente violento por muitos dos colégios britânicos, dentre os quais os de Westminster, Hawrre, Charterhome e Eton, que proibindo o emprego das mãos, instituíram o “Dribbling Game”, que se transformou no “Football Association” de nossos dias.

As primeiras regras oficiais, embora ensaiadas em 1846, surgiram realmente em 1862, instituídas pela Universidade de Cambridge, constando dos dez seguintes artigos:

- 1º) – Marca-se um goal se a pelota fôr empurrada dentro do arco (por baixo do travessão), exceto quando isto for feito com as mãos.
- 2º) – Só se pode empregar as mãos, para deter a pelota e colocá-la no solo junto aos pés.
- 3º) – Os pontapés só devem ser dirigidos para a bola.
- 4º) – Um jogador não deve shootar à bola quando esta se achar no ar.
- 5º) – Não se permite dar pancadas com os calcanhares.
- 6º) – Quando a bola sair além das bandeiras laterais deve ser devolvida pelo mesmo jogador, no mesmo lugar em que passou quando saiu, em linha reta para o centro do campo.
- 7º) – Quando a bola fôr shootada para trás da linha do arco deve ser posta em jogo, desde a dita linha, por um jogador que seja do bando a que pertence o arco.
- 8º) – Nenhum jogador pode estacionar dentro de seis passos da pessoa que vai chutar a bola.
- 9º) – Um jogador fica “fora de jogo” imediatamente desde que se encontre adiante da bola, devendo colocar-se atrás dela o mais rápido possível. Se a pelota foi shootada por um jogador de seu lado, um jogador não poderá tocá-la, shootá-la, nem adiantar-se a ela até que seja tocada por um jogador do bando que se havia adiantado.

10º) – Não se permite atacar um jogador que se encontre fora de jogo, isto é, quando a pelota se encontra atrás d'êle.

Em 1863 fundou-se a Associação de Football da Inglaterra, que, não aceitando o regulamento de Cambridge, institui o seu próprio regulamento, fixando regras que vieram a ser obedecidas pelas demais instituições.

E a 21 de maio de 1904, em Paris, era fundada a Federation International de Football Amateur.

A partir dessa data começa o football a granjear um elevado número de adeptos, captando o interesse popular de forma tal a ser, em nossos dias, considerado o desporto mais popular no cenário mundial. Na Europa os ingleses foram, sem dúvida, os seus melhores praticantes, cedendo posteriormente, o título aos italianos que, agora, parecem o haver passado aos húngaros apontados por muitos críticos como os detentores, atualmente, do melhor football europeu.

Na América no Norte o football ainda não despertou o interesse que o situa como o mais popular. Apenas no México está, dia a dia, ganhando mais popularidade, sem que, no entanto consiga ofuscar o esplendor das “corridas de toros”.

Na América do Sul, exceção feita a Venezuela, o football é inegavelmente, o desporto n.º 1, arrastando, como nenhum outro, a massa popular aos estádios. Os uruguaioi há varias décadas conservam o cetro de campeões do mundo, praticando, como comprovaram em 1950, um football, menos vistoso que o dos brasileiros, porém mais eficiente. Tudo leva a crer que, no próximo ano com a experiência adquirida em sucessivos cotejos internacionais, possam, os brasileiros alcançar, de direito, a posição que, de fato já lhes pertence nestes últimos anos.



05/12/1953

O FOOTBALL: APONTAMENTOS PARA A SISTEMATIZAÇÃO DE SEU ESTUDO

3 – O papel do football no Brasil

Segundo nos relata Antônio Figueiredo, em sua “História do Football em São Paulo” o football teria sido introduzido no Brasil por intermédio de Charles Miller que aqui chegara em 1894 trazendo duas bolas e um livrinho de regras. A primeira partida, devidamente organizada, teve lugar no ano de 1896, entre o São Paulo Athletic Clube e uma equipe de empregados da São Paulo Rallway.

Em artigo publicado no JORNAL DOS SPORTS de 24-X-53 apontamos indícios de outra linha de introdução do football no Brasil, por intermédio dos jesuítas trazida diretamente da Itália, conforme documentação que apresentamos relativa ao Colégio Anchieta, de Nova Friburgo, no Estado do Rio.

O primeiro jôgo interestadual, entre as equipes do Rio e São Paulo, data de 19 de outubro de 1901, enquanto a primeira partida internacional parece ter sido realizada a 22 de setembro desse ano, entre o Brasillian Team do Rio de Janeiro e o “English Club” constituído de ingleses residentes em Niterói.

O football, durante a primeira década do século XX, foi, paulatinamente, superando o remo, que, desde a segunda metade do Império, se constituira o desporto de preferência da nossa juventude.

Entre 1918 e 1928 o football foi duramente combatido por muitos dos nossos intelectuais, dentre eles Lima Barreto, que se opôs à discriminação racial que se pretendia impôr para a organização do selecionado brasileiro que deveria disputar o campeonato sulamericano de football em Buenos Aires, no ano de 1921. Também Carlos Sussekind de Mendonça, sob o título “O Esporte está deseducando a mocidade brasileira”, publicou um razoável volume em que, visando ao football, anatematiza o esporte. Mais tarde, em 1927, o deputado Jorge de Moraes, representante do Estado do Amazonas, da tribuna da Câmara, também critica o football, quando defende o projeto que apresentara 22 anos antes, isto é, em 1905, para a criação de duas escolas de Educação Física – uma civil e outra militar, situação a que só fomos alcançar em 1939. Entre outras coisas em seu memorável discurso, afirma: “Enquanto que na Educação física racional e analítica todos se exercitam, jovens, velhos, mulheres, homens, crianças, no esporte, tal como acontece, vê-se enorme estádio onde dois grupos, no máximo de 11 indivíduos, se exercitam e ... 10.000 olham e torcem como se olhar e torcer por tal ou qual côr ou clube constituísse exercício físico e a raça pudesse daí se beneficiar! A lógica mandaria que todos os assistentes a êsses exercícios fossem para o estádio e compartilhassem de seus benefícios”.

Mas, paralelamente, outros homens de grande responsabilidade começavam a tomar posição ao lado do football, destacando-se dentre eles Coelho Neto, Plácido Barbosa, Arthur Neiva e outros. Fernando de Azevêdo, hoje uma das maiores

expressões da cultura brasileira, já a essa época assumia uma posição favorável ao football, procurando evidenciar a irresistível atração que o mesmo vinha exercendo sobre a nossa juventude. Em seu livro “Da Educação Física – O que ela é – O que deveria ser”, assim se refere à preferência pelo desporto bretão, que chama de “footballmania”. “O football, no entanto, pode ser um dos desportos mais praticados em quase todos os países e no Brasil, quase o único parece concentrar em si, como se lhe fossem privativos, tôdas essas censuras de caráter médico-pedagógico. É que em um dia de matches particulares ou oficiais, transforma-se como por encanto a fisionomia das vilas e das grandes cidades, para onde, de tôdas as partes, afluem forasteiros sem número para assistirem, não só a êstes grandes torneios interestaduais e nacionais, como também a encontros de associações regionais que disputam, entre si, a primasia numa intensa emulação para a vitória. O football, então é rei; e chega a despertar da modorra e da indiferença aquêles que pela educação física jamais se interessaram”. Mais tarde, em 1930, no livro que publicou sob o título “A evolução do esporte no Brasil” observa o que chamou “o fenômeno da invasão dos esportes anglo-saxônios, que, com o football antes de todos, já se praticavam homisiados em um ou outro estabelecimento estrangeiro de educação onde transbordaram para as associações atléticas”. Depois de algumas considerações, assim conclui. “A verdade, porém, em tôda a sua evidência, é que o esporte em geral e especialmente o football – fator notável da atlética, modificou a alma nacional e não tardará muito em melhorar o tipo físico da raça, em cujo aperfeiçoamento agora que vai sendo selecionada pela imigração não poderá deixar de contribuir como um fator insuprível, desde que seja ajudado e precedido pela educação física racional, como a quer Tissié, no lar, na escola e na caserna”.

Em nossos dias o football representa o desporto do povo brasileiro. Não há cidade, aldeia no interior do Brasil que deixe de possuir estas duas coisas: uma igrejinha e um campo do football de tal maneira se encontra o football imiscuído entre os hábitos do brasileiro, de norte a sul, de leste a oeste, que seria absurdo se, por acaso, se pretendesse modificar êsse estado de coisas. Podemos dividir a população do Brasil em dois grandes grupos: o dos que praticam o football e os dos que assistem ao football. E, algumas vêzes, nas longínquas fazendas perdidas no interior do país, poderá faltar a igrejinha, mas não faltará o campo de football.



06/12/1953

O FOOTBALL: APONTAMENTOS PARA A SISTEMATIZAÇÃO DE SEU ESTUDO

4 – O football como elemento educacional

Estando o football como de fato está, tão disseminado entre nós, poderá ser utilizado como elemento educacional, desde que sejam observados alguns cuidados na sua prática. A sua ação educativa não se reflete apenas sobre o físico, mas ainda, e talvez mais intensamente, sobre as qualidades do caráter e as condições psíquicas.

Montaigne (“Essais”) afirmou com grande acerto referindo-se ao educando: “Não é bastante enrijar-lhe a alma; é preciso também enrijar-lhe os músculos”.

Hoje já não há quem conteste a necessidade desse paralelismo entre o corpo e o espírito que, séculos através de séculos, vem sendo proclamado, mas não realizado. “Fazei primeiro o vosso aluno são e forte, para que possais vê-lo inteligente e sábio” disse Rousseau (“Émile”). Há o corpo de ser sadio para poder realizar as ações que o espírito julgar por bem determinar. Dentre as qualidades de ordem física que o football pode despertar figuram, além da saúde de um modo geral, o vigor, a força, a resistência, a destreza, a velocidade, a flexibilidade articular, a coordenação de movimentos, a acuidade sensorial, a independência das contrações musculares. As qualidades morais e sociais que o football poderá desenvolver, contribuindo assim para a formação de um caráter ideal, são a coragem, a tenacidade, a perseverança, a generosidade, o espírito de disciplina, de solidariedade e de cooperação, a energia, a confiança em si, a lealdade e a predisposição à luta. Tais qualidades terão de constituir parte integrante do homem, a fim de que possa, confiando nas próprias forças, conhecendo os recursos de que dispõe, triunfar nos embates quotidianos da vida. A educação da vontade, sobretudo, pode ser levada a efeito pela prática dos desportos, e, entre êstes, o football se apresenta como dos mais indicados. Os imprevistos que o desenrolar de um jogo de football proporciona dão ensaio a que o praticante desenvolva a capacidade de raciocínio, aguace a inteligência, uma vez que é obrigado a resolver prontamente cada uma das situações que se criam, a solucionar rapidamente os sucessivos problemas com os quais se vai deparando.

Desta forma, tanto sob o ponto de vista somático, como sob o psíquico ou ainda o social, o football pode ser aproveitado como excelente elemento educacional, desde que praticado sob a orientação e a direção de pessoas competentes e, sobretudo, sensatas. Conforme a idade dos praticantes, as dimensões do campo e a duração da partida deverão ser reduzidas, da mesma forma que todos os praticantes, tanto quanto possível, devam apresentar valor físico e técnico aproximado. Um cuidado se impõe: o de não permitir, isto é, não dar ensejo a que o instinto de agressividade se desenvolva, manifestando-se, a cada instante, nesta ou naquela fase do jogo.



12/12/1953

O FOOTBALL: APONTAMENTOS PARA A SISTEMATIZAÇÃO DE SEU ESTUDO

5 – O football como fator de recreação

Temos aqui que considerar a questão sob dois aspectos: como forma de recreação passiva e como forma de recreação ativa que estabelece a diferença entre o espectador e o jogador. Como forma de recreação passiva, o football arrasta aos campos desportivos multidões, que se avaliam em dezenas de milhares. Durante os 90 minutos em que a partida se desenrola, torcem, excitam-se, gritam, vibram inteiramente num estado emocional a que muitas vezes não resistem; e não poucos têm sido os casos fatais verificados nos campos desportivos.

Com frequência, a exaltação chega a tal ponto que estala, conflitos sérios entre os partidários de cada um dos quadros participantes, exigindo a intervenção da polícia, o que muitas vezes, agrava a situação, pela falta de serenidade com que se desenvolva a sua ação. De todos os divertimentos realmente populares, os espetáculos de football, são os que reúnem as preferências de esmagadora maioria. Quer os jogos se realizem pela manhã, à tarde ou à noite, no meio da semana, aos sábados, domingos ou feriados, os campos de football se apresentam sempre cheios, com a sua lotação quase sempre esgotada.

O football, como forma de recreação ativa, é excelente sob todos os aspectos. Indicado para aqueles que trabalham mediante pouco esforço muscular, como os burocratas, ou bancários, por exemplo, proporciona ensêjo a que se verifique um trabalho de compensação física e psíquica. A mobilidade que exige dos jogadores, que se movimentam intensamente durante o desenrolar da partida, correndo e saltando a todo instante, faz com que entrem em trabalho sinergias musculares comumente pouco solicitadas. Por outro lado, constitui ótimo derivativo para o espírito, aliviando a tensão psíquica do indivíduo submetido durante muitos dias a situações, as mais diversas. Representa ainda das mais indicadas formas de sublimação das manifestações do instinto sexual, pelo consumo que possibilita das energias acumuladas durante longos períodos de inatividade física, energias essas que se canalizaram naturalmente para a função sexual. O football é uma válvula de segurança para os instintos de agressão deixando escapar de modo lento o vapor que se acumula paulatinamente e representa uma força potencial que faz periclitar o equilíbrio sômato-psíquico do indivíduo e ameaça os que mais proximamente o cercam, seja por esta, seja por aquela forma.

No campo do football, temos ainda a possibilidade de conhecer o indivíduo nas suas manifestações mais íntimas, livre das convenções sociais, deixando transparecer os seus sentimentos como realmente são, sem o freio das convenções, sem os cuidados que as ações premeditadas exigem ou de que se cercam, podemos traçar o perfil social de cada um pelas suas manifestações egocêntricas ou altruísticas a que o football dá ensejo. Desde cedo, quando os meninos começam a ser atraídos pela bola, já podemos iniciar as

nossas observações e sentir como o football é atividade indispensável à saúde física e mental dos mesmos.

O prazer que o football proporciona aos seus praticantes excede a tudo o que se possa imaginar; e essa fonte de prazer permite que o indivíduo se entregue completamente, corpo e alma, a tal despôrto e encontre aquele bem-estar, aquele estado de euforia que nos faz realmente feliz.



O FOOTBALL: APONTAMENTOS PARA A SISTEMATIZAÇÃO DE SEU ESTUDO

6 – O football como meio de competição

Este é o terceiro aspecto por que encaramos o football. Ainda aqui há que estabelecer uma diferença entre o football praticado por amadores e profissionais. Para estes últimos meio de vida que é, representa trabalho, obrigação, com todo o conjunto de responsabilidades que o desempenho de qualquer profissão requer. Classificado entre os desportos coletivos, o êxito no football não depende da ação isolada dos elementos que integram a equipe, mas da ação conjunta de todos os onze jogadores, que deverão pensar e agir como se fossem um único homem. Com frequência, um “Team”, integrado por valores excepcionais, e derrotado por outro constituído de elementos menos categorizados, unicamente porque seus componentes não se ajustam de modo perfeito, fazendo com que a equipe atue como se fôsse uma máquina. E, então, assistimos aos esforços desesperados de um ou outro em contraste com a apatia deste ou daquele. Isto significa que, além da preparação técnica de cada jogador, necessário se torna o ajustamento da tática mais adequada, de forma tal que se possa obter a maior eficiência possível dos onze jogadores que constituem a equipe, fazendo-os trabalhar como as peças de uma complexa máquina.

Vemos, pois, quão necessária se torna a coordenação dos esforços não só na mesma direção, mas também no mesmo sentido para que, da conjugação de todas as forças, se obtenha a maior resultante possível. O preparador de uma equipe de football precisa cercar o seu trabalho de certos cuidados, baseá-lo num plano preconcebido, para que, ajustando aqui e ali, possa obter a compensação de seus esforços que a vitória do team representa.

Por outro lado, releva notar que a tática é o meio de que se lança mão para alcançar certo objetivo, não se podendo, portanto, confundir com o próprio objetivo.

Nesta série de artigos, só trataremos do football como meio de competição, procurando traçar as bases gerais de um plano de treinamento, pois a improvisação do trabalho não permitirá ao técnico a certeza de que o rumo tomado o conduzirá ao fim que tem em vista. É necessária precisar o objetivo e ir direto a êle pelo melhor caminho, pelo que apresente as maiores vantagens, pelo que assegure a certeza do fim colimado.

De que fatores depende a eficiência de uma equipe de football? Evidentemente, em primeiro plano teremos de considerar o valor individual de cada jogador para depois analisar o rendimento tático da equipe. A determinação do calor do footballer é inicialmente função de suas condições morfológicas, fisiológicas e psíquicas, do que resulta o que poderíamos chamar de aptidão física. É sobre esta que se vai basear todo o trabalho de preparação técnica, tática e psicológica. Nos artigos subsequentes dessa

serie, apreciaremos, ainda que de forma sucinta, cada um dos fatores que acabamos de consignar.



18/12/1953

O FOOTBALL: APONTAMENTOS PARA A SISTEMATIZAÇÃO DE SEU ESTUDO

7 – Determinação do valor morfológico do jogador de football

Em 1922, a Sociedade para o Estudo das Formas Humanas adotou certo número de definições que, para esclarecimento do assunto, convém repetir:

- a) a forma dum corpo e o conjunto das superfícies que delimitam este corpo;
- b) tudo o que está compreendido dentro destas superfícies é o meio inferior deste corpo, tudo o que está fora delas é o meio exterior;
- c) as condições de existência são as ações incessantes e numerosas do meio exterior sobre o indivíduo, ações que se reduzem a energias diversas;
- d) o funcionamento é toda manifestação ou transformação de energia;
- e) a forma dum indivíduo que não é senão o limite entre o meio interior e o meio exterior, aparece também como o limite entre o seu funcionamento e as energias exteriores, com as quais varia;
- f) a forma e a função são dois aspectos dum único e mesmo fenômeno, não podendo ser dissociadas e permitindo uma estudar a outra.

A. Thooris afirma que a forma é uma ferramenta vida, ligada aos meios de que vive. Observa êle, com a sua autoridade de conselheiro científico da Federação Francesa de Atletismo, que as especializações desportivas não causam deformações; são antes as consequências do que as causas. Não é o salto que alonga as pernas, mas o saltador que se aproveita do comprimento das suas pernas; nem o halterofilismo que encurta os membros do seu praticante, que é levado naturalmente aos exercícios de força pela curteza de seus segmentos, e, por conseguinte, solidez de suas alavancas.

Estudando 1.500 universitários alemães praticantes de desportos, Arnold encontrou nos corredores e saltadores o tipo longilíneo, leptosômico; nos atletas pesados, lutadores, lançadores o tipo brevílíneo; e nos pugilistas, decatletas o tipo medíolíneo.

O Dr. Thooris, introdutor dos estudos biotipológicos nos desportos, afirma que o longilíneo é mais apto para a corrida e o brevílíneo para a força. Este é mais resistente, porém mais lento, menos ágil, enquanto o primeiro é mais rápido, mais ágil, porém menos resistente. Pende diz que o longilíneo é o tipo do cavalo de corrida e o brevílíneo o tipo de cavalo de tração. E Thooris afirma que seria tão ridículo querer fazer de um homem forte um corredor de velocidade, como seria fazer galopar velozmente um Percheron ou atrelar um puro sangue numa carroça.

O football poderá ser praticado com êxito tanto por longilíneos como por brevílíneos ou normolíneos. Não está comprovado que êste ou aquele seja o tipo mais indicado para a prática do football, mesmo porque não poderíamos indicar um tipo

único ainda que tal pretendêssemos fazer; teríamos de indicar um tipo para cada posição característica. E com isso daríamos possibilidade a que todos os indivíduos pudessem participar de um quadro de football.

Temos a impressão de que certos tipos, em igualdade de condições técnicas e físicas, seriam mais indicados para determinadas posições. E estas poderiam ser mais especificadas:

- a) guardião;
- b) zagueiros;
- c) médios de ala;
- d) centro-médio;
- e) extremas (direita e esquerda);
- f) metas (esquerda e direita);
- g) centro avante.

Como facilmente poderemos verificar, cada uma das posições acima especificadas se caracterizam por uma certa e determinada modalidades de jogo. E a cada uma dessas modalidades deverá corresponder um tipo que melhor satisfaça às exigências da posição. Desconhecemos qualquer trabalho que nesse sentido já se tenha tentado e não nos aventuraremos a fazer indicações que não representem o fruto da observação no campo experimental. Aqui apresentamos, no entanto, a nossa sugestão para que se organize um trabalho, em caráter de estudo, no sentido de levantar o biótipo dos nossos jogadores de football, classificando-os segundo a posição que ocupem. É comum, muitas vezes, quando um jogador é trocado de posição, apresentar rendimento maior na nova posição do que na anterior, na qual sempre formava. Isso não significaria que essa nova posição, dentro das suas condições gerais de jogo, estaria mais indicada ao seu biótipo? São apenas suposições que fazemos, mas que mereceriam um trabalho de experimentação.



20/12/1953

O FOOTBALL: APONTAMENTOS PARA A SISTEMATIZAÇÃO DE SEU ESTUDO

8 – Determinação do valor fisiológico do jogador de football

Para a prática desportiva, a condição fisiológica primordial é a regularidade de todas as funções pelo trabalho perfeito de todos os órgãos. Mas não basta essa normalidade: há necessidade de que o organismo se adapte aos esforços que lhe vão ser solicitados, de modo que os possa realizar sem prejuízo para a saúde. A bradicardia, o aumento de volume da onda sanguínea sistólica, o aumento do coração, a hipotonia arterial, a hipotensão arterial, a linfocitose são as principais modificações que o treinamento desportivo proporciona ao aparelho circulatório. A bradipnéia e o aumento da capacidade vital são características do aparelho respiratório, quando o indivíduo é submetido ao treinamento desportivo. Experiências realizadas pelo Dr. Luiz Tavares na Escola de Educação Física do Exército, no Rio de Janeiro, demonstraram, que o metabolismo basal diminui nos indivíduos submetidos ao treinamento. As modificações que se verificam no sangue, também merecem reparos, pois nota-se aumento do ácido fosfórico orgânico na circulação e da reserva alcalina; da mesma forma, a tensão do anidrido carbônico arterial aumenta. O aparelho digestivo mostra-se ávido de hidratos de carbono e aumenta o consumo de alimentos doces.

É importantíssimo considerar a capacidade de recuperação de cada jogador, o desgaste que sofre em cada partida, a perda de peso e o tempo necessário à sua recuperação. Alguns jogadores possuem mais energia biológica que outros, movimentando-se em campo com maior facilidade, correndo durante os 90 minutos, exigindo, portanto, dos adversários um dispêndio de forças que, muitas vezes, os leva ao esgotamento. A capacidade de trabalho do aparelho circulatório é fundamental para que o organismo se adapte a natureza do trabalho que lhe vai ser exigido. Ninguém pode deixar de sentir a diferença de mobilidade que existe entre um goleiro e um zagueiro ou entre este e um centro-médio. Há que considerar ainda um fator de grande importância: a idade. É evidente e que as nossas condições fisiológicas se vão tornando mais precárias à proporção que envelhecemos: para o football entre os 20 e 30 anos está o período áureo. Um ou outro poderá ir até os 35, mas ultrapassar esta idade já se torna mais raro. É bem verdade que a experiência se encarrega de eliminar muitos movimentos inúteis e esforços desnecessários, dando ao jogador o que chamamos de mais “classe”. Ainda recentemente no jogo Bangu x Vasco, em disputa do segundo turno do campeonato Carioca, vimos como Augusto se mostrava impotente para dominar a mobilidade e Nivio, parecendo [ilegível], preso ao solo, em atitude quase sempre [ilegível], fato notado por Flávio e por quantos [que] assistiram a esse jogo, aliás bastante movimentado.

O que acabamos de verificar, deduz-se que o concurso do médico é indispensável para acompanhar o treinamento desportivo, sobretudo o treinamento do football, que exige uma grande soma de energias do organismo. E, se esse organismo não se repara das perdas sofridas, claro está que a saúde do footballer fica abalada. A falta de assistência médica aos nossos jogadores fez com que muitos entrassem em campo sem condições de jogo, prejudicando-lhes irremediavelmente a saúde, levando-

os em pouco tempo, a morte: a tuberculose ronda sinistramente os campos de football e cada descuido faz uma nova vítima.

E aqui, mais um vez, nós lembramos das palavras de Rosenthal, que constituem uma advertência a quantos praticam desportos, notadamente o football:

“Seleção médica antes do desporto; vigilância médica durante o desporto e controle médico depois do desporto”.



O FOOTBALL: APONTAMENTOS PARA A SISTEMATIZAÇÃO DE SEU ESTUDO

9 – Determinação do valor psíquico do jogador de football

a) as credences e as superstições

É importante assinalarmos, embora de forma sucinta a diferença que existe entre condições psíquicas e condições psicológicas. As primeiras dizem respeito ao próprio indivíduo e são inerentes ao seu patrimônio, ao seu equipamento de recursos naturais, respondendo pelas suas ações lentas ou rápidas aos estímulos do meio exterior; as segundas representam condições eventuais, momentâneas, provocadas por uma circunstancia fortuita, tal como as que resultam de um traumatismo moral, de um complexo que se possa estabelecer etc.

As condições psicológicas do jogador de football são de tanta importância como as condições morfológicas e fisiológicas. Convencionaremos por condições psicológicas a disposição psíquica com que o indivíduo se apresenta para a prática desportiva, notadamente quando esta tem caráter de competição.

Os complexos e as superstições ou credences desempenham aqui um papel relevante. Os complexos estão ligados aos desportistas de todas as classes sociais, enquanto as credences se relacionam com os de situação social mais inferior. O Professor Mário Miranda Rosa, do Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo, realizou, a êsse respeito, interessantíssimo estudo publicado sob o pseudônimo de Pio Piano Junior. Como se trata de peça ainda pouco divulgada, julgamos interessante a transcrição somente do estudo em si.

“Tipo de comportamento estudado: Diminuição da eficiência técnica desportiva de uma equipe profissional de football.

Autor do estudo: Pio Piano Júnior.

Data: “Meses de abril e maio de 1944

Local: Sede do clube em questão.

Técnica usada: Observação direta. Depois de observação durante um certo tempo, foram procuradas informações completamente elucidativas com pessoas que conheciam alguns fatos da vida de certos indivíduos observados. Provocou-se conversa em torno de assuntos intencionalmente escolhidos sem consciência dos observados. Entrevistas com questionários verbais de forma a não levantar suspeita sobre a verdadeira finalidade em causa.

Sujeitos: Sexo masculino. Número: 30 Cor: Preta, branca e mulata. Naturalidade (Procedência): Brasileiras da Bahia, Ceará, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná.

Descrição do estudo: Estudou-se a influência da superstição religiosa no comportamento da equipe profissional por ter sido esse o trabalho mais evidente em torno do qual pareciam girar disputas latentes e encobertas. Os pacientes foram submetidos a observação inconsciente, tendo-se como finalidade aquilatar da

diminuição ou não da capacidade técnica desportiva da prática de football. (Essa capacidade esta estreitamente ligada a solidariedade de equipe). Os jogadores foram distribuídos em grupos, a saber (partindo-se, da crença de que o meio de que procediam contribuía em maior ou menor escala para a maior ou menor aproximação das “sessões religiosas”): 4 pretos nortistas; 6 mulatos nortistas; 4 mulatos sulistas; 1 branco nortista; 4 brancos sulistas. Dos 30 indivíduos observados, 8 frequentavam macumbas; 3 acreditavam e aceitavam as indicações dos companheiros frequentadores; 13 aceitavam certas indicações e o faziam para não desgostar os companheiros; 2 renegavam as indicações e não perdiam vaza para ridicularizar a prática; 4 não foram especificados.

Conclusões: Primeira – Os mais fanáticos pela macumba eram os negros baianos, que formavam um grupo de “amizade” dentro do grande grupo de 30 jogadores. Impunham sua orientação à turma, em ocasião de jogos, de acordo com as “previsões” do macumbeiro e hostilizavam os que ridicularizavam tal coisa. A situação se exacerbava em relação direta com a importância dos jogos a serem disputados. Os que ridicularizavam eram tidos como “azares” dentro da equipe, contra cuja influencia maléfica era preciso muito trabalho, muita “reza” e “muita amarração”, do macumbeiro.

Do ponto de vista desportivo, essa simples constatação de conflito era motivo para explicar o decréscimo de produção. O grupo dos frequentadores da macumba dependia, exclusivamente, na sua produção desportiva, da “indicação profética” do macumbeiro, “pai espiritual”. Os jogadores desse grupo acreditavam piamente, como fatalidade inelutável, no insucesso desde que assim o profetizasse o macumbeiro (muitas vezes movido pelo interesse de outros clubes, que pagavam as “profecias”, as “rezas” e outros “trabalhos” que o macumbeiro se reservava por conta da maior ou menor fé que os jogadores tivessem no “pai do santo”. A produção, pois, desportiva desses jogadores, dependia diretamente da “profecia” do macumbeiro.

Segunda – Parece confirmada que a procedência dos jogadores, tem relação com o grau de crença ou não na macumba.

Terceira – Parece que o rendimento da equipe dependia diretamente da “boa vontade” geral dos integrantes em aceitarem as “indicações” proféticas da macumba, através dos poucos que a “frequentavam”.

Como acabamos de verificar por esse interessante estudo, a superstição e muito importante. Podendo concorrer para diminuir ou aumentar o rendimento de cada jogador individualmente ou o rendimento coletivo da equipe, soma que é êste da produção de cada um.

Julgamos importante assinalar que o football no Brasil, principalmente o profissional, é desporto praticado, via de regra, por indivíduos com grau de instrução relativamente baixo, condição sacral muitas vezes humilde, o que contribui para agravar o pêsso das superstições das práticas fetichistas etc.



24/12/1953

O FOOTBALL: APONTAMENTOS PARA A SISTEMATIZAÇÃO DE SEU ESTUDO

9 – Determinação do valor psíquico do jogador de football

b) Os complexos, a cólera e o medo

A palavra complexo, em nossos dias, deixou de pertencer ao vocabulário estritamente psicanalítico para cair no domínio popular. O complexo, na verdade, traduz um sistema de ideias emotivamente impregnadas que desenvolvem atividades inconscientes, isto é, que estão reprimidas, no todo ou em parte, determinando conduta que, muitas vezes chega a ser verdadeiramente mórbida. Este conteúdo psico-afetivo, independente da atividade do *eu* se acha submergido no inconsciente, onde funciona autônoma e ativamente interferindo no comportamento consciente do indivíduo, sem que, no entanto, êste conheça o sentido de sua ação. Enquanto Freud crê que os complexos derivam, sem exceção, da fôrça inibidora da repressão ou censura consciente, Jung sustenta que há outra classe de complexos, que procedem do inconsciente como formações ancestrais, anteriores à vida mesma do indivíduo; êste tipo de complexo, ainda segundo Jung, repousa no inconsciente coletivo ou da espécie. Os complexos que estudamos nas práticas desportivas, notadamente no football, pertencem ao grupo “particular complex”, isto é, são complexos que se originam preferentemente em acontecimentos especiais da história da vida de cada um; não se enquadram, portanto, nos complexos que caracterizam uma pendência universal.

Os complexos de superioridade, de inferioridade, de culpa, de fuga, são talvez, os que se mostram mais comuns no domínio do football. A sublimação dos complexos não é tarefa fácil acessível a todos os técnicos desportivos ou de sua órbita: o importante está em que, uma vez descoberto o complexo, evite o técnico desportivo, com o concurso do médico do clube, agravá-lo cada vez mais.

Para encerrar êste título, é necessário que se considerem dois estados que desempenham papel preponderante na atuação dos desportistas: a cólera e o mêdo. Tais reações pertencem ao grupo das emoções e os psicólogos têm discutido muito sobre a sua natureza, que, para alguns, é psíquica, enquanto, para outros, é orgânica. No primeiro caso, os fenômenos orgânicos do estado mental são apenas circunstâncias acidentais (Nahlowski); no segundo caso, a emoção aparece como consequência da repercussão dos fenômenos orgânicos na consciência (James, Lange, Ribot, Dumas). Traduzindo esta divergência em palavras simples: no primeiro caso, é porque ficamos tristes que choramos: no segundo caso, é porque choramos que ficamos tristes.

Entre as modificações somáticas mais importantes que a emoção provoca estão: a) mudanças respiratórias; b) variações na circulação sanguínea c) fenômenos secretórios das glândulas endócrinas e exócrinas: d) alterações químicas dos humores do corpo. Além dessas, poderemos ainda considerar as que afetam mais diretamente o

psiquismo: a) exageração da atividade instintiva (movimento de fuga de defesa de ataque, etc.): b) movimentos expressivos (palidez, gestos, gritos, etc.).

As duas emoções que mais de perto nos interessam neste estudo e a que o jogador de football está mais sujeito são o medo e a cólera, como também ocorre na luta, no box, no basketball ou no polo aquático, desportos que se identificam pelo contacto direto com o adversário, pela luta homem a homem. O medo se caracteriza por um forte impulso para fugir, para evitar, enquanto a cólera se traduz por um desejo irresistível de atacar ou ofender. O primeiro destes estados, quando em alto grau, inibe o indivíduo de qualquer movimento, paraliza-o inteiramente, faz-lhe o coração bater de modo apressado, enquanto a cólera produz grande excitação, vontade de falar, de gesticular, quando não de agredir o antagonista. Tanto a cólera como o medo podem produzir a palidez facial, mas geralmente a cólera torna as faces avermelhadas, quando não lívidas. O medo, a cólera e outras emoções da mesma natureza são controladas pelo sistema simpático e, segundo Gates, “são reações preparatórias para o esforço físico sob a forma de mobilização de recursos orgânicos e viscerais”. A origem de tais fenômenos remonta às condições da vida primitiva na selva, quando a sua utilidade se condicionava à luta contra os inimigos humanos ou animais e contra as forças da natureza.

No box, por exemplo, ou na luta, tanto o medo como a cólera, são comuns, principalmente nos praticantes bisonhos. Um sôco violento no rosto produz um desejo de “vingança”, de “desforra” um impulso de atacar, de agredir; a mesma pancada poderá também produzir um efeito diametralmente oposto, isto é, despertar um estado de medo, de receio de ser apanhado por outro golpe semelhante e fazer com que o indivíduo fuja ao combate, evite a troca de golpes para a decisão da luta. No football ou no basketball algo semelhante poderá ocorrer, principalmente no primeiro destes desportos. Um footballer que entra violentamente ou que intervenha com firmeza poderá despertar no adversário o receio de machucar-se e fazer com que este se retraia, diminuindo a sua produção técnica. Alguns boxeers, lutadores ou jogadores de football, lançam mão do recurso de procurar encolerizar o adversário, dêle zombando ou ofendendo-o moralmente, com o objetivo de auferir vantagens dessa situação. No football profissional tais cenas são comuns: um jogador, ofende o outro exaspera-o até levá-lo à agressão, ao descontrole total auferindo para a sua equipe vantagens com a expulsão de campo do agressor. Outras vezes o jogador procura intimidar o adversário cada vez que com ele disputa a bola, ameaçando-o por esta ou aquela forma.

Tanto a cólera como o medo são estados emocionais que prejudicam a lucidez do raciocínio e, assim, o rendimento técnico do desportista. Durante o treinamento, deverá êle habituar-se a controlar os seus impulsos, a colocá-los sob o poder da vontade, quaisquer que sejam as situações.



O FOOTBALL: APONTAMENTOS PARA A SISTEMATIZAÇÃO DE SEU ESTUDO

10 – A importância da aptidão física para o football

a) Generalidades

Aptidão física diz-se das possibilidades naturais do indivíduo, enquanto a capacidade física está representada pela facilidade, presteza e segurança com que o indivíduo possa mobilizar as suas forças e aptidões, no exercício, nos jogos ou nos desportos. A capacidade física poderá ser representada pela seguinte fórmula: capacidade física igual aptidão física, mais treinamento.

Assim, suponhamos dois indivíduos A e B. O primeiro tem uma aptidão X que avaliaremos numericamente em 5 e o último possui a mesma aptidão em grau inferior, isto é, 3. Ocorre que B dispõe de um grau de treinamento que calculamos em 6, enquanto o de A não passa de 2. Ora, as suas capacidades serão expressas do seguinte modo:

A: aptidão 5 + treinamento 2 = capacidade 7.

B: aptidão 3 + treinamento 6 = capacidade 9.

É importante esclarecer que existe um limite de possibilidade, o qual o treinamento não poderá ultrapassar, limite esse fixado pelo patrimônio hereditário de cada um dos indivíduos sobre os quais vai agir.

Imaginemos agora – e este fato é muito comum porque a maior parte dos nossos técnicos desportivos muito pouco estuda de psicologia, genética ou biotipologia – dois saltadores em altura, com as seguintes características:

A – Longilíneo, grau de treinamento nulo;

B – Brevilíneo, treinamento excepcional.

O segundo ultrapassa o sarrafo com facilidade à altura de 1,70m., enquanto o primeiro, atualmente, não vai além de 1,40m.

O indivíduo A inicia o seu treinamento e, paulatinamente, melhora as suas “performances”, enquanto B, por mais que se esforce, não consegue ir além de 1,75m. Finalmente A iguala a altura conseguida por B e pouco depois a ultrapassa, chegando, com a continuação dos treinos, a 1,85m., onde finalmente estaciona. E, frequentemente, o técnico desportivo fica sem saber por que razão B foi alcançado e ultrapassado por A, que era um novato, e qual o motivo por que A, cujos progressos eram notáveis estacionou em 1,85m., e, por mais que treine, não melhora a “performance”. Ignora que ambos atingiram ao máximo que era possível explorar das suas aptidões físicas.

Podemos comparar a suposição que acabamos de fazer com o seguinte exemplo: dois veios de ouro, dos quais o primeiro rende mais que o segundo, porque a sua exploração atingiu ao limite máximo; mais o segundo, que é um veio mais profundo,

poderá dar um rendimento maior que o do primeiro se também for explorado até o seu limite máximo.

As aptidões podem ser determinadas pelos testes psicotécnicos, que são meios de avaliação, diferentemente dos testes pedagógicos que são meios de verificação. A cada indivíduo corresponde um determinado número de aptidões e inaptidões especiais. Assim, nas classes escolares é comum vermos alunos manifestarem certas predileções por determinadas matérias, enquanto consideram outras essencialmente desagradáveis.

Com referência às atividades físicas a situação é análoga: o indivíduo apresenta aptidão para algumas formas de atividade, enquanto para outras manifesta pouca habilidade motora.

As aptidões locomotoras, que se identificam em sua forma mais pura no atletismo, ginástica e desportos de uma maneira geral, foram estudadas nos Estados Unidos principalmente, por Brace, que se dedicou aos testes de aptidão motora, e Rogers, que denominou os seus testes de “testes de aptidão física”.

Claparède, estudando a influência recíproca das diversas funções, nos ensina que êste problema se relaciona com o da estrutura das aptidões. E pergunta: “Até que ponto as aptidões constituem todos autônomos, até que ponto dependem umas das outras, até que ponto são antagônicas, se excluem mutuamente?” E coloca sob os cinco títulos seguintes as opiniões que, a êste respeito, estão ou têm estado em voga:

Teoria das compensações – Tôda superioridade em um domínio se paga com uma inferioridade em outro.

Teoria da independência geral (Thorndike) o espírito não é mais que uma coleção heteróclita de aptidões justapostas, porém independentes.

Teoria da independência parcial – Esta teoria, que faz lembrar a antiga doutrina das “faculdades da alma”, postula certo número de aptidões (atenção, observação, razão, discriminação, etc.), cada uma delas guiando um grupo de operações especiais.

Teoria do poder central – O espírito em todas as suas manifestações, se acha na dependência de uma capacidade central, de uma inteligência geral, cujas diferentes aptidões não são mais que manifestações suas.

Teoria dos dois fatores (Spearman) – Toda aptidão é o resultado do concurso de dois fatores: um fator especial e um fator central, geral.



29/12/1953

O FOOTBALL: APONTAMENTOS PARA A SISTEMATIZAÇÃO DE SEU ESTUDO

10 – A importância da aptidão física para o football

b) A orientação desportiva e o football

A aptidão física dos desportistas está representada pelas suas possibilidades naturais para determinados desportos. De acordo com a teoria das compensações, toda superioridade em um domínio se paga com inferioridade em outro. Assim, a toda aptidão num setor corresponde uma inaptidão outro.

A determinação da aptidão do desportista deverá ser feita considerando dois fatores: 1º - a sua figura mecânica; 2º - a sua preferência entre os desportos indicados para a sua figura mecânica.

Procuraremos fazer algumas indicações dos desportos mais comuns e dos biótipos que lhes correspondem:

Corredores de longa distância – Pronunciadamente baixos (1,66 a 1,68)

Corredores de média distância – Tipicamente altos, esbeltos (1,76.)

Corredores de distâncias curtas – de altura média ou pouco acima de média.

Saltadores em altura – longas, tronco relativamente reduzido.

Lançadores de pêso – Tipos altos, porém de estrutura sólida; grande massa.

Lançadores de martelo – Tipos pesados, mesmo baixos.

Lançadores de disco – Tipos altos, ainda que esbeltos.

Atletismo pesado e luta – Tipos baixos, pesados; grande circunferência de troncos e de membros quase sempre curtos.

Boxeadores – não apresentam tipo pronunciado; a envergadura deve ser o elemento considerado.

Nadadores – Tipos médios: presença de panículo adiposo.

Remadores devem ser os mais altos (1,81.); pernas longas e braços longos.

Vejamos agora o caso particular do football o que de mais perto nos interessa neste estudo.

Denominamos de aptidão física para o football, as possibilidades naturais do indivíduo para a prática desse desporto. Essa aptidão física, desenvolvida por um trabalho adequado, passa a representar a capacidade física do indivíduo para o football. No artigo em que apreciamos a importância das condições morfológicas, examinamos a influência que a figura mecânica do indivíduo poderá ter para a sua indicação a determinado posto na equipe, lamentando que ainda não se tivesse estudado devidamente o assunto. Os desportos coletivos, entre os quais figura o football são indicados para os extrovertidos na classificação de Jung, ou sejam os ciclotímicos na classificação de Kretschmer, uma vez que se trata de desporto que exige atenção distribuída. A acuidade sensorial também precisa ser levada em conta. O bom golpe de

vista, por exemplo, é condição importante; o jogador precisa a um só tempo, a um simples lance visual, apreender a posição de seus companheiros, a de seus adversários, a trajetória da bola, o ângulo em que se encontra do 'goal', as linhas de marcação do campo, etc.

O tempo de reação sensorial, é também muito importante.

Nos bradipsíquicos em que há predominância do sistema vagal, a reação é lenta: geralmente, são indivíduos indicados para desportos de força, e resistência. Nos taquipsíquicos, em que predomina o sistema simpático a reação é rápida, motivo por que são de velocidade [ilegível]. Ninguém cogitaria, por exemplo, de colocar um bradpsíquico como guardião de uma equipe de football. Esse pôsto exige que o seu ocupante possua reação sensorial tão rápida que muitas vezes não distinguimos o intervalo entre estímulo e reação; temos a impressão de que o jogador adivinha a direção em que a bola será shootada; na verdade, êle tem a intuição da trajetória que esta tomará pela atitude em que se coloca o adversário, o que facilita a sua intervenção.

A aptidão física para o football geralmente tem sido confundida com o jeito que o indivíduo tenha para travar a bola ou com a violência com que a impulsiona. Mas isso constitui êrro, pois tal fato representa qualidade técnica, muitas vêzes já aprimorada, e nunca aptidão física.

Mas a aptidão para o football é uma qualidade generalizada que exige algo de particular: o indivíduo deve, dentro de sua aptidão física para o football, apresentar maior aptidão para esta ou aquela posição. E essa distinção é um dos maiores trabalhos que cabe ao técnico desportivo.



O FOOTBALL: APONTAMENTOS PARA A SISTEMATIZAÇÃO DE SEU ESTUDO

11 – A preparação física do jogador de football

Esta preparação compreende duas fases bem distintas: uma visando ao desenvolvimento corporal e a outra tendo por objetivo o treinamento orgânico. Com a primeira fase pretendemos colocá-lo em condições, mediante um dos fatores para isso indispensável: o aumento geral de suas forças. A consecução deste último objetivo não significa que o desportista possa ser considerado em condições para que isso seja admitido, êle deverá apresentar qualidades físicas e técnicas que lhe permitam praticar com eficiência o desporto escolhido.

Mas o desenvolvimento geral do organismo é apenas uma parte da preparação física, é a sua base, é o alicerce sôbre o qual deverá repousar o treinamento orgânico. Quando este se realiza sem o trabalho preparatório daquele, o organismo dentro em pouco se ressent e o desportista começa a apresentar sintomas de fadiga patológica, conhecida de todos sob a denominação de surmenage. A fadiga é um conjunto de fenômenos fisiológicos expressos pela inexcitabilidade do músculo e por ausência de incitamento nervoso. Quando ela é agravada e alcança o estado de estafa, os distúrbios de ordem fisiológica se estendem a todo o corpo e os seus efeitos perduram muito depois de cessada a causa determinante da fadiga. Alcançado o desportista pela surmenage, cujos sintomas são a perda de pêsso, a insônia, a inapetência e outras manifestações de ordem secundária, o treinamento a que está submetido deverá ser imediatamente suspenso. Daí decorre a necessidade de rigorosa assistência médica, que Rosenthal exprimiu, com rara felicidade na seguinte sentença: “seleção médica antes do desporto; vigilância médica durante o desporto e contrôle médico depois do desporto”.

O treinamento orgânico é a adaptação do organismo do desportista aos esforços que dêle serão exigidos, os quais não poderia suportar sem um treinamento que paulatinamente lhe aumentasse a resistência. O trabalho muscular praticado continuamente e progressivamente determina adaptações funcionais para as novas condições de desempenho fisiológico, proporcionando, desta forma, produção de maior quantidade de trabalho, de melhor qualidade e com maior facilidade. De um modo geral esta adaptação pode ser assim resumida: contractilidade mais rápida e mais fácil, educação de sentido estereognóstico, coordenação muscular, aperfeiçoamento de reflexos, destreza, maior força.

Após a fase de preparação geral do organismo, indispensável se torna, conforme já afirmamos inicialmente, a sua adaptação à natureza do esforço que lhe vai ser exigido. Isto para o desportista significa que, atingindo um bom estado de desenvolvimento de suas fôrças totais, deverá o seu organismo adaptar-se à natureza da prova de que vai participar. Esta adaptação é importantíssima não apenas para o seu bom êxito, mas também para a garantia das suas condições de saúde.

Para fazer o praticante entrar em condições, utilizaremos as sessões de preparação e para fazê-lo entrar em forma as sessões de adaptação. Assim, as sessões de preparação são destinadas ao preparo físico para o trabalho especializado, comportando os exercícios que possam concorrer para desenvolver as forças gerais do organismo, e as sessões de adaptação tem por objetivo adaptar êste à natureza do esforço que lhe vai ser exigido, sendo integradas por exercícios variáveis segundo o desporto preferido e, dentro dêste, a situação específica.

A título de sugestão, faremos algumas indicações de atividades que poderão ser utilizadas com o fim de colocar o jogador em condições:

Ginástica – Com o objetivo de trabalhar as articulações, dando maior amplitude aos movimentos. Aplicações de trepar, escalar, equilibrar, saltar, correr, lançar, levantar, e transportar e atacar e defender-se.

Grandes jogos – bola militar

Outros desportos – Basketball e volleyball (duplas com campo inteiro).

Jogos de força e destreza – Cabo de guerra, lutas individuais, e por equipe, corrida e estafeta, jogos diversos com bola ou outros objetos.

Após esse trabalho de treinamento geral, de fortalecimento do organismo, deve ser iniciado o de adaptação do organismo à natureza do esforço que lhe vai ser exigido. Aqui poderemos lançar mão não apenas de treinos de football, como também de alguns exercícios mais indicados, tais como:

Corridas de velocidade – pequenos percursos de 20, 30 e 50 metros, repetidamente.

Saltos em altura, sem impulso ou com impulso – não se trata se salto atlético, mas de obter a maior impulsão para cima de modo que a cabeça atinja a maior altura possível.

Cambalhotas, com e sem corrida – com o objetivo de desenvolver a capacidade de proteção individual, diminuindo assim a possibilidade de acidente.

Neste período de adaptação do organismo à natureza do esforço que lhe será exigido, é importante que o treino tenha lugar, tanto quanto possível, em hora correspondente àquela em que o jogo se deverá verificar, a fim de que todo o organismo se adapte ao tipo de esforço, de acôrdo com as condições do meio interno e do meio externo.



31/12/1953

O FOOTBALL: APONTAMENTOS PARA A SISTEMATIZAÇÃO DE SEU ESTUDO

12 – A preparação técnica do jogador de football

A preparação técnica do desportista tem por objetivo a obtenção do estilo com a posse do qual ele despenderá o mínimo de fôrças e alcançará o máximo de eficiência. Ainda que considerássemos a mesma eficiência, a diminuição do esforço representaria uma grande conquista para o praticante, proporcionando-lhe um rendimento maior, o que por si só recomendaria a obtenção de estilo.

Sabemos que o rendimento, e isto se dá com todas as máquinas, inclusive a humana, é a relação que existe entre a produção e o consumo. O rendimento não importa apenas a quantidade de trabalho produzido, mas também a sua qualidade. Se utilizarmos a seguinte fórmula:

$$R = \text{eficiência} / \text{esfôrço},$$

Verificaremos que o rendimento será tanto maior quanto menor for o denominador da fração e maior o seu numerador. E a preparação técnica do desportista tem por objetivo justamente isto: que ele despenda o mínimo de esforço e obtenha o máximo de eficiência.

É preciso que tenhamos bem presente que o treinamento desportivo não se confunde com a aprendizagem do desporto. O primeiro começa justamente quando o último termina: aquêle se desenvolve num tempo fixado, enquanto esta se poderá processar sem limite de tempo. Na luta livre como no jiu-jitsu ou na esgrima ou ainda na capoeiragem a aprendizagem é extremamente complexa, e exige qualidades excepcionais do praticante, desenvolvidas paulatinamente.

As sessões de aplicação e as sessões complementares são os meios indicados para a preparação técnica. As primeiras estão representadas pela própria prática desportiva, seja esta atletismo, luta, Box ou football, enquanto as sessões complementares servirão para corrigir os defeitos ou vícios que comprometem a técnica do desportista, aprimorando-a no seu mais elevado grau.

A preparação técnica compreende, portanto duas fases: a primeira corresponde à obtenção das condições técnicas, à aquisição do estilo, utilizando-se para tal fim as sessões de aplicação: a segunda fase se destina à apuração das condições técnicas, do aprimoramento do estilo, à obtenção da forma técnica empregando-se aí as sessões complementares.

Na preparação técnica o treinador não se deverá descuidar do perfeito conhecimento, por parte do praticante, das regras que regulam o desporto que está praticando, esclarecendo-lhe o que seja permitido ou proibido, a conduta do juiz, a marcação de pontos quando se tratar de luta, Box, jiu-jitsu etc., assim como a atuação

dos segundos, e, sobretudo, a ética desportiva. O desconhecimento das regras muitas vezes leva o desportista a cometer faltas involuntárias, perfeitamente evitáveis.

Consoante às posições que cada jogador de football ocupe no quadro há exigências correspondentes de ordem técnica, qualidades que precisarão ser aprimoradas. Damos, a seguir, sob forma esquemática, as principais:

Guardião – firmeza nas intervenções, segurança no pegar a bola; golpe de vista; tiro de meta violento. As qualidades de ordem moral que poderão ser sincronicamente desenvolvidas são a coragem, a calma, a confiança em si mesmo e mais acuidade sensorial que deverá ser aprimorada ao seu mais elevado grau.

Zagueiros – sentido de colocação: firmeza nas intervenções; shoot forte com ambos os pés; bom controle de bola com os pés e com a cabeça; precisão nos passes.

Médios de ala – contrôle de bola com a cabeça e com os pés; sentido de colocação; precisão nos passes; firmeza nas disputas de bola; bom shoot. Os elementos da linha média talvez sejam os que corram mais durante a partida de football razão por que o seu fôlego deverá ser excelente.

Centro-médio – visão do campo; bom contrôle de bola com a cabeça e com os pés; precisão nos passes; bom shoot; sentido de colocação. Como os médios de ala, o centro médio deverá apresentar bom fôlego.

Extremas – domínio da bola em plena corrida; shoot com ambos os pés; shoot forte; visão de meta; precisão nos passes. A velocidade é fator de êxito, assim, deverá merecer cuidados especiais.

Meias e centro-avante – domínio da bola na corrida; contrôle da bola com a cabeça; shoot com ambos os pés; shoot violento; visão da meta; precisão nos passes; segurança nos “driblings”. O jôgo do corpo, esquivas, é fator que deverá ser considerado, pois auxilia a iludir o adversário, possibilitando maior êxito ao arremate final.

Como o assunto não se poderá conter nas limitações impostas por este artigo, deixaremos de fazer indicações detalhadas sobre a melhor maneira de conduzir a bola em plena corrida, passar, shootar alto ou rasteiro, cabecear, driblar, etc.



O FOOTBALL: APONTAMENTOS PARA A SISTEMATIZAÇÃO DE SEU ESTUDO

13 – A preparação tática do jogador de football (I)

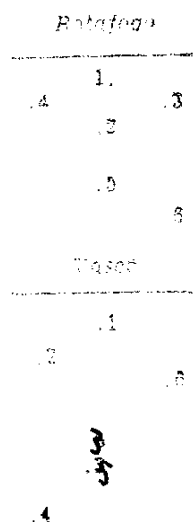
A tática consiste na melhor maneira possível de utilizar a técnica, de modo a impor ao adversário a própria iniciativa. Representa ela o fruto da observação e do julgamento das possibilidades do antagonista, a apreensão de certas jogadas características, a predileção por esta ou aquela modalidade de jogo: a experiência ainda é o melhor professor de tática desportiva. Na luta ou no Boxe, por exemplo, há necessidade de que o praticante ele próprio, sinta a melhor maneira de aplicar a sua tática. Nos desportos coletivos esta preparação assume um caráter de muito maior importância do que nos desportos individuais se bem que nestes não possa ser relegada a plano inferior. A simples mudança de uma chave, a troca de um jogador de posição a característica dos passes tudo isso pode influir decisivamente para a vitória ou a derrota de uma equipe. A surpresa é excelente arma tática e permite a aplicação eficiente da técnica, quase sem oposição ou com reação tardia.

A preparação tática só deverá ser iniciada quando a preparação técnica já tiver atingido um nível apreciável. Enquanto a técnica é individual, a tática é coletiva, isto é, aplica-se e depende de toda a equipe. A tática representa a maneira hábil de conduzir, encaminhar a equipe no sentido de surpreender o adversário, logrando maior êxito na aplicação dos recursos disponíveis. Verificamos assim que enquanto a preparação técnica de footballer deve ter em vista a sua eficiência individual, o maior aprimoramento dos processos que deverá empregar no desempenho da sua missão, a preparação tática deverá visar à ação em conjunto, em grupo, coletiva, de maneira tal que se possa obter, pela sincronização dos esforços um resultado comum que supere a soma das parcelas isoladas que o valor técnico de cada footballer representa individualmente.

Até a vinda do saudoso técnico húngaro Doris Kuerschner, contratado pelo Clube de Regatas do Flamengo, em 1934, o nosso football era considerado de improvisado; Kuerschner introduziu entre nós a tática de defesa cerrada, de homem para homem; combatida inicialmente, hoje é a assistida por muitos aos nossos clubes, que lhe introduziram pequenas variações. (Enquanto o Botafogo atua com o seu media direito recuado, marcando o extrema adversário, o Vasco joga com esse elemento avançado marcando) meio esquerda, deixando que o extrema caiba ao zagueiro direito. Essa tática de defesa foi aqui denominada de “defesa em diagonal:” devido à maneira com que se dispõem os elementos para a ação.

A figura abaixo nos permite melhor juízo sobre o assunto⁹:

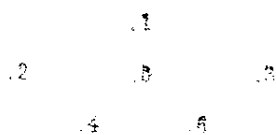
⁹ As figuras são originais.



1 – G uardiao; 2 – Zaqueiro dir.; 3 – Zag.esq.; 4 – Médio dir.; 5 – Centro-médio; 6 – Médio esq.

Hoje, no entanto, as posições dos jogadores tiveram mais ou menos as mesmas, em quase todos os nossos clubes, somente com diferença de denominação, pois qualquer equipe joga com uma linha de três zagueiros. Dois médios volantes e um meia recuado; que com os dois mencionados médios formam uma primeira linha de defesa, com incumbência também de apoiar a linha atacante e o meia recuado é quem prepara os ataques.

Os ingleses formam os dois zagueiros na marcação dos extremas adversários; o centro médio joga dentro da área, formando a linha de três zagueiros a que já nos referimos. Aqui denominamos um dos zagueiros de zagueiro central ficando a direita ou esquerda para o outro zagueiro.



Esta é a formação inglesa adotada por quase todos os nossos clubes, com diferença de denominações.



03/01/1954

O FOOTBALL: APONTAMENTOS PARA A SISTEMATIZAÇÃO DE SEU ESTUDO

13 – A preparação tática do jogador de football (II)

Os suíços na disputa da última “Copa do Mundo” apresentaram uma tática defensiva com a qual tiveram grande êxito contra os brasileiros, neutralizando a impetuosidade que caracterizava o nosso ataque, e à qual se deviam várias vitórias retumbantes. A disposição de seus jogadores obedece a esta formação¹⁰

A tática de “defensor por zona” combatida injustamente por muitos, tem demonstrado que, como todas as táticas, necessita de uma boa preparação física dos integrantes da equipe para poder ter êxito. Parece-nos que a aplicação desta tática requer também maior capacidade de reflexão dos jogadores devido aos variados deslocamentos e coberturas a que estão obrigados, o que é pouco exigido na marcação cerrada.

Conforme ficou dito, todas as táticas são boas, desde que bem executadas pelos jogadores, dependendo bastante da atuação do adversário, as possibilidades de êxito.

Para a aplicação dessas diferentes táticas, o técnico deverá considerar as características de cada jogador; os médios com tendência a atacantes, para apresentar maior produção, deverão jogar avançados, pois marcando os meias adversários ainda auxiliarão o ataque, enquanto o médio com qualidades defensivas pode ser aproveitado para marcar o centro-avante adversário, ficando com a função de neutralizar esse elemento ou outro que entrar na área de goal, tal qual ocorre na formação inglesa, cujo esquema foi apresentado no artigo de ontem.

A tática a ser empregada por uma equipe de football será previamente estabelecida pelo treinador, mas em hipótese alguma poderá ser rígida; deverá ser modificada ou substituída, de acordo com a atuação do adversário. O capitão do team receberá detalhadas instruções nesse sentido; o técnico aproveitará o intervalo entre os meios tempos para renovar as instruções.

No ataque a tática mais usada é a do W com pequenas alterações, pois em vez dos meias atuarem recuados, somente um é que atua atrasado, ficando o outro na mesma

¹⁰ Figura original ilegível.

linha do centro-avante e extremas e formando o que se denominou de meia “ponta de lança”; daí se conclui que se ataca com quatro homens em vez de três. O ataque em V está quase abandonado, pois a experiência tem demonstrado a necessidade de o centro dianteiro agir avançado e não recuado. O ataque em leque também já se encontra em desuso, embora conte ainda com alguns apologistas.

Outro acontecimento que, às vezes, aumenta o rendimento da equipe é a permuta de posição entre dois ou mais jogadores; o fator psicológico age aqui com grande preponderância, tanto sobre os elementos que trocaram as posições, como também sobre os demais que veem na inovação uma possibilidade de modificações do estado de coisas.

O preparo técnico depende dos conhecimentos do treinador, mas o preparo tático depende da sua experiência razão por que o reputamos mais importante e mais difícil. Uma equipe poderá ser constituída por elementos que apresentem, individualmente, com valor técnico a ser superada por outra, integrada por elementos menos categorizados, mas que em conjunto produzem maior soma de trabalho útil maior rendimento pelo emprego de tática superior.



06/01/1954

O FOOTBALL: APONTAMENTOS PARA A SISTEMATIZAÇÃO DE SEU ESTUDO

14 – Controle fisiológico do jogador de football

O indivíduo apresenta um equilíbrio morfo-fisiológico que não deverá ser perturbado com o treinamento desportivo. Assim, o controle fisiológico não poderá ser dispensado, qualquer que seja o treinamento a que o desportista esteja sendo submetido. Alguns desportos exigem maiores cuidados como a corrida, a natação, o football, o basketball, a luta, o boxe etc., outros como o volleyball, os saltos, os arremessos, etc, embora não possam dispensar este controle, não impõem tanta cautela como os acima apontados. Nos exames dos aparelhos circulatórios e respiratórios, do sistema osteo-músculo-ligamentoso do sistema nervoso e dos órgãos dos sentidos se deverá fundamentar o controle fisiológico. O estado de euforia ou fadiga permanente (sensação de mal-estar insônia inapetência, pouca disposição ao esforço físico) são de muita importância para o médico assistente e lhe permitem, unicamente com a curva de pêso formar um juízo certo sobre a situação geral do desportista. As tomadas de pêso deverão ser frequentes e, se possível, antes e depois de cada sessão de treinamento. As provas ou testes de fadiga, como por exemplo, os de Donnaggio são recomendados.

O peso constitui uma verdadeira bússola para o Médico e a sua tomada amiudadamente lhe permitirá saber se o indivíduo está queimando as suas reservas até que ponto. Com o concurso do Prof. Romeu de Castro Jobim, tivemos o ensejo de colher interessantes observações no antigo Botafogo Football Clube, pelos quais foi possível verificar que alguns jogadores chegam a perder até 3 quilos numa partida de football, isto é, em 90 minutos. É bem verdade que a maior parte dessa perda se faz à custa de desidratação, mas também ocorre pequena queima de gordura. É lógico que o organismo não estaria em condições de realizar reparações sucessivas se tais jogos não se levassem a efeito com intervalos razoáveis. Entre os jogadores então observados estava Zezé Procópio, cujo pêso normal era, em 1941, de 66,600 e ao qual retornava sistematicamente apesar de as perdas sofridas de 1.700 kg, em 6-7-41, de 2.200 kg., em 13-7-41, de 2.000 kg em 20-7-41, e de 3.400 kg em 27-7-41. A perda de 3.400kg em 90 minutos de jôgo representa algo de importante, que poderia abalar profundamente o organismo não preparado para tal esforço. Sempre que fôr possível deverá ser feita a tomada de pêso pelo menos semanalmente, pois isso auxiliará muito o médico em seu trabalho da assistência.



08/01/1954

O FOOTBALL: APONTAMENTOS PARA A SISTEMATIZAÇÃO DE SEU ESTUDO

15 – Controle técnico e tático do jogador de football

Controle técnico do jogador de football terá de ser baseado exclusivamente na observação do treinador. Sabemos que a aquisição de habilidades motoras obedece aos seguintes princípios gerais de orientação:

- I - necessidade de conhecer o caráter da execução eficiente;
- II - observação de execuções e modelos;
- III - submissão do praticante à reação;
- IV - emprego do artifício de exercícios formais quando necessário;
- V - descoberta de erros;
- VI - orientação da atenção.

E podemos concluir como Gates: Aprende-se exatamente a reação que se pratica.

Observados esses princípios gerais de orientação para tornar possível a aquisição de certas habilidades motoras, cabe ao técnico desportivo aprimorar cada uma das habilidades, de modo que o indivíduo alcance o mais elevado grau de perfeição na sua execução. Como não poderemos mensurar esse fenômeno, temos de estima-lo, avalia-lo, baseado nas nossas observações. O controle técnico do footballer submetido a treinamento poderá ser assim esquematizado.

- I - Observação das condições psíquicas em que o footballer se apresenta para o treinamento;
- II - Observação do aspecto físico do footballer, antes durante e depois de realizado o treinamento;
- III - Observação das oscilações de peso que sofre o footballer (aconselhamos a pesagem deste antes e depois de cada treino);
- IV - Observação da evolução do estilo.
- V - Observação dos defeitos de estilo mais acentuadas e que parecem irremovíveis;
- VI - Observação da possibilidade de adaptação do estilo aos defeitos que demonstraram ser irremovíveis; o técnico desportivo não deverá insistir na remoção de um defeito se ele persiste após várias tentativas, mas estudá-lo e adaptá-lo de forma a auferir vantagens do mesmo;
- VII - Observação de movimentos inúteis, prejudiciais e até antagônicos que afetam o rendimento do footballer e que deverão ser eliminados;
- VIII - Observação da possibilidade de eliminação dos movimentos acima referidos e estudo dos processos a serem empregados;

IX - Observação dos progressos da adaptação do organismo á natureza do esforço, que lhe vai ser exigido, isto é, às características do jogo;

X - Observação dos progressos no aprimoramento da técnica.

Há que acrescentar a esse controle técnico as observações que dizem respeito à tática e que poderão ser desta forma esquematizadas:

I - Observação da apresentação da tática exposta;

II - Observação da demonstração no campo da tática proposta;

III - Observação da aplicação da tática indicada em treinos;

IV - Observação do comportamento de cada footballer em face da tática desenvolvida;

V - Observação dos elementos que não se adaptam à tática sugerida;

VI - Observação das possibilidades de adaptação da tática a certas características individuais, para assegurar a certeza de seu êxito;

VII - Observação da necessidade de mudança de tática, ante a sua impraticabilidade ou resultados duvidosos;

VIII - Observação dos progressos no aprimoramento da tática adotada;

IX - Mobilização da tática mais adequada a uma determinada circunstância.

É importante assinalar que nos desportos coletivos, entre os quais se situa o football, a tática deverá ser assimilada por todos os componentes da equipe.

E, finalmente, não será demais insistir que a tática é meio e não fim.



09/01/1954

O FOOTBALL: APONTAMENTOS PARA A SISTEMATIZAÇÃO DE SEU ESTUDO

16 – Elementos fundamentais para a organização do plano treinamento para uma equipe de football (I)

Se um técnico recebe a incumbência de preparar uma equipe de football, deverá considerar, para elaboração de seu plano, certos elementos como sejam:

Fim a atingir - A determinação do objetivo que se tenha em vista é o elemento mais importante: no presente caso, é lógico que o técnico não ira ensinar, a cada um jogar football, mas constituir uma equipe homogênea com indivíduos que já sabem jogar football. Ele vai apurar as condições físicas, e técnicas dos jogadores, até colocá-los em forma a par disso ensinara a utilização de diversas táticas aumentando, por essa forma, a produção do quadro.

Tempo previsto - O técnico deverá saber de que tempo dispõe até a realização do jogo ou do campeonato a fim de distribuir racionalmente o trabalho; é preciso que conheça não somente o tempo total, isto é, o número de meses ou, excepcionalmente, de dias com que pode contar, como também, dentro de cada dia, o número de horas que poderá utilizar.

Número de jogadores - Conforme a quantidade de que disponha, poderá o técnico ser mais exigente na seleção dos valores que deverão integrar a equipe; se o número for muito elevado, poderá subdividi-lo de maneira a constituir grupos pequenos, o que permitirá um trabalho mais eficiente.

Valor dos jogadores – Não se trata de conhecer apenas o valor dos footballers que deverão ser submetidos a treinamento: mas também o valor presumível dos adversários com os quais irão competir, isto é, a classe. O técnico não se deverá preocupar apenas com a situação dos pupilos, mas ainda com a daqueles com os quais se irão defrontar; conforme o valor dos adversários impõe-se a necessidade de maior apuro físico e técnico, além da tática adequada.

Recursos disponíveis – Os recursos a serem considerados são de duas naturezas: recursos em pessoal e recursos em material. Entre os primeiros classificamos os médicos especializados, os professores de educação física, os técnicos desportivos, os treinadores e massagistas e os auxiliares eventuais; um grande clube poderá dispor de todo esse pessoal, o que atualmente ainda não se verifica. Os médicos destinam-se à seleção do pessoal e à assistência, que deverá ser prestada ao footballer durante o período de treinamento; os professores de educação física poderão ter a seu cargo o treinamento geral dos jogadores, ou seja, o seu preparo físico para colocá-los em condições, pois essa colaboração simplificará muito o trabalho do técnico desportivo: os técnicos desportivos têm a incumbência do treinamento especial, que visa colocar o footballer em forma, o treinamento técnico e o treinamento tático; os treinadores são elementos de colaboração do técnico desportivo, podendo dirigir os treinos segundo as

indicações recebidas, os massagistas obedecerão às prescrições médicas e recomendações do técnico desportivo na aplicação das massagens; os auxiliares eventuais serão aproveitados para diversos outros serviços, de acordo com as circunstâncias do momento. Os recursos materiais compreendem as instalações e o material móvel; entre as instalações consideramos o gabinete médico - biométrico e outros de que disponha a instituição, o número de campos disponíveis para treinos (há clubes, às vezes, que possuem ou dispõem de mais de um campo de football), ginásios ou quadras para basketball, pórtico, traves, barras duplas, caixas de saltos, etc. Entre o material móvel há que considerar aquele que se destina aos exercícios físicos, tal como medicine-balls, Pêsos esféricos, cordas, fardos, etc. Somente conhecendo a natureza desse material será possível escolher os exercícios que deverão ser utilizados.

Meios a empregar - Sob este título consideramos as sessões preparatórias que preparam o físico para o posterior trabalho especializado, as sessões de adaptação que adaptam o organismo à natureza do esforço que lhe vai ser exigido, as sessões de aplicação que representam a realização da prática desportiva, e as sessões complementares, que se destinam a aprimorar a técnica do footballer e a estabelecer as táticas, que deverão ser empregadas em tais ou quais situações. Esta classificação que apresentamos é de nossa autoria, estando as expressões convencionadas ao significado que lhe emprestamos.



13/01/1954

O FOOTBALL: APONTAMENTOS PARA A SISTEMATIZAÇÃO DE SEU ESTUDO

16 – Elementos fundamentais para a organização do plano treinamento para uma equipe de football (II)

No último artigo, consideramos, entre os elementos fundamentais à organização do plano de treinamento para uma equipe de football, o fim a atingir, o tempo previsto, o número e o valor dos Jogadores, recursos disponíveis e meios a empregar. Complementando esses fatores que são realmente os básicos, poderemos fazer uma breve referência da aos horários, uniforme e local.

Horários - Os horários previrão as atividades para cada dia e para cada semana, isto é, serão semanais e diários. Os primeiros especificarão o número de sessões de trabalho por semana e os últimos a hora em que essas sessões terão lugar. Para que melhor se faça a adaptação do organismo ao esforço que lhe vai ser exigido, às sessões de treinamento deverão realizar-se em hora correspondente àquela em que terá lugar à competição e, tanto quanta possível, nas mesmas condições mesológicas.

Uniforme - Haverá a indicação do uniforme a ser utilizado para cada sessão, de acordo com a natureza do trabalho. Há que usar nos treinos shooteiras que lhes proporcionem conforto e não as substituir por outras novas no dia do jogo, como temos visto ocorrer: uma shooteira nova, justa aqui ou ali, incomodará o football e o mesmo poderá ocorrer com suspensórios atléticos apertados.

Local - Sempre que possível, o treinamento, ou pelo menos um dos treinos deverá ser realizado no local onde se verificará o jogo: os fooballers serão muito favorecidos com a observação deste detalhe, pois um campo de football sempre oferece certas particularidades: o terreno poderá ser mais ou menos duro, haverá sempre pontos de referência para precisar o lugar em que se encontra o footballer e permitir-lhe avaliar a direção e a distância em que se encontra de seu objetivo, ainda que para este esteja de costas.

Os elementos que acabamos de considerar são indispensáveis à organização de um plano geral de trabalho, trabalho consciente sem improvisações, e, que assegurará rendimento certo. Há técnicos de nossos clubes desportivos que entram em campo para realizar o treino da equipe sem a mínima ideia do que irão fazer ou, o que é mais comum, ignorando a finalidade com que realizam aquela forma de trabalho. Preocupam-se em encher o tempo destinado ao treino, em afirmar que realizam dois ou três treinos por semana, sem considerar a indispensável sistematização do trabalho, a sequência que deverá existir entre um treino e o subsequente. Por esta forma, o seu trabalho fica representado por compartimentos estanques, sem que ao resultado de um treino se some o do treino seguinte e assim sucessivamente até que soma dos resultados de todos os treinos represente o objetivo que se tinha em vista, alcançado plenamente.

A improvisação do trabalho tem constituído um dos males de que os técnicos de muitas das nossas equipas de football são portadores. Dar êste ou aquêle exercício, somente porque se deve dar um exercício, sem conhecer as suas finalidades, os seus efeitos, o que dêle seus homens possam aproveitar de útil, assemelha-se a comprar um objeto sem saber porque ou para que serve. E, da mesma forma que muita gente compra um objeto só porque todo mundo o acha bonito ou barato, treinadores há que ministram exercícios apenas porque todos dizem que os treinos devem comportar exercícios.



19/12/1953

POR QUE MARIO FILHO?

Assisti a uma homenagem sincera, singela e justa, que a muitos passou despercebida e que merece ser trazida a público. Os diplomados de 1953 da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil escolheram para seu patrono não um político, não um estadista, não qualquer governante, mas a figura de Mario Filho.

Por que Mario Filho? É a pergunta que assomará aos lábios de muitos. Que vínculos o poderiam ligar aos jovens que concluíram agora seus diversos cursos naquela universitária? Por que não escolheriam êles para patrono alguém que lhes pudesse prometer alguma vantagem ou privilégio de qualquer natureza?

A juventude é espontânea nas suas manifestações, é sincera nos seus sentimentos, é leal nas suas convicções, é nobre nos seus anseios. E essa juventude homenageou na figura de Mário Filho, a obra construtiva que vem realizando há duas décadas, sem conhecer empecilhos, convicto de que levaria a bandeira de seus ideais ao objetivo com que sonhara. Quem poderá, de sã consciência, negar o valor de realizações que hoje se consagram como um verdadeiro patrimônio social do povo carioca? Para não citar muitas de suas iniciativas, basta lembrar o alto significado dos “Jogos da Primavera” e, sobretudo, a importância dos “Jogos Infantis”, cuja realização mais uma vez se aproxima.

Nas solenidades a que assistimos quinta-feira última na Câmara Municipal, quando se verificou a colação de grau dos diplomandos da E.N.E.F.D., quer o orador da turma, quer o próprio paraninfo reclamaram de nossas autoridades um pouco de atenção para a criança de hoje, da qual depende o Brasil de amanhã. E Mario Filho, colaborando espontânea, desinteressada e valiosamente com o governo está realizando obra que justifica, por si só, a homenagem de que foi alvo. Quem assistiu, no início do corrente ano, aos “Jogos Infantis” verificou que os mesmos não mobilizavam apenas as crianças, mas seus pais, parentes, enfim toda a família, que se orgulhava, com a participação do ente querido em uma corrida de velocípede ou uma disputa de patinete. Eram os laços da família que se estreitavam, eram os sentimentos que se avivavam, era a alegria que transbordava exuberante do interior de cada pai, quando, para os seus amigos ou mesmo desconhecidos, apontava para algum dos garotos e exclamava: “Aquêles ali é meu filho!”.

E eu fui um desses pais que, orgulhosos, viram o retrato do seu filho nos jornais, como uma promessa de que as energias biológicas do homem brasileiro, que, por tantos séculos haviam dormitado latentes, seriam suscitadas, estimuladas, desenvolvidas e aprimoradas transformando-nas em um povo saudável e feliz.

O Cel. Caio Miranda, atual Diretor da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação, homem inteligente, culto e experimentado na vida pública, melhor conhecendo o valor de iniciativas dessa natureza, há, por certo, de emprestar apôio moral e maior prestígio governamental a realizações que traduzem, com essas, o esforço e a boa vontade da iniciativa particular.

Mobilizando a opinião pública com seu noticiário e suas grandes iniciativas, JORNAL DOS SPORTS, sob a direção de Mario Filho, está cumprindo programa que merece o reconhecimento daqueles que, vivendo em um século das mais terríveis manifestações egoísticas, ainda alimentam a esperança de um homem melhor para um mundo melhor.

Foram felizes os jovens diplomandos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil, quando escolheram Mario Filho para seu patrono e meus votos são para que, em outras oportunidades, possam ser tão justos, sinceros e nobres como o foram neste momento.



14/01/1954

PENSA FUNDAR ALGUM CLUBE?: ENTÃO LEIA ISTO

I - Considerações

O CLUBE é uma forma de associação voluntária, na qual os membros estão organizados em torno de certos objetivos específicos comuns. Tais objetivos são habitualmente de caráter recreativo, desportivo ou cultural, mas também podem cingir-se a finalidades religiosas, sociais ou econômicas. Os clubes possuem, normalmente, govêrno autônomo que se estabelece mediante eleição de seus membros. Em geral esse termo, de origem inglesa, é usado para as organizações em que existe um vínculo social ou um desejo de sociabilidade entre os membros assim como acôrdo formal sôbre um propósito comum.

Um clube não é constituído por um simples agrupamento de indivíduos: à sua existência, imprescindível se torna um interêsse comum ainda mesmo que ocasional, para que se possa desenvolver uma ação comum. O clube perdurará pelo tempo em que existirem tais interesses.

A “Encyclopaedia of the Social Sciences” consagra no volume III, algumas de suas páginas ao que se deva subentender por clube. A seguir apresentamos um pequeno resumo das ideias fundamentais sôbre clube, contidas nessa importante obra:

“O Clube como uma associação voluntária, distinguindo-se claramente das outras associações maiores – o Estado, a Igreja, a Família – nas quais os seus membros são obrigatórios e que têm sido consideradas a base para a continuidade social. Essa associação pode ser definida como incluindo só os Clubes de Pall Mall e seus imitadores, ou também tôda forma de associação voluntária. Se, porém as classificamos em ocupacionais, religiosas, culturais e recreativas, os clubes serão encontrados na época atual, quase exclusivamente nas duas últimas categorias.

Talvez seu caráter, contrastando com o das outras associações voluntárias, esteja relacionado com as atividades de lazer. Dependendo de seus interesses, os clubes podem ser sociais, literários, artísticos ou atléticos.

Nas comunidades primitivas, a predominância de cerimônias e rituais, em tôdas as fases da vida, identificou os clubes com as sociedades secretas. Tais clubes e sociedades estão relacionados com atividades religiosas e de lazer: algumas vezes cumprem funções políticas e militares. Mas tais sociedades diferem totalmente dos modernos clubes pela natureza inteiramente distinta da sua organização social”.

No Brasil não temos notícias da fundação de nenhum clube de natureza desportiva na primeira metade do século passado. Os centros de interêsse para a fundação dos mais antigos clubes do Brasil, ao que tudo indica, foram o turf, a ginástica e o remo. Assim, a 16 de julho, de 1868, foi fundado, no Rio de Janeiro, o Jockey Club Fluminense, sendo escolhidos para a construção do hipódromo os vastos terrenos que em São Francisco Xavier possuíam o maior Suckow e seu genro conde Herzberg, de origem prussiana e há muito radicados no país: ainda tendo o turf por motivo principal, seguiram-se-lhe, a 14 de março de 1875, o Jockey Clube de São Paulo e em 1885, no

Rio de Janeiro, o Derby Club, grande centro turfista, cujos empreendimentos marcaram época. A ginástica deu motivo à fundação, em 1867, da Sociedade de Ginástica de Pôrto Alegre, e, a 31 de outubro de 1868, ao Clube Ginástico Português, no Rio de Janeiro. O remo foi o despôrto que, no ocaso do Império e na aurora da República, motivou a fundação do maior número de clubes, dentre os quais poderemos apontar como os mais antigos o Clube Guanabareense, fundado a 9 de agosto de 1874, e o Club de Regatas Cajuense já de 1885. Alguns outros clubes, com o decorrer dos anos, mudaram o seu centro de interêsse, acompanhando a evolução social do povo, tal qual ocorreu com o Club de Regatas do Flamengo, onde o objetivo principal, o remo, foi substituído pelo football.

Em nossos dias, os clubes assumiram em sua maioria, um tríplice aspecto: desportivo, social e recreativo; por essa forma atendem aos interesses não apenas do próprio associado como ainda dos de sua família.



15/01/1954

PENSA FUNDAR UM CLUBE?: Então Leia Isto

II – Os clubes infantis e juvenis

Os clubes dessa natureza têm, quase sempre, uma duração efêmera e giram em torno dos mais variados interesses, administrando-se, muitas vezes, segundo convenções verbais ou regulamentos sucintos e singelos. Surgem dentro da escola ou fora dela, neste último caso ditados por interesses das crianças e adolescentes de uma mesma rua, quarteirão ou bairro ou ainda tendo por vínculo outra instituição, tal como ocorre com os clubes de ex-alunos.

a) Escolares

Dentro dos clubes escolares, temos de distinguir os característicos da escola primária, dos da escola secundária, cada tipo traduzindo interesses próprios da infância ou da adolescência.

Os interesses mais comuns na escola primária, capaz de determinar a fundação de clubes, são: pelo football, resultando na constituição de uma equipe com as cores, escudo e camisa (a escola poderá ter até mais de um clube de football); pelas coleções, de selos, de figurinhas diversas (de artistas de cinema, de jogadores de football, etc.); pelas atividades agrícolas (clubes agrícolas), sobretudo nas comunidades rurais; por animais também mais encontrados na zona rural; pela leitura, gerando a criação de bibliotecas e clubes de leitura; pela economia dando origem a bancos e sociedades de empréstimos, até com penhores; pelas excursões, motivando a constituição de grupos que fazem seus passeios a locais mais distantes; pelas atividades recreativas, sejam elas de natureza intelectual (matemática), física (atletismo) ou artística (música). Outros interesses eventuais poderão determinar a fundação de clubes dentro da escola primária, muitas vezes para realizar certas campanhas. Os clubes neste tipo de escola tem quase sempre um presidente, um secretário e um tesoureiro; algumas vezes têm apenas o presidente ou chefe e então se confundem com os gangs.

Na escola secundária os interesses próprios ao adolescente vão determinar clubes com características que mais se aproximam das associações perfeitamente organizadas.

Gerald Dougherty, Diretor de Atletismo do “American Grammar e High School”, publicou um interessante trabalho sobre “Organização de Clubes na Escola Secundária”, do qual extraímos os trechos que nos parecem mais importantes:

“No sistema das escolas norte-americanas, as organizações atléticas, foram seguidas muito de perto por organizações literárias, de polêmica, dramáticas, forenses e publicações estudantis. No começo deste século surgiu uma variedade de clubes. Havia-os de ciências e agricultura, de laticínios, avicultura, conservas, culturas, etc. A câmara fotográfica, o rádio, o cinema, todos tinham seu clube. A história e a instrução cívica, inspiraram muitos clubes, tais como o “Clube para conhecer tua cidade”, “Clube para melhorar a comunidade”, “Clube dos monumentos históricos”, “Clube dos selos postais”, “Clubes de viagens” e outros mais. Os clubes dos “Amantes da leitura”, “Dos

escritores”, “Do álbum de recortes”, “Da poesia”, e “Dos contos curtos” são uns poucos das centenas que surgiram do estudo do idioma inglês”.

“A história destas atividades e clubes pode ser resumida da seguinte maneira: no princípio elas foram pouco cuidadas; em seguida combatidas e depois supervisionadas”.

“Ao apresentar esta síntese informativa sobre os clubes, devo salientar o seguinte: o football foi a primeira atividade estabelecida nas escolas norte-americanas; o principal objetivo das atividades dos clubes é aguçar o interesse do aluno e desenvolver sua habilidade e destreza em atividades apropriadas e ajudá-los assim, de maneira inteligente, a utilizar suas horas livres, sempre sob a direção escolar; e é interessante notar que as atividades estranhas ao atletismo florescem com mais vigor entre os alunos dos dois últimos anos do curso da escola secundária”.

“O desenvolvimento da confiança própria, prática de direção treinamento para assumir responsabilidades, prestar serviço à sociedade, cidadania e patriotismo, constituem os propósitos básicos dos clubes. Desta maneira, em vez de uma política de restrições individuais ou gerais a escola cumpre sua suprema função de govêrno: o desenvolvimento de um expressivo programa vital em sua comunidade”.

b) Extra escolares

Os clubes extra-escolares, entre crianças e adolescentes, são mais restritos, mais raros e de menor importância, pois o objetivo comum se torna pobre.

Quer entre as crianças, quer entre os adolescentes, os clubes desportivos se apresentam como os mais numerosos no âmbito extra-escolar; seguem-se-lhe os clubes sociais e artísticos.

Nas instituições de educação supletiva ou de recreação, como nos parques infantis e centros de recreação, surgem muitas vezes, também clubes, cujos objetivos se encontram muito próximos dos estudados nos clubes escolares.



16/01/1954

PENSA FUNDAR UM CLUBE?: Então Leia Isto

III – Os clubes com personalidade jurídica

Os clubes poderão assumir as características de pessoas jurídicas de direito privado, na forma do art. 16 do Código Civil, representadas ativa e passivamente, nos atos judiciais e extrajudiciais, por quem os respectivos estatutos designarem, ou, não os designados, pelos seus diretores (artg. 17).

A) REQUISITOS PARA A FUNDAÇÃO

A fundação de um clube desta natureza requer a sequência das seguintes medidas:

- 1) reunião em assembleia, das pessoas ligadas ao interesse da futura associação;
- 2) lavratura de uma ata de fundação, assinada pelos presentes;
- 3) escolha de uma diretoria provisória, para administrar o clube, a título precário, e elaborar os seus estatutos;
- 4) assembleia dos sócios para aprovação dos estatutos;
- 5) idem para eleição dos representantes dos poderes (presidência, diretoria, conselhos, etc.);
- 6) posse dos representantes eleitos.

B) EXIGÊNCIAS PARA A AQUISIÇÃO DE PERSONALIDADE JURÍDICA

Para que um clube adquira personalidade jurídica, deverá satisfazer às exigências dos artigos 18 e 19 do Código Civil, que são os seguintes:

Art.18 – Começa a existência legal das pessoas jurídicas de direito privado com a inscrição dos seus contratos, atos constitutivos, estatutos ou compromissos no seu registro peculiar, regulado por lei especial, ou com a autorização ou aprovação do Governo, quando precisa.

Parágrafo único – Serão averbadas no registro as alterações que esses atos sofrerem.

Art. 19 – O registro declarará:

- I – A denominação, os fins e a sede da associação ou fundação.
- II – O modo porque se administra e representa ativa e passiva judicial e extrajudicialmente.
- III – Se os estatutos, o contrato ou o compromisso são reformáveis no tocante à administração e de que modo.
- IV – Se os membros respondem ou não, subsidiariamente, pelas obrigações sociais.
- V – As condições de extinção da pessoa jurídica e o destino do seu patrimônio nesse caso.

ORGANOGRAMA

A organização de um clube poderá ser, tecnicamente, assim esquematizada:

I – determinação da finalidade do clube (móvel da associação) em face do interesse suscitado.

II – reunião dos interessados para as providências já caracterizadas no item referente a requisitos para a fundação.

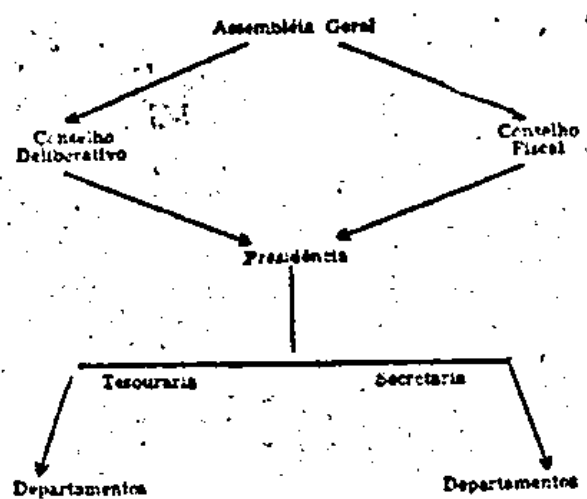
III – conforme a natureza do clube deverão ser ou não tomadas as providências enumeradas para a aquisição de personalidade jurídica.

IV – escolha do local para sede e instalação exigidas pelo fim do clube (cada sede poderá ser própria ou emprestada).

V – levantamento de recursos para o funcionamento do clube.

VI – programação de atividades como base de garantia para a vida do clube.

Damos, a seguir, o organograma para um clube, razoavelmente complexo¹¹:



¹¹ A figura é original.

18/01/54

APOLOGIA DOS DESPORTOS

1 – A "enquete" que a UNESCO está realizando

Das mais oportunas e interessantes é a “enquete” ora formulada pela U.N.E.S.C.O. relativamente ao papel que os desportos podem desempenhar na Educação. Não há como negar que, dia a dia, cresce a importância desse papel e as gerações que se preparam para a vida social se mostram mais e mais atraídas pelas práticas desportivas. Conclui-se, daí, que não devam ser os desportos combatidos, mas aproveitados inteligentemente, como força positiva de modo tal que os processos de que se vale a Educação sejam enriquecidos com novas técnicas. Em todas as principais nações do mundo, os desportos se têm revelado como força social de extraordinária potência, que deverá ser aproveitada em seu verdadeiro sentido positivo.

No Brasil, poderemos afirmar sem receio de contestação, nas duas últimas décadas, o surto desportivo não foi igualado em nenhum dos outros setores de atividade humana. Assim, nosso país, tanto como os outros ou mesmo mais que estes, está interessado no assunto que ora se constitui objeto de atenção por parte da UNESCO.

“Os desportos já não se confinam nas divisas de suas próprias fronteiras além das quais não deva ir a iniciativa privada. Prolongam-se, ramificam-se no seio da vida, no alvoroço dos interesses coletivos e necessitam de leito próprio, por onde possam prosseguir, sem atropelar o curso dos outros caminhos, de cujo conjunto a vida social subtrai a expressão e a beleza de cada momento. Como escola, os desportos educam os indivíduos e preparam os cidadãos”.

A “enquete”, que a U.N.E.S.C.O. está realizando entre os países membros dessa organização internacional, consta das quatro seguintes perguntas:

1º– Seria conveniente que a UNESCO organizasse, por grupos de países, uma “enquete” coletiva sobre o papel do esporte no ensino em cada um deles e sobre os fatores que pareceram exercer uma ação favorável ou nefasta em matéria de educação?

2º – Haveria interesse em convocar, depois do recebimento dos relatórios estabelecidos pelos Estados Membros e pelas associações internacionais interessadas em educação, uma conferência internacional encarregada de estudar esta questão?

3º – Haverá interesse em organizar uma “enquete” de caráter mais especializado, sobre a influência de manifestações desportivas de caráter internacional sobre a compreensão internacional?

4º – Haveria interesse em promover uma ou mais medidas indicadas acima por ocasião de uma manifestação esportiva de caráter internacional, os Jogos Olímpicos de 1956, por exemplo?

Assim, a UNESCO, que se tem interessado por vários problemas relacionados com os mais distintos setores da atividade humana, ainda não dispensou atenção necessária aos desportos, que, em nossos dias, tão facilmente mobiliza a opinião pública. Inteligentemente explorados, os desportos se poderão transformar em poderosa força de penetração capaz de modificar os multisseculares hábitos dos mais tradicionais países.



APOLOGIA DOS DESPORTOS

2 – Os desportos na formação do caráter

A ação educativa dos desportos não é apenas de ordem física, conforme muita gente ainda supõe, mas principalmente da natureza moral e psíquica. Elês poderão contribuir de forma decisiva para a formação do caráter, para a consolidação de uma vontade firme.

Há duas épocas na vida do homem que são muito importantes para a formação do caráter: a primeira quando a criança adquire o uso da razão e a segunda quando o jovem entra em contáto com a sociedade na luta pela vida. A puberdade é também uma fase perigosa no que diz respeito aos vícios de ordem sexual. Êste é o motivo por que na nossa opinião devemos prestar uma assistência muito cuidadosa aos indivíduos que atravessam êsse período esclarecendo-lhes certos fenômenos naturais e orientando-lhes o instinto sexual para um desenvolvimento rigorosamente normal.

Dentre as qualidades morais que devem ser desenvolvidas para a formação de um caráter ideal destacam-se a coragem, a tenacidade, a perseverança, a generosidade, o espírito de disciplina, de solidariedade e de cooperação, a energia, a confiança em si, a lealdade e a predisposição à luta.

E todas essas qualidades indispensáveis à vitória do homem nos embates cotidianos da vida podem ser obtidas por meio dos desportos que adestrando o corpo elucidam o espírito e acrisolam o caráter.

A coragem é indispensável em qualquer empreendimento humano, pois aquele que admite a derrota antes da luta já está vencido sem nela ter ainda tomado parte. “A coragem é órgão da atividade que determina as ações” (S Doria – “Educação Moral e Educação Econômica”). A prática de desportos cuja realização exige atividade pronta e resoluta aumenta progressivamente o grau de coragem dos indivíduos que áquela se submetem. Do mesmo modo, a tenacidade e a perseverança só podem ser alcançadas através de lutas contínuas qualquer que seja a sua modalidade, e os desportos, individuais ou coletivos, são o meio indicado para a consecussão de tal objetivo.

A generosidade é peculiar aos que conhecem o valor das suas fôrças e não as utilizam contra um adversário mais fraco, incapaz de resistir-lhes. A generosidade é própria dos fortes, dos que sabem lutar e vencer, daquêles que amparam os fracos contra a tirania dos déspotas.

O espírito de disciplina de solidariedade e de cooperação só poderá ser despertado através dos jogos e dos desportos coletivos, em que cada individuo trabalha para uma causa comum: a vitória do seu grupo.

A energia somente a possuem os indivíduos que não abandonam uma causa, por mais que pareça, mas que, quando assim os outros a consideram, redobram os seus esforços e transformam a iminente derrota na mais estrondosa vitória. Só aquêles que não se abatem à superioridade numérica ou de posição do adversário, que preferem morrer num posto a cedê-lo possuem caráter apreciável.

E nas competições desportivas, a preparação para êsse fim pode ser feita metódicamente, aumentando-se, pouco a pouco a complexidade e a importância dos torneios.

A confiança em si, a lealdade e a predisposição à luta não as possuem os homens de espírito fraco. E a fé em si é condição da vitória, ainda que sem derrota de ninguém.

Só os indivíduos de ânimo forte, aquêles que confiam em suas próprias forças, que não utilizam meios desleais para levar de vencida um adversário, que não fogem à simples visão de um embate, que jamais abandonam a lição depois de iniciada a luta, só estes são dignos de admiração, sómente êstes merecem ser imitados. E “a melhor maneira de aprender a competir no jogo da vida, está nas competições desportivas”.

Eis os verdadeiros princípios da mais sã moral, alicerces seguros de uma moral social sólida e que fará qualquer povo próspero, feliz e respeitado.



APOLOGIA DOS DESPORTOS

3 – Os desportos na educação da vontade

“A educação da vontade produz homens de ação. A educação da moral, homens do bem. Mas recaem ambas sôbre a vontade. Por isso a educação moral é educação da vontade.” (Doria, S. – “Educação Moral e Educação Econômica”).

Uma vontade firme e decidida é por si só um grande bem. Quase todos os autores são unânimes em afirmar que a educação moral esta baseada na educação da vontade.

Kerschensteiner (“El alma del educador y el problema de la formacion del maestro”) assevera que “la finalidad fundamental de toda educacion es determinar cada vez más claramente la voluntad del alumno, para proporcionarle um caráter firme, dispuesto por la costumbre y regido por principios concretos”.

Spencer (“Educação intelectual, moral e física”) diz que os homens independentes são aqueles que não se curvam à vontade alheia, que mantem os seus princípios em todas as circunstâncias e exemplifica com a diferença fundamental entre os sistemas educacionais da Inglaterra e da Alemanha.

O individuo de vontade educada é senhor de todos os seus atos, sabe o que deseja e controla-se nas mais difíceis circunstâncias, encontrando sempre solução aos intrincados problemas que lhe sejam propostos. Mas, só por uma prática constante, poderemos obter a subordinação dos nossos desejos ao poder da vontade. “A conquista de si mesmo não é fácil. Mas uma vez conseguida trás àquêle que a consegue a alegria de viver” (Carrel, A. – “Renove seu próprio Eu”).

Consequentemente, podemos afirmar que “a educação moral é, em substância, educação da vontade” Dória, S. – Ob. Cit).

E o melhor meio de educar a vontade está na prática dos desportos. O atleta que, sentido fraquejarem-lhe as fôrças para atingir a meta, conseguem num esforço supremo alcançar a vitória única e exclusivamente pelo poder de férrea vontade, realiza totalmente a sua tarefa, transformando a energia moral que a sua vontade lhe empresta em energia física. “Aquêle que hoje realiza um esforço titânico, empregando a última de suas energias para alcançar em primeiro lugar a meta, ou para transpôr o sarrafo á máxima altura, é o mesmo que amanhã não tergiversará em sacrificar a última gota de sangue para manter uma posição, para garantir um assaio, para repelir um inimigo” (MARINHO, I. P. – “A significação dos IV Jogos Olímpicos Universitários”).

“A educação da vontade baseia-se na educação do corpo. A ação é atividade muscular, mas é também atividade nervosa e mental. Educai pois, o cérebro excitando os músculos... E’ para o bem do espírito que queremos a educação física” (Thiele. A. – “Die neue Erziehung Werdenun Wsen der Leibusungen Lepzig”).

Os grandes pintores e escultores sempre que pretenderam encarar o indivíduo derrotado, moralmente aniquilado, representaram-no de ombros caídos, braços ao londo corpo, fronte baixa e olhos fixos no chão; ao contrário, o espírito superior era representado pela fonte ativa, ombros na linha horizontal, braços em gestos simbólicos, olhar firme e decidido.

Os gregos, aos quais não se pode negar o adiantado grau de civilização que alcançaram, amavam o belo e todos os seus deuses, inclusive Athene, a Minerva dos Romanos, que representava a inteligência, a deusa da Razão, êles a tinham concebido sob as mais lindas formas. Apolo, o Phoebus dos latinos, que simbolizava as artes e as letras, era representado como o do tipo mais perfeito de beleza masculina.

Não resta, pois, a menor dúvida de que a educação moral tem por base a educação da vontade, mas para obter esta devemos tomar portanto de partida a educação física, para a qual os desportos representam um dos meios mais eficientes.



APOLOGIA DOS DESPORTOS

4 – Os desportos na Educação Física

Rousseau na sua obra “Emílio” afirmou: “Cultivai a inteligência dos vossos alunos, mas cultivai, antes de tudo, o seu físico, porque é êle que vai orientar o seu desenvolvimento intelectual. Fazei primeiro o vosso aluno são e forte, para que possais vê-lo inteligente e sábio”.

Geralmente, nos indivíduos que gozam de pouca saúde, nota-se que é o estado físico quem comanda o espírito, subordinando-se este inteiramente aos constantes caprichos daquele. O corpo, e assim pensa Rousseau, deve portar-se como servo obediente do espírito para que o homem possa concretizar os seus sonhos e realizar todas as suas aspirações. O espírito é o comandante que determina as grandes ações e o corpo o exército que as realiza: e qualquer um dos dois, sem o concurso do outro, jamais poderá atingir o objetivo colimado.

“Comparam-se, outrossim, os estados dalma de dois indivíduos, um fraco e mole, outro musculoso e bem exercitado em educação física: no último as fibras musculares, tonificadas e sempre em iminência de contratação, provocam um sentimento de fôrça, de leveza, de otimismo, que o primeiro não conhece” (Rouges – “Educação do Caráter”).

Dentro do próprio quadro das atividades físicas, os desportos se mostram muito superiores aos exercícios formais, conhecidos genericamente por ginástica e classificados impropriamente pelo Regulamento Geral de Educação Física n.º 7. no Brasil, sob a denominação de “flexionamentos”. Os exercícios analíticos, de efeitos morfológicos por excelência, são indicados para a correção de pequenos defeitos, desvios, de normalidade e ainda como exercícios de compensação para os indivíduos obrigados a permanecer por muito tempo em uma mesma posição ou que trabalham solicitando apenas certas sinergias musculares. São todos exercícios artificiais, inventados pelo homem e utilizados quase sempre pelos jovens que desejam obter musculatura cheia de relevos ou pelos adultos que procuram reduzir a dilatação de seu abdômen, proveniente da flacidez da parede abdominal.

Mas não são esses os exercícios que ativam as grandes funções, que emprestam resistência ao organismo, isto é, que proporcionam o treinamento orgânico, que desenvolvem a aptidão física, que aumentam a coordenação do sistema neuro-muscular, que ensinam o homem a utilizar as suas fôrças inteligentemente. Para êsses resultados são indicados os exercícios sintéticos de efeitos acentuadamente fisiológicos que, muitas vezes, não desenvolvendo grande musculatura, proporcionam, no entanto, ao individuo, excelente resistência orgânica.

O alcance dos desportos como meio de educação física poderá ser resumido em três princípios fundamentais:

I – exigir dos organismos dos indivíduos submetidos a regime de trabalhos físicos, esforços cujo grau de intensidade aumente paulatinamente, sem provocar, por esta forma, grandes reações orgânicas, sempre de efeitos prejudiciais sôbre a saúde;

II – consequentemente, obter a maior resistência orgânica dos indivíduos, de modo que êstes possam suportar trabalhos de qualquer natureza, aos quais não resistiriam em outras circunstâncias;

III – desenvolver a capacidade física pelo aumento sucessivo de complexidade dos exercícios, de tal sorte que um indivíduo de aptidão inferior possa sobrepujar outro de maior aptidão, pelo uso mais inteligente de suas forças.

É de grande importância ressaltar que, enquanto os exercícios analíticos proporcionam quase exclusivamente o desenvolvimento corporal, os desportos possibilitam o treinamento orgânico, isto é, a adaptação do organismo a grandes esforços.

O uso das práticas desportivas como meio educacional deve ser feito com grande cautela, a fim de que não se exijam dos organismos, ainda na fase de sua evolução, esforços demasiados que a venham perturbar. Aqui deverão sempre os desportos ser adaptados ao valor físico dos educandos, adaptação esta que se processará mediante a redução do tempo de duração da prática e das dimensões dos campos ou extensão das provas. Não deverá também ser esquecido, e isto é fundamental, que os educandos participam das práticas desportivas sempre em igualdade de condições, quer sob o ponto de vista físico, quer sob o técnico.

Dentre as qualidades de ordem psico-somáticas que os desportos, utilizados como meio educacional, podem despertar, destaca-se o vigor a força, a resistência, a destreza, a flexibilidade articular, a velocidade, a acuidade sensorial, a coordenação de movimentos, a independência das contrações musculares e a harmonia das formas e das proporções.



APOLOGIA DOS DESPORTOS

5 – A competição na vida do homem

A competição é o ato ou efeito de competir. Competir (Competere) é concorrer na mesma pretensão com outro.

Na verdade, a competição é o único meio de verificação dos resultados do treinamento desportivo, porque permite comparar o trabalho de um técnico com o de outros, estabelecer a relação entre o preparo físico, técnico e tático de um desportista com o de outros, enfim, viver situações novas, bem diversas das em que se verificou o treinamento e que não poderiam ser provocadas pelo técnico com todos os recursos de que dispusesse.

O estado de forma de um desportista ou de uma equipe deverá ser alcançado nas proximidades da data em que a competição terá lugar. A forma é uma situação instável, capaz de prejudicar-se sob a influência de fatores que possam trazer perturbações de qualquer ordem ao organismo. A solicitação de um esforço violento ou uma emoção extremamente forte às vésperas da prova ou do jogo poderá trazer a perda da forma. Esta se exprime pelas excelentes condições físicas, técnicas, táticas e psicológicas que o desportista apresenta: e elas deverão conjugar-se no seu grau mais elevado, quando tal estado é atingido. E não é outra a razão por que até um traumatismo psíquico poderá acarretar a perda da forma.

Quando a forma é atingida, o desportista é dado em situação de competir. E a verificação do seu aproveitamento só deverá ser feita de um modos pela própria competição. Qualquer outro procedimento será errôneo.

Não será demais repetir que o desportista não vence só pelo seu preparo físico ou apuração de sua técnica, mas também pelas suas condições psíquicas, e pela aplicação de sua tática. A preparação psicológica do atleta deverá ir sendo feita lentamente, durante todas as fases do treinamento de modo que êle possa adquirir confiança nas suas possibilidades, sem, no entanto menosprezar as do adversário. Com relação ao outro aspecto, quando dois desportistas se apresentam física e tecnicamente equivalentes, a vitória pertencerá àquele que adotar a tática mais indicada para as circunstâncias. E isso, se importante se torna para os desportistas individuais, muito mais o é para os desportos coletivos em que uma inferioridade técnica pode, às vezes, ser suprida por uma tática eficiente. A simples mudança de uma chave, a troca de um jogador de posição, a característica dos passes, tudo isso pode influir decisivamente para a vitória ou a derrota de uma equipe.

Cada competição em que o indivíduo intervém quer como disputante, quer como treinador, contribui sempre para aumentar a sua experiência enriquecê-la com as novas situações com as quais se defronta. A vitória ou a derrota em uma competição é a prova mais objetiva da verificação dos resultados do treinamento desportivo, por outro lado, e êste é um dos seus aspectos capitais, permite comparar o trabalho de um técnico desportivo com o dos outros, as possibilidades máximas de um desportista ou equipe com as de outros desportistas ou outra equipe.

A competição é, pois, o verdadeiro meio de verificação de trabalho no teinamento desportivo.

Se estudarmos o método francês (Joinville-lePont), com os seus certificados de Educação Física e as tabelas de pontos para medir a eficiência física, tão do gôsto dos

norte-americanos, encontraremos situações opostas em duas grandes escolas: a francesa, contra a competição, contra o recorde.

A escola francesa está bem caracterizada pelos índices estabelecidos para as provas de eficiência física, onde não existe a preocupação do melhor resultado que cada indivíduo possa obter, mas tão somente que todos os indivíduos alcancem um índice mínimo, estabelecido por meio de tratamento estatístico.

Contrariamente a escola americana busca o rendimento máximo de cada indivíduo em cada setor. Não lhe interessa que os indivíduos em cada setor. Não lhe interessa que os indivíduos alcancem conjuntamente este resultado, mas que cada indivíduo alcança seu melhor resultado, obtenha a sua melhor performance. É a luta pelo recorde.



APOLOGIA DOS DESPORTOS

6 – A favor ou contra o recorde?

A favor ou contra do recorde? Eis uma questão que tem suscitado grandes discussões. O recorde significa a luta do homem contra o espaço e o tempo; cada recorde quebrado assinala mais uma vitória da sua eficiência física. Formamos entre aqueles que defendem o recorde nos desportos encarados como meio competição, porque êle representa o verdadeiro objetivo da própria competição. Se compararmos os resultados obtidos nos Jogos Olímpicos de 1896, realizados em Atenas com os alcançados em 1952, nos Jogos de Helsinki, poderemos ter uma ideia de quanto o homem aprimorou, pela competição, o rendimento de suas forças físicas. Sim, o rendimento, a utilização mais inteligente de suas forças, porque estas que o homem de hoje possui são as mesmas que o homem de meio século atrás possuía.

Para reforçar a nossa opinião, apresentaremos um quadro comparativo dos resultados das provas individuais, assinalados em 1896 e verificados em 1952. Êle será, argumento convincente para demonstrar a importância das competições:

PROVAS ATLÉTICAS

Lutas Contra o Tempo

100 m. – T Burk (USA) 12s.	Remigino (USA) 10.4s.
400 m. – T. Burk (USA) 54,4s.	Rhoden (Jamica) 45.9s.
800 m. F. Flack (Austr.) 2,11m.	Whitfiels (USA) 1m.49.2s.
1.500 m. F. Flack (Aus.) 4m.33.2s.	Barthel (Lux.) 3m.45.2s.
110 c/b W. Curtise (USA) 17.6s.	Dillarri (USA) 13.7s.
Mart. S. Louis (Grec.) 2h.35.20m.	Zatopesk (Checos.) 2h.23.

Lutas Contra o Espaço

S. Vara – W. Hort (USA) 3.30m.	Davis (USA) 2.04m
S. Alt. – E. Clark (USA) 1.81m.	B. Richards (USA) 4.60m
S. Dist. – E. Clark (USA) 6.34m.	Biffle (USA) 7.57m.
S. Trip – J. Conelly (USA) 13.725m.	A’Silva (Brasil) 16.22m.
Disco – R. Carret (USA) 29.165m.	Iness (USA) 55.03m.
Pêso – R. Carret (USA) 11.22m.	O’Brien (USA) 17.41m.

Natação

100 – A. Hoys (Hungria) 1m.22s.	Scholes (USA) 57.4s.
400 – Neuman (Austria) 8m.12s.	Botteux (França) 4.30.7s.

Observação: – São os seguintes os resultados de 1936, em Berlim, melhores do que os de 1952, em Helsinki:

100m. – Jesse Owens (U.S.A.) 10.2s.
Salto Distância – Jesse Owens (U.S.A) 8.06m.

O espírito de competição, poderemos dizer, é inato no homem, manifesta-se na criança desde os albores de sua infância nas mais simples demonstrações. Assim, por

exemplo, quando um pai regressa à sua casa, os filhos, que o esperam, correm a abraçá-lo e cada qual quer chegar primeiro. Que é isso, senão **COMPETIÇÃO**?

A competição, quer do ponto de vista físico, quer do moral ou ainda do social, apresenta valências positivas (vantagens) e negativas (perigos), que poderão ser esquematicamente traduzidos no seguinte quadro:

De Natureza	Vantagens	Perigos
FISICAS.....	Aumento da capacidade física, pela adaptação progressiva do organismo à natureza do esforço físico, aumento das grandes funções vitais; aumento da capacidade de recuperação orgânica desenvolvimento de habilidades específicas; resistência à fadiga; euforia.	Desgaste da capacidade física por falta de adaptação progressiva do organismo à natureza do esforço físico; hipertrofia dos órgãos responsáveis pelas grandes funções vitais; diminuição da capacidade de recuperação orgânica; falta de resistência à fadiga; inapetência; sudorese excessiva; insônia; mal-estar geral.
MORAL.....	Confiança em si próprio; espírito de luta; aumento de tôdas as energias morais; lealdade; disciplina; cavalheirismo; generosidade; alegria; altruísmo; sublimação dos instintos de agressão.	Falta de confiança em si próprio; espírito de fraude; envilecimento de tôdas as energias morais, deslealdade; indisciplina; arrogância; complexos; egoísmo; exaltação dos instintos de agressão.
SOCIAL.....	Espírito de grupo; solidariedade e integração social; capacidade de liderança.	Falta do espírito de grupo; desajustamento social; incapacidade de liderança.

O valor social da competição é inegável, pois é, nos campos desportivos, que se tempera o homem para os embates da vida.

Os desportos representam, em nossos dias a força extraordinária que não deve ser combatida mas inteligentemente aproveitada sublimando-se-lhe qualquer aspecto negativo para realçar e utilizar as suas valências positivas.



24/01/54

A ATIVIDADE DESPORTIVA SOB O PRISMA ENDOCRINOLÓGICO

Uma sugestão aos nossos médicos desportivos

Importantíssimo é o papel que as glândulas endócrinas e mixécrinas desempenham em nossa vida, sobretudo na adolescência. Assim, parece-nos oportuno tecer algumas considerações sobre a relação existente entre o trabalho muscular e a ação das citadas glândulas. Os endocrinologistas não são unânimes em sua opinião a respeito e muitas de suas afirmações parecem estar reclamando a comprovação dos fatos. A especulação a respeito servirá, no entanto, para que alguns possam ter a sua atenção voltada para esse campo, de tão grande importância no setor dos conhecimentos humanos.

Tôdas as glândulas endócrinas intervêm direta ou indiretamente sobre o trabalho muscular e seu rendimento. O trabalho muscular pode agir sobre as glândulas, modificando:

- a) as condições da circulação sanguínea;
- b) o mecanismo químico da contração muscular;
- c) a excitação do próprio músculo;
- d) os fenômenos de coordenação nervosa.

O músculo que trabalha necessita de maior aumento da circulação sanguínea. Toda glândula endócrina capaz de modificar a tensão sanguínea será também capaz de influir sobre o trabalho muscular. As glândulas endócrinas, portanto, agem sobre o trabalho muscular, modificando as condições gerais ou locais da circulação sanguínea, conforme demonstrou Brouha, no Congresso de Chamonix, em 1934.

Na contração muscular intervêm, os protídeos, os lipídeos, e, especialmente, os glúcídeos, cujo metabolismo se acha na dependência das glândulas endócrinas. Estas, agindo sobre o sistema neuro-muscular, quer provocando o hétero-cronismo, quer protraindo mais rapidamente depois da fadiga, têm influência notável sobre o trabalho (Brouha).

O treinamento provoca a diminuição da energia necessária para executar determinado movimento. Poderemos ganhar energia pela melhor coordenação dos movimentos e o treino vai permitir a eliminação dos movimentos inúteis pela adaptação de um grupo muscular para um movimento determinado. Tôda causa capaz de modificar essa adaptação, atacando quer o sistema nervoso central, quer o sistema neuromuscular periférico, pode influir no rendimento do trabalho. De acôrdo com a predominância dos sistemas simpático e vago, o indivíduo apresentará maior “velocidade e habilidade” ou “resistência e força” e será longilíneo estênico ou brevilíneo estênico, respectivamente.

No que se refere à prática desportiva relacionada com o temperamento endócrino individual, deve-se encarar a questão sob dois aspectos:

- a) o aproveitamento das aptidões especiais que a predominância glandular pode conferir;
- b) a correção dessas predominâncias, quando muito acentuadas, por exercícios convenientes.

Perrusi fala de uma "terapêutica pelos desportos", indicando diversos desportos capazes de inibir ou excitar determinada glândula. Assim, a esgrima estimula preferentemente a tiroide: os saltos e corridas a medula-suprarrenal; o basketball, a hipófise; o levantamento de pêsos a cortex-suprarrenal; o box as gonadas; a natação o pâncreas. Os mesmos desportos poderão, concomitantemente, estimular uma glândula e inibir outras. Assim, o ténis estimula a tiroide e inibe o timo, etc. Tais informações, segundo nos parece, precisam ser consideradas com certa reserva, até que maiores estudos se realizem a respeito.

Partindo do princípio de Jules Guérin – “a função faz o órgão” – Gallerini procura explicar racional e fisiologicamente a possibilidade dos exercícios físicos melhorarem ou corrigirem o funcionamento das glândulas endócrinas. O estímulo mais eficaz para o metabolismo é o trabalho muscular: êste, portanto, vai despertar as funções metabólico-endócrinas e estas, por sua vez, vão favorecer a atividade muscular.

Finalizando estas breves considerações, sugerimos que os nossos endocrinologistas considerem devidamente o problema e tragam ao nosso despôrto a valiosa contribuição de suas observações, o resultado de suas experiências e o concurso de sua cultura científica.

E, com isso, estaremos colocando, cada vez mais, a ciência a serviço do progresso e do aperfeiçoamento da técnica desportiva.



OS DESPORTOS NO TEMPO E NO ESPAÇO

1 – Os desportos mais antigos

No atletismo, nas lutas e nas corridas de carros encontramos as práticas desportivas, que serviam para entreter os soldados e manter-lhes as forças físicas no intervalo das cruentas guerras a que se dedicavam, quando ainda a história se confunde com as lendas mitológicas.

As origens do atletismo remontam ao período lendário grego e a êle encontramos referência em tôdas as obras que aludem à cultura grega. Assim Jeager (Paidea – “Los ideales de la cultura griega” – Pág. 2) afirma: “O helenismo ocupa uma posição singular. A Grécia representa diante dos grandes povos do oriente um “progresso” fundamental, um “estádio” em tudo o que se refere à vida dos homens na comunidade. Esta se fundamenta em princípios totalmente nossos. Por mais alto que estimemos as realizações artísticas, religiosas e políticas dos povos anteriores, a história daquilo que com plena consciência antes dos gregos”.

E assim também faremos nós: partiremos dos gregos.

Quer nas histórias da Educação, da Civilização ou da Cultura, quer especificamente nas histórias da Educação Física e dos Desportos, encontramos os jogos homéricos, como um dos monumentos dos tempos heróicos da lendária Grécia. Andrea Francol (“Storia degli Sport” – Vol. 1 – Pág. 47), Emmet Rice (“A Brief History of Physical Education” – Pág. 13), Otero Espasadin (“El Deporte Griego” Pág.17), Fabricio Valserra (“História del Deporte” – Pág. 13), Inezil Penna Marinho (“Os Clássicos e a Educação Física” – Pág. 17), Will Durant – (“La Vida de Grécia” – Vol. 1 – Pág. 319) e muitos outros emprestam aos longos em aprêço significação cultural das mais profundas.

No canto XXIII da “Ilíada” (cit. In “Os clássicos e a Educação Física” – Pág. 20), Homero descreve os jogos fúnebres mandados celebrar por Aquiles em honra a Pátrocolo, depois de haverem os gregos chorado a sua morte. Os jogos constaram de sete provas das quais duas de atletismo: corrida de carros, pugilato, luta, combate arremêso de bola de ferro, tiro de arco e arremêso da lança.

Will Durant diz que “se a religião não conseguiu unificar a Grécia, os desportos, no entanto, o conseguiam periodicamente (“La Vida de Grécia”, Vol. I – Pág. 319). Otero Espasadin consagra o II Capítulo de seu livro “El Deporte Griego” sob o título “Las fiestas panhelénicas. El deporte como fator de cohesión de la Helade”, à importância que os jogos desportivos desempenharam na vida do povo grego.

Os jogos olímpicos, no dizer do padre Augusto Magne (“Geografia, História e Instituições da Grécia Antiga” – Pág. 120), contribuíram “para congregar os gregos das diferentes cidades, as mais vêzes separadas, ainda mal, por discórdias cruentas”. Segundo Américo R Neto (“Os Jogos Olímpicos de ontem, de hoje e de amanhã” – Pág. 25) “foi bem modesto, a ponto de nos parecer quase ridículo, o programa inicial dos jogos olímpicos antigos, pois até a 13.^a Olimpíada, contada do ano 775 antes de Cristo, só havia uma prova – a corrida de estádio – disputada na distância de 185 metros considerada tão importante, porém, que o vencedor dela dava o nome à própria olimpíada”. E vem a explicação da origem dessa medida:

“Mas por que esta medida e não outra? Indagarão os que desejam saber a origem de todas as coisas, ao que responderemos nada se saber de certo a respeito, embora o mitológico fundador dos Jogos de Olímpia, o semi-deus Hércules, herói nacional de

tôda a Grécia clássica, seja tido como quem determinou tal distância, marcando o pé 600 vezes, colocando um à frente do outro, o que nos dá para cada pé cerca de 31 centímetros, um pouco mais que o atual “pé” americano ou inglês, bem equivalente ao nosso tradicional “44 bico largo” que menos não poderia medir cada extremidade portanto de um super-homem cujos famos “trabalhos” impregnam a história das origens da Hellade”.

Posteriormente, muitas outras provas se vieram juntar: segundo a descrição de Augusto Magne (Ob. cit. pág. 118 e 120), os jogos olímpicos duravam sete dias e constavam de quatro partes a saber:

1.ª) DISPUTADA NO ESTÁDIO

O estádio, onde se realizavam as corridas, tinha a forma de longo retângulo, ladeado por um outeiro, no qual se acomodavam os espectadores. Em Olímpia, o comprimento do percurso era de cento e quarenta e dois metros e havia corridas simples (de velocidade), corridas duplas (de meia velocidade) e corridas lentas (de resistência); estas últimas consistiam em doze vezes a volta do estádio. A luta, o pugilato, o pancrácio também eram disputados no estádio.

2.ª) DISPUTADA NO HIPÓDROMO

Êste era maior do que o estádio, tendo um percurso de cento e setenta metros. Num carro de duas rodas, muito leve, tirado por quatro cavalos, o concorrente, empunhando as rédeas deveria realizar oito ou dez vezes o percurso do hipódromo. Essa era uma das partes que mais entusiasmavam a assistência. Também se disputavam corridas a cavalo, em que o cavaleiro deveria dêle saltar antes de chegar a meta e conduzi-lo a esta pela mão.

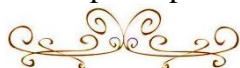
3.ª) DISPUTADA NO ESTÁDIO

Compreendia o pentatlon e a corrida armada. O pentatlon consistia na luta, corrida, salto, disco e haste (lança). Na corrida armada a princípio levava-se a armadura inteira e posteriormente, conservou-se apenas o escudo.

4.ª) DISTRIBUIÇÃO DOS PRÊMIOS

Os vencedores, diante do templo de Zeus, recebiam solenemente a coroa de louros e o ramo de oliveira, enquanto os aplausos estrugiam. Aos jogos, seguiam-se sacrifícios, em préstito, banquetes, por vezes oferecidos a tôda a multidão, como fêz Alcibíades.

As cinco provas clássicas que constituíam o pentatlon grego eram as seguintes: a corrida, na distância de 600 pés gregos (185 a 192 metros, pois os autores não são unânimes em precisar a distância); o salto em distância e altura; a luta, primeiramente a “luta vertical” e mais tarde, a “luta horizontal”; o lançamento do disco, inicialmente de pedra e posteriormente de bronze delgado e pesando quatro quilos; e lançamento do dardo, uma haste de madeira com ferro à ponta para arremesso à distância.



OS DESPORTOS NO TEMPO E NO ESPAÇO

2 – Da natação utilitaria a natação desportiva

A natação também figura, ao lado do atletismo, e das lutas, entre os mais antigos desportos.

Parece fora de dúvida que o homem primitivo, vivendo a beira do mar, dos rios e dos lagos, refugiando-se nas palafitas, teve necessidade de aprender a nadar e mergulhar. Das antigas civilizações orientais, hindus, assírias e egípcias existiu provas de que a natação mesmo em piscinas foi praticada.

Homero em sua obra “A Odisseia” ao narrar as atribuladas aventuras de Ulisses conta que o mesmo, após o naufrágio de sua embarcação “nada dois dias e duas noites para a ilha dos Feacios”. Leandro em magnífica prova de sua fidelidade amorosa, todas as noites atravessava a nado o Helesponto hoje estreito de Dardanelos para ver sua amada Heros, sacerdotisa de Artemisa, guiado pela luz de uma tocha: em certa noite de tempestade o archote se apagou e Leandro sem poder orientar-se pereceu afogado. Quando estudamos “A República” de Platão, ou “A Política” de Aristóteles encontramos referências à natação como indispensável nos exercícios militares. Entre os romanos, a natação era um requinte de educação e comuns eram as expressões “não aprendeu a ser bem a nadar” “não sabe ler nem nadar” Scipião, o Africano, com o objetivo de encorajar seus soldados, lançava-se à água e nadava, conduzindo às costas as suas pesadas armadura. Consta que Júlio Cesar manteve a margem do rio líbre, uma escola de natação, destinada aos seus soldados, o próprio Imperador era notável nadador. As célebres termas de Caracala e Diocleclano são monumentos que, restindo à ação do tempo, ainda hoje despertam a nossa admiração, pois esta última poderia reunir cerca de 3.000 banhistas.

No ano 38 a.C. no Japão ao tempo do Imperador Surgin em um festival de verão, foram realizadas grandes competições de natação.

Entre muitas obras de grandes filósofos, encontramos referências importantes sobre a natação. Tomas Morus (“A Utopia”) a inclui entre as práticas militares dos seus soldados utopianos: François Rabelais (“Gargantua”) consagra-lhe grande importância no plano educacional que traça para Gargantua, dentro de suas ideias de uma pedagogia realista em oposição ao formalismo escolástico que então dominava.

Segundo valiosos testemunhos históricos quase todos os nossos índios foram excelentes nadadores, como tivemos oportunidade de documentar em artigo publicado na série: “Evolução Desportiva Brasileira”: existe a lenda de Moema a índia apaixonada por Caramurú que seguiu o navio em que este deixava o Brasil nadando até morrer. Na expulsão dos holandeses, há notícias de terrível combate entre estes e os nossos índios aliados aos portugueses: os holandeses recuaram, combatendo, até a praia a fim de reembarcar em seus navios e procuraram alcançá-los em pequenos botes e a nado, mas os índios, atirando-se ao mar alcançaram a nado os holandeses, com os quais travaram batalha aquática, corpo a corpo.

No século XIX, conseguiu a natação alcançar extraordinário desenvolvimento sendo incluída entre as modalidades desportivas que integraram a I Olimpíada dos tempos modernos com as provas de 100 e 400 m. vencidas respectivamente pelo húngaro Hoyes (m.22s) e pelo austríaco Neumann (8m. 12s 6/10). Poucos anos depois, em 1902. Dick Cavil, nadando o chamado crawl australiano, obteve o excepcional tempo

de 58s $\frac{3}{5}$: segundo consta esse estilo foi inspirado na forma de nadar dos nativos do Ceilão. John Weissmuller, foi batido por frações de segundos por Peter Fick, que assinalou 56s $\frac{4}{10}$. Cumpre resaltar o excepcional rendimento apresentado pelos japoneses nas Olimpíadas de Los Angeles, que venceram tôdas as provas do programa exceto uma: mas mesmo assim não alcançaram a grande marca de Weissmbher, pois Myazaki conseguiu apenas 58s.



OS DESPORTOS NO TEMPO E NO ESPAÇO

3 – Os jogos desportivos modernos

Os Jogos Olímpicos modernos foram restabelecidos em fins do século passado por inspiração de Pierre de Coubertin, tendo sido o primeiro deles disputado em Atenas, em 1896. Até agora foram disputadas treze¹² Olimpíadas com as seguintes sedes:

- I Olimpíada – Atenas – 1896
- II Olimpíada – Paris – 1900
- III Olimpíada – S. Louis – 1904
- IV – Olimpíada – Atenas – 1906
- V Olimpíada – Londres – 1908
- VI Olimpíada – Estocolmo – 1912
- VII Olimpíada – Antuérpia – 1920
- VIII Olimpíada – Paris – 1924
- IX – Olimpíada – Amsterdam – 1928
- X Olimpíada – Los Angeles – 1932
- XI Olimpíada – Berlim – 1936
- XII Olimpíada – Londres – 1940
- XIII Olimpíada – Helsinki – 1952

A XIV Olimpíada será disputada na cidade de Melbourne, no ano de 1956.

Os Jogos Panamericanos, instituição mais recente, representam uma Olimpíada de menores proporções, destinados aos países americanos. Os primeiros Jogos foram realizados em 1951, em Buenos Aires, vencidos no câmputo geral pelos norte-americanos, seguidos dos argentinos; em terceiro colocaram-se os brasileiros, em quartos os cubanos, em quinto os chilenos e em sexto os panamenhos.

Os segundos Jogos Panamericanos serão realizados no México. Na América do Sul, têm sido levados a efeito campeonatos sul-americanos de atletismo, natação, football, basketball, volleyball, remo, tennis, Box, além de muitos concursos internacionais. Há que assinalar ainda os Jogos Centro-Americanos e do Caribe, do qual participam as nações da América Central e do mar das Antilhas, e ainda os Jogos Bolivarianos entre as nações cuja independência é devida a Bolívar (Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia).

Seguindo o ciclo dos jogos olímpicos, também de quatro em quatro anos são disputados campeonatos mundiais de Football e de Basquetball. O último Campeonato Mundial de Football foi disputado em 1950, aqui na cidade do Rio de Janeiro, tendo os uruguaios vencido os brasileiros, no jogo final, pelo inesquecível “score” de 2x1. Perdemos a melhor oportunidade que já nos tinha sido oferecida em certames dessa natureza, depois de uma campanha que vinha sendo das mais brilhantes. O próximo campeonato será disputado na Suíça, e alimentamos, a respeito do título, as maiores esperanças. Também no corrente ano, será levado a efeito, aqui no Rio de Janeiro, o Campeonato Mundial de Basquetball, quando terão os brasileiros o ensejo de evidenciar o seu elevado grau técnico nesse desporto, já posto à prova nas Olimpíadas disputadas em 1948, em Londres, e 1952, em Helsinki.

¹² No original está a palavra três. Mas acreditamos ser um erro de grafia.

Os jogos desportivos modernos ocupam lugar cada vez mais importante entre os povos civilizados e os governos sentem necessidade de ampará-los cada vez mais, oferecendo à juventude as oportunidades reclamadas para o seu perfeito ajustamento, em face de necessidades de ordem física, psíquica e social, que precisam ser satisfeitas.

Aqui, no Brasil estamos verificando um interêsse cada vez maior pelas atividades desportivas.

As iniciativas oficiais e particulares estão contribuindo para criar uma mentalidade cada vez mais favorável à prática desportiva. Os Campeonatos Ginásio-Colegiais promovidos aqui no Rio pela Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura e em São Paulo pelos Departamentos de Educação Física e de Esportes, os “Jogos da Primavera” e os “Jogos Infantis”, patrocinados pelos JORNAL DOS SPORTS, os campeonatos universitários realizados anualmente em cada Estado e os Jogos Universitários Brasileiros, realizados de dois em dois anos pelas C.B.D.U., além de muitas outras iniciativas, estão contribuindo, inegavelmente, para constituir uma mentalidade desportiva na geração que está florescendo para a vida social, repositório das esperanças do Brasil de amanhã, representando por um povo sadio, forte, e feliz.



ENSAIO PARA UMA CLASSIFICAÇÃO DOS DESPORTOS

A classificação consiste na ordenação de uma coleção segundo caracteres afins, que permitem reunir os objetos em pequenos grupos subgrupos subordinação a um título comum. A classificação dependerá sempre do ponto de vista em que se coloque a respectivo autor e deverá, tanto quanto possível, ser esquematizável.

De um modo geral, poderemos classificar os desportos segundo:

- a) o ponto de vista social, em amadores e profissionais;
- b) a idade, em infantis, juvenis e para adultos, admitindo a reunião dos dois primeiro em infantojuvenis;
- c) o sexo, em caracteristicamente masculinos, indiferentemente masculinos ou femininos e caracteristicamente femininos;
- d) a valência física, em geradores de força, resistência e destreza, compreendendo esta última velocidade, agilidade e habilidade;
- e) o esforço, em suaves ou fracos, médios e intensos ou fortes;
- f) o grau de coordenação neuro-muscular, em simples ou fáceis e complexos ou difíceis;
- h) o meio físico, em terrestres, aquático e aéreos;
- i) O número de participantes, em individuais e coletivos.

Na classificação que organizamos, partimos inicialmente de consideração relativa ao meio físico e, assim, os desportos foram preliminarmente grupados em terrestres, aquáticos e aéreos.

A – DESPORTOS TERRESTRES

Os desportos terrestres foram por nós divididos em antropotécnicos e ambígenos: os primeiros são os que se identificam pela antropotécnica – arte de aperfeiçoar o homem no sentido de melhor rendimento vital: os últimos são os que resultam do concurso de duas espécies diferentes, isto é, o homem e um animal irracional, o cavalo, por exemplo, no caso da equitação.

Os desportos terrestres antropotécnicos foram, por sua vez, divididos em individuais e coletivos, conforme sejam praticados por um só indivíduo (atletismo, por exemplo), ou por vários, caracterizando-se neste caso por ação simultânea, como no basketball.

Os desportos terrestres antropotécnicos individuais compreendem os atléticos, ginásticos, esferísticos, intelectivos, equilibristicos, esgrima, de mira, pedestrianismo e motorizados.

Os atléticos se desdobram em leves (atletismo propriamente dito) e pesados. No primeiro caso colocamos as provas de campo e pista: as provas de campo abrangem os lançamentos (dardo, disco, martelo e peso) e os saltos (altura, distância) tríplex e com vara): as provas de pista se desdobram em marchas e corridas enquanto estas últimas se subdividem em rasas (velocidade, meia velocidade meio fundo e fundo) e com obstáculos (barreiras e cross-country). No segundo caso (desportos atléticos pesados), colocamos o halterofilismo (levantamento de pesos e modelismo) e as lutas (Box francês e inglês, romana, greco-romana, capoeiragem, olímpica, japonesa, judô e jiu-jitsu – catch-as-catch-can. etc.).

Os ginásticos subentendem a ginástica de solo e a ginástica de aparelhos (argola, barra, cavalo e paralela), enquanto os esféricos (aqueles que utilizam a bola) se apresentam bastante numerosos: bilhar (francês e inglês), bochas, bowling, golf, pelota, basca, frontão, tenins, e tênis de mesa.

Os equilibrísticos são os que exigem equilíbrio como condição fundamental para a sua prática: patins de rodas e de gelo, ciclismo, sking e tobogan: os de esgrima incluem espada, florete, sabre e pau de cana.

Os de mira subordinam tiro ao alvo e ao vôo, caça e arco de flecha; o pedestrianismo inclui o excursionismo e o montanhismo e, finalmente, os motorizados, abrangem o automobilismo e o motociclismo.

Os desportos terrestres antropotécnicos coletivos apresentam um grupamento menos complexo podendo resumir-se em esferísticos, peteca, americana, cabo de guerra e tobogan. Os coletivos esferísticos constituem o grupo mais numeroso, incluindo: o basketball, bola pesada, cricket, football (soccer e association), handball, hockey, la crosse, pelota basca, rugby, soft-ball tennis, tennis de mesa e volleyball.

Os desportos terrestres ambígenos compreendem os hípicas (corridas saltos, rodeios, polo e “El pato”) e os taurmáquicos (novilhas e touradas).

E aí estão os desportos terrestres numa primeira tentativa de classificação, que poderá ser completada e melhor apurada com a contribuição de outros estudiosos no assunto. O football, que representa a prática mais popular no Brasil, seria identificado como desporto terrestre, antropotécnico coletivo, esferístico.

B – AQUÁTICOS E AÉREOS

Dividimos inicialmente os desportos segundo o meio físico em que eram praticados, em terrestres, aquáticos e aéreos, e estudamos detalhadamente os primeiros. Vejamos agora os dois outros grupos.

Os desportos aquáticos, também segundo o número de praticantes, podem ser desdobrados em individuais e coletivos. Os primeiros compreendem a natação (crawl, costas e peito-clássico e borboleta), pesca (sobreaquática e subaquática) saltos ornamentais (trampolim e plataforma) e náuticos: estes estão relacionados com a arte de navegar e abrangem o atletismo (vela e motor), os equilibrísticos, (water skiing e aquaplano) e o remo. Os do segundo grupo (coletivos), se desdobram em esferísticos (polo aquático), náuticos (remo e iatismo – vela e motor) e artísticos (ballet-aquático).

Os desportos aéreos são aqueles que, por enquanto, se apresentam em número mais restrito, podendo, inicialmente, compreender: vôo – motorizado e não motorizado (planado e à vela) pára-quedismo e aerodelismo: este último vem encontrando, cada vez maior número de adeptos, sobretudo entre os adolescentes.

Esta classificação é apenas uma sugestão sobre como os desportos poderão ser esquematizados. Tudo depende do ponto de vista em que o autor se coloque para reunir as atividades desportivas nos diferentes grupos, subordinando cada um deles ao título geral adequado. Algumas vezes surgem pequenas dificuldades, sobretudo, com relação aos desportos que poderão ser ora individuais, ora coletivos como ocorre vezes o autor procura palavras que possam interpretar o significado extato de um grupo e não as encontra tal qual ocorreu conosco. Os termos antropotécnico e ambígeno, por exemplo, forma os que encontramos mais adequados para distinguir as atividades físicas práticas exclusivamente pelo homem daquelas em que depende ele do concurso de animais.

Possivelmente alguns desportos tenham sido omitidos, mas cada leitor poderá ir preenchendo as lacunas e deficiências do nosso quadro, como resultado de suas próprias observações. O número de desportos cresce dia a dia, além de variar muito de um a

outro país, tornando, portanto, bastante difícil a organização de um quadro que possa ser considerado completo.



03/02/54

OS DESPORTOS CONQUISTAM A ESCOLA
Nova orientação para a Educação Física escolar
A orientação da Educação Física escolar durante o Império
Nº 1 – As primeiras tentativas

(Esta série de artigos é especialmente dedicada aos técnicos de Educação de M.E.C., diretores de estabelecimento de ensino secundário, professores de Educação Física, técnicas desportivos e médicos especializados. – O inquérito recentemente promovido pela UNESCO, para conhecer o valor educacional dos desportos e a fundação do Comitê Pierre de Coubertin são provas da importância dos desportos na escola).

Se pesquisarmos os documentos históricos que nossos antepassados nos legaram, encontraremos o primeiro esforço para criar uma unidade nacional no projeto apresentado, em 1823, pelo Padre Belchior Pinheiro de Oliveira, deputado pela província de Minas Gerais, visando a estimular os gênios brasileiros a elaborarem um tratado completo de educação. Das mais discutidas foi a proposta em aprêço, até que a 31 de julho, o deputado pela província de Ceará, Senhor José Mariano de Albuquerque Cavalcanti, encaminhou a plenário esta emenda:

Art. 1º – A pessoa que apresentar no prazo de um ano, contando da promulgação deste projeto, um plano de educação física, moral e intelectual se for cidadão do Brasil será declarado benemérito da Pátria, e como tal, atendido nos postos e empregos nacionais, segundo a sua classe e profissão, se for estrangeiro terá os agradecimentos da Nação e um prêmio pecuniário: e quer estrangeiro ou cidadão do Brasil, dar-se-á uma medalha distinta;

Art. 2º – Criar-se-á um segundo prêmio pecuniário para aquele que apresente um plano de educação física somente física ou moral ou intelectual.

Esse foi o primeiro grito no sentido de nacionalizar a nova educação, a fim de que ela pudesse melhor corresponder às necessidades, interesses e aspirações do nosso povo.

Um plano nacional de educação era o que reclamávamos em 1833 um plano nacional é o que exigimos em 1954. Talvez sejamos agora mais felizes do que os nossos antepassados, que, como nós, também sentiram a imperiosa necessidade de utilizar a educação para cimentar a unidade nacional.

Infelizmente, como ainda pode ocorrer com quase todas as nossas boas ideias, após vários debates e votações ficou deliberado que o projeto à vista do grande número de emendas, voltasse à comissão para que este o redigisse novamente. E o projeto nunca mais voltou a plenário.

Como não poderia deixar de suceder, começamos a receber na Educação Física a influencia estrangeira.

Assim, o primeiro livro sobre Educação Física, editado no Brasil apareceu em 1828, sendo Joaquim Jeronimo Serpa o seu autor. Tinha por titulo “Tratado de Educação Física – Moral dos Meninos” e fôra extraído das obras de Mr. Gardien.

O primeiro trabalho nacional de que temos noticia aparece em 1845. Trata-se da tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, pelo dr Manuel Pereira da Silva Ubatuba, sob o título “Algumas considrações sobre a Educação Física”, demonstra êle, aí, a necessidade e a importância dos exercícos físicos para a saude e o vigor bem como a influencia do moral sobre o físico e deste sobre aquele.

E logo no ano seguinte, Joaquim Pedro de Melo defende, perante a mesma Faculdade, uma tese sobre “Generalidades acerca da Educação Física dos Meninos”.

Em 1852 na província das Amazonas o Presidente Loureiro Aranha expede um regulamento para a instrução pública, na qual a determina que “a instrução compreenderá a educação física, moral e intelectual”. Infelizmente, tal como Spencer nos conta das escolas da Inglaterra, havia a seguinte determinação: “As meninas não farão exercícos ginásticos”. É interessante ressaltar este preconceito que ainda hoje se encontra arraigado no norte do Brasil, este conflito que ainda perdura entre a moral religiosa e a Educação Física, como se o corpo não fosse preparado para servir ao esporte. Vale lembrar, a respeito as sabias palavras do Papa Pio XII em sua mensagem às Associações de Esportes reunidas no Palacio Apostólico, no Vaticano: “Não foi Deus, mas o pecado que fez o nosso corpo mortal”. “O cuidado com a força e a saúde do corpo leva à nobreza moral e ao caráter perfeito O esporte nos ensina a livrarmo-nos da mesquinha rivalidade, e, em ultima instancia do mesquinho nacionalismo”. “Assim o esporte deve ser considerado como parte necessária da vida, mas não como razão da própria vida. O esporte deve erguer os valores espirituais do homem, e a concepção cristã de adaptação física leva certamente a esse objetivo”.



04/02/54

OS DESPORTOS CONQUISTAM A ESCOLA
Nova orientação para a Educação Física escolar
A orientação da Educação Física escolar durante o Império
Nº 2 – As tentativas seguintes

Antônio Gonçalves Dias, em 1852, fôra encarregado, pelo Govêrno de S. M. o Imperador, de visitar algumas das principais províncias do Norte e, de seu relatório a respeito, extraímos o seguinte trecho, bastante expressivo: “Vê-se pois, que os professôres alguma coisa, ainda que pouco, fazem, quanto ao desenvolvimento intelectual dos meninos: no do físico absolutamente nada, nem mesmo os primeiros exercícios de ginástica, ou jogos que fortifiquem o corpo; no do moral, quase nada: porque a educação é para êles negócio de pouca importância”.

Da mesma época é a tese “Influência da Educação Física do Homem”, com que Antonio Francisco Gomes obtém o grau de doutor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. O autor considera a Educação Física como parte integrante da educação, numa nítida compreensão de que aquela é uma seção de oportunidade para esta.

O relatório do inspetor geral da instrução pública do município da Côrte, relativo ao ano de 1860, apresenta o seguinte trecho bastante interessante: “Os exercícios ginásticos que desejo ver quanto antes introduzidos nas escolas promovendo a educação física da mocidade que as frequenta, sendo das necessidades bem urgentes do ensino público primário, ainda ficaram adiados por falta de espaço e de acomodações dos prédios atuais”. É interessante assinalar que o inspetor geral demonstra uma nítida compreensão de fins e meios, não confundido exercícios ginásticos com Educação Física: esta é o fim a atingir e aquêles são os meios com que poderemos alcançar tal fim. E em nossos dias, muita gente ainda existe que não distingue fins e meios em educação principalmente em Educação Física.

Em 1867, apareceram os “Estudos Higiênicos sobre a Educação Física, Intelectual e Moral do Soldado”, de autoria do Dr. Eduardo Pereira de Abreu que dedicou o seu livro ao Conde d’Eu. Êsse trabalho é realmente notável e custa a crer que tenha sido escrito na época em que o foi.

Mas as ideias de Eduardo Augusto Pereira não tiveram aplicação pois os oficiais instrutores do nosso Exército se achavam influenciados pelo método de Meyer, instrutor de grande prestígio e maior competência e que orientara seus discípulos segundo a escola de Jahn.

E a influência alemã não se limitou ao Exército. Estendeu-se também às escolas civis. Desta forma, em 1870 o Ministro do Império fez publicar um “Novo Guia para o Ensino da Ginástica”, tradução [Ilegível] Guia para Ensino da Ginástica nas Escolas Públicas da Prussia”, primeira publicação oficial de um manual de ginástica, que, se

nunca foi seguido, influenciou notavelmente as obras de iniciativa particular, publicadas posteriormente.

Quatro anos mais tarde o Conselheiro Josino do Nascimento que substituiu o Conselheiro Thomaz Gomes de Souza, dedicado diretor da instrução pública na província do Rio de Janeiro, assinala em seu relatório “a repugnância com que foi recebida pela opinião pública a aula de ginástica, principalmente a que se referia ao curso de alunas. Não se acalmaram os espíritos com as instruções provisórias: foi preciso suspender a execução, e ainda assim houve pais que proibiram às suas filhas os exercícios ginásticos tais quais se ensinavam e eram prescritos, ainda mesmo com o risco de perderem o ano e a carreira. Chegou a tal ponto a oposição de algumas alunas, aliás com boa frequência nas outras aulas, que deixavam de ir por acinte à de ginástica, ficando todavia no edifício da escola”...

Ainda em 1874, Amaro Ferreira das Neves Armonde apresenta à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro uma tese com este título “Da Educação Física, Intelectual e Moral da Mocidade do Rio de Janeiro e sua influência sobre a Saúde”. No decorrer da tese, o autor faz estudos de fisiologia aplicada aos exercícios, mostrando as vantagens de sua moderação e os inconvenientes dos excessos; aconselha uma consideração fisiológica, esclarecendo que ela encerra a marcha e o salto; fala sobre os perigos da sedentariedade e os benefícios que advêm do trabalho físico, preconiza os banhos frios a natação, a esgrima, a bola e a peteca. Cita Amoros na sua definição de ginástica, mas é partidário da ginástica de quarto de Schreber. Êste é o primeiro trabalho que trata de fisiologia aplicada aos exercícios físicos, muito embora de forma incipiente.

N.º 3 – O projeto de Ruy Barbosa.

O principal acontecimento de todo o período do Império foi o célebre parecer de Ruy Barbosa. À 12 de setembro de 1882, realizou-se na Câmara dos Deputados a sessão em que se discutiu o projeto n.º 224, “Reforma de Ensino Primário e varias instituições complementares da Instrução Pública”. A Ruy Barbosa, como membro da Comissão de Instrução Pública, coube relatar e opinar sobre o assunto. E a Educação Física não foi esquecida. Muito ao contrário, precede as outras formas de educação, talvez por julgá-la o autor a base sobre a qual devem repousar todos os outros princípios. É a consagração do “Mens sana in corpore sano” de Juvenal.

O capítulo VII 1.º. está encimado pela epígrafe “Da educação física”. O relator começa fazendo um histórico da Educação Física, apreciando a desde a civilização grega, quando põe em relêvo o desenvolvimento alcançado por aquela entre os helênicos. Demonstrando um conhecimento extenso e profundo do assunto e exibindo farta documentação, analisa o problema naquela época em diversos países, detendo-se com especial cuidado na Suécia. Salienta Ruy, e isso é muito importante nos dias que correm, que não há o intuito de converter os alunos em acrobatas. Diz textualmente: “Não pretendemos formar acrobatas, nem Hércules, mas desenvolver na criança o quantum de vigor físico essencial ao equilíbrio da vida humana à felicidade da alma, à preservação da pátria e a dignidade da espécie”.

Ninguém poderá contestar o inconfundível valor do trabalho de Ruy Barbosa, que assinala a primeira tentativa para solucionar o problema da Educação Física no

Brasil. Releva notar, no projeto, o fato de pela primeira vez cogitar-se de detalhes técnicos na introdução dos programas de Educação Física no currículo escolar.

Ruy apesar de o conceito dominante na época afirma “Convém, até evitar o abuso dos aparelhos, muitos dos quais estão absolutamente condenados pela higiene”. Mostra-se favorável à ginástica sueca esclarecendo: “A ginástica escolar, sem banir de todo os instrumentos, vários dos quais são convenientes e outros indispensáveis hade consistir com especialidade em exercícios livres racionalmente combinados e variados, de maneira que todos os grupos de músculos funcionem harmoniosamente e as lições se convertam para os alunos em verdadeiros jogos, diversos e recreativos”.

E não nos cansamos setenta e dois anos depois de admirar o excelente trabalho de Ruy, cuja nítida compreensão do problema é, por si só, o mais eloquente atestado de sua superior mentalidade.

No ano seguinte, na assembleia provincial de Pernambuco, o presidente Conselheiro Francisco M. Sodré Pereira, analisando a situação educacional na província assim se manifestou: “Não deve ser esquecida no momento a Educação Física a par da educação moral: para que o espírito se eleve, não se afadigue é necessário que o corpo não seja enfermo. Uma e outra cultura devem andar juntas e em ambas tomarem muito interesse e cuidado os educadores”.

É oportuna a transcrição de mais um documento, que vem evidenciar a resistência oposta no Norte do país a Educação Física feminina. Em agosto de 1886, na província da Paraíba o Presidente Herculano de Souza Bandeira entre outras coisas expõe à Assembléia provincial, ao falar das diretrizes da sua grande reforma do ensino: “As quatro últimas cadeiras só funcionarão uma vez por semana, de sorte que não foi difícil achar professores idôneos, menos para a ultima que ainda não esta provida, por não haver na província pessoa habilitada. Infelizmente tão errônea concepção nutrem muitos acerca do ensino do ginástica ao sexo feminino, que foi ela objeto de ridículo, não sei se por ignorância ou leviandade. Resta-nos a convicção de que no futuro os próprios censores hão de reconhecer a inconsistência de seus comentários”. E mais adiante: “Embora de utilidade incontestável a educação física é na província infelizmente reputada excessiva e imprópria para senhoras”.

Em 1888, Pedro Manoel Borges publica um “Manual Técnico-Pratico de Ginástica Escolar”, destinado às escolas públicas, colégios, liceus, escolas normais e municipais. Depois de demonstrar a necessidade da Educação Física desde o berço e a sua importância para o individuo, transcreve uma série de preceitos higiênicos a serem observados nas lições, muitos dos quais ainda têm aplicação hoje. Cogita das noções anatômicas e antropométricas que devam ser ensinadas aos alunos, a partir dos dez anos. O seu “Manual” comporta duas partes: a primeira, exclusivamente prática e a segunda com teoria e prática. Aquela comportava exercícios de corpo livre, grupados em seis séries, para alunos de “dez ou menos anos de idade”: esta última parte compreendia noções elementares de anatomia, osteologia e artrologia, exercícios de corpo livre para alunos “de mais de dez anos”, grupados em dez séries, exercícios com a vara ou barra com extremos esféricos, exercícios com a vara ou barra com extremos esféricos, exercícios de equilíbrio em viga horizontal, exercícios nas barras horizontais paralelas,

exercícios em cabos e escada, exercícios nas argolas, exercícios na barra fixa e exercícios no trapézio.

E essa foi a herança que a República recebeu em matéria de Educação Física.



OS DESPORTOS CONQUISTAM A ESCOLA

Nova orientação para a Educação Física escolar

A orientação da Educação Física escolar em meio século de República

Nº 1 – A ginástica e a falta de espaço nas escolas

A 19 de abril de 1890, era criada pelo decreto n.º 346, uma nova “Secretaria de Estado dos Negócios da instrução pública, correios e telégrafos”.

Dos mais interessantes documentos é o relatório apresentado pelo inspetor geral Dr. Ramiz Galvão, do qual destacamos êste trecho assás expressivo que diz respeito à Educação Física:

“Em relação à educação física há um verdadeiro mundo novo a cobrir-se nas escolas. Quase em todas elas está esquecido ou comprometido êste ramo da educação; alguns professores rezam pela cartilha absoluta da imobilidade da criança como ideal de disciplina; outros, inteligentes e zelosos, nada ou quase nada podem fazer porque é raro o prédio escolar dotado de um pátio ou de um jardim anexo, que se preste ao recreio e aos jogos infantis. O ensino da ginástica é por via de regra feito dentro das salas de classe, de maneira insuficiente, por consequência. Tôda esta parte do programa escolar carece de execução satisfatória, e para isso, assim como para muitos fins faz-se urgentíssimo cuidar da construção de prédios apropriados para as escolas. Dois meios se oferecem para conseguir êste desiderato: ou aceitar propostas de uma companhia para esta grande obra, ou levantar um empréstimo com êste destino, conforme já lembrou o Dr. A. H. Souza Bandeira, um dos meus antecessores. Por qualquer deles é forçoso que não adiemos a resolução do problema. Enquanto não chega o dia deste melhoramento, pensei atender à necessidade dos exercícios físicos, e tendo suscitado no conselho diretor a questão foi ela estudada pelo Professor Alfredo Alexandre que discutiu o ponto e propôs meios práticos. Oficiei ao govêrno pedindo que uma vez por semana nos fosse permitido o gôzo exclusivo de alguns jardins públicos e de certos terrenos devolutos para que alí pudessem as crianças entregar-se, sob a direção de seus mestres, a jogos infantis e exercícios ao ar livre. Pende de decisão êste pedido”. E acreditamos que nunca tenha havido a decisão de tal pedido”.

XXX

É de grande relevância ressaltar a influência que a falta de espaço nas nossas escolas tem tido sempre sôbre os meios a utilizar para a Educação Física da criança brasileira, que parece estar condenada por terrível fatalidade a mexer primeiro os braços, depois as pernas e a seguir o tronco, porque lhe falta espaço suficiênte para que se mexa ao mesmo tempo, inteiramente, para que vibre como um todo e não por parcelas, para que atenda às necessidades integrais de seu organismo e não a cada órgão isoladamente, de per si. É angustiante o problema de espaço para os nossos escolares e no entanto, o Brasil é tão grande. Oito milhões e quinhentos mil quilômetros quadrados de terras mal aproveitadas. Orientação governamental deficiente, que permite a construção de escolas em esquinas de ruas, como casas de negócio, por serem êsses os pontos mais movimentados. Senhores, é preciso acabar com essa mentalidade de

esquina de rua, de escola-sobrado, de colégio apartamento. É isso o que está prejudicando a educação no Brasil, notadamente a Educação Física; é isso que nos impede de escolher as melhores formas de trabalho físico, as mais adequadas às necessidades da criança aquelas que mais as poderão beneficiar.

XXX

Pela clarividência do problema, não nos podemos furtar ao ensejo de transcrever este trecho do relatório do Secretário do Interior do Estado de São Paulo, Dr. Alfredo Pujol, sobre a ginástica escolar: “Foi assunto que preocupou o govêrno. E indispensável às nossas escolas uma ginástica higiênica: corridas, saltos, lutas, exercícios nos aparelhos simples...”. E ainda, pelo menos nós clamamos por uma forma de trabalho físico preconizada em 1896 e que até hoje não pôde ser posta em execução porque as escolas tipo apartamento não permitem.

Dois manuais de ginástica aparecem nêsse ano de 1896.

Arthur Higgins, professor em vários estabelecimentos oficiais de ensino, publica o primeiro livro do "Compêndio de Ginástica e Jogos Escolares", anunciando que a obra seria completada com mais dois.

M. Caldas e E. de Carvalho, publicam um "Manual de Ginástica Escolar", cujo assunto foi dividido em duas partes: primeira – Ginástica sem aparelhos (compreendendo cinco capítulos); segunda – Ginástica com aparelhos (reunindo também cinco capítulos). O método que os autores preconizam é o sueco-alemão. Ao contrário do livro de Higgins, que apresenta apenas 21 páginas de texto, êste é um trabalho volumoso, de 250 páginas. O método de Higgins, conforme mais tarde êle confirma, foi denominado “sueco-belga-brasileiro”.

Em 1899, Higgins apresenta uma nova edição do seu “Compêndio de Ginástica e Jogos Escolares”, agora com 137 páginas de texto. Está dividido em dois livros, dos quais o primeiro é a sua publicação de 1896.

Encerrando o século XIX, temos dois trabalhos. O Dr. Eduardo de Magalhães publica "Ginástica Infantil", começando por fazer considerações sobre a ginástica e apresentando a seguir alguns exercícios.

É de autoria do Dr. Carlos Antônio Pitombo a outra obra. Trata-se de uma tese apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia, com o título “Apreciação acêrca dos exercícios físicos nos internatos e sua importância profilática”. Após várias considerações de ordem fisiológica, afirma o autor: "Para os exercícios físicos os alunos também devem ter por dia 4 a 5 horas, devendo ser os exercícios variados, sempre com o fim de desenvolver os músculos em geral e não determinados músculos ou grupos musculares”. Como facilmente daqui se infere, o Dr. Carlos Pitombo, prefere as atividades sintéticas às analíticas, ponto de vista que também esposamos.



09/02/54

OS DESPORTOS CONQUISTAM A ESCOLA

Nova orientação para a Educação Física escolar

A orientação da Educação Física escolar em meio século de República

Nº 2 – O projeto de Jorge de Moraes

Durante o início do Século XX, o concerto de Educação Física que predominou aqui no Brasil foi puramente anatômico. Por essa época fixaram-se entre nós muitas academias e institutos de cultura física, cujos dirigentes, em sua maioria, adotaram os métodos culturistas então em grande evidência (Triat, Desbonnet, Attila, Sandow, Meroier, Prachet, Ruffier, Muller, Haecker, Werdenschlarg, etc.), procurando recomendar-se pelo seu hipertrofiamento muscular. Predominava a idéia de desenvolver a força, de aumentar o volume dos músculos, sem qualquer consideração de ordem fisiológica. O proprietário do instituto ou academia denominava-se professor de cultura física e o que verdadeiramente existia era a cultura muscular. Não havia a preocupação de educar fisicamente, mas tão só a de cultivar os músculos. O cuidado era apenas com a forma e nunca com a função, só com o músculo e jamais com o cérebro. Assim, o professor de antanho se recomendava pelo desenvolvimento muscular exagerado, ínharmônico, mas de volume impressionante; não se concebia um professor de constituição normal: o que conceituava o mestre era o hipertrofiamento muscular, a sua habilidade no manejo de certos aparelhos; a agilidade e nos saltos acrobáticos. E o regime de trabalhos era o para todos os candidatos e estes ou se tornavam fortes ou não resistiam por mais de um mês aos exercícios. No Rio de Janeiro, uma academia existiu que se tornou célebre pela sua frequência e até fabricação de aparelhos: a Academia Enéas Campelo fundada em 1908, e que sobreviveu até quase nossos dias.

E, como não poderia deixar de suceder tivemos uma forte reação, mais tarde contra êsse exagerado conceito anatômico.

Vejamos, porém, os documentos da época.

Arthur Higgins, em 1902, dá publicidade ao seu “Manual de Ginástica Higiênica”, onde a ginástica é dividida em quatro ramos: higiênica, educativa, recreativa e médica. É interessante atentar para a divisão que Higgins para a ginástica, que não temos nenhuma dúvida em considerar bastante justificável e que denota muito progresso doutrinário para a época. Higgins foi, na verdade, um dos grandes batalhadores de então para que se pensasse um pouco na Educação Física da nossa criança.

No ano seguinte, Maria da Glória Fernandes apresenta à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro uma tese intitulada “Da educação, sob o ponto de vista da higiene pedagógica”. Assim se expressa: “A higiene pedagógica ocupa-se com a saúde mental, a higiene escolar propriamente dita, com a saúde física ou corpórea. Ambas devem ser atendidas na educação e na instrução para que o corpo esteja sempre em proporção com o desenvolvimento intelectual”.

Em 1905, aparece um interessante livro de onde a autoria do capitão de artilharia Domingos do Nascimento: “Homem Forte”, publicado sob os auspícios do Exmo. Sr. Dr. Vicente Machado, Presidente do Estado do Paraná. Divide-se o trabalho em quatro partes que são: I Ginástica doméstica, compreendendo três capítulos (sob êste título o autor entende a ginástica individual, feita em casal); II – Natação, comportando dois capítulos (o primeiro sobre preliminares e o seguinte dividido em duas partes: “exercícios em seco” e “exercícios náua, meios de nadar”); III – Esgrima de espada, encerrando dois capítulos; IV – Tiro ao alvo, subentendendo dois capítulos. Discorrendo sobre o assunto mostra os malefícios da saúde pela fôrça, a real importância dos desportos, os princípios fisiológicos de uma educação consoante Démeny, o desporto como coroamento dêste trabalho e, apesar de achar certas vantagens no método sueco, prefere a ginástica doméstica de Schreber. A 21 de setembro dêsse, ano de 1905, o Dr. Jorge de Moraes, deputado pelo Estado do Amazonas, pronuncia na Câmara, a fim de justificar o projeto que apresentava, um memorável, discurso, durante o qual foi bastante apertado.

Jorge de Moraes condena veemente a difusão do método alemão entre nós nos seguintes termos:

“Daí condenar de uma maneira absoluta a prática espalhada por todo o Brasil do antigo método ginástico alemão. Tal agônística com os aparelhos fixos determina uma fadiga prematura, sensação de esgotamento, abusando dos exercícios de suspensão e apôio, produzindo um desenvolvimento parcelado de grupos de músculos, completamente prejudicial, ao conjunto harmônico e são do maquinismo humano. São exercícios de suspensão que estudos muito bem feitos de anatomia comparada por Lagrange mostram servir em tôda linha para os quadrumanos e não homem; são exercícios ginásticos, que servirão para preparo de acrobatas, mas absolutamente não servem, repito, quando se tenha o intuito de um desenvolvimento harmônico e são da maquina animal” .

Após combater o método alemão, o deputado amazonense mostra as suas simpatias pelo método sueco e apregoa a necessidade de espaços amplos e ar livre:

“Evidencia-se a superioridade do método sueco pela sua extensão prática, pois serve a ambos os sexos, a tôdas as idades e constituições orgânicas. É um método ginástico que parece comprovar a idêntica origem da medicina e da ginástica, pois dêle se originou a mecanoterapia moderna.

No entanto, a senda aberta pela ciência, sobre êste assunto mostra que o problema da educação física é incompleto, quando se reserva tudo para a parte preposta à palestra. A tendência moderna consiste em dar o maior desenvolvimento aos exercícios nos espaços amplos e ao ar livre”.

O projeto de Jorge de Moraes propunha a criação de duas escolas de Educação Física, uma civil e outra militar, estado de coisas a que só conseguimos chegar em 1939.



12/02/54

OS DESPORTOS CONQUISTAM A ESCOLA
Nova orientação para a Educação Física escolar
A orientação da Educação Física escolar em meio século de República
Nº 3 – A primeira influência americana

Em 1907 alguém oculto sob o pseudônimo de O.D.C., publica “O Guia do Capoeira ou Ginástica Brasileira”, que trata do seguinte: “Posição – Negaças – Pancadas simples – Defesas relativas e Pancadas afiançadas”.

Êsse livro é uma tentativa de nacionalização da ginástica, aproveitando algo de genuinamente nosso, como foi ser a capoeiragem.

A primeira influência americana parece ter surgido em 1908. Em março desse ano, Antônio Monteiro de Souza, professor do Curso de Educação Física anexo à Diretoria Geral de Instrução Pública do Estado do Amazonas, dá à publicidade a primeira preleção com a qual instalara o referido Curso perante o professorado primário da cidade de Manaus. Diz êle:

“Nos Estados Unidos a educação em geral tem sofrido um aperfeiçoamento inexcelsível, como em nenhum outro país. A educação física, ali, tomou por isso um caráter que ainda não pôde ser igualado por nenhuma outra nação. A Inglaterra, que consideramos o país clássico da educação física, notando o grande desenvolvimento, o assombroso progresso do jovem povo, enviou uma comissão competente, nomeada pelo governo, para estudar as causas desse rápido progresso. Essa comissão, diz-nos o professor Angelo Mossa, declarou em seu relatório, sem reticências, que os americanos possuíam a arte, a ciência de formar um povo e era a essa ciência que deviam sua grandeza”.

E mais adiante:

“Aqui, admirável povo não tem um sistema exclusivo de educação física, não há uma ciência oficial. O país de liberdade individual da iniciativa privada ensina todos os métodos aplicando-os conscientemente no que cada um tem de melhor ou mais convenha a cada indivíduo em particular. No regulamento das universidades estão prescritas as horas que os estudantes têm para exercitar-se no ginásio ou nos campos de jogos e quando o estudante se matricula, tem que se submeter ao exame ginástica. Estes redigem sua folha biológica, indicando os exercícios que lhe convêm”.

E assim conclui as suas impressões sobre os Estados Unidos, onde fôra fazer um curso de aperfeiçoamento:

“Para o viajante brasileiro, é um espetáculo curioso e novo o que oferecem os parques públicos e campos relvados das cidades americanas, nos dias de primavera, nas tardes e manhãs de verão. Milhares de crianças, moços e até homens maduros, numa alegria sadia e forte se divertem no jôgo da pela e outros.

No Central Park de New York, tive muitas vezes ensejo de, vendo o modo pelo

qual êsse povo se diverte, comparar a sua alegria ativa e inofensiva com a grave atitude da nossa juventude e o bem educado das nossas crianças. Vi e pensei que nós precisamos aprender muito, até a brincar!”.

Muito bem, muito bem, professor Antonio Monteiro de Souza. Mas, infelizmente, para o Brasil, as nossas [do método e do professor] de crianças não podem aprender a brincar, porque para isso não existe espaço nas nossas escolas. Nossas crianças devem aprender latim, nossos adolescentes devem saber grego e não lhes sobra tempo para que se recreiem ou façam exercícios físicos. Nossas escolas não têm espaço para recreação ou área livre para exercícios físicos porque temos uma concepção errônea de escola, pois escola, para nós, é uma casa com uma porção de salas nas quais se encontram muitas carteiras umas juntinho às outras. Nossas praças públicas não podem ser aproveitadas para proporcionar um pouco de alegria à nossa infância e à nossa juventude porque estão cheias de canteiros sôbre os quais há sempre uma tabuleta com êstes dizeres: “É proibido pisar na grama”.



OS DESPORTOS CONQUISTAM A ESCOLA

Nova orientação para a Educação Física escolar

A orientação da Educação Física escolar em meio século de República

Nº 4 e/ou 5¹³

EM 1910, o Dr. Epaminondas Vilela dos Reis apresenta à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro a tese “Educação Física da Infância e da Mulher”, versando sobre esta matéria: “Introdução – A circulação e o exercício – A respiração e o exercício – O ar livre o exercício – O prazer e o exercício – Trabalho intelectual e o trabalho físico – Exercício que deformam e exercícios que não deformam – Conclusões”. No Capítulo “O prazer e o exercício”, diz o autor: “O exercício para preencher por completo os fins higiênicos, na infância, deve ser recreativo e produzir alegria na criança. Para os centros nervosos desta é o prazer um excitante necessário”.

Esse trabalho nos auxilia a acompanhar a evolução que se estava processando no sentido de dar à criança mais atividade física sintética do que analítica, forma de trabalho então predominante e que ainda encontra em nossos dias ferrenhos defensores, que insistem em negar a criança o direito de querer o que fazem, um pouco de alegria, um riso espontâneo e franco.

Arthur Higgins publica em 1911, uma segunda edição do seu “Compêndio de Ginástica Escolar... refundida e alustrada, agora com 222 páginas. E êle também demonstra ter evoluído dedicando maior atenção ao que chama ginástica recreativa. O autor afirma que o seu compêndio é a expressão do método suéco-belga.

1913 assinala um movimento renovador em nosso Exército: introduz-se o sorteio militar, a instrução física passa a ser diária e a respectiva regulamentação é calculada no método alemão. Nas Associações Cristãs de Moços do Rio de Janeiro, fundada em 1893, de São Paulo, fundada em 1903, e de Pôrto Alegre, fundada em 1901, a calistenia se vai enraizando, sendo daí levada para o Estado de Minas Gerais, onde é adotada oficialmente.

Fernando de Azevedo, lente[?] substituto de Latim do Ginásio Mineiro, de Belo Horizonte, publica “A Poesia do Corpo ou a Ginástica Escolar”, tese com que concorre ao provimento da cadeira de “ginástica e educação física” do mesmo estabelecimento. O autor consagra, na segunda parte, um capítulo ao método de Ling e exalta o seu valor e supremacia como sistema educativo.

Nêsse mesmo ano há que assinalar o livro “Jogos Ginásticos para uso das Escolas”, de Estevam Lange Adrien e José de Campos Camargo, contendo um grande número de jogos infantis.

Em 1919, o capitão de corveta Anfilóquio Reis, comandante do Batalhão Naval, publica “Manual de Ginástica a Corpo Livre”, impresso sob os auspícios do Ministério da Marinha e comportando 12 capítulos.

No período de 1918 a 1920, a adoção dos regulamentos de origem alemã veio encontrar a Escola Militar do Realengo, ainda na fase de formação. Tais regulamentos tiveram então aplicação diária e obrigatória para todos os cadetes.

¹³ Esse artigo está sem a numeração, mas pela data e ordem julgamos ser o número 4 ou 5 dessa sequência.

Em 1921, aparece a “Introdução Regulamentar de Ginástica”, adotada pelo Ministério da Marinha, com 40 partes e 156 figuras, demonstrando vários exercícios. O ano de 1921 assinala a influência oficial da doutrina francesa no nosso Exército, influência essa que já marcada no meio civil com o livro de Arnaldo Guinle e Mário Polo, publicado em 1920, e que remontava à Escola de Educação Física da Fôrça Policial do Estado de São Paulo.

Estudaremos, no próximo artigo, a infiltração do método francês no Brasil, embora ressalvemos de início, que esse método não era francês, por que não se aplicava a toda a França, tendo mesmo mais adversários do que adeptos.



"Jornal dos Sports"

11/2/54

OS DESPORTOS CONQUISTAM A ESCOLA

Inezil Penna Marinho

EM 1910, o Dr. Epaminondas Vilela dos Reis apresenta a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro a tese "Educação Física da Infância e da Mulher", versando sobre esta matéria: "Introdução — A circulação e o exercício — A respiração e o exercício — O ar livre e o exercício — O prazer e o exercício — Trabalho intelectual e o trabalho físico — Exercício que deformam e exercícios que não deformam — Conclusões". No Capítulo "O prazer e o exercício", diz o autor: "O exercício para preencher por completo os fins higiênicos, na infância, deve ser recreativo e produzir alegria na criança. Para os centros nervosos desta é o prazer um excitante necessário".

Esse trabalho nos auxilia a acompanhar a evolução que se estava processando no sentido de dar à criança mais atividade física sintética do que analítica, forma de trabalho então predominante e que ainda encontra em nossos dias ferrenhos defensores, que insistem em negar à criança o direito de querer o que fazem, um pouco de alegria, um riso espontâneo e franco.

Arthur Higgins publica em 1911, uma segunda edição do seu "Compêndio de Ginástica Escolar...", refundida e alustrada, agora com 222 páginas. E ele também demonstra ter evoluído dedicando maior atenção ao que chama ginástica recreativa. O autor afirma que o seu compêndio é a expressão do método sueco-belga.

1913 assinala um movimento renovador em nosso Exército: introduz-se o sorteio militar, a instrução física passa a ser diária e a respectiva regulamentação é calculada no método alemão. Nas Associações Cristãs de Moços do Rio de Janeiro, fundada em 1893, de São Paulo, fundada em 1903, e de Porto Alegre, fundada em 1901, a calistenia se vai enraizando, sendo daí levada para o Estado de

Minas Gerais, onde é adotada oficialmente.

Fernando de Azevedo, lente substituto de Latini do Ginásio Mineiro, de Belo Horizonte, publica "A Poesia do Corpo ou a Ginástica Escolar", tese com que concorre ao provimento da cadeira de "ginástica e educação física" do mesmo estabelecimento. O autor consagra, na segunda parte, um capítulo ao método de Ling e exalta o seu valor e supremacia como sistema educativo.

Nesse mesmo ano, há que assinalar o livro "Jogos Ginásticos para uso das Escolas", de Estevam Lange Adrien e José de Campos Camargo, contendo um grande número de jogos infantis.

Em 1919, o capitão de corveta Anfilóquio Reis, comandante do Batalhão Naval, publica "Manual de Ginástica a Corpo Livre", impresso sob os auspícios do Ministério da Marinha e comportando 12 capítulos.

No período de 1918 a 1920, a adoção dos regulamentos de origem alemã veio encontrar a Escola Militar do Realengo, ainda na fase de formação. Tais regulamentos tiveram então aplicação diária e obrigatória para todos os cadetes.

Em 1921, aparece a "Introdução Regulamentar de Ginástica", adotada pelo Ministério da Marinha, com 40 partes e 156 figuras, demonstrando vários exercícios.

O ano de 1921 assinala a influência oficial da doutrina francesa no nosso Exército, influência essa que já marcada no meio civil com o livro de Arnaldo Guinle e Mário Polo, publicado em 1920, e que remontava à ação da Missão Militar Francesa junto à Escola de Educação Física da Força Policial do Estado de São Paulo.

Estudaremos, no próximo artigo, a infiltração do método francês no Brasil, embora ressalvemos, de início, que esse método não era francês, por que não se applicava a toda a França, tendo mesmo mais adversários do que adeptos.

OS DESPORTOS CONQUISTAM A ESCOLA

Nova orientação para a Educação Física escolar

A orientação da Educação Física escolar em meio século de República

Nº 6 – A consolidação do Método Francês

30 de junho de 1927, Jorge de Moraes pronuncia na Câmara dos Deputados notável discurso em que lamenta os 22 anos perdidos, desde a apresentação de seu projeto de criação de duas escolas de Educação Física, uma civil e outra militar, até aquele momento, sem que nada se tivesse feito a favor da Educação Física do povo brasileiro, que dela tanto carecia. Seu discurso é longo, muito longo mesmo, Após várias considerações, estuda exaustivamente o método Francês e se mostra favorável ao mesmo, recomendando a sua adoção em todo o país e condenando veemente os métodos culturistas:

“Completa o quadro a generalidade dos poucos afeiçoados à ginástica, entregues a errôneos exercícios quase sempre produtores do desenvolvimento desarmônico e excessivo dos músculos sob conselho dos Muller, Sandow, Desbonet, e outros supostos educadores do físico humano”.

Nesse ano de 1927, a escola de preparação de monitores mantida pela Liga de Esportes da Marinha, diploma, em dezembro, a sua primeira turma, cujo curso tivera a duração de dois anos.

Quando foram baixados os programas, de acôrdo com a regulamentação procedida pelo decreto n.º 2. 940 incluiu-se o “Programa de Educação Física dos Estabelecimentos de Ensino do Distrito Federal”, pelo qual se verifica a preferência pelo método suéco, mau grado as preferências do Exército pelo método francês.

Assume, nesse ano de 1928, o Major Píerre Segúr, da Missão Militar Francesa, a direção da Educação Física na Escola Militar, tendo sido especialmente contratado para êsse fim. Inicia-se a execução da 1.º Parte do Regulamento Geral de Educação Física e aparece o primeiro programa geral unificando a prática dos exercícios físicos e dos desportos na Escola. No intuito de tornar mais eficiente a instrução, o Major Segúr inicia um curso de aperfeiçoamento, semanal, para os subalternos das armas que o auxiliam.

Em 1929, tendo como baluartes os Tenente Inácio de Freitas Rolim e Dr. Virgílio Alves Bastos, entra em funcionamento o Curso Provisório de Educação Física, calcado nos moldes do Centro Militar de Educação Física, a que a Portaria Ministerial de 10 de Janeiro de 1922 aludia. Matriculam-se no mesmo, além dos oficiais designados; inúmeros professores públicos primários, para cuja matrícula o Sr. Fernando de Azevedo concedera tôdas as facilidades. Diplomaram-se então: 3 instrutores, primeiros tenentes; 2 médicos, primeiros tenentes médicos; 20 professores civis e 60 monitores. Essa foi a turma que primeiro disseminou a doutrina francesa no meio civil e militar com identidade de idéis, de acordo com os rigores do Regulamento.

Nesse ano, o general Nestor Sezefredo Passos submete ao estudo da Comissão de Educação Física um anteprojeto de lei, pelo qual entre outras disposições, a Educação Física era tornada obrigatória em todos os estabelecimentos de ensino, federais, municipais e particulares, a partir da idade de seis anos, para ambos os sexos. E o art. 4.º estabelecia: “E criado um Conselho Superior de Educação Física, que terá por fim centralizar os trabalhos elaborados pelos órgãos técnicos, estudar os

documentos provindos do estrangeiro, coordenar todos os elementos próprios à criação do Método Nacional de Educação Física, e , finalmente, vulgarizar por todos os meios e modos tudo que disser respeito ao assunto”. Essa foi a primeira menção de que temos notícias sobre a necessidade de um Método Nacional de Educação Física, E o art. 41 completava a idéia: "Enquanto não foi criado o Método Nacional de Educação Física, fica adotado em todo o território brasileiro o denominado Método Francês, sob o título de Regulamento Geral de Educação Física”.

Êsse projeto mereceu uma severa crítica por parte da Associação Brasileira de Educação, principalmente pelo fato de estabelecer a obrigatoriedade da adoção do Método Francês.

A 3 de julho do mesmo ano de 1929, a Associação Brasileira de Educação realiza um grande inquérito a fim de auscultar a opinião dos técnicos e administradores sobre alguns dos problemas da Educação Física. O questionário contava de 4 perguntas, das quais a primeira era esta: “Quais os métodos de educação física que julgais aconselháveis nas escolas primárias e secundárias?” E a terceira consulta estava assim redigida: “Em que espécie de instituição o devem ser preparados os professôres de educação física destinados às escolas primárias e secundárias: Achais aconselháveis para tal fim escolas de educação física no tipo do Instituto Central de Estocolmo, ou da Escola de Gand ou da Escola de Joinville-le-Pont?”

Responderam a êsse questionário: Alfredo Wood (Pôrto Alegre), Oswaldo Diniz. (São Paulo), Ambrósio Tôrres (Rio de Janeiro), James Summer e Ciro Morais (Montevidéu), Alberto Regina (Buenos Aires), Emílio Chapella (Montevidéu), Faustino Espozel (Rio de Janeiro) e Artur Azevedo Filho (Rio de Janeiro).

O método Francês e a Escola de Joinville-le-Pont foram omitidos nas respostas, quando não acerbamente criticados.



14/02/54

OS DESPORTOS CONQUISTAM A ESCOLA

Nova orientação para a Educação Física escolar

A orientação da Educação Física escolar em meio século de República

Nº 7 – A disseminação do Método Francês

A 11 de janeiro de 1930, o Ministro da Guerra Nestor Sezefredo dos Passos assina a seguinte Portaria:

“O Ministro de Estado dos Negócios da Guerra, em nome do Sr. Presidente da República, resolve organizar o Centro Militar de Educação Física, que se regerá pelas instruções que a esta acompanham”.

O item 94 das “Instruções”, fixava:

“O Método de Educação Física a adotar no Centro Militar de Educação Física será aquele expresso no Regulamento Geral de Educação Física”.

A 30 de junho de 1931, a Portaria n.70 do Ministro da Educação e Saúde Pública, Dr. Francisco de Campos, que baixou os programas de Educação Física para os estabelecimentos de ensino secundário, mandou adotar “as normas e diretrizes do Centro Militar de Educação Física”, o que implicou a consequente adoção do Método Francês.

A 15 de julho desse ano, o decreto n. 1.450 do governo do Estado do Espírito Santo baixou as “Instruções” para o funcionamento do Curso de Educação Física, a que se referia o art. 4.º do Decreto n. 1.366, de 26-6-93J. Sob a influência direta do Centro Militar de Educação Física, adotou esse Curso o Regulamento Geral de Educação Física.

Finalmente, a 27 de abril de 1932, o decreto n. 21.324, aprova a 1.ª e 3.ª partes do Regulamento de Educação Física, passando-se então a adotá-lo em tôdas as unidades do Exército, inclusive no Centro Militar de Educação Física, onde apenas a situação foi oficializada pelo poder executivo. Esse regulamento é a tradução do “Règlement Général de Éducation Physique” (Méthode Française), editado em caráter definitivo pelo “Ministère de la Guerre”, também em 1932.

No ano de 1933, a 19 de outubro, o decreto n. 25.252, criou a Escola de Educação Física do Exército, pela transformação do Centro Militar de Educação Física. O art, 2.ª desse decreto prescrevia:

“A Escola terá como objetivos: a) – proporcionar o ensino do método de educação física regulamentar; b) – orientar e difundir a aplicação do método”.

E o método regulamentar aí mencionado era o Regulamento Geral de Educação Física, como seria natural.

O decreto n. 6.583, de 1-8-934, do govêrno do Estado de São Paulo, organizou a Escola de Educação Física daquele Estado, adotando-se lá o Regulamento Geral de Educação Física aprovado pelo decreto n. 21.324. de 27-4-931.

A 9 de janeiro do mesmo ano, o Ato n. 767, cria no município de São Paulo o Serviço Municipal de Jogos e Recreio, posteriormente substituído pela Divisão de Educação e Recreio do Departamento de Cultura, ao qual são atribuídos os parques

infantis da municipalidade. Nestes se toma por base a orientação americana para a educação física das crianças, fundamentadas por excelência na recreação.

Pelo decreto n. 7.600, de 28 de maio de 1936, do Estado de São Paulo, a Escola de Educação Física da Fôrça Pública é regulamentada, adotando-se ali o Regulamento Geral de Educação Física.

Em 1937, a lei n. 378, de 13 de janeiro, que reorganizou os serviços do Ministério da Educação e Saúde Pública, instituiu a Divisão de Educação Física, por onde, de acordo com o art. 12 “correrá a administração das atividades relativas à educação física”. A D.E.F. recomendou e fêz adotar nos estabelecimentos de ensino secundário o Método Francês.

O decreto n.508, de 18-8-938. do govêrno de Santa Catarina, regulamentou o Curso Provisório de Educação Física, que, entrando em funcionamento, adotou o Regulamento Geral de Educação Física.

Ainda em 1938, a Divisão de Educação Física fêz funcionar um Curso de Emergência para formação de professores de educação física, sob o patrocínio, do Departamento Nacional de Educação e com a colaboração da Escola de Educação Física do Exército e do Instituto de Educação. Nesse Curso, que habilitou 165 professôres de educação física e 78 médicos especializados, foi adotado o Método Francês.

A 3 de março de 1939, o decreto-lei n. 168, do Estado do Piauí, criou o Curso Especial de Educação Física, estatuinto em seu art. 6.^a: “Até que seja estabelecido um método de educação física nacional, fica adotado nos estabelecimentos de ensino o Método Francês de Educação Física, por ser o mesmo racional, científico, moderno e eclético, perfeitamente adaptável ao nosso temperamento”.

Finalmente a 17 de abril, de 1939, o decreto-lei n. 1.212 criou, anexa à Universidade do Brasil, a Escola Nacional de Educação Física e Desportos, que também adotou o Método Francês de Educação Física.

Há que assinalar ainda o Curso Normal de Educação Física do Estado de Pernambuco, autorizado a funcionar pelo decreto n. 8.919, de 4-3-942, a Escola de Educação Física e Desportos do Estado do Paraná, autorizada a funcionar pelo decreto-lei n. 9.890, de 7-7-942, e a Escola de Educação Física do Estado do Rio Grande do Sul, autorizada a funcionar pelo decreto n. 7.219, de 27-5-941, que também vieram a adotar o Regulamento Geral de Educação Física.

E foi por esta forma que se difundiu por todo o território nacional o Regulamento Geral de Educação Física, mais conhecido por Método Francês.



16/02/54

OS DESPORTOS CONQUISTAM A ESCOLA

Nova orientação para a Educação Física escolar

A orientação da Educação Física escolar na década 1940-1950

Nº 1 – Os inquéritos promovidos pela Divisão de Educação Física

Instituída em 1937, a Divisão de Educação Física do Ministério de Educação e Saúde, três anos depois de sentir intimamente o problema, vivendo-o em seus mínimos detalhes, chegou à conclusão de que as bases do Método Francês não correspondiam integralmente as nossas necessidades. A função social da Educação Física, entre nós deveria ser muito importante e o Regulamento nem sequer a considerava; por outro lado, a parte psicológica deveria merecer um cuidado todo especial, para que os programas pudessem ser executados sem que os exercícios constituíssem para os educandos “trabalhos forçados”, utilizando a feliz expressão de Claparede.

Quando a Divisão de Educação Física iniciou os seus trabalhos, organizou durante os três primeiros anos um sistema de inquérito que lhe permitiu saber as condições em que se encontravam os estabelecimentos de ensino secundário. Dos dados colhidos, referentes aos anos de 1938, 1939 e 1940, não deixa de ser curioso observar os métodos de Educação Física adotados embora o oficial fosse o Método Francês.

Eis o resultado apresentado pelos estabelecimentos que responderam à “Ficha de Informações”

Em 1938:

	Estabelecimentos
Francês.....	154
Sueco.....	32
Alemão.....	18
Diversos.....	45
Sem especificação.....	25
Soma.....	275

Em 1939:

	Estabelecimentos
Francês.....	465
Sueco.....	43
Alemão.....	2
Diversos.....	62
Sem especificação.....	25
Soma.....	597

Em 1940:

	Estabelecimentos
Francês.....	543
Sueco.....	34
Alemão.....	2
Diversos.....	20
Sem especificação.....	12

Soma.....611

A porcentagem apresentada pelo Método Francês na adoção dos métodos e a seguinte:

Em 1938.....61,6%
Em 1939.....81,3%
Em 1940.....90,6%

Em 1941, essa porcentagem é praticamente integral devido à fiscalização exercida pela Divisão de Educação Física no sentido de compelir os estabelecimentos de ensino ao cumprimento das disposições legais.

De 1940 a 1942 a D. E. F. se dedicou a estudar o assunto referente ao “Método Nacional de Educação Física”, pois estava cada vez mais convencida de sua necessidade. Por outro lado reconhecia a impossibilidade de um trabalho precipitado sem amadurecimento do pessoal ou exclusivo de um pequeno grupo.

E finalmente em novembro de 1942, lançou o “Inquérito sobre o Método Nacional de Educação Física”. Por esse esquema, percebe-se que a D. E. F. avançou bastante no campo doutrinário, propondo inicialmente que o nosso método viesse repousar sobre as mesmas bases que fundamentam a educação nem de outra forma se poderia considerar o problema. Desta maneira a biologia (vida orgânica), a sociologia (vida social) e a psicologia (vida psíquica) forneceriam fundamentos para o método em questão.

Êsse inquérito destinado a auscultar a opinião dos técnicos de todos os que se dedicassem ao assunto constitui-se de duas mil coleções organizadas cada uma das quais continha os seguintes elementos:

- 1 – Envelope para a remessa;
- 2 – Circular esclarecendo as finalidades do inquérito;
- 3 – Esquema de todo o arcabouço do Método estando numeradas todas as legendas;
- 4 – Opúsculo contendo notas explicativas, também numeradas, sobre cada uma das legendas correspondentes;
- 5 – Caderno de papel amarelo para a remessa de sugestões, com os elementos de identificação do autor na capa;
- 6 – Envelope de devolução com franquia postal sob registro e endereço da Divisão de Educação Física já devidamente impresso.

O inquérito em aprêgo foi um dos melhores organizados que já se levou a efeito em nosso país e mereceu valiosas contribuições. Infelizmente com a saída do Ministro Gustavo Capanema, em 1945, a D. E. F. perdeu grande parte de seu apoio moral, não podendo prosseguir o interessante trabalho que vinha, então, realizando.



OS DESPORTOS CONQUISTAM A ESCOLA

Nova orientação para a Educação Física escolar

A orientação da Educação Física escolar na década de 1940-1950

Nº 2 – As experiências da Escola Nacional de Educação Física e Desportos

Quando o Cap. Antônio Pereira Lira assumiu a direção da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil, cheio de entusiasmo e dedicação, lançou-se em experiências com o objetivo de criar um “método eclético” retirando de cada um dos métodos existentes o que houvesse de melhor. Assim, valeu-se inicialmente da ginástica acrobática e depois da calístenia, da ginástica dinamarquesa, da ginástica sueca, do próprio método francês, além de influências recebidas da ginástica metodizada (Argentina) e de idéias norte americanas sobre as provas práticas e tabelas de pontos para a verificação da capacidade física. Durante dois anos, a E.N.E.F.D. levou a efeito intensa disseminação de outras formas de trabalho que não fôssem apenas as do Método Francês, como até então se verificara.

Não se pode negar valor ao trabalho do Cap. Dira, embora, à época de sua realização tivéssemos feito restrições à falta de orientação segura, de unidade indispensável e de sistematização adequada. Mas esse esforço teve o grande mérito de despertar o interesse por métodos ainda pouco divulgados em nosso país, alargando o horizonte dos professores de Educação Física, até então bastante limitado. Os dois mil professores de Educação Física existentes à época diplomados pelas diferentes escolas especializadas do país, exceção feita à da Marinha que adotava a calistenia, haviam estudado e conheciam apenas o Método de Joinville-le-Pont. E isso tornava difícil a substituição dos programas vigentes, pois era impossível, apenas com uma portaria ministerial, modificar, de um momento para outro, a mentalidade dos professores de Educação Física.

A Divisão de Educação Física do M.E.S. organizou, então as “Diretrizes para a Educação Física nos estabelecimentos de ensino secundário”, em caráter experimental, introduzindo adaptações no Método Francês e dando mais liberdade de ação aos professores, inclusive permitindo que nos dias de chuva, pudessem ser ministradas sessões de calistenia ou de ginástica sueca.

Em 1948, na tese que apresentamos a Concurso para Livre Docente da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil sob o título “Crítica aos exercícios analíticos em face dos fundamentos bio-psico-sócio-filosóficos dos programas de Educação Física destinados a escolas primárias”, demonstramos que o método francês fôra a causa determinante da criação da cadeira de Metodologia nas escolas de Educação Física. E escrevíamos:

Não poderá ser negada a notável influência do Método Francês sobre todas as escolas civis e de educação física existentes em nosso território inclusive a própria Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil. Sabemos que o movimento de educação física, iniciado em 1922, partiu do Exército e portanto, nada mais natural, que trouxesse para o âmbito civil toda a orientação por ele seguida. O próprio professorado de que se valeram as escolas civis tinha, todo êle sido habilitado exclusivamente dentro da orientação do Método Francês difundido, como vimos em

artigo anterior, por todo o país. E as escolas de educação física que se criaram, inclusive a própria Escola Nacional de Educação Física e Desportos introduziram em seu currículo a cadeira de Metodologia da Educação Física com o objetivo único de transmitir aos respectivos alunos a doutrina os fundamentos e a técnica do Método Francês. Em 1941, quando realizamos um dos nossos cursos de especialização na E.N.E.F.D., não tivemos dentro da cadeira em apreço, contato com outro assunto que não fosse o referido método. E as gerações que se sucederam nessa Escola também rezaram pela mesma cartilha. Assim a Metodologia – arte de dirigir o espírito na investigação da verdade – passara a ter as suas finalidades subvertidas. (Não se procurou por seu intermédio, criar uma consciência da tarefa que deveria o professor cumprir, orientá-lo dotá-lo do equipamento de recursos que lhe permitisse sentir o trabalho que viesse a realizar, ter o espírito de iniciativa que possibilitasse a mobilização de seus conhecimentos para melhor atender aos objetivos a que se propunham os diferentes tipos de estabelecimentos educacionais. E, com frequência, o trabalho ministrado sob o título de “educação física” até prejudicava as finalidades que deveriam ser alcançadas pela escola. Por falta de consciência do conteúdo de seu trabalho, muitos professores de educação física, nos estabelecimentos de ensino industrial, por exemplo, ministravam exercícios de trepar em corda, cabo de guerra e outros, caracterizados por intensa contração dos músculos dos membros superiores, que vinham prejudicando o trabalho de oficina dos alunos dos cursos de ourivesaria pela diminuição da sensibilidade tátil. Os que egressavam das escolas de educação física o faziam convictos de que deveriam submeter os seus alunos ao mesmo regime a que tinham obedecido, quando de seus cursos, ensinando-lhes os exercícios, como se a sua finalidade fôsse a de transformar cada educando em um professor de educação física. E educação física, principalmente nos estabelecimentos de ensino secundário, foi desvirtuada completamente de suas finalidades tornando-se as sessões enfadonhas, verdadeiro trabalho forçado, como classificou Claprede, despertando um sentimento de revolta nos educados para não dizer um estado de permanente fobia contra a educação física. Os professores ocupavam todo o tempo de que dispunham com intermináveis sessões de estudo e dezenas de relatórios que figuram nos arquivos da Divisão de Educação Física, encerram trechos como o seguinte: “Infelizmente, pela falta de tempo, só nos foi possível ensinar até o exercício n.º 256”. Essa afirmação é textual e por ela se poderá perfeitamente depreender a mentalidade dominante na maioria de nosso professorado especializado, responsável, em grande parte, pelo estado de decadência em que se encontra a educação física no Brasil. As coisas chegaram a tal ponto que a Divisão de Educação Física teve de dirigir centenas de ofícios endereçados nominalmente a cada professor, esclarecendo os objetivos da educação física na escola secundária, objetivos êsses que deveriam ter sido definidos nas aulas de Metodologia de todas as escolas de educação física. E preciso que os alunos delas egressos adquiram não apenas os conhecimentos de que carecem, mais, e sobretudo aprendam a mobilizar inteligentemente êsses conhecimentos de acôrdo com cada situação ante a qual se possam deparar. Geralmente lhes falta espírito de iniciativa, muito poucos possuem personalidade, características essas fundamentais a um professor de educação física. Estamos em situação de não poder, no ensino secundário, sobretudo modificar profundamente os programas de educação física, porque, antes de tudo, necessário se torna, modificar a mentalidade dos professores de educação física dar-lhes flexibilidade mental alargar-lhes horizontes que lhes foram limitados por formação deficiente ou viciosa.

A cadeira de Metodologia não deverá estar circunscrita ao ensino de um ou mais métodos ou sistemas de ginástica, à transmissão pura de conhecimentos, a repetição

daquilo que os livros trazem, mas contribuir poderosamente para que os alunos obriguem seu espírito à meditação e, assim, possam penetrar na filosofia da Educação Física situando-a no tempo e no espaço e compreendendo o papel que lhe cabe desempenhar na civilização de nossos dias.



OS DESPORTOS CONQUISTAM A ESCOLA

Nova orientação para a Educação Física escolar

A orientação da Educação Física escolar na década de 1940-1950

Nº 3 – A influência da II Lingíada

Em julho de 1949, realizou-se, na cidade de Estocolmo a II Lingíada, festa em homenagem a Ling, o fundador da ginástica sueca e verdadeira figura de herói nacional. Compareceram 64 nações, entre as quais o Brasil, com uma delegação constituída de 27 observadores, incluindo-se representantes da Divisão de Educação Física, da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, da Escola de Educação Física do Exército, da Escola de Aeronáutica, do Departamento de Esportes e Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo, da Escola de Educação Física do Fôrça Policial de São Paulo, da Escola de Educação Física do Estado do Rio Grande do Sul e de várias outras instituições especializadas. As numerosas demonstrações assistidas influíram decisivamente, ao regresso dos delegados, entre os quais nos encontravamos, para alargar os horizontes da Educação Física em nosso país, dando-lhe maior flexibilidade e interpretação mais ampla. As relações estabelecidas com renomadas autoridades de outros países possibilitou um maior intercâmbio realmente proveitoso cumprindo destacar, as visitas que nos fizeram J. G. Thulin que realizou conferências no Rio, em São Paulo e Porto Alegre e Johanson Curts, que ministrou cursos de ginástica sueca moderna em Santos, São Paulo, Porto Alegre e Rio.

Em agosto de 1949, após o regresso da Europa, submetemo-nos ao Concurso de Títulos e Provas para Catedrático de Metodologia da Educação Física e dos Desportos da E. N. E. F. D. da Universidade do Brasil logrando conquistar a cátedra. Refundindo complementemente os programas vigentes, procuramos aproximar-nos mais da realidade, melhor correspondendo aos interesses da nossa infância e juventude, dando a formação do professor de Educação Física um caráter mais objetivo a fim de que não fôsse êle apenas um professor de ginástica vinculado irremediável e estreitamente aos diferentes sistemas ginásticos. Iniciamos uma campanha demonstrando que os bons programas de Educação Física eram mais importantes que os melhores sistemas de ginástica pois quando adotamos a priori um sistema ou método qualquer subvertemos a hierarquia de fins e meios em educação. A escola passa a servir ao método ao invés do método servir a escola.

Não é de Método de Educação Física o de que precisamos, mas de programas, programas racionais, que satisfaçam perfeitamente às necessidades dos educandos em relação aos objetivos a que se propõem as escolas segundo o seu tipo.

Hoje formamos entre aqueles que não admitem a expressão “método de educação física”, como inconcebível seria a expressão método de educação intelectual.

Método segundo a definição clássica e de acôrdo com o significado etimológico – caminho para – é o conjunto de processos racionais empregados na procura da demonstração da verdade. Assim a função do método será dirigir a ação do educando no sentido de que cumule experiências que lhe desenvolvem as capacidades exigidas pela sociedade atual. Essa deverá ser a função da cadeira de Metodologia na Escola Nacional

de Educação Física e Desportos. Seria fastidioso demonstrar a inconsistência da denominação método de educação física, hoje repetida por todos os professores, como nós também já a repetimos, isto é, sem tomar consciência do verdadeiro significado da palavra método e do conceito do vocábulo, educação.

Antes de especificarmos as razões do conflito “Método x Programas”, vamos efetuar algumas considerações sobre o que entendemos por programas.

O programa representa a adequação dos meios para atingir determinado fim: portanto, antes de elaborá-lo, cumpre-nos determinar os objetivos que temos em vista. Ele deverá ser organizado de maneira tal que permita um rendimento certo ao fim do curso e muitas vezes isso não se verifica. Deparamo-nos sempre com a existência de dois programas: um formal e outro real. O primeiro representa uma promessa quando organizado pelo próprio professor, e uma possibilidade quando elaborado por terceiros: o segundo está traduzido pelo trabalho que o professor efetivamente realiza e, quase sempre, é inferior ao primeiro, mais sobre, mais reduzido, mais heterogêneo, quando não incompleto, com lacunas gravíssimas. Isso nos leva à conclusão de que cada professor realiza o seu próprio programa, principalmente quando ele é centralizado pelo órgão diretor – no caso de ensino secundário, entre nós – muitos de cujos assuntos são completamente ignorados pelo professor que os vai ministrar. Cumpre que os programas sejam organizados não com aquilo que os alunos devem aprender ou realizar, mas com o que eles necessitam aprender ou realizar. Dewey nos afirma que o programa deverá resolver “o conflito entre a natureza individual e a cultura social”, e Francisco de Campos diz que a “personalidade, a formação do caráter, são coisas superiores às matérias do ensino”. Segundo o conceito de Kilpatrick, a civilização está em constante mudança, o que significa que os seus fins estão variando a cada momento, exigindo conseqüentemente um reajustamento contínuo do ensino, secundário, levada a efeito em 1931 e, conhecida sob a denominação de Reforma Francisco Campos, estava previsto que os programas sofreriam uma revisão trienal, o que deixou de ser observado.

Ao elaborarmos um programa, uma vez que em cada idade a criança tem o direito de aprender ou realizar certas e determinadas coisas deveremos considerar as possibilidades e as necessidades dos educandos isto é, que eles podem e necessitam obter.

Essas breves considerações nos permitem demonstrar a flexibilidade exigida pelos programas a fim de que possam estar constantemente sendo reajustados a novos objetivos a que a escola tem de atender em face da civilização está obrigada. Um método da educação física traduzida, durante a sua vigência, a imutabilidade dos princípios propostos e representaria um estacionamento na evolução educacional. Por outro lado, impossível se torna organizar um método capaz de atender às exigências de todos os tipos de estabelecimentos educacionais ainda que exagerando o seu ecletismo, o que representaria verdadeiro contrassenso, pois sabemos que o ecletismo significa liberdade de cada qual escolher o que julgar melhor. Método eclético não parece uma denominação feliz, pois o adjetivo “eclético” não se ajusta ao substantivo “método”, da mesma forma que seria inadmissível a expressão “açúcar salgado”. Jamais poderemos ter um “Método de Educação Física” que possa simultaneamente atender às exigências das escolas primárias, secundárias, industriais, normais, superiores, institutos para cegos, surdos mudos, débeis mentais, desajustados da conduta, etc.

Não são os métodos de educação física que nos interessam mas todos os tipos de atividades físicas que possam realizar obra educativa são essas as atividades que devem ser apreendidas e praticadas pelos alunos das escolas de educação física, porque, na verdade, somente elas vão realizar o objetivo pretendido: educação física. Os programas desta seção de oportunidades da educação, consoante á finalidades dos estabelecimentos

a que se destinem, incluirão as atividades mais adequadas, estejam ou não previstas, elas em algum método, qualquer que este possa ser.



OS DESPORTOS CONQUISTAM A ESCOLA
Nova orientação para a Educação Física escolar
Moderna orientação da Educação Física escolar na França
Nº 1 – Educação Física, civil, e instrução física, militar

Após a dura experiência da França, na última conflagração mundial, o govêrno dessa nação amiga começou a pensar seriamente no problema da Educação Física de sua juventude, sobretudo na necessidade de estimular o fortalecimento moral, de que o povo inglês é um exemplo multiseular. A célebre Escola de Joinville-le-Pont havia sido fechada e a sua obra se desmantelara durante a guerra e o período de ocupação que se seguira; quando a visitamos em 1949, sentimo-nos como em Atenas ao contemplar a Acrópole ou o Templo de Zeus: apenas um monumento que assinalara o apogeu da cultura em sua época.

Em 1945, o “Ministère des Armées”, por intermédio do “État-Major de L'Armée de Terre”, designa uma comissão para estudar o assunto e, no ano seguinte, 1946, surge o “Memento de l'Entrainement Physique Militaire”, com o qual fica definitivamente separada a Educação Física, civil, da Instrução Física, militar.

Os fundamentos e a técnica dessa obra poderão ser assim resumidos: “A Educação Física Militar passou a constituir parte integrante da instrução militar. Êste conjunto de atividades físicas tende essencialmente a dar ao combatente:

- a resistência (valor precípua) que requer a guerra moderna.
- a possibilidade de cumprir da forma mais econômica e mais eficaz todos os atos do combate (contra o terreno e contra o homem).
- a confiança, o domínio de si mesmo, que deriva das duas primeiras noções.

Para alcançar êste resultado, a Educação Física Militar comportará três disciplinas:

- o treinamento físico geral;
- o treinamento físico e desportivo para o combate;
- o treinamento desportivo.

Para tanto, é importante que cada instrutor se compenetre bem de algumas idéias essenciais:

- a) Nós não somos especialistas. A Educação Física Militar nada tem a ver com a velha concepção desportiva nos regimentos; terá por fim não criar super-atletas, mas homens harmoniosos no seu estado físico, que deverá ser equilibrado. Êste equilíbrio físico terá por corolário e equilíbrio da alma que condiciona o valor moral.
- b) Dentro do estado atual das coisas, é necessário trabalhar com poucos meios, mas trabalhar assim mesmo; é justamente neste caso, que o instrutor terá de manifestar as suas raras qualidades de organizador e de animador.

Compreender, lutar e vencer são as três palavras que simbolizam a ação do instrutor.”

No meio civil, duas influências se fazem sentir mais fortemente: uma de Hébert e a outra de Baquet.

Hébert denomina o seu trabalho de Método Natural e pretende, como base, utilizar as atitudes, gestos e movimentos característicos da espécie humana para que seja possível o desenvolvimento físico completo do homem. Diz Hébert:

“O princípio doutrinário do método natural – “utilizar os gestos de nossa espécie para adquirir o desenvolvimento físico completo” – permanece intangível, mas sua aplicação, isto é, a maneira de trabalhar é especialmente aperfeiçoável pela experiência, pela observação e pelo controle racional dos resultados. É uma nova etapa desse aperfeiçoamento que apresentamos”.

O civilizado não pode pretender atingir o desenvolvimento e aperfeiçoar suas aptidões da mesma maneira que o primitivo, que age por instinto ou por necessidade que, além do mais, dispõe de tempo e de espaço.

O problema que encontramos desde o início para realizar a Educação Física do civilizado tem sido o meio de substituir o instinto em necessidade, aqueles guias tão seguros do primitivo, por processos de trabalhar convenientes e, por outro lado, atender às dificuldades inerentes à vida moderna, particularmente à falta de tempo e à falta de espaço. Encontramos a solução; aperfeiçoar constantemente um método de trabalho, baseado nos mesmos elementos de desenvolvimento utilizados pelo primitivo, ao mesmo tempo, encontrar novamente os gestos naturais de nossa espécie, alguns dos quais foram total ou parcialmente abandonados há séculos (o quadrupedismo e o lançar, principalmente, e procurar a sua melhor técnica).

As ideias de Baquet encontram apoio no método desportivo do Dr. Bellin Du Coteau (“Traité d’Éducation Physique” – Marcel Labbé – Gaston Doin – Paris – 1930) e preconizam, em última análise, e a Educação Física Desportiva Generalizada que apreciaremos no próximo artigo.



24/02/54

OS DESPORTOS CONQUISTAM A ESCOLA
Nova orientação para a Educação Física escolar
Moderna orientação da Educação Física escolar na França
Nº 2 – A Educação Física desportiva generalizada

Após o estabelecimento da paz mundial, o govêrno francês institui a Direção Geral da Juventude e dos Esportes, que, em 1945, levou a efeito uma reunião de todas as federações desportivas com o objetivo de utilizar os desportos de maneira mais racional, melhor correspondendo ao interêsse da juventude francesa e à justa compesação das suas necessidades. A coordenação dos trabalhos ficou a cargo de Baquet, devendo a tarefa ser realizada no Institut Nationale Sportif (INS), então ainda com precárias instalações. O Instituto criou a Seção de Pedagogia Desportiva, cuja direção foi entregue a Listello, coadjuvado por dois excelentes auxiliares: Clerc e Creenn.

Com muitas observações e, sobretudo, numerosas experiências, o I.N.S., finalmente, divulgou o seu trabalho, conhecido sob a denominação “Educação Física Desportiva Generalizada”, que se propõe a proporcionar uma atividade corporal espontânea aos jovens de um e outro sexo que não conhecem a satisfação do esforço físico, do domínio do seu corpo e da exaltação do seu ser. Os diferentes sistemas e métodos utilizados na França e demais países tornaram-se inoperentes porque não levaram na devida consideração o fator psicológico, elemento realmente preponderante. A expressão “Educação Física” está ultrapassada na sua significação; tinha antes um sentido limitado, dando a impressão que se destinava exclusivamente ao corpo, enquanto agora pretende-se a sua influência não apenas sôbre o corpo, como sôbre o espírito, sôbre a formação do caráter e sôbre o verdadeiro sentido social.

O movimento instutivo que anima a juventude do mundo inteiro e que conduz ao ar livre, ao sol, é a atividade desportiva. O desporto, portanto, é uma manifestação de vida que jamais poderá ser esquecida e que tem de ser inteligentemente aproveitada. Apresenta-se como um fenômeno social ainda não suficiente estudando, motivado por causas poderosas ainda não satisfatoriamente explicadas.

A Educação Física Desportiva Generalizada é uma concepção psico-fisiológica, que admite desde a infância, a emulação e a concorrência (competição), sob condições observadas, orientadas e adaptadas às necessidades, interêsses e aptidões de cada indivíduo. Os “Jogos Infantis”, promovidos por JORNAL DOS SPORT, são atestado vivo que comprovam, em nosso país, as observações realizadas na França.

As finalidades da Educação Física Desportiva Generalizada poderão ser assim resumidas:

Graças a uma iniciação desportiva generalizada, a criança, à qual se deu conhecimento de si próprio e se permitiu descobrir, por uma sã emulação aquilo que lhe convinha e que era ignorado, poderá livrar-se de sua inatividade ou de sua indiferença pelo esforço físico.

Encontrando interêsse numa atividade que seduz, ela poderá, guida por um professôr experiente, consagrar sua fôrça moral ao seu aperfeiçoamento. Ela aceitará

voluntariamente todas as atividades que lhe foram sugeridas, para atender, graças a um trabalho paciente e continuando, a valorização de sua pessoa ou do seu grupo.

O erro fundamental de muitos educadores tem sido crer que, na iniciação desportiva unicamente deva ser considerada a parte técnica e que, na Educação Física, exclusivamente é desenvolvimento físico.

O desporto, assim como a Educação Física, não é um fim, mas um meio de formação e preparação para a vida em geral.

Uma verdadeira iniciação desportiva (forma elementar de Educação Desportiva) deve visar à consecução simultânea ou sucessiva, por meio do movimento corporal, do seguinte:

- 1.º) Iniciação à vida social e coletiva, por meio do jogo e da competição desportiva elementar entre equipes;
- 2.º) Iniciação ao esforço progressivo e dosado em relação à idade e às possibilidades fisiológicas da criança e do adolescente;
- 3.º) Iniciação à técnica, isto é, à forma do melhor gesto correspondente a um determinado desporto.

Tudo isso como um esforço para formar um corpo vigoroso, harmonicamente desenvolvido e governado pelos mais altos valores espirituais.



25/02/54

OS DESPORTOS CONQUISTAM A ESCOLA
Nova orientação para a Educação Física escolar
Moderna orientação da Educação Física escolar na França
Nº 3 – Quando e por que a iniciação desportiva

A iniciação desportiva é, na verdade, realizada a partir dos 6 ou 7 anos ainda sob a forma de jogos. É indiscutível que a necessidade de movimento se apresenta na criança pela procura do jogo e no adolescente e adulto do desporto. Estas são verdades que não podem ser contestadas.

A Educação Física Desportiva Generalizada não tem por finalidade a procura sistemática e exclusiva de indivíduos fisicamente bem dotados, mas oferecer oportunidades para a melhoria das condições de todos, indistintamente. E não é outra a razão pela qual a verdadeira competição educativa é a por equipe, que permite, em seu desenvolvimento, a atividade reclamada, satisfaz às tendências individuais, proporciona bons hábitos sociais, além de concorrer para temperar moralmente cada indivíduo, pela constante solicitação ao esforço, mobilização rápida de seu espírito de iniciativa e pronta solução a inesperados problemas.

1º – INICIAÇÃO À VIDA SOCIAL E COLETIVA.

A Pedagogia em geral, quer nas disciplinas intelectuais, quer nas atividades corporais, individualiza muito cedo e quase exclusivamente o esforço dos jovens. Dessa maneira, ao invés de desenvolver o espírito de cooperação e associação – finalidade de uma verdadeira formação humana – reforça a predisposição infantil ao egocentrismo.

A iniciativa desportiva compreende a aprendizagem da vida na própria luta pela vida.

Esta conjunção de energias, durante o jogo e o desporto, engendra a alegria e o prazer juntamente com o esforço físico.

O educador deve agir para que a rivalidade seja sã, franca e honesta. É nesse momento que deve intervir para ajudar a controlar os impulsos e sublimar os maus instintos.

Não é aos 18 ou 20 anos que o indivíduo aprende o domínio de si próprio, de sua cólera, mas sim, na infância, no transcorrer dos jogos que revelam seu caráter, criam conflitos que precisam ser resolvidos equitativamente e fazem explodir paixões que precisam ser dominadas.

Vemos assim, quão importante é o papel do educador.

Sem diretivas, sem julgamento competente e íntegro, a atividade desportiva se poderá revelar nefasta e engendrar a desordem e a desonestidade.

O desporto, com suas conseqüências particularmente o risco de ser derrotado ou a possibilidade de vencer, desperta o devotamento; encerra o senso e o valor da solidariedade, indispensável em todas as manifestações da vida coletiva.

2º – INICIAÇÃO AO ESFORÇO

Esta iniciação deve ser feita de maneira prudente e progressiva e a vigilância médica se impõe obrigatoriamente. Trata-se, sobretudo, de esforços curtos, tendentes a

solicitar as qualidades de destreza, de velocidade de impulsão, de flexibilidade, de equilíbrio e de coordenação.

Os esforços serão dosados fracionados alternados, isto é, cortados por “moderatos” destinados a favorecer a recuperação das forças.

A partir dos 10-12 anos, certos indivíduos se dedicam instintivamente, por necessidade e por aptidão natural, aos esforços de resistência e de força que podem ser fisiologicamente perigosos, se não são em tempo limitados. Não é preciso proibi-los, mas controlá-los e orientá-los para não prejudicar o crescimento e a evolução dos indivíduos.

A iniciação ao esforço não tem apenas aspecto físico estritamente fisiológico: ela deve participar igualmente na formação do caráter. O fato de se medir com seus semelhantes no decorrer da competição coletiva elementar, desenvolve a energia e a vontade, assim como o sangue frio, a decisão e o espírito de disciplina.

3º – INICIAÇÃO TÉCNICA

A aprendizagem dos gestos desportivos demonstra que a aquisição de uma técnica requer boa concentração da atenção, força de vontade. É pela repetição frequente dos mesmos movimentos que se conquista o mecanismo sem o qual não se pode obter um rendimento eficaz e isto reclama muita perseverança, esforço paciente e tenaz.

Só a partir de 10-12 anos, aproximadamente a técnica pura começa a interessar as crianças.

Aos que são contrários a esta aprendizagem elementar é preciso esclarecer que, quanto mais idade tiver o indivíduo, mais difícil assimilar uma técnica complexa, quer se trate de basketball, corrida de parreiras lançamentos ou saltos.

O desenvolvimento muscular dos adultos, como também, já posse de hábitos motores. Retardam a criação de um mecanismo eficiente.

Sem exigir o gesto ideal do campeão é possível dar aos jovens bons princípios técnicos. Pedagogicamente, é graças a uma demonstração perfeita que podemos dar uma ideia do gesto a realizar: a execução deverá ser perfeita porque a criança tem a percepção global. Seu cérebro está melhor preparado para comandar a execução de um gesto do que para compreender explicações sutis.

Em resumo por uma boa iniciação desportiva generalizada é possível manter o interesse dos alunos e criar a necessidade do hábito do exercício.

Estes objetivos serão alcançados no decorrer das sessões, que têm um caráter nitidamente definido:

- 1º) Sessão de Educação Física Desportiva Generalizada – divide-se em quatro partes, correspondendo à evolução psico-fisiológica do indivíduo e possuindo eventualmente uma predominância correspondente às necessidades das pessoas às quais se destina;
- 2º) Sessão de Iniciação Desportiva Especializada – compreende um aquecimento, um estudo técnico-individual e um estudo de adaptação ao jogo de equipe;
- 3º) Sessão de treinamento Desportivo Generalizado – na qual a intensidade e a dificuldade variam de acordo com o grau de evolução dos praticantes e que compreende, como a sessão de Educação Física desportiva, quatro parte;
- 4º) Sessão de Treinamento Especialização – própria aos desportivos que se destinam às competições oficiais.



OS DESPORTOS CONQUISTAM A ESCOLA
Nova orientação para a Educação Física escolar
Moderna orientação da Educação Física escolar na França
Nº 4 – Classificação dos exercícios

A Educação Física Desportiva Generalizada classifica os exercícios não do ponto de vista exclusivamente fisiológico, mas psico-fisiológico, apresentando-os cronologicamente em correspondência com a evolução normal dos indivíduos:

1º) EXERCÍCIOS INSTINTIVOS OU NATURAIS E OS JOGOS:

- a) os movimentos elementares ou instintivos naturais e globais correspondentes às necessidades individuais, tendo como objetivo a liberação e a descoberta;
- b) os jogos livres ou dirigidos (jogos mímicos, sensoriais intelectuais, gímnicos e os grandes jogos).

2º) EXERCÍCIOS PREPARATÓRIOS OU DE FORMAÇÃO CORPORAL

Pertencem à ginástica ou cultura física. Sua ação é estrutural e de conservação da forma. Têm um objetivo de obrigação e submissão.

3º) DESPORTOS COLETIVOS

- a) basketball, handeball, voleyball, hóquei, rugby e polo aquático;
- b) tennis, pingue-pongue, pelota basca, etc...

Esses desportos completam a socialização iniciada no decorrer dos jogos, graças ao respeito à regra e ao adversário (leis morais). Demonstam a necessidade da cooperação e da união para alcançar o sucesso.

4º) DESPORTOS INDIVIDUAIS

Natação, atletismo, nêle compreendidos a marcha, aparelhos halterofilismo, desportos que desenvolvem a personalidade e podem ser praticados individualmente.

5º) DESPORTOS DE COMBATE

Luta (livre e greco-romana), boxe, inglês, boxe francês, cabo de guerra e esgrima, desportos em que o homem está as voltas ao mesmo tempo com uma força física, uma inteligência ou um caráter que trata de dominar.

6º) DESPORTOS DO AR LIVRE OU DE EXTERIOR

Remo e seus derivados, ciclismo, alpinismo, esqui, equitação, tiro desportivo, pesca, tiro ao arco etc...

O campismo e o escotismo são atividades de grande valor educativo, mas que não podem ser considerados desportos, desde que não estejam imbuídos do espírito de luta e de competição.

Nenhum jogo, nenhum desporto é completo, cada qual tem suas vantagens e seus inconvenientes que todo educador deve conhecer.

Para evitar as repercussões eventualmente prejudiciais de um só desporto, o I.N.S. recomenda que o adolescente seja iniciado, especialmente, desde o período escolar, na natação, um desporto coletivo, no atletismo e num desporto de combate, depois dos 14 anos. O conjunto dessas atividades compensadoras contribui para harmonizar a Educação Física. (Seria desejável mesmo que cada educador conhecesse a fundo três desportos tomados em três categorias diferentes).

Uma vez estes exercícios divididos em categorias e dentro de certas hierquizadas, resta utilizá-los em função;

- 1º das pessoas às quais se destinam (idades, qualidades, sexo);
- 2º dos objetivos a alcançar: saúde, caráter e civismo.

Cabe ao educador escolher com bom senso os exercícios ou desportos susceptíveis de alcançar os objetivos que tem em vista.

CARACTERÍSTICAS DA SESSÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DESPORTIVA GENERALIZADA

Destina-se aos iniciantes de todas as idades, podendo realizar-se até sem material, sobre um simples gramado ou, eventualmente, durante um percurso em plena natureza, assim como numa sala não apalhada. Pode tomar a forma de uma sessão de estudo e o educador poderá dar-lhe tal ou qual caráter dominantes conforme as necessidades dos indivíduos a que se destina.

Ela pode ser dosada em intensidade e em dificuldade, conforme a idade e o valor físico dos indivíduos, seja pela complexidade dos exercícios seja pelo ritmo de execução. Podem ser constituídos grupos de fortes, médios e fracos. As diferentes formas clássicas de evoluções podem ser utilizadas. A duração de uma sessão varia entre 30 e 50 minutos.

A sessão tem por objetivo:

- 1º preparar física e moralmente;
- 2º iniciar nos diferentes desportos;
- 3º orientar para as especialidades de acordo com as aptidões;
- 4º despertar o gosto pelo esforço e pela “performance”.

A sessão compõe-se de quatro partes que compreendem:

- 1º exercícios de aquecimento (efeitos higiênicos);
- 2º exercícios de flexibilidade e desenvolvimento muscular (efeitos morfológicos);
- 3º exercícios de agilidade e de energia (efeitos sobre o caráter);
- 4º exercícios desportivos sob a forma lúdica, tendo um caráter de competição.

Em resumo, diremos que a Educação Física Desportiva Generalizada é uma concepção de trabalho físico corporal. Seus princípios têm em vista estabelecer uma síntese por meio de judiciousa aplicação dos diferentes sistemas utilizados para: a formação física de base, o desporto recreativo, a iniciação e o treinamento desportivo.

Considerando que os movimentos espontâneos e naturais despertam o prazer pela atividade física, possível se torna libertar-nos da concepção de uma única Educação Física e de um único desporto de especialização prematura. “A Educação Física Generalizada” deve promover a unificação das duas atividades há tanto tempo separadas.



OS DESPORTOS CONQUISTAM A ESCOLA

Nova orientação para a Educação Física escolar

Moderna orientação da Educação Física escolar na França

Nº 5 – Nova sessão de Educação Física desportiva generalizada – 1.^a e 2.^a partes

A sessão de Educação Física Desportiva Generalizada, organizada pelo Institut Nationale Sportif da França, compreende quatro partes:

- 1) Aquecimento – exercícios de efeitos higiênicos, preparação articular, muscular e nervosa: Superativação funcional solicitação prudente do organismo.
- 2) Exercícios de flexibilidade e desenvolvimento muscular – parte formativa, efeitos morfológicos. Flexionar e tonificar. Se não se dispõe de material, utilizar um companheiro como oponente.
- 3) Exercícios de agilidade e energia ("Gran") – Efeitos sobre o caráter. Desenvolver o gosto pelo perigo, adquirido o domínio do corpo e a confiança em si.
- 4) – Aplicações desportivas – Processos e formas recreativas, tendo um caráter de emulação coletiva no espírito das atividades escolhidas: desportos coletivos, individuais e de combate.

1.º Parte – AQUECIMENTO

Quer se trate de iniciação de treinamento ou de competições desportivas o aquecimento tem sempre por objetivo preparar o organismo para os diferentes esforços (intensos e contínuos ou mais violentos e breves). Estes exercícios de efeitos higiênicos visam mais particularmente a superativação funcional e a preparação articular muscular e nervosa.

O aquecimento deve solicitar todo o corpo. Éle se efetua no decorrer de um deslocamento feito por meio de corridas e de marchas sem cadências variadas. Os movimentos são realizados com facilidade e desembaraço, um após outro, livre e individualmente, com certo conjunto, a fim de dar aos executantes o senso de ritmo e de ordem. Não são forçados exageradamente, devendo solicitar prudentemente o organismo.

No aquecimento os exercícios são executados de uma forma global, de uma maneira natural e sem uma posição estática. Por outro lado, uma verdadeira preparação desportiva não se efetua numa cadência regular. Por conseguinte, admitimos as mudanças de ritmo e as diferentes cadências que correspondem às necessidades psíco-fisiológicas e são verdadeiramente educativas do ponto de vista desportivo.

Sob a forma de exemplos, os movimentos e exercícios de aquecimento se classificam em quatro grupos distintos:

1º) Os movimentos individuais clássicos – cuja execução pode ser realizada de duas maneiras:

a) ao ritmo e a vontade de cada um:

b) em conjunto, a uma cadência variável, mas imposta:

2º) Os exercícios em grupos de dois ou três – dinâmicos e preparatórios para as evoluções desportivas. Necessitam da atenção e dos reflexos, conforme a atitude do parceiro:

3º) As formas coletivas com mudança de ritmo – Êlas põem em jôgo a atenção, os reflexos, as mudanças de ritmo da corrida. No plano técnico: o desdobramento, a

permutação, desmarcação (fugir à marcação como, por exemplo, no jogo de bola ao cesto;

4º) As formas elementares de jogos, ou processos pedagógicos elementares de desporto coletivos: bola ao cesto, football, hand-ball, etc... são atraentes e de efeitos gerais (atenção, reflexos e mudanças de ritmo).

A utilização de bolas, nas formas de jogos elementares, não implica espírito de competição. Trata-se de despertar e desenvolver a destreza em movimento, esta qualidade primordial do desportista.

2º Parte – EXERCÍCIOS DE FLEXIBILIDADE E DE DESENVOLVIMENTO MUSCULAR

Levando-se em conta os conhecimentos relativos aos efeitos dos exercícios e às técnicas do movimento, os exercícios para flexibilizar e desenvolver a musculatura e adquirir mais força são múltiplos, podendo ser realizados com o uso de material o mais diverso ou então com o auxílio de um companheiro, revezando-se cada qual no desempenho do papel ativo ou passivo.



04/03/1954

OS DESPORTOS CONQUISTAM A ESCOLA

Nova orientação para a Educação Física escolar

Moderna orientação da Educação Física escolar na França

Nº 5 – Uma sessão de Educação Física desportiva generalizada - 3º e 4º partes

IV

No último artigo tivemos o ensejo de verificar que a sessão de Educação Física Desportiva Generalizada comportava quatro partes, tendo analisado a primeira e a segunda. Vejamos hoje as demais, sobretudo a terceira que se nos apresenta como da maior importância.

3º Parte - OS EXERCÍCIOS DE AGILIDADE E DE ENERGIA (“CRAN”).

Se incorporarmos estas atividades ao treinamento físico, generalizado, executando os movimentos que dependem delas, o praticante adquire um maior domínio do corpo na ação, por exemplo: mergulho do goleiro, saídas dos aparelhos, corridas de obstáculos, saltos no trampolim e saltos perigosos, quedas de bicicletas, escaladas, corridas com esquis, mergulhos e salvamento na natação etc.

Nos seus princípios fundamentais de Educação Física. Van Bujenburg trata “da confiança em si e da coragem”, assim se referindo: “Para bem realizar a confiança em si, é preciso compará-la com a coragem que é ao mesmo tempo seu complemento e seu antagonista. Dizemos: a coragem é a tendência para executar um ato suscetível de expôr aquele que o executa às consequências prejudiciais das quais ele tem plena consciência; é a qualidade que nos leva a realizar uma ação perigosa, a despeito do riscos que ela apresenta, e ainda que saibamos muito bem que ela é “perigosa”. Em outras palavras: a coragem é a disposição para o risco”.

Desde que consideramos a coragem como qualidade inata e de caráter moral, diremos que a confiança em si, baseia-se em todas as qualidades passíveis de aperfeiçoamento e suscetíveis de dar a medida exata dos meios e das possibilidades de realização.

É a razão pela qual os exercícios de agilidade e energia (“cran”) de formas muito variadas, devem figurar em todos os programas de treinamento físico generalizado.

No esquema da Educação Física Desportiva Generalizada estas formas de trabalho serão representadas por:

- a) Acrobacias elementares de solo;
- b) Exercícios de acrobacia com auxílio e com parceiros;
- c) Exercícios de equilíbrio;
- d) Saltos acrobáticos;
- e) Saltos diversos com aparelho ou obstáculos humanos;

- f) Exercícios em aparelhos (subentendendo-se exercícios sem técnica, da maneira utilitária e não com a preocupação da forma);
- g) Exercícios de aplicação utilitária (salto em profundidade, transposição de obstáculos difíceis, etc.).

Nesta parte, como em todas as outras, a escolha dos exercícios deve corresponder as necessidades dos indivíduos, de acordo com os objetivos sucessivos que se têm em vista alcançar.

Os exercícios apresentados não correspondem de forma alguma a uma progressão de movimentos decorrentes de um único sistema.

Bem ao contrario: nosso fim é demonstrar, por meio de diversos exemplos práticos, que, para desenvolver agilidade e energia (“cran”) visando a um equilíbrio geral, as formas e meios são múltiplos; e nós os classificamos em quadros grandes famílias, a saber:

- 1) Cambalhotas;
- 2) Equilíbrios;
- 3) Saltos individuais;
- 4) Aplicação utilitárias (queda, saltos e transposições).

4º Parte – AS APLICAÇÕES DESPORTIVAS.

Por estas aplicações, esforçamo-nos em fornecer os verdadeiros meios de trabalho (movimentos, exercícios, processos pedagógicos e jogos) a utilizar num espírito bem definido e aplicável a todas as situações – por mais desfavoráveis que pareçam as vezes. Relendo certos trabalhos, parece-nos oportuno reproduzir, para nosso conhecimento, algumas passagens da obra de J. F. Williams e C. L. Brownel, médicos encarregados de há muito tempo da formação dos professores de educação física e higiene da Universidade de Columbia: “À medida que a doutrina pedagógica evolui na direção dos métodos ativos baseados no interesse, os desportos modernos, coincidem com os fins gerais da educação. Em particular, se a felicidade pessoal e a aptidão a servir são os fins admitidos na educação encontrar-se na escola atual, um melhor meio de atingi-los que na felicidade criada pela participação as atividades desportivas e na dedicação total do jogador a seu grupo equipe ou escola?

Em segundo lugar, os desportos trazem um elemento de solução ao problema da educação pelo bom emprego das horas de lazer”.



07/03/1954

OS DESPORTOS CONQUISTAM A ESCOLA
Nova orientação para a Educação Física escolar
Moderna orientação da Educação Física escolar na França
Nº 6 – Os desportos nas escolas francêsas

IV

Ao apreciarmos o “quanto e porque da iniciação desportiva”, no artigo n. 3 desta última série, tivemos o ensejo de verificar que a partir dos 6 ou 7 anos à criança seria proporcionada uma iniciação desportiva, ainda sob a forma de jogos; entre os 10 e 12 anos a criança se inclinaria, por necessidade e por aptidão natural, aos esforços de resistência e de fôrça, que devem ser limitados para que não se tornem perigosos. Assim, a iniciação ao esforço desportivo deverá verificar-se entre 10-12 anos, mas necessário se torna evitar uma especialização prematura, que poderá quebrar a harmonia do desenvolvimento orgânico, sobretudo pela contínua estimulação de certas conexões nervosas em detrimento de outras, também necessárias e indispensáveis às condições de vida.

No artigo subsequente, o de n. 4 da série, vimos que os exercícios são classificados nos seis grupos seguintes:

- 1º) exercícios instintivos ou naturais e jogos;
- 2º) exercícios preparatórios ou de formação corporal;
- 3º) desportos coletivos;
- 4º) desportos individuais;
- 5º) desportos de combates;
- 6º) desportos ao ar livre ou de exterior.

Ficou aí bem claro que, para evitar as repercussões eventualmente prejudiciais sobre o organismo decorrentes da prática de um só desporto, o adolescente deverá ser iniciado simultâneamente na natação, no atletismo e num desporto coletivo; a partir dos 14 anos deverá ser também iniciado num desporto de combate. A natação e o atletismo produzem efeitos gerais sobre o organismo, mantendo-o equilibrado e, sobretudo, ativando as grandes funções. A escolha de um desporto coletivo satisfaz à tendência lúdica que perdura no adolescente e chega até à vida adulta, enquanto o desporto de combate, introduzindo mais tarde, não só ensinará o indivíduo a se defender, como ainda contribuirá de forma decisiva para estimular as energias morais, e, principalmente, aumentar a confiança em si próprio, condição indispensável para que possa o indivíduo triunfar nos diferentes embates da vida.

Por outro lado, se bem analisamos os movimentos requeridos para a realização do jôgo ou da prática desportiva, verificaremos, que em última análise, eles se compõem de atividades naturais reclamadas cotidianamente nas mínimas manifestações de nossa vida: marchar, correr, saltar, danças, etc. E não é outra a razão pela qual o jôgo se torna

indispensável à criança e o desporto ao adolescente e ao adulto; proporcionam as magníficas oportunidades de que carecemos para estimular coordenações neuro-musculares de que dependemos fundamentalmente para a nossa atividade diária, mantendo nosso órgão em constante trabalho, que lhe assegura o pleno exercício de suas funções. E é preciso não esquecer o velho aforismo que afirma: “a função faz o órgão”.

O fim essencial, segundo o INS, da organização dos desportos na escola, está em permitir à grande massa de alunos participar ativamente de sua prática.

“Da mesma forma, devem ser postos ao alcance de todos os benefícios dos desportos bem orientados, muitas vezes somente reservados a um pequeno número de atletas privilegiados”.

“Sendo a educação, para o bom emprego das horas de lazer, um dos principais objetivos dessas atividades seria de desejar que todo homem consagrasse uma parte dessas horas a uma atividade sã.

Sem ir até a especialização forçada, que exige uma grande competição, os desportos escolares permitem adquirir a técnica necessária para praticar com prazer numerosos jogos e desportos próprios da idade adulta”.

Na nossa orientação, as “aplicações desportivas” são formas de jogo ou processo pedagógicos que vão do elementar ao superior e que englobam, na medida das necessidades, os elementos técnicos indispensáveis para que a criança possa, sempre, melhor correr, melhor saltar, melhor jogar etc...

A criança deve aprender jogando. A forma de jogo não exclui, absolutamente, para o educador, a preocupação de obter dos seus alunos, e isso desde o princípio da iniciação, economia no esforço, eficácia na ação, beleza e pureza das linhas, nos gestos para as realizar – e isso é extremamente simples – trata-se de se reportar aos princípios técnicos essenciais que dominam todas as atividades, quer dizer: os apoios, o impulso, o ritmo, etc.



09/03/1954

OS DESPORTOS CONQUISTAM A ESCOLA

Nova orientação para a Educação Física escolar

A realidade dos desportos nas nossas escolas

Nº 1 – Tendência desportiva sôbre a tendência gímnica

À proporção que nos aprofundávamos em nossos estudos e observações sôbre Educação Física, à medida que nos entregávamos à reflexão sôbre as coisas e de coisas sôbre a reflexão, depois de participar dos mais importantes conclave internacionais sôbre a especialidade, tais como os três congressos Pan-Americanos de Educação Física realizados sucessivamente no Rio de Janeiro, México e Montevidéu, da Lingiáda levada a efeito em Estocolmo e do III Congresso Mundial de Educação Física recentemente em Istambul, após visitar 32 países de quatro continentes, entre os quais a Grécia, berço do olimpismo, sentimo-nos mais amadurecidos para alcançar as melhores conclusões de nossas muitas observações e profundas meditações. E percebemos, então, que, inúmeras vezes, nosso raciocínio não fôra lógico porque havíamos partido de premissas erradas, embora o conduzíssemos por caminhos certos: outras vêzes tínhamos partido de premissas certas, mas o conduzimos por caminhos errados. Hoje, esforçamo-nos por verificar previamente se as premissas estão certas e depois se o caminho seguido era de fato o verdadeiro. E, com frequência, lembramo-nos de Descartes, quando afirmava: “A diversidade das nossas opiniões não provém do fato de uns serem mais razoáveis do que os outros, mas apenas do fato de conduzirmos o nosso pensamento por diferentes caminhos e não considerarmos as mesmas coisas.” (“Discurso sôbre o Método”).

E tais meditações nos levaram a esta estranha conclusão: embora a ginástica esteja baseada no movimento representa uma limitação à liberdade de movimento da criança.

Todos reconhecem que a atividade física é para a criança uma necessidade e sôbre tal assunto não pairam mais dúvidas. As formas de atividades físicas indicadas para as crianças não têm sido, porém as mais adequadas, as que correspondem às suas necessidades e desejos. Muito ao contrário, na maioria das vezes, são justamente escolhidas formas de trabalho físico menos aconselhadas para as crianças, as quais constituem verdadeiros castigos, ou repetindo a excelente expressão de Claparêde, trabalhos forçados. Precisamos antes de tudo, conhecer bem a natureza da criança, as suas necessidades de ordem física, psíquica e social; em face dessas exigências, tendo em vista o objetivo que se pretende alcançar, escolheremos os meios mais indicados. A educação física da criança não será obtida se a obrigarmos a executar um amontoado de exercícios cujas finalidades não estão bem esclarecidas, como geralmente sucede. Devemos penetrar na alma da criança, conhecê-la profundamente, advinhar todos os seus desejos, compreender tôdas as manifestações do seu comportamento, buscar explicações para os seus atos, não de acôrdo com o nosso raciocínio, mas consoante o modo de pensar da própria criança, dentro do seu limitado mundo psíquico e pelo prisma por que encara tôdas as coisas. A Educação Física da criança não acompanhou o

movimento renovador da escola, conhecido sob a denominação de escola nova: manteve-se aferrada aos processos que utilizava e que se caracterizam por um artificialismo exagerado, traduzido por exercícios analíticos que pretendem fazer o organismo trabalhar por parcelas, cada uma de per si, sem procurar atender às suas exigências integrais, concomitantemente como reclama a própria criança.

O adulto se compraz em contrariá-la, em ensinar-lhe coisas que ela não deseja aprender e que de nada lhe servem, enquanto lhe veda atividades indispensáveis, que ela persegue, impelida por uma força natural. A criança quer exercício físico, livremente, e os professores insistem em lhe ensinar um exercício.

Como o interesse corresponde à coincidência das necessidades de ordem física e psíquica do indivíduo, evidente se torna que as formas de trabalho usadas, para alcançar a educação física da criança deverão *satisfazer* e não como vem acontecendo, contrariar as suas necessidades físicas e psíquicas, atendendo ainda mais ao aspecto gregário do homem, isto é, às suas necessidades sociais. Por outro lado a natureza da criança traduz um espírito sincrético, ao qual repugna tudo aquilo que é analítico; a razão da criança vai da síncrese (sincretismo) à síntese (sintetismo) para, finalmente, chegar, no limiar da vida adulta, à análise (analitismo). Isto significa que os tipos de atividades mais indicadas para a educação física das crianças são os que traduzem formas globais (sintéticas) e nunca as parciais (analíticas). Em consequência, os exercícios naturais (aplicações), a recreação em aparelhos, os brinquedos cantados, os jogos e a natação são as atividades que melhor correspondem às necessidades e interesses da criança.

A ginástica, na sua verdadeira acepção, constituída de exercícios formais, artificiais ou construídos, embora baseada no movimento, paradoxalmente traduz a limitação da liberdade de movimento da criança. Esta, com a sua natureza essencialmente sincrética, não se pode mover por partes, analiticamente órgão por órgão, mas globalmente, como um organismo cujas necessidades são complexas.

Estamos sentindo que enquanto a criança foge habitualmente da ginástica, procura, no entanto, o jogo sob as suas diferentes formas. E isto ocorre porque na ginástica a criança realiza os movimentos que o professor quer, que podem não ser, e quase sempre realmente não são, os reclamados pelo seu organismo. No Jogo, a criança encontra a oportunidade de executar os movimentos que correspondem às necessidades impostas pela sua natureza além de satisfazer ao fim lúdico para que a infância se volta. Fato semelhante ocorre com o adolescente; êle “foge” da *ginástica*, detecta a chamada “Aula de Educação Física” e, no entanto, sente-se atraído pelas práticas desportivas, sendo capaz até de sacrifícios pessoais para delas participar. Com isso está perfeitamente caracterizada a tendência que a nossa juventude apresenta para os desportos e a aversão natural à ginástica.

E com o que acabamos de afirmar não pretendemos ser contra à ginástica, mas situá-la nos devidos termos e no lugar que lhe compete na ordem das coisas.



17/03/1954

OS DESPORTOS CONQUISTAM A ESCOLA

Nova orientação para a Educação Física escolar

A realidade dos desportos nas nossas escolas

Nº 2 – O interesse desportivo da escola

Embora os programas oficiais de Educação Física não considerem a atividade desportiva como fundamental, a tendência aos desportos, manifesta pela nossa juventude tem procurado satisfazer-se ou pela prática voluntária ou valendo-se das oportunidades oferecidas com a realização de campeonatos e torneios promovidos por órgãos oficiais e por instituições particulares.

A maior parte dos professôres de Educação Física ainda insiste na sua àrida e insípida ginástica, torturando as crianças e adolescentes com séries de movimentos que não lhes interessam. Os desportos já conseguiram, no entanto, ingressar na escola e a estão conquistando dia a dia, paulatinamente, malgrado a oposição que lhe seja feita por aqueles que ainda não penetraram convenientemente no seu conteúdo, e não compreenderam o importante papel que lhe cabe desempenhar na vida, sobretudo, do adolescente.

Assinalemos as principais realizações desportivas que se têm verificado em nosso país, por intermédio da escola.

No setor universitário, sobretudo com o advento do decreto-lei n. 3.617, de 15 de setembro de 1941, que criou a Confederação Brasileira de Desportos Universitários e estabeleceu as bases da organização desportiva universitária no país, podemos verificar que tôda a atividade física está baseada exclusivamente nas práticas desportivas. Os torneios internos das faculdades promovidos pelas associações atléticas acadêmicas, os campeonatos locais realizados pelas federações estaduais e, finalmente, os Jogos Universitários Brasileiros, levados a efeito bienalmente sob os auspícios da C.B.D., são atestados vibrantes do que os desportos representam para a juventude universitária.

Na escola secundária também encontramos iniciativas de larga repercussão. Assim, em São Paulo, inicialmente sob o patrocínio do Departamento de Educação Física, depois com a colaboração da Diretoria de Esportes, e, finalmnte, só a cargo desta última, vem sendo realizado, há mais de uma década, o Campeonato Colegial de Educação Física, incluindo torneios de basketball, volleyball, football, atletismo, natação e ginástica. Sob o patrocínio da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde, o Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo realizou em 1943, o “Campeonato Colegial de Educação Física dos Estabelecimentos Religiosos de Ensino da Cidade de Santos”, cujo programa constou do desfile, de uma sessão de Educação Física e jogos de volleyball e basketball. A ideia de tal campeonato se fundamentava na necessidade de atrair os educandários religiosos às práticas desportivas, demonstrando que as mesmas não entram em conflito com a Igreja, servindo, antes de tudo, como excelente centro de interesse. Aqui no Rio, desde 1946, a Divisão de Educação Física do Ministério da Educação vem levando à efeito “Os Jogos

Metropolitanos Ginásio-Colegiais” que, ano a ano, adquirem cada vez maior complexidade. Entre as grandes realizações de iniciativa particular não podemos deixar de fazer referência especial aos “Jogos da Primavera”, promovidos por JORNAL DOS SPORTS e reservados às jovens de nossos educandários ou clubes, que alcançaram extraordinária repercussão desportiva e social, mobilizando juventude, graça e beleza. O que, porém, merece a nossa maior admiração são os “Jogos Infantis”, dedicados à garotada dos clubes e colégios, devidamente dividida em grupos de equivalentes possibilidades, reunindo as seguintes provas: arco e flexa, atletismo, basketball, ciclismo, football, natação, tennis, tennis de mesa, tiro, volleyball e pequenos jogos; êstes compreendem prova de football de botões, automóveis de pedal, corrida de arco, patinete, patins, rema-rema e velocípede. Somos entusiastas defensores dos “Jogos Infantis” porque o temos acompanhado não apenas como observador estudioso, mas ainda na qualidade de pai que se sente orgulhoso com os triunfos do filho e lhe incentiva o espírito de luta em cada competição, preparando-o para os embates da vida, onde a competição se apresenta em todos os momentos e sob as mais diversas formas.

O JORNAL DOS SPORTS está realizando a obra meritória, colaborando com o govêrno e assumindo pesados encargos de atividades que lhe caberiam desenvolver.

Ao concluir a série de artigos sob o título “Os desportos conquistam a Escola”, desejamos chamar a atenção das autoridades competentes para a imperiosa necessidade que existe de serem revistos os atuais programas de Educação Física, dando-se aos desportos o lugar e o papel que lhe cabem como agente de rico teor educativo.



18/02/1954¹⁴

NEM SÓ DE PÃO VIVE O HOMEM

Interropemos hoje a série de nossos artigos, sob o título “Os Desportos Conquistam a Escola”, para fazer um reparo que não pode perder a sua oportunidade.

Certo vespertino que honra a imprensa carioca publicou sob a epígrafe “Mas pão e menos circo!”, uma nota em que criticava o Serviço de Recreação Operária, pelo fato de fazer os filhos dos trabalhadores participarem dos “Jogos Infantis”, promovido pelo JORNAL DOS SPORTS, alegando que eles precisam muito mais de escola, leite e pão do que de patinete, rema-rema e velocípede.

O diretor do S.R.O., muito polidamente, dirigiu-se ao redator do citado vespertino em carta, onde se encontram trechos que nos inclinam a profundas meditações e não nos podemos furtar ao desejo de tornar públicos conceitos que bem evidenciam o papel que os “Jogos Infantis”, desempenham na vida da criança carioca.

A carta do Prof. Antonio Tomaz ao redator do já referido vespertino está concebida nos seguintes termos:

“1 – Em sua edição de 12 do corrente, êsse conceituado vespertino honrou-nos, em sua primeira página, com um noticiário em “manchete” com o seguinte título: “MAIS PÃO E MENOS CIRCO!”.

2 – A nota em apreço teria ficado sem qualquer reparo, se não nos animasse o desejo de ter a colaboração espontânea da imprensa, e sobretudo, mantê-la bem esclarecida, a fim de que possa melhor servir à opinião pública.

3 – A nota em apreço critica a participação dos filhos dos trabalhadores nos “Jogos Infantis”, promovidos por um matutino especializado de nossa capital, sob a alegação de que aos mesmos deveriam ser dados escola, leite e pão ao invés de patinete, rema-rema e velocípede.

4 – Naturalmente, sendo o S.R.O. um órgão especializado em “recreação”, cabendo a outros órgãos dar a escola, o leite e o pão. Com isso não pretendemos declarar que a escola, o leite e o pão não sejam indispensáveis à criança: apenas esclarecemos que os problemas em apreço têm soluções que, escapando à alçada do S.R.O., pertencem, portanto, a outras instituições.

5 – Em determinado trecho, assim se refere o autor da nota: “É de fato muito cômodo e atender ao programa de fachada do Govêrno, contemplar alguns guris com patinetes e velocípedes, do que assegurar a tôda população infantil, notadamente às crianças pobres, não apenas alimentação sadia, mas também escolas, onde elas possam adquirir os conhecimentos que irão servir-lhes pela vida fora e onde possam formar uma personalidade e um caráter bem diversos daqueles que formaram famosos Mauro Guerra, “Gazinho”, “Lilico”, “Carne Sêca”, “Zé da Ilha” etc.” – Êsses adolescentes, que se tornaram delinquentes e infestam a nossa cidade, são os que escaparam à ação de rêde escolar, por mais ampla que esta possa ser. A recreação não é uma instituição concorrente da escola, mas um agente supletivo que completa a obra escolar, mantendo

¹⁴ Mantivemos a ordem de produção da encadernação dos artigos.

a criança ocupada durante suas horas de lazer e impedindo, justamente, que, por não possuir uma bola ou uma patinete com que encher suas horas de ócio, venha a encontrar oportunidades para delinquir.

6 – Senhor redator, faça o senhor mesmo a seguinte experiência: suba ao mais humilde de nossos morros, levando uma em uma das mãos uma patinete e na outra um pão e pergunte, a cada criança que encontrar, o que ela prefere: o pão ou a patinete. E o senhor, então compreenderá que a patinete desempenha na vida da criança papel mais importante do que o próprio pão.

7 – Senhor redator: consulte os pais que não podem dar um pouco de alegria a seus filhos e veja quantos deles sacrificariam, de bom grude, o seu pão para dar a seus filhos um velocípede ou uma patinete.

8 – Senhor redator, choca-nos profundamente a crítica feita ao Serviço de Recreação Operária, quando o senhor diz que “os filhos dos trabalhadores irão dentro em breve participar dos “Jogos Infantis” – e disputar, em pé de igualdade com as crianças grã-finas, provas de patinete, rema-rema e velocípede”. Senhor redator: tanto os filhos dos mais humildes operários, como os filhos dos mais abastados grã-finos tem a mesma alma, a mesma natureza, a mesma estrutura, as mesmas necessidades físicas, intelectuais, sociais e emocionais; todas elas são apenas crianças, crianças e nada mais...

9 – Senhor redator: estamos vivamente empenhados no seu comparecimento aos “Jogos Infantis”, para que possa o senhor ser contagiado pela alegria do filho do operário ao se sentir, lado a lado, em situação de perfeita igualdade com as demais crianças.

10 – Senhor redator: o seu tópico após criticar a construção do “Estádio do Trabalhador”, termina com as seguintes palavras: “É o caso de dizer-se: mais pão e menos circo”. E isto é uma contradição dentro de seu próprio jornal, que dedica duas páginas aos “desportos”, isto é, ao “circo”, enquanto nenhuma concorre para o pão do povo.

11 – Senhor redator: nem só de pão vive o homem e o seu jornal é uma prova disto, porque êle satisfaz às necessidades do espírito, sem as quais a Imprensa não deveria existir”.

Muito bem, Prof. Thomaz! O S.R.O. deverá ter falhas e merecer críticas, mas nunca pelo fato de proporcionar alegria aos filhos dos operários, fazendo-os disputar, em situação de igualdade com as demais crianças, os “Jogos Infantis” em tão boa hora instituídos por JORNAL DOS SPORTS e cuja realização lhe custa grande esforço organizador e fabulosa mobilização material.



NEM SÓ DE PÃO VIVE O HOMEM

Inezil Penna Marinho

INTERROMPEMOS hoje a série de nossos artigos, sob o título "Os Desportos Conquistam a Escola", para fazer um reparo que não pode perder a sua oportunidade.

Certo vespertino que honra a imprensa carioca publicou sob a epigrafe "Mas pão e menos circo!", uma nota em que criticava o Serviço de Recreação Operária, pelo fato de fazer os filhos dos trabalhadores participarem dos "Jogos Infantis", promovido pelo JORNAL DOS SPORTS, alegando que eles precisam muito mais de escola, leite e pão do que de patinete, rema-rema e velocipede.

O diretor do S. R. O., muito polidamente, dirigiu-se ao redator do citado vespertino em carta, onde se encontram trechos que nos inclinam a profundas meditações. E não nos podemos furtar ao desejo de tornar públicos conceitos que bem evidenciam o papel que os "Jogos Infantis", desempenham na vida da criança carioca.

A carta do Prof. Antonio Thomaz ao redator do já referido vespertino está concebida nos seguintes termos:

1 — Em sua edição de 12 do corrente, esse conceituado vespertino honrou-nos, em sua primeira página, com um noticiário em "manchete" com o seguinte título: "MAIS PÃO E MENOS CIRCO!".

2 — A nota em apreço teria ficado sem qualquer reparo, se não nos animasse o desejo de ter a colaboração espontânea da imprensa, e, sobretudo, mantê-la bem esclarecida, a fim de que possa melhor servir à opinião pública.

3 — A nota em apreço crítica a participação dos filhos dos trabalhadores nos "Jogos Infantis", promovidos por um matutino especializado de nossa capital, sob a alegação de que aos mesmos deveriam ser dados escola, leite e pão ao invés de patinete, rema-rema e velocipede.

4 — Naturalmente, sendo o S. R. O. um órgão especializado em "recreação", só pode oferecer "recreação", cabendo a outros órgãos dar a escola, o leite e o pão. Com isso, não pretendemos declarar que a escola, o leite e o pão não sejam indispensáveis à criança; apenas esclarecemos que os problemas em apreço têm soluções que, escapando à alçada do S. R. O., pertencem, portanto, a outras instituições.

5 — Em determinado trecho, assim se refere o autor da nota: "É de fato muito cômodo e atender ao programa de fachada do Governo, contemplar alguns guris com patinetes e velocipedes, do que assegurar a toda população infantil, notadamente as crianças pobres, não apenas alimentação sadia, mas também escolas, onde elas possam adquirir os conhecimentos que irão servir-lhes pela vida fora e onde possam formar uma personalidade e um caráter bem diversos daqueles que formaram famosos Mauro Guerra, "Gazinho", "Lilico", "Carne Seca", "Zé da Ilha" etc." — Esses adolescentes, que se tornaram delinquentes e infestam a nossa cidade, são os que

escaparam à ação de rede escolar, por falta ampla que esta possa ser. A recreação não é uma instituição concorrente da escola, mas um agente supletivo que completa a obra escolar, mantendo a criança ocupada durante as suas horas de lazer e impedindo, justamente, que, por não ter infância, por não poder brincar, por não possuir uma bola ou uma patinete com que encher suas horas de ocio, venha a encontrar oportunidades para delinquir.

6 — Senhor redator, faça o senhor mesmo a seguinte experiência: suba ao mais humilde de nossos morros, lavando em uma das mãos uma patinete e na outra um pão e pergunte, a cada criança que encontrar, o que ela prefere: o pão ou a patinete. E o senhor, então, compreenderá que a patinete desempenha na vida da criança papel mais importante do que o próprio pão.

7 — Senhor redator: consulte os pais que não podem dar um pouco de alegria a seus filhos e veja quantos deles sacrificariam, de bom grado, o seu pão para dar a seus filhos um velocipede ou uma patinete.

8 — Senhor redator, choça-nos profundamente a crítica feita ao Serviço de Recreação Operária, quando o senhor diz que "os filhos dos trabalhadores irão dentro em breve participar dos "Jogos Infantis", e disputar, em pé de igualdade com as crianças grá-finas, provas de patinete, rema-rema e velocipede". Senhor redator: tanto os filhos dos mais humildes operários, como os filhos dos mais abastados grá-finos têm a mesma alma, a mesma natureza, a mesma estrutura, as mesmas necessidades físicas, intelectuais, sociais e emocionais; todas elas são apenas crianças, crianças e nada mais...

9 — Senhor redator: estamos vitivamente empenhados no seu comparecimento nos "Jogos Infantis", para que possa o senhor ser contagiado pela alegria do filho do operário ao se sentir, lado a lado, em situação de perfeita igualdade com as demais crianças.

10 — Senhor redator: o seu tópicio após criticar a construção do "Estádio do Trabalhador", termina com as seguintes palavras: "É o caso de dizer-se: mais pão e menos circo". E isto é uma contradição dentro de seu próprio jornal, que dedica duas páginas aos "desportos", isto é, ao "circo", enquanto nenhuma concorre para o pão do povo.

11 — Senhor redator: nem só de pão vive o homem e o seu jornal é uma prova disto, porque ele satisfaz as necessidades do espírito, sem as quais a imprensa não poderia existir".

Muito bem, Prof. Thomaz! O S. R. O., deveria ter júbilos e merecer críticas, mas nunca pelo fato de proporcionar alegria aos filhos dos operários, fazendo-os disputar, em situação de igualdade com as demais crianças, os "Jogos Infantis" em tão boa hora instituídos por JORNAL DOS SPORTS e cuja realização lhe custa grande esforço organizador e júbilosa mobilização material.

TÉCNICOS DE BOX

Não constitui segredo que o box figura como um dos desportos em que nos encontramos mais atrasados: enquanto em outras atividades desportivas progredimos bastante alcançando renome mundial, como no football, na natação, no atletismo, no basketball, no volleyball, etc. permanecemos inexpressivos no box. Muitos afirmam que “o brasileiro não dá para o box. Muitos afirmam que “o brasileiro não dá para o box”; mas será isso verdade? Há ainda os que eruditamente propalam que fatores étnicos não nos permitem êxito no box: mas terão êstes alguma razão? Tomemos apenas um exemplo, entre os muitos que poderíamos citar. Nos Estados Unidos e em muitos outros países, que sofreram influências da imigração africana, encontramos grande número de boxeers de cor, com situação de destaque, inclusive detentores de títulos mundiais, fenômeno que não se repete no Brail, malgrado a mesma fonte de origem racial de razoável percentagem de sua população. Por isso, temos a impressão de que nos faltam bons técnicos, com larga experiência internacional, razoável cultura, espírito profundamente observador, capacidade didática, que pudessem explorar o potencial humano de fôrça, resistência e destreza que dormia latente no homem de nosso país.

Êstes comentários foram suscitados a propósito do livro e de uma carta que recebemos do Sr. Pedro H. Guggia, da Argentina. O volume, com boa apresentação, intitula-se “Secretos Del Ring”, com cerca de 400 páginas e pareceu-nos muito bem feito, traduzindo bons conhecimentos e farta experiência do autor: a matéria versada foi distribuída por sete capítulos com os seguintes títulos: - I – Introducción; II – El factor organización; III – El fator enseñanza; IV – Metodologia de La enseñanza; V – Problemas del box; VI – Apuntes pedagógicos; VII – Consideraciones finales. A edição é de 1952, livro, portanto mais ou menos recente. Sob o pseudônimo de Kid Jimenes, o autor sustentou em vários países da América 88 combates, dos quais 63 foram vitórias, 15 empates e 10 derrotas. Em 1934, retirou-se do ring, dedicando-se a estudar profundamente os segredos do box, daí resultando o livro que publicou em 1952. Exclusivamente por seu próprio valor. Pedro Guggia alcançou os altos postos de professor de educação física da Universidade Nacional de Tucuman e depois o de diretor geral de Educação Física dessa província. Presentemente está contratado pela Confederação Argentina de desportos e Comité Olímpico Argentino para a realização de um ciclo de 22 conferências ilustradas com demonstrações, sôbre a importância, o valor e a técnica do box.

Pedro Guggia gostaria de visitar o Brasil para ditar ciclos de conferências ou dar Cursos Teórico-práticos destinados a técnicos de box. As credenciais que apresenta inclinam-nos a reconhecer a sua competência no assunto, pois enviou-nos um rico “dossier”.

E aqui fica uma sugestão dirigida principalmente à Federação Metropolitana e à Confederação Brasileira de Puglismo, que muito poderão concorrer, inclusive com o apoio oficial, para elevar o nível técnico do box em nosso país, onde, incompreensivelmente, não acompanhou o progresso alcançado pelos outros desportos.



Técnicos De Box

Inzil Penna Marinho



Não se pode negar que o box fight ocupa um dos lugares de honra nos desportos modernos. Na sua história, encontram-se muitas atividades desportivas progressivas bastante interessantes, mesmo aquelas que se tornaram tradicionais, de preferência, no âmbito da educação física. Os conhecimentos adquiridos no box lidam diretamente com a saúde física do indivíduo, mas não são menos importantes para a formação do caráter. Também ajudam na formação da vontade e da disciplina, e influenciam a personalidade. A educação física, portanto, encontra-se profundamente ligada ao box. Muitos afirmam que "o box é a escola da vida", mas não há dúvida de que a prática do box prepara o indivíduo para a vida, não apenas física, mas também mental. Também ajudam na formação da vontade, da disciplina, e influenciam a personalidade. A educação física, portanto, encontra-se profundamente ligada ao box.

1938, com partidas mais importantes. Foi o período de seu auge. A sua participação em vários países da América do Sul, entre os quais o Brasil, foi notável. Em 1938, retornou ao Brasil, dedicando-se a ensinar profundamente os princípios do box. Foi responsável pelo curso de instrutores em 1938, organizado por seu próprio pai, Inzil Penna Marinho, na cidade de São Paulo. Foi também professor de educação física da Universidade Nacional de Educação e Desporto de São Paulo. Foi responsável pela comissão organizadora da Confederação Brasileira de Desportos e Tênis Olímpicos. Também participou em várias viagens de trabalho e de lazer, sempre em prol da educação física e do desporto.

Seu legado para o Brasil não se limita apenas à sua prática de ensinar e à sua participação em eventos de nível nacional e internacional. Também ajudou na formação de muitos atletas e técnicos de box. Sua contribuição para o desporto brasileiro é inestimável.

Seu legado para o Brasil não se limita apenas à sua prática de ensinar e à sua participação em eventos de nível nacional e internacional. Também ajudou na formação de muitos atletas e técnicos de box. Sua contribuição para o desporto brasileiro é inestimável.

Técnicos De Box

Exercício de nível médio, pois envolve um nível de "técnica".

É uma boa opção para quem deseja aprender a técnica de box. O curso é ministrado por um dos melhores técnicos de box do Brasil, o Sr. Inzil Penna Marinho. O curso é dividido em vários módulos, desde a teoria até a prática. O curso é muito interessante e prático, e é uma ótima oportunidade para quem deseja aprender a técnica de box.

Imagem 5 – Reprodução do volume Artigos em Jornais dos Sports (p. 107)

28/03/1954

QUE É O COMITÉ PIERRE DE COUBERTIN?

1 – A carta endereçada ao IBECC

Recebi, por nímia gentileza do Prof. Lourenço Filho, ilustre Presidente do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC), a carta que lhe fôra enviada pelo Sr. H. Bourdeau de Fontenay, Presidente do Comité Francês Pierre de Coubertin e que me parece de grande interêsse e, sobretudo, maior oportunidade após a série de 22 artigos que publicamos sob o título “Os Desportos Conquistam a Escola”.

O original francês poderá ser traduzido para português, mais ou menos nos seguintes termos:

“Na qualidade de Presidente do Comité Francês Pierre de Coubertin, desejaria pela presente carta, dar-lhe conhecimento de nossa Associação e dos objetivos a que ela se propôs, a fim de estabelecermos a possibilidade de uma proveitosa colaboração no plano internacional, entre a nossa organização e organizações similares que pudessem vir a ser fundadas no seu país, bem como em outros.

Nosso comitê foi criado em 1950, sob a forma de uma Associação Independente. Nosso fim é reunir todos os verdadeiros desportistas, que se decidirem a lutar para que o desporto se torne aquilo que êle nunca deverá ter cessado de ser: um fator de progresso e aperfeiçoamento humanos e, por êste título, um elemento fundamental da educação moderna.

Nosso Comité deseja favorecer, sob tôdas as formas, o desporto educativo e o amadorismo e se opor a tudo aquilo que tende a fazer dêle uma atividade comercial que torna social e moralmente nocivo os maus exemplos que aí se multiplicam. Certos sistemas, hoje muito frequentes, criam, na verdade, uma atmosfera de corrupção e de desonestidade, que tende a envolver os meios onde o desporto é organizado, tendo em vista apenas sua exploração financeira, ameaçando os outros.

Para cumprir sua missão, nosso Comité procurou, no decorrer desses últimos anos, aqui em França, propagar as ideias mestras de Pierre de Coubertin, e agir, juntos aos Poderes Públicos às Federações desportivas e à própria opinião pública, a fim de que se tomassem e aplicassem, da maneira devida, medidas destinadas a favorecer o desporto educativo e a sanear o desporto profissional.

Envio junto a esta carta a documentação que o informará ao mesmo tempo sobre as personalidades grupadas em tôrno a mim no Conselho de Administração de nosso Comité e sôbre as brochuras que o Comité já difundiu em França, para fazer triunfar seu ideal.

A essa ação de propaganda, convém juntar as intervenções de tôda natureza que nosso Comité levou a efeito junto, à opinião pública, ao Parlamento e à Imprensa, em tôdas as circunstâncias em que a juventude francesa as arriscava a ser posta em jôgo. Podemos alegrar-nos com os resultados substanciais obtidos.

Quando da VII Conferência Geral da UNESCO, que se reuniu em Paris, em novembro-dezembro de 1952, a delegação francesa (muitos de seus membros fizeram

parte de nosso Comité), fêz incluir no programa da UNESCO para 1953-1954, a resolução seguinte: “O Diretor Geral esta autorizado a levar a efeito uma enquete entre os Estados membros e as organizações internacionais competentes, com o fim de submeter à Conferência Geral, no quadro do programa para 1955-1956, propostas precisas concernentes à ação que a UNESCO poderia empreender a fim de desenvolver e conduzir a prática de desportos num sentido educativo”.

Parece-me que esta enquete se desenvolveria em condições mais favoráveis e permitiria a elaboração de um programa mais eficaz se, fora de França, se constituíssem simultaneamente Comités nacionais Pierre de Coubertin, análogos ao nosso. Nosso objetivo final seria, assim, constituir um Comité internacional Pierre de Coubertin, que daria a feição de Federação aos Comités nacionais existentes e estaria portanto em condições de agir no plano internacional em estreita ligação com a própria UNESCO. Esse Comité Internacional deveria solicitar sua admissão e as regalias conferidas às organizações internacionais não governamentais.

É por isso que tenho a honra de pedir-lhe que examine as possibilidades de ser criado um Comité Brasileiro Pierre de Coubertin, com o concurso de tôdas as organizações e pessoas para isso qualificadas.

Uma vez que esta carta lhe é dirigida por intermédio da Comissão nacional francesa da UNESCO, permito-me sugerir-lhe que me comunique sua resposta por meia dessa mesma comissão nacional.

Agradecendo-lhe antecipadamente, peço-lhe aceitar, senhor Secretário Geral, meus protestos de alta consideração, a) H. Bordean de Fontenay – Presidente”.

Nos próximos artigos desta série teremos o ensejo de melhor analisar os propósitos do Comité Pierre de Coubertin e sugerir medidas a respeito da solicitação veiculada.



31/03/1954

QUE É O COMITÉ PIERRE DE COUBERTIN?

2 – A constituição do C.P.C.

No artigo anterior, o primeiro desta série tivemos o ensejo de comentar e divulgar a carta enviada pelo Presidente do Comité Pierre de Coubertin ao Presidente do Instituto Brasileiro de Ciência, Educação e Cultura, sob a presidência do ilustre Professor Lourenço Filho. Pelo conteúdo da mesma verificavam-se os elevados propósitos que animam aquela instituição ao procurar preservar os desportos da corrupção, suborno e mercantilização que ameaçam assustadoramente o papel que lhe cabe desempenhar como agente de grande teor educativo, e, sobretudo, como elemento de poderosa e irresistível atração sôbre a juventude do mundo inteiro.

O Comité Pierre de Coubertin, movimento iniciado na França, tem caráter internacional, estando presentemente organizado, ao que nos consta, apenas o comitê francês que atuando junto à UNESCO, está procurando instituir comitês nacionais nos diferentes países vinculados àquela organização; êsses diferentes comitês nacionais uma vez constituídos, se filiariam ao comitê internacional, possivelmente em moldes similares ao Comité Olímpico Internacional, embora com missão distinta mas também altamente louvável.

O atual conselho de administração do Comité Pierre de Coubertin, com sede em Paris (1, rue Lacretelle) está assim integrado:

Presidentes de honra: Sr. Jean Sarrailh, Reitor da Academia de Paris, e Professor P. Chailley-Bert.

Presidente: Sr. Bourdeau de Fonteway, Diretor da Escola Nacional de Administração.

Vice-Presidentes: Srs. Rodier, Diretor da Mão de Obra do Ministério do Trabalho; J.F.Brisson, Subchefe do Serviço de Informações do Jornal “Le Figaro”; Dr. Bacquet, Diretor do Instituto Nacional de Sports; e R. Krotoff, farmacêutico químico.

Secretário Geral: Sr. Herret, Secretário Geral do Boletim do I.N.S.

Secretário Adjunto: Sr. Deguem, Administrador Civil do Ministério das Finanças.

Tesoureiro: Sr. Leger, industrial.

Tesoureiro Adjunto: Sr. Pierre Rostini, antigo comissário Geral dos Jogos Universitários Mundiais.

Membros de Honra: Srs. Chatelet, decano da Faculdade de Ciências; Boisset, professor agregado de História; Frerejacques, Diretor da “Mutuelle des Sports” e Comandante Leonard.

Membros: Srs. Basdevant, encarregado dos Estudos e de Informações da Direção Geral da Juventude e dos Desportos; Bazennerje, Administrador Civil do Ministério de Educação Nacional Direção Geral de Juventude e dos Desportos; André Bertrand, Professor das Faculdades de Direito, e Diretor de Estudos da Escola Nacional de Administração; Bontemps, Presidente da Federação de Esgrima e Membro do Conselho Nacional de Desportos; Borotra, industrial; Breyer, jornalista; Certain, estudante de

medicina e Vice-Presidente dos Estudantes da França (1951-52); Guillon, Chefe da subdivisão da Juventude (SNCF); Le Pen, estudante, e François, Inspetor Geral de Instrução Pública e Secretário Geral da Comissão Nacional para a UNESCO.

Como acabamos de verificar, muita gente importante está interessada em não permitir que os desportos se transformem em instrumento aviltante da juventude, capaz de solapar os alicerces da própria unidade nacional pela difusão da violência, do suborno e da corrupção; empenham-se êstes homens em que os desportos possam constituir na França e no resto do mundo uma escola em que a juventude encontre oportunidades para acrisolar o caráter.

E no Brasil? Que se tem feito? Que se faz? Que se fará? A quem deverá caber a iniciativa de realizar alguma coisa de útil? Ao Conselho Nacional de Desportos? À Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura? À Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil? Órgãos não nos faltam, leis também não e boa vontade não será difícil. Parece-nos que, antes de tudo, está faltando coordenação de esforços e estamos convencidos de que o Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, por intermédio de seu Presidente, Professor Lourenço Filho, o qual tantas e tão beneméritas campanhas tem realizado em nosso país bem poderia prestar mais êste serviço ao Brasil, tomando a si a iniciativa de conjugar tantos esforços dispersos que consomem as nossas energias e aniquilam as nossas fôrças, impedindo a realização da grandiosa obra que todos nós desejamos ver realizada e estereotipada na fisionomia de um povo próspero, saudável e feliz.



04/04/1954

QUE É O COMITÉ PIERRE DE COUBERTIN?

3 – O desporto, fonte de aperfeiçoamento humano

O desporto não é um luxo, uma atividade de ocioso, nem uma compensação muscular do trabalho cerebral. Êle é para todo homem uma fonte de aperfeiçoamento interior, não condicionado pelo trabalho. Êle é o apanágio de todos no mesmo grão, sem que sua ausência possa ser compensada.

Pierre de Coubertin – Memórias Olímpicas.

O comitê P. de Coubertin é uma associação independente que tem por fim reunir todos os verdadeiros deportistas (praticantes, dirigentes e jornalistas) e mesmo os espectadores, decididos a lutar para que o desporto volte a ser o que não deverá ter cessado de ser: um fator de progresso e aperfeiçoamento humanos, um elemento importante da educação moderna.

MEIOS DE AÇÃO

Reunindo todos os desportistas de boa vontade, o Comité estende sua ação a todos os meios: parlamentares, governamentais, educacionais, juventude, grupamentos familiares e de pais de alunos, imprensa, em resumo os organismos que podem ter influência sôbre a opinião pública.

Trata-se de esclarecer aqueles que não conhecem o problema do desporto e cujas decisões podem influenciar na organização das atividades físicas.

Trata-se de fazer frente aos que querem servir-se do desporto em benefício próprio, ao invés de servi-lo em benefício de todos. Pondo em contato seus conhecimentos suas experiências e possibilidades de ação, os membros do C.P.C. pretendem orientar.

PROGRAMA IMEDIATO

NO PLANO INTERNACIONAL: Aqui, não existem senão federações gerindo um só desporto e não tendo entre si outra ligação, senão a do Comité Olímpico, de atribuições limitadas. O C.P.R. estabelece contato com os grupamentos estrangeiros que têm os mesmos objetivos que o seu e incrementa-os. Êsses diversos grupamentos nacionais poderão depois reunir-se em uma associação internacional que solicitará sua admissão à UNESCO e à Organização Mundial da Saúde.

Com o apoio dessas duas instituições será possível entrar em relações oficiais com os dirigentes das federações internacionais e favorecer a elaboração de uma doutrina comum, destinada a todos os desportistas amadores, qualquer que seja sua especialidade.

A UNESCO e a OMS deverão agir junto aos diversos Estados membros, no sentido da adoção de uma política comum concernente aos problemas de educação física e do desporto.

NO PLANO NACIONAL: medidas concretas, aplicáveis de imediato, serão estudadas e propostas aos poderes públicos e ao Comité Nacional de Desportos. O Comité Pierre de Coubertin é:

A FAVOR:

- da adoção de um plano de educação física e desportiva obrigatória para todos os jovens;
- a inclusão de provas físicas obrigatórias, nos exames;
- a criação de distintivos desportivos para os que não têm acesso aos campeonatos;
- a outorga de vantagens substanciais, no que concerna ao serviço militar, aos recrutas que atingirem um certo nível físico;
- cobrança de taxas, além das cobradas nos espetáculos em geral, sôbre as receitas dos espetáculos desportivos de profissionais;
- adoção de medidas tais como limitação de tempo para os desportos de equipe, regulamentação das mudanças dos desportistas de um clube para outro;
- desenvolvimento de equipamento desportivo e das possibilidades oferecidas aos quadros da Educação Física Superior de se aperfeiçoarem;

CONTRA:

- tôda medida favorável ao desenvolvimento excessivo do desporto comercial;
- a utilização preferencial dos estádios municipais pelo profissionalismo;
- autorização de “bolos desportivos”;
- o sistema atual de subvenções aos clubes, que dá importância exagerada à classificações obtidas nas competições (na França);
- o sistema atual de licenças, concedidas pelas Federações desportivas a todos os que pagam determinadas somas. Elas não devem ser dadas senão aos desportistas que, submetidos a certas provas físicas e a contrôle médico, demonstram uma aptidão mínima (na França).



10/04/1954

QUE É O COMITÉ PIERRE DE COUBERTIN?

4 – A Educação Física Desportiva como elemento da educação moderna

O Comité Pierre de Coubertin julga que as atividades físicas, conduzidas racionalmente e sob contrôle médico são o complemento indispensável das disciplinas intelectuais.

Os desportos, a educação física sob tôdas as suas formas, são fatores de saúde e equilíbrio psíquico. Achamos, com Giraudoux, que o papel do desporto é dar ao corpo algumas das maiores virtudes da alma: energia, coragem e perseverança. Como responsável pela saúde pública, o estado tem o dever de pôr, à disposição de todos, os meios necessários à prática desses exercícios físicos.

I

Para defender e difundir êsses princípios foi constituído o Comité “Pierre de Coubertin” e êle se propõe a defender o programa seguinte:

A Educação Física deve ser generalizada, desde a mais tenra idade para os dois sexos.

É necessário tornar uma realidade o caráter obrigatório dos exercícios físicos na escola primária, secundária e técnica. Tôdas as disposições devem ser tomadas para que êsses exercícios se façam em condições tais que atinjam o seu objetivo.

Na verdade, os benefícios que certos países estrangeiros têm tirado do desenvolvimento dos exercícios físicos, deve-se, em parte, ao fato de que êsses exercícios criam o gosto e o hábito de práticas higiênicas; Perfeito asseio corporal; vida ao ar livre e influência contra o alcoolismo.

Essas práticas higiênicas devem ser associadas, na idade escolar, à educação física.

Seria desejável que medidas correspondentes fossem tomadas no Ensino Superior. Também aí seria necessário incluir atividades físicas entre as disciplinas.

O aprendiz e o trabalhador jovens também necessitam dessas atividades a fim de facilitar seu desenvolvimento e pôr-se em condições de resistir ao ritmo atenuante da vida presente.

O Exército tem uma missão nesse terreno; deve fazer com que os rapazes, por ocasião do serviço militar, se habituem, de maneira completa, às práticas higiênicas e melhorem fisicamente por meio de um treinamento racional.

Incumbe ainda ao Estado prolongar os benefícios dos exercícios físicos além do tempo dos estudos e do serviço militar.

É evidente que o exame médico completo e o controle periódico, deve ser sempre mantido.

II

Esses objetivos não poderiam ser atingidos se os poderes públicos não pusessem, à disposição de todos, os meios materiais apropriados.

Todo estabelecimento de ensino deve ter um tempo de desporto e jogos, um vestiário anexo – aquecido no inverno – e duchas quentes (na França).

Nenhuma Universidade poderia receber estudantes, sem possuir um estádio dentro das exigências da técnica moderna.

Tôda cidade de mais de 5.000 habitantes deve ter um estádio criado e dirigido pela comunidade. Isso nos parece tão importante quanto, dispensários e hospitais.

Tôda emprêsa, no setor público ou privado reunindo mais de 500 agentes ou assalariados, deverá também dar-lhes possibilidade de acesso a um campo de desportos.

Isto constitui, de certa forma, um serviço público, feito para a coletividade e poderia ser compensado por vantagens fiscais, do mesmo modo que a formação técnica é beneficiada pela taxa de aprendizagem.

Compete aos poderes públicos manter os campos desportivos em bom estado, tomando para isso as disposições legislativas e regulamentares que se fizerem necessárias.

O Estado – especialmente o Ministério da Educação Nacional (na França), tem a responsabilidade de garantir um número suficiente de educadores de que o país necessite.

Enfim, a Previdência Social é interessada direta na execução desse programa que constitui um dos capítulos menos onerosos e mais eficazes da medicina preventiva. É pois conveniente que ela contribua financeiramente a uma obra que poderá diminuir o número de incapazes que constituem uma carga pesada para a nação.

O Comité Pierre de Coubertin admite que se possa ganhar direta ou indiretamente a vida mediante a prática de certos desportos, mas afirma que seus benefícios não podem ser adquiridos, no plano do interêsse comum, senão no campo do amadorismo.

O Estado tem, pois, obrigação de destinar seu estímulo, em todos os terrenos, apenas ao desporto amador.

Há paralelamente, o dever de regulamentar o desporto profissional levando em consideração a readaptação dos antigos profissionais em outros trabalhos. Deve-se ainda impedir o falso amadorismo, elaborando um estatuto que assegure aos amadores mais credenciados o acesso às grandes competições nacionais e internacionais.

E êste é o programa a cuja defesa se propõe o comitê Pierre de Coubertin, fundado na França e que vem desenvolvendo intensa atividade para a preservação dos desportos como um dos grandes patrimônios de nossa civilização.



08/04/1954

A ELEVAÇÃO DO NÍVEL CULTURAL DO TÉCNICO DESPORTIVO NO BRASIL

A partir de 1957 os nossos técnicos deportivos serão formados com 16 anos de estudos escolares

Com o advento da Reforma Capanema (decreto-lei n.º 4.244, de 9-4-42) o curso secundário foi dividido em dois ciclos, sendo o ginásial, de quatro anos e o colegial de três. E, então, a E.N.E.F.D., passou a exigir, dos candidatos a matrícula no Curso de Técnica Desportiva, apenas o certificado de licença ginásial. Mas, em 1946, o decreto-lei n.º 8.270, de 3 de dezembro, introduziu várias alterações no decreto-lei n.º 1.212, dentre as quais a exigência de que os candidatos ao Curso de Técnica Desportiva fossem portadores de diplomas de licenciados em Educação Física, cujo curso, até então de dois anos, passava por êsse decreto-lei, para três. Assim, o técnico desportivo anteriormente formado em um ano apenas, sem obrigatoriedade de curso secundário, passava a ser diplomado praticamente com quatro anos de estudos especializados após os quatro anos de curso ginásial. Considerando a complexidade do currículo do Curso Superior, desdobrado em três anos, o do Curso de Técnica Desportivo, foi reduzido na sua extensão, enquanto eram os programas aumentados na sua profundidade; em consequência, ficou o mesmo integrado pelas seguintes disciplinas:

- 1 – Cinesiologia aplicada.
- 2 – Fisiologia aplicada.
- 3 – Psicologia aplicada.
- 4 – Metodologia dos desportos.
- 5 – História e organização da Educação Física e dos Desportos.
- 6 – Desportos de especialização.

A partir do corrente ano, em face de nova interpretação do texto legal e sobretudo considerando o disposto no parágrafo único do art. 2.º do decreto-lei n.º 421, de 11-5-938, que caracteriza como estabelecimento de ensino superior aquele para cuja matrícula se exija no mínimo cinco anos de estudos secundários, devidamente aprovada e posta em vigor pelo Conselho Universitário, a E.N.E.F.D. passou a exigir, dos candidatos ao Curso Superior de Educação física, a apresentação de certificado de licença clássica ou científica, isto é, curso secundário completo, primeiro e segundo ciclo. Os candidatos que prestaram exame vestibular no corrente ano para a 1.ª série do Curso Superior são todos portadores, pelo menos, de certificado de licença colegial; alguns têm outros cursos superiores, destacando-se quatro ou cinco bacharéis em direito. Tais alunos concluirão normalmente seu curso em 1956 e, no ano seguinte, 1957, estarão em condições de se matricular no Curso de Técnica Desportiva, ao fim do qual receberão o diploma que os habilitará legalmente, ao exercício da nova profissão. E

êsse técnico desportivo terá formado com 16 anos de estudos escolares assim distribuídos:

5 anos de escola primária;

4 anos de ginásio;

3 anos de colégio;

3 anos de Curso superior de Educação física;

1 ano de Curso de Técnica Desportiva.

E fazemos votos para que tal esforço seja bem compreendido e melhor compensado pelos clubes e pelos poderes públicos.



11/04/1954

OS ESTÁDIOS POPULARES DE PÔRTO ALEGRE

Quando visitei o México, em outubro de 1946, na qualidade de delegado do Brasil ao II Congresso Pan Americano de Educação Física, que ali se realizava, fiquei admirado e entusiasmado com os magníficos estádios populares, que, ocupando áreas consideráveis, embelezavam arquitetonicamente as terras de Guatemoc, conservando os seus tapetes verdes ao lado de lindos monumentos desportivos, oferecendo ao povo oportunidades que o tornavam realmente invejável e com muitas e justificadas razões para o ser. Nessa ocasião, pude também conhecer Cuba, admirando suas praças desportivas populares, dentre as quais conservo bem nítida a imagem da “Piazza José Martí”, então confiada à direção de meu particular amigo Prof. Délio Gonzales, além do estádio universitário de que tanto se orgulha a Universidade de Havana. Aproveitando o ensejo, permaneci uma semana nos Estados Unidos, sentindo de perto o espírito desportivo que anima a juventude americana. Oito anos são decorridos sem que se tenha apagado de minha mente a visão dos estádios universitários, dentre os quais o da Miami University, que ocupa área que abrigaria pelo menos dez vezes o nosso Maracanã, orgulho do Brasil. O espaço não está reservado a arquibancada, mas a campos desportivos; dezenas de quadras de basketball, tennis, volleyball e rugby. Nós aqui temos as maiores arquibancadas do mundo porque somos os melhores e mais numerosos espectadores das atividades desportivas. A juventude americana não está nas arquibancadas; ela está nos campos, acrisolando-se no esforço das lutas desportivas para temperar o espírito e a unidade nacional.

Ainda nesse ano de 1946, em dezembro, fui especialmente convidado para assistir aos V Juegos Centro-americanos y del Caribe, realizados em Barranquilla, na Colômbia. As instalações que o govêrno fez construir para a disputa desses jogos surpreenderam os visitantes e deram forte impulso ao movimento desportivo popular.

Em 1949, como observador do Brasil, compareci à II Ligiada, festa internacional de Educação Física realizada em Estocolmo para homenagear Ling, criador do sistema de ginástica sueca, figura cultuada entre os maiores vultos da Suécia; 61 nações se fizeram representar e as demonstrações de beleza, graça e harmonia de um lado e de fôrça, destreza e virilidade de outro constituíram indeléveis espetáculos. Desejando colher o máximo proveito dessa viagem. Visitei a Inglaterra, Dinamarca, Suíça, Itália, França, Espanha e Portugal, colecionando informações, comprando livros, reunindo documentos que pudessem interessar à Educação Física e aos desportos. Vi muita coisa, aprendi bastante, enriqueci o meu mundo de experiências, alargando o horizonte de minhas possibilidades.

Em 1950, ainda como delegado do Brasil, compareci ao III Congresso Panamericano de Educação Física, realizado sob os auspícios do Uruguai. Visitei cuidadosamente os ‘recantos infantiles’ e as “plazas de deportes”, que, sem a suntuosidade dos estádios populares do México, conclamam e congregam a juventude para à prática desportiva.

Em 1952, voltei, pela oitava vez, à Argentina e fiquei surpreso com os cuidados que o Presidente Perón estava dedicando à construção de instalações desportivas. As piscinas populares, com avantajadas dimensões, procuravam dar ao portenho a oportunidade que a ausência do mar não lhes propiciava. Campanha para aprendizagem da natação faziam-me lembrar a época de Júlio Cesar, quando, em Roma, saber nadar era tão importante quanto saber ler; e quando se queria atestar a ignorância de algum patricio, afirmava-se simplesmente: “não sabe ler nem nadar”.

E comecei a pensar no que se poderia fazer em nosso país se os seus dirigentes melhor compreendessem a poderosa força que se encontra oculta e inexplorada nos desportos e que tem de ser aproveitada para dinamizar o nosso povo, dar-lhe a energia de que carece, da mesma forma que o aproveitamento das quedas do Iguazu poderia fornecer à nossa indústria muita da energia por ela reclamada.

Mas seus pensamentos se multiplicaram e meus pesares se agravaram no ano passado. Participei, como delegado oficial do Brasil, do III Congresso Mundial de Educação Física realizado em Istambul e, além das demonstrações a que assisti, evidenciando modernas técnicas e das conferências que me atualizaram sobre novas conquistas do domínio da ciência e da especulação, pude sentir, em toda a sua plenitude, a grande obra de Kemal Pachá, derrubando tradições multi-seculares para levar a civilização e o progresso a todas as plagas da Turquia. E os desportos não foram esquecidos. Que o digam os espanhóis recentemente derrotados pelos turcos em Istambul e, em consequência, eliminados posteriormente da Copa do Mundo; que o atestem os jogadores do Olaria que conheceram um recente revés na metrópole que representa o marco entre duas idades e o traço de união entre duas civilizações distintas. A juventude turca é alegre, saudável, forte e simpática, distinguindo-se nitidamente das gerações que a precederam. E isso muitas vezes me faz pensar em como estamos precisando de um Kemal Pachá, que, sem maiores formalidades, talvez com a mesma chocante brutalidade, mas arguta sabedoria, dê aos destinos do Brasil a orientação que possa oferecer às gerações vindouras tudo aquilo que nos foi negado.

Nas ruínas de Atenas senti o esplendor da civilização grega, como em Santa Sofia o ocaso da civilização romana. Lamentei que aquele montão de ruínas carunchosas e carcomidas, pela ação do tempo e do homem fossem os resquícios do espírito olímpico que procuramos reviver em nossos dias. Mas o Stadion construído para os Jogos Olímpicos de 1896, todo em mármore branco, era o eco, em nossa época, da importância que os helênicos haviam consagrado à atividade desportiva.

Uma nova visita à Itália e a Portugal mostrou-me como os poderes públicos estão trabalhando para aproveitar racionalmente a força social que existe nos desportos e que, em nosso país, ainda não pôde ser controlada, tal e qual a vilência de uma super-bomba de H.

Como delegado do Brasil à Reunião de Técnicos em Educação de Trabalhadores, promovida pela UNESCO, em Compiègne, tive o ensejo de permanecer na França quase um mês, aproveitando, após à citada reunião para melhor conhecer a obra que vem sendo realizada pela Direction Générale de La Jeunesse ET des Sports e pelo Institut Nationali Sportif (INS). Praças desportivas populares em grande número, não apenas em Paris, mas se estendendo paulatinamente a todas as demais cidades. E

isso traduz o esforço das autoridades governamentais para recuperarem a juventude minada por uma concepção moderna de vida, inspirada no existencialismo sartriano, em que a virilidade se torna cada vez mais precária. As praças desportivas estão objetivando a recuperação moral e social da juventude francesa, cujas fôrças de resistência e tenacidade foram minadas pelas vicissitudes de uma guerra brutal e de uma ocupação humilhante. Deixando de lado as palavras, vejamos a fria linguagem dos números, capaz de convencer os mais céticos. A Direction Générale de La Jeunesse ET des Sports informa que a progressão dos centros de atividades físicas tem sido a seguinte:

	Centros	Praticantes
1945	748	6.600
1946	1.030	82.500
1947	1.276	97.000
1948	1.450	106.000
1949	1.520	115.000
1950	1.622	120.000
1951	1.742	128.000
1952	2.054	140.000



15/04/1954

OS ESTÁDIOS POPULARES DE PÔRTO ALEGRE (2)

Cheguei da Europa em setembro de 1953 e, em outubro, comecei a escrever para JORNAL DOS SPORTS, sempre com o intuito de realizar obra construtiva, transformando coisas engraçadas em sérias, embora sentisse que alguns se preocupavam em transformar as coisas sérias em engraçadas. Uma das últimas seqüências de artigos que escrevi, tinha por título "Os desportos conquistam a escola" e procurei dedicá-la aos técnicos de educação do M.E.C., diretores de estabelecimentos de ensino secundário, professores de Educação Física, técnicos desportivos e médicos especializados. Queira Deus, na sua oniciência, que meus amigos Caio Miranda, Diretor da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura, Armando Hildebrand, Diretor do Ensino Secundário, Vargas Neto, Presidente do Conselho Nacional de Desportos e meu vizinho nesta folha, Lourenço Filho, Presidente do I.B.E.C.C., Roberto Acioly, Secretário de Educação e Cultura da Prefeitura do Distrito Federal, Gilson Amado, Chefe de Gabinete do Ministro da Educação, além de outros, tenham lido pelo menos o impertinente e diário título da referida seqüência. Também na série que escrevi sôbre o Comitê Pierre de Coubertin, procurei evidenciar, tanto quanto me permitiu o espaço, de que disponho neste jornal e a pobreza de minhas palavras, o papel importante que os desportos estão assumindo na vida estatal.

O inquérito há pouco realizado pela UNESCO, consultando os países da ONU sobre o papel que deveria ser consagrado aos desportos no sistema educacional de cada país, é uma advertência para que seja êsse problema devidamente, entre nós, considerado. Num dos artigos já referidos, procurei demonstrar, com fatos e argumentos, que a nossa juventude possui tendência desportiva e não gímnica. Por que contrariar a inclinação natural ao inves de aproveitá-la inteligentemente?

Tôdas estas divagações e comentários vieram a propósito dos estádios populares de Porto-Alegre, tema que escolhi para êste artigo, com que desejo, de público, testemunhar a minha admiração e manifestar o meu entusiasmo ante a obra de profunda significação social que está sendo realizada na capital gaúcha por um homem dinâmico, verdadeiramente extraordinário, que trabalha de 14 a 16 horas por dia, sem descanso semanal: o Prof. F. G. Gaelzer.

A última vez em que havia visitado Porto Alegre fôra em 1952, quando ministrei um curso de aperfeiçoamento para professores de Educação Física. Voltei, agora, em março último, para dar o "Curso de Fundamentos e Técnica da Recreação", que, apesar de sua intensidade com três aulas seguidas, e do horário, das 19 as 22 horas, reuniu 320 alunos dentre os quais me orgulho de destacar as religiosas, pastores luteranos, missionárias, assistentes sociais e hospitalares, chefes de escotismo e bandeirantes, professores de educação física e de letras, diretores de colégios, recreacionistas etc. Durante dias seguidos, manhã após manhã, tarde após tarde, percorri uma a uma as 78 unidades de recreação de que se envaidece o Serviço de Recreação Pública de Porto Alegre, sob a direção do meu caro amigo Gaelzer. Seria difícil, senão quase impossível,

dar os detalhes de cada uma; quero, no entanto, destacar os três balneários públicos, o parque tenístico, que tirou do tennis o caráter aristocrático para lhe emprestar sabor popular, as canchas de bochas (que no Rio não se pratica), as quadras de basketball e volleyball, as sedes construídas para os clubes populares e a coisa mais importante: 14 (quatorze, não é erro de imprensa não, são mesmo quatorze) estádios populares. Além disso, ainda no corrente ano deverão ser começadas as obras do ginásio coberto, o primeiro a ser construído em Porto Alegre, e do parque náutico que abrigará todos os clubes de remo da capital gaúcha, depositários de muitas das glórias náuticas de nosso país.

Meus parabéns, Prof. Gaelzer!

Porto Alegre não tem um Maracanã, mas... possui 14 estádios populares.



16/04/1954

O ATLETISMO, DISCIPLINA FUNDAMENTAL DA FORMAÇÃO DESPORTIVA NA FRANÇA

“Enquanto o Atletismo for uma Mística, Um ‘Mais Ou Menos’, estaremos no vazio” Dr. T. K. CURETON.

O Comitê Pierre de Coubertin, cujas finalidades já tivemos oportunidade de analisar em artigos anteriores, mantém a publicação de um pequeno boletim denominado “Documento”. Do que tem o nº. 4, extraímos o conteúdo dêste artigo, que procura defender a difusão do atletismo, considerando-o como fundamental para a formação desportiva.

Os Jogos Olímpicos demonstraram suficientemente o papel do atletismo na cultura moderna, para que seja necessário estender a argumentação daquêles que consideram essa disciplina física como uma grande e honesta medida do progresso humano.

As potências que dominam o mundo atual - não se deve ver nisso efeito do acaso - são as que triunfam nos Jogos Olímpicos.

Quando os homens do futuro quiserem comparar fisicamente seus espécimes melhores com os melhores de nosso tempo, êles terão um eritério válido: a performance atlética.

O atletismo, o halterofilismo, a natação comportam uma gama de provas que não se aprecia apenas; êles são mensuráveis com precisão. O cronômetro, o metro, o quilograma são neutros; o julgamento dos homens não altera os dados. Saltar, correr, lançar, nadar, levantar e desenvolver constituem o ABC da Educação Física.

Êsses elementos fundamentais do esforço voluntário devem figurar nos programas de ensino. As disciplinas físicas são o complemento indispensável de toda educação e, dentre as disciplinas físicas, os movimentos do atletismo parecem os mais apropriados pela sua eficácia.

Na França não é, porém, assim, na hora presente: dai a origem profunda do mal.

Quando se discute o mal e as suas causas, não estão todos sempre de acôrdo quanto aos remédios que permitiriam à França colocar-se no primeiro plano das nações desportivas.

Num fascículo intitulado “O Desporto, fonte de aperfeiçoamento humano”, e, sobretudo, no seu documento número 1, “Educação Física, desportiva, elemento de ensino moderno”, o Comitê Pierre de Coubertin indicou o papel que cabia ao Ensino, ao Exército, à Previdência Social, a fim de desenvolver uma prática bem compreendida dos exercícios físicos.

Tais exercícios não podem ser imaginados sem controle. O distintivo desportivo popular - de que se devem desenvolver os graus - as provas físicas por ocasião dos exames quaisquer que sejam, de distintivos de especialização permitem estabelecer o valor atlético de cada cidadão.

É preciso, para preparar e submeter-se a tais testes, um período, uma ocasião do ano em que os dias sejam propícios. É por isso que o Comitê Pierre de Coubertin reclamou em seu documento N.º 03 uma regulamentação de temporadas desportivas, a fim de permitir aos adeptos dos desportos coletivos um aperfeiçoamento individual que não lhes seria possível obter se o período de competições especializadas se estendesse sem medida.

A limitação das temporadas uma vez obtida, não bastaria se não existisse uma tal gama de competições atléticas, em que os rapazes e as moças, os adultos e os adolescentes pudessem ocupar seus lazes.



17/04/1954

O ATLETISMO, DISCIPLINA FUNDAMENTAL DA FORMAÇÃO DESPORTIVA NA FRANÇA (2)

“Enquanto o Atletismo for uma Mística, Um ‘Mais Ou Menos’, estaremos no vazio” Dr. T. K. CURETON.

O CPC pede que se consulte, em primeiro lugar, aqueles cuja opinião não têm sido levada na devida conta: os demagogos e os técnicos.

Os dirigentes administrativos, mesmo os mais eminentes, não podem substituir os educadores, que sabem melhor atrair e conservar os desportistas no ciclo de esforços que o estádio reclama.

O CPC deseja e apoiaria com tôdas as suas fôrças a criação de um grupamento de treinadores de atletismo. A formação de tal laço é mais necessária neste dominio do que em qualquer outro, pois o atletismo é, cada vez mais, chamado a ter grande papel na formação desportiva. No círculo seriam compreendidos os treinadores qualificados qualquer que seja sua proveniência (Directions Général de 1^a. Jeunesse et des Sports – DGSJ, Institute Nationale Sportif – INS, Exército, etc.). Eles estão aptos a propor medidas que se impõem e que muitos dêles já definiram nos itens que se seguem.

I – Muitos técnicos de valor, considerando que os campeonatos de atletismo da França devem coroar uma temporada ao invés de interrompê-la, preconizam que os mesmos se realizem em meados de setembro (em vez de em julho). O CPC acha que esta sugestão merece um exame cuidadoso.

II – As provas populares – eventualmente sem exigir distintivo – devem multiplicar-se durante a temporada. Será exigido o distintivo no campeonato (departamental, regional, nacional). Os distintivos de basketballer, volleyballeter, footballer, poderão ser disputados em grande escala. A mesma coisa se aplica às competições interclubes.

III – É indispensável um campeonato francês de atletismo (1.^a e 2.^a categorias). Cada Federação poderia encarregar-se de um. À medida que os atletas se fôssem aperfeiçoando, conviria prever uma classificação internacional.

IV – É desejável que se multipliquem as manifestações desportivas “omnisports”, contanto que se destinem apenas aos amadores.

V – Cada cidade, cada comuna deverá ter um centro de atletismo e um técnico. Êle aconselharia os jovens que, sob certas condições, pudessem frequentar o centro. Cada um conservará o distintivo de seu clube, não podendo trocá-lo por outro senão de três anos ou em circunstâncias especiais.

VI – Não serão concedidos distintivos de qualquer desporto, sem que o candidato tenha conseguido o Distintivo Popular.

VII – Em todos os exames, as provas atléticas permitirão obter pontos que serão levados em conta na classificação final.

VIII – Instrumentos de treino (pesos, discos, etc.) deverão ser postos à disposição dos centros mencionados. Os estádios deverão comunicar suas necessidades nesse sentido.

IX – O atletismo e a natação devem ser obrigatórios em todos os estabelecimentos de ensino. Êsses devem pôr à disposição de seus alunos os meios que facilitem seu treinamento. A extensão desses meios variará conforme as possibilidades oferecidas pelas municipalidades.

X – Enfim, nos estabelecimentos de ensino, um mínimo de instalações deve permitir que a prática do atletismo seja interessante.

XI – Seria aconselhável a edição de um “Manual Elementar de Atletismo” de que pudessem dispor educadores e treinadores.

O CPC não deseja imiscuir-se na organização de uma federação desportiva; deseja apenas tratar um problema que é relevante e de interêsse nacional.

E tais são as considerações que se contêm no Documento n. 04 do Comitê Pierre de Coubertin, advogando maior disseminação do atletismo por considerá-lo básico para todos os demais desportos.



03/05/1954

ORGANIZAÇÃO DAS ATIVIDADES FÍSICAS DA JUVENTUDE OPERÁRIA NA FRANÇA

I – Amplitude e dificuldade do problema

(A leitura desta série de artigos é especialmente recomendada aos industriais, ao SESI e aos técnicos dos Ministérios da Educação e Cultura e do Trabalho).

O Comitê Piérre de Coubertin divulgou, em uma de suas habituais publicações, interessantes dados estatísticos sobre a organização das atividades físicas da juventude operária, que nos parecem de grande interesse para o Serviço de Recreação Operária, a Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura e o Conselho Nacional de Desportos. Julgamos, assim, de grande oportunidade a sua divulgação sobretudo pelos dados estatísticos que oferece.

Embora a vida do homem tenda a durar um maior número de anos, as dificuldades que lhe dizem respeito só têm aumentado, do ponto de vista físico e técnico, devido às condições anormais da vida moderna. A prática de exercícios físicos é, pois, indispensável ao equilíbrio de todos.

O esforço que foi tentado para desenvolver fisicamente a juventude francesa, exerceu-se sobretudo em favor dos jovens dos estabelecimentos escolares.

Ora a Educação Física e desportiva dos rapazes e moças de 16 a 20 anos, que não frequentam escolas, apresenta importância considerável, primeiramente em razão do número de pessoas envolvidas.

Um estudo feito pela Direção de Mão de Obra, em 1951, demonstrou que de 1.700.000 jovens de 14 a 17 anos, cerca de 495.000 ou seja 29% continuavam a estudar em escolas ou em empresas para profissões não agrícolas (contratos de aprendizado não agrícola 235.000; efetivo do ensino técnico público 260.000).

Do ponto de vista agrícola, o número de jovens de 14 a 17 anos que se dedicavam às diversas formas do ensino agrícola foi avaliado em 150.000.

O mesmo serviço dava os seguintes dados, em 1951, da população civil assalariada entre 14 e 20 anos; 600.000 homens e 450.000 mulheres para as profissões agrícolas; 800.000 homens e 730.000 mulheres para as profissões não agrícolas.

Se o problema das atividades físicas já está resolvido para os 260.000 alunos do ensino técnico público, êle continua posto para a grande maioria: 2.875.000 indivíduos.
(...)¹⁵



¹⁵ O autor indica a continuação na página 8, porém esse recorte não consta no volume que ele organizou.

04/05/1954

ORGANIZAÇÃO DAS ATIVIDADES FÍSICAS DA JUVENTUDE OPERÁRIA NA FRANÇA

II – O histórico dos esforços já realizados no setor não-escolar

Antes da guerra 1939-1945, a Educação Física Desportiva era pouco desenvolvida entre os trabalhadores.

Um pequeno número de estabelecimentos e empresas havia pôsto à disposição de seu pessoal estádios e campos de treinamento, uns para facilitar a organização dos lazeres sadios (“Michelin”, Compagnie dês Chemins de Ferdu Nord” etc), outras para lutar contra condições de trabalho particularmente penosas e nocivas (usinas de produtos químicos ou eletroquímicos, por exemplo). Nenhum esforço de conjunto fora tentado.

Desde a Liberação, em 1944, está preparado um projeto de lei “para organizar as atividades físicas da juventude operária”. Em projeto de regulamento de administração pública está em estudos na Direção Geral da Juventude e Desportos, para fixar os detalhes da aplicação desse projeto de lei. Essa “Direção” tem contato com os Serviços de Previdência Social para tentar determinar uma relação entre os efeitos da prática generalizada de atividades físicas e desportivas e sua incidência sôbre as despesas do capítulo “Enfermidade” da Previdência Social.

Em 1945, o Ministério da Defesa Nacional organiza o serviço preliminar ao qual são submetidos todos os jovens de 17 a 20 anos: depois de algumas formalidades, o sistema consagra dois anos às atividades físicas, sob a égide da Direção Geral da Juventude e dos Desportos e mais um ano, dirigida pelo Exército, consagrado à preparação militar propriamente dita. Devemos saudar nisso a primeira tentativa de um Serviço Nacional de Formação Física de jovens franceses.

Uma organização regional e local se forma. Certas empresas, como a S.N.C.F., criam Centros onde os jovens trabalhadores, de 17 a 20 anos treinam em terrenos próximos ou mesmo anexos aos locais de trabalho, durante as horas de serviço.

Em 1947, após um debate parlamentar, o Ministro das Finanças obteve que fôssem suprimidas as verbas da Formação pre-militar. Com a intervenção de Mme Viennot, o vice-presidente do Conselho, M. Teitgen, assume um compromisso formal de apresentar um projeto de lei regulando a questão. Em junho de 1947, o grupo socialista apresenta um projeto de lei (n. 1.851) para organizar as atividades físicas e desportivas dos trabalhadores jovens. O projeto não é discutido.

Em 1950, uma comissão interministerial é instituída a fim de estudar a criação de um “Treinamento físico nacional”.

Em 1952, o Conselho Superior da Educação Popular e Desportiva prossegue no estudo da questão e registra os resultados obtidos pelos “Centros do Ar livre”, criados pela Direção Geral da Juventude e dos Desportos. Felizmente essa não esperou um texto legislativo para tentar difundir a Educação Física e Desportiva entre os jovens que trabalham. Ela movimentou a juventude operária, fazendo apelo à compreensão e

iniciativa dos chefes de empresa, comitês ou diferentes organismos de trabalho: pediu-lhes esforço material e deu-lhes apoio moral. Na verdade, sem meios, em virtude de falta de textos legislativos, sem possibilidade de decretar quaisquer obrigações, sem quadros, técnicos, devia contentar-se em convocar os interessados, de apoiar sua boa vontade, a fim de edificar campos e instalações, vestiários, ginásios, fornecer equipamento, agrupar voluntários. Foi, pois, nessas bases que os Serviços Departamentais da Juventude e dos Desportos lançaram três categorias de centros de atividades físicas:

a) Centros de atividades físicas de empresas, criados no seio de empresas que tenham instalações para esse fim, dentro de seus terrenos ou na proximidade e que forneçam monitor. Esse monitor é, muitas vezes, empregado da empresa. A direção da Juventude e dos Desportos organiza estágios de um mês para formação ou aperfeiçoamento desses monitores nos Centros regionais da Educação Física e Desportiva.

b) Centros de atividades físicas interempresas, resultando de entendimentos entre diversos estabelecimentos, cujo efetivo de jovens é pequeno para permitir a fundação de um Centro.

O tempo que pode ser consagrado nesses centros às atividades físicas e sobretudo o horário a adotar constituem problemas delicados.

Para os aprendizes, agrupados em escolas, não há dificuldades, as horas de Educação Física (de 3 a 7) e desportivas são incluídas no horário do ensino profissional.

Por outro lado, as questões de produção são muitas vezes invocadas, quando se trata de trabalhadores jovens, pois a noção da influência das atividades físicas sobre o valor profissional está longe de ser admitida. Segundo as profissões, diversas soluções são adotadas:

- Horas compreendidas no horário do trabalho (1 a 3 horas semanais) e remuneradas como horas de trabalho.

- Horas compreendidas no horário de trabalho, mas remuneradas a 50%.

- Horas não compreendidas no horário de trabalho, mas remuneradas como horas complementares.

- Possibilidades oferecidas aos voluntários, logo após o horário de trabalho. A empresa limita sua colaboração ao equipamento de um campo e ao pagamento de um instrutor de Educação Física.

- Os centros de atividades físicas rurais, enfim, criados nos meios camponeses, onde se encontram trabalhadores agrícolas e artesãos.

É difícil reunir os jovens desse meio. Geralmente só se consegue agir utilizando um agrupamento já constituído: lar rural, associação desportiva etc.

Para estimular o interesse dos jovens e para julgar a qualidade do treinamento físico prático, os Serviços Departamentais da Juventude e dos Desportos organizam todos os anos quatro provas:

- Cross-country;

- Triathlon;

- Sessões de distintivos desportivos populares;

- Sessões de distintivos de natação (25 metros).

Torneios interempresas de desportos coletivos também existem.

Enfim, recentemente, um decreto de 11 de fevereiro de 1953 instituiu, a título obrigatório, provas físicas nos exames que sancionam a escolaridade do ensino técnico. No mesmo sentido, a Direção Geral instituiu um distintivo de Estado de monitor-auxiliar, que consagra a formação adquirida pelos animadores têm atualmente distintivos. Os estágios de formação são inteiramente gratuitos (viagem, estada, indenização por lucros cessantes).



05/05/1954

ORGANIZAÇÃO DAS ATIVIDADES FÍSICAS DA JUVENTUDE OPERÁRIA NA FRANÇA

III – Resultados obtidos

A Direção Geral da Juventude e dos Desportos apresenta a seguinte demonstração do progresso dos Centros de atividades físicas:

	Centros	Praticante
1945	748	6.600
1946	1.030	32.500
1947	1.276	97.000
1948	1.450	106.000
1949	1.520	115.000
1950	1.622	120.000
1951	1.742	128.000
1952	2.054	140.000

Se o progresso acima demonstrado pode parecer encorajador, é necessário observar que 140.000 é ainda muito pouco, considerado o número de jovens de 14 a 20 anos que poderia estar em tal incluído.

Centros foram criados nas diferentes classes profissionais e em todo o país: o maior esforço foi feito entre os trabalhadores de minas de ferro, estradas de ferro, indústrias têxteis e siderúrgicas.

Convém assinalar que uma circular de março de 1953 tende a criar, a título de ensino desportivo, centros de iniciação e de aperfeiçoamento, bem como “tournées” itinerantes, por iniciativa das Direções Regionais ou Departamentais da Juventude e dos Desportos o objetivo é chegar aos jovens não no momento do trabalho, mas nos lazes, provocando e facilitando a organização de novas associações desportivas ativas e bem compreendidas.

IV – QUE PEDE E PROPÕE O COMITÊ PIÉRRÉ DE COUBERTIN?

Nas circunstâncias atuais, não parece oportuno decretar uma obrigação, tanto em relação a empregadores quanto aos jovens trabalhadores de 14 a 20 anos.

O comitê de Pierre de Coubertin acha, de um lado, que convém fazer todo o esforço para criar um clima favorável ao desenvolvimento das atividades físicas no meio operário; de outro lado, é preciso encorajar todas as iniciativas que já estão em andamento.

DESENVOLVER UM CLIMA FAVORÁVEL

Trata-se de uma verdadeira batalha psicológica, a fim de interessar os empregadores, as organizações sindicais, as comissões de empresas, os trabalhadores jovens.

O ponto de partida da batalha é a organização, pelo Ministério da Educação Nacional e Ministério do Trabalho e Previdência Social (que correspondem respectivamente aos nossos Ministérios da Educação e Cultura e do Trabalho, Indústria e Comércio), de um questionário, do qual se possa estabelecer:

1 – Um inventário das iniciativas já tomadas e realizações existentes nas empresas industriais, comerciais e agrícolas.

2 – A maneira pela qual foram utilizados os fundos postos à disposição das comissões de empresas ou serviços sociais, bem como as subvenções doadas pelas coletividades.

Paralelamente, um segundo questionário deve ser organizado pela Inspeção Geral médica do trabalho e da mão de obra e os serviços médicos da Direção Geral da Juventude e dos Desportos, a fim de conhecer a opinião dos médicos sobre o valor das realizações obtidas, no plano das atividades físicas no meio trabalhador. Ele permitiria saber, sobretudo, a influência das medidas tomadas, sobre a frequência de acidentes do trabalho, sobre a higiene corporal sobre o nível de vida dos trabalhadores e seu desejo de melhorar na hierarquia profissional.

O CPC apela para todos os que em qualquer grau, se interessem pela questão: inspetores da juventude e dos desportos, médicos e inspetores de trabalho, assistentes sociais, superintendentes de usinas, mestres, etc., para reunir, sem delongas, todos os elementos úteis a um tal questionário.

Espera o CPC que os diretores departamentais do trabalho, assistidos pelos chefes de serviços departamentais da juventude e dos desportos, empreendam a tarefa de reunir o material e centralizar os resultados.

Em segundo lugar, o CPC solicita um serviço racional de informações, destinado a esclarecer empregadores, empregados, médicos e membros do Ensino técnico.

Uma exposição itinerante acaba de ser organizada pelos serviços da Direção Geral da Juventude dos Desportos. É importante uma ação inteligente junto aos trabalhadores das localidades pelas quais ela vá passar.

Devem-se estabelecer programas para fazer conhecidos os interesses moral e material que apresentam a educação física e os desportos nas empresas, a forma administrativa e financeira e ser dada às futuras iniciativas, as formas de realização, a preferência que devem merecer as atividades que interessam a um número maior de praticantes, ao invés de favorecer às soluções que visam a fins publicitários, formação de equipes que pratiquem jogos espetaculares.

Monografias devem tornar conhecidas as realizações já existentes e os resultados obtidos, principalmente em certas indústrias, como os Centros interempresas do “Textile de Roubaix-Tourcoing”, os Centro de Construção, os Centros de educação física e de juventude da S.N.C.F., etc.



06/05/1954

ORGANIZAÇÃO DAS ATIVIDADES FÍSICAS DA JUVENTUDE OPERÁRIA NA FRANÇA

IV – O encorajamento as iniciativas tomadas

Alguma coisa já existe favorecendo os “Centros de Juventude Operária” (doação de material, subvenções, ajuda para formação e aperfeiçoamento de monitores de empresas).

O Comité Pierre de Coubertin pede um texto legislativo que obrigue todos os comitês ou organismos sociais de empresas a consagrar uma porcentagem, mesmo pequena de seus recursos, à organização de atividades físicas e desportivas de seu pessoal.

Acha equitativo que medidas sejam tomadas em favor das empresas que, sem esperar coação, já realizaram a possibilidade de tais atividades para seus empregados e trabalhadores.

Em outro texto legislativo deveria pois, apreciar, por exemplo, que as somas destinadas à construção e manutenção de instalações desportivas bem como as somas utilizadas na organização de atividades físicas para o pessoal, pudessem ser deduzidas no que diz respeito a impostos.

É necessário insistir também no sentido de que os jovens que se limitam a um esforço físico tenham sua recompensa, mediante uma extensão das disposições desde já previstas pelo decreto de 11 de fevereiro de 1953, relativo aos “Centros de Atividades Físicas”, majorando os pontos em todos os concursos ou exames profissionais, dando-lhes ainda vantagens quando forem convocados.

Em resumo, o Comité Pierre de Coubertin pede a todos os que tenham boa vontade que se unam numa possante corrente de opinião, para que se faça sentir que as atividades físicas são um dever e uma compensação, não só para empresas como também, e, sobretudo, para os trabalhadores, aos quais elas trazem saúde, alegria equilíbrio e uma melhor aptidão para os esforços que a vida moderna exige.

Nesta série de artigos, que traduz a experiência que está sendo vivida pela França, os Ministérios da Educação e Cultura e do Trabalho, Indústria e Comércio, o Conselho Nacional de Desportos, o Serviço Social da Indústria, (SESI), o Serviço Social do Comércio (SESC) e os grandes industriais, encontrarão sugestões que merecem um pouco de reflexão. É preciso aproveitar a fabulosa força social que os desportos apresentam, explorá-la racionalmente, utilizá-la na preservação da máquina humana e, finalmente, colocá-la a serviço do progresso do Brasil.



13/05/1954

RECREAÇÃO – PROBLEMA SOCIAL

Subsídios aos vereadores do Distrito Federal para estudo da questão no Rio de Janeiro

1 – Origens da recreação na vida social contemporânea (1)

Embora os parques infantis só tenham surgido no século passado, é evidente que as idéias que os inspiraram estão baseadas nos precursores do chamado movimento da “escola nova”. Aquêles que advogaram uma pedagogia realista, liberta do formalismo escolástico que, à época, dominava a Educação, são os primeiros baluartes do direito da criança à Recreação. No século passado, nas reivindicações por que lutaram os trabalhadores ingleses, encontramos a origem do movimento de Recreação para os adultos. Nessas condições, poderemos afirmar, sem receio de controvérsias, que a Recreação surgiu primeiramente associada a atividade infantil e, só mais tarde, se estendeu à vida do adulto.

Rabelais (1483-1533) parece ter sido o primeiro a observar o realismo na pedagogia, iniciando a verdadeira revolução educacional que depois se operou.

Rousseau (1712-1778) é o grande paladino que defende intransigentemente a liberdade de movimento da criança. Em sua obra “Émile”, encontramos a verdadeira filosofia da recreação e os fundamentos genéticos do interesse, quando afirma: “Não se deve obrigar um menino a ficar quando êle quer ir, nem contrangê-lo a ir, quando êle quer ficar onde está”. E mais adiante: “É preciso que as crianças saltem, corram, gritem quando tenham vontade. Todos os seus movimentos são necessidades de sua constituição que procura fortificar-se”. Finalmente Rousseau propõe total modificação nos jogos infantis, argumentando que eles distraem as crianças, mas não lhes são úteis.

Pestalozzi (1746 – 1827), sob a influência dos livros de Rousseau, comunga as mesmas idéias dêste em tôda a sua obra educacional, transformando em realidade, nas escolas que dirigiu, direitos até então negados e oportunidades desconhecidas pela infância.

Herbart (1776-1841) também assinala um marco importante para chegarmos ao moderno conceito de recreação. O “interêsse” é o centro do sistema pedagógico de Herbart; êle o define como sendo o gôsto que se torna por uma coisa, o prazer que se sente ao conhecê-la, compreendê-la ou executá-la.

Froebel (1782-1852) é, de todos, o nome que mais diretamente está associado à Recreação. E isto porque a origem dos jardins da infância e dos parques infantis é comum; ambos traduzem a inspiração admirável de Froebel e tanto uns como os outros têm nos jogos a sua atividade mais importante. Mas porque essa expressão “Jardim da Infância”, “Kinder garten” no original? O jardim, na sua expressão vulgar, desempenhava com efeito um papel importante no método froebeliano, tanto no que se refere ao conceito filosófico do sistema educativo como à instintiva necessidade da criança de escavar a terra, numa manifestação atávica que traduz multissecularmente a atração e o prazer que o homem encontra em ará-la, em cultivá-la para dela colhêr o

necessário à sobrevivência da espécie. O jardim da infância era realmente um jardim em que as crianças se ocupavam cultivando a terra. Hoje a expressão tem um sentido alegórico, figurado, e, no Rio de Janeiro, encontramos numerosos “jardins da infância” que não possuem, às vezes, um palmo de terra, situando-se até nos pavimentos de algum arranha-céu. A época mais brilhante de Froebel foi a de seu Kindergarten de Marienthal e a base do método froebeliano é o jogo, praticado com material de grande variedade. Entre os princípios gerais em que Froebel se fundamentou figura a variedade como instrumento de combate ao desinteresse e aborrecimento.



14/05/1954

RECREAÇÃO – PROBLEMA SOCIAL

Subsídios aos vereadores do Distrito Federal para estudo da questão no Rio de Janeiro

1 – Origens da recreação na vida social contemporânea (2)

Um jôgo, por interessante que seja, cansa em pouco tempo a criança, que necessita de variedade. Por mais maravilhoso que o brinquedo possa ser, a criança em poucos ins[tantes] abandona com indiferença. A recreação não está, pois no objeto em si, mas na disposição com que a criança o aceita e no prazer que desfruta com o seu manuseio. A variedade de material é uma das recomendações mais importantes que Froebel faz. A sua obra “Cantos da mãe” (“Muter und Koselieder”) é de tôdas a que alcança maior popularidade.

Os chamados parques infantis ou parques de recreação foram, em sua origem, simples jardins em que as crianças brincavam com a terra, cultivavam flores, encontrando nessa prática prazer para as suas horas de ociosidade. O primeiro parque infantil surgido nos Estados Unidos, em 1885, nada mais era do que uma grande caixa de areia, em um dos jardins públicos de Boston, destinada a que pudessem as crianças a brincar e construída graças à Dra. Marie Zaberzewska, médica norte-americana que visitara a Alemanha e voltara fortemente impressionada com o que vira a respeito.

O movimento a favor dos parques infantis nasce na Alemanha após a guerra franco-prussiana, de onde se estende à Inglaterra e passa à Dinamarca. Os primeiros parques infantis surgiram no século passado em Dusseldorf, Bonn, Witten, Bremen e no Parque de Treptow, de Berlim.

A recreação na vida adulta encontra as suas origens nos movimentos trabalhistas que simbolizam a revolta contra a escravização econômica. A luta contra as longas jornadas de trabalho, que muitas vezes, chegavam até quatorze horas de labor quotidiano, assinala o seu clímax no século passado, quando, pelas estreitas e pedregosas ruas da Inglaterra, a voz uníssona dos trabalhadores assim se fazia ouvir:

eighth hours to work,
eighth hours to play
eighth hours to sleep,
eighth shillings a day.

Estabelecida a jornada de oito horas de trabalho, instituído o repouso semanal e asseguradas as férias anuais, a Recreação perde o seu caráter de problema individual para assumir as proporções de problema social, deixa de interessar apenas ao cidadão para comprometer a estrutura do Estado.



15/05/1954

RECREAÇÃO – PROBLEMA SOCIAL

Subsídios aos vereadores do Distrito Federal para estudo da questão no Rio de Janeiro

2 – O conceito moderno de recreação

A palavra *recreação* provém do latim (*recreatio, recreationem*) e significa vulgarmente o mesmo que recreio, divertimento, entretenimento; deriva do vocábulo *recrear*, cujo sentido é o de reproduzir, restabelecer, recuperar (quem trabalha precisa renovar-se).

Poderemos conceituar a recreação como sendo a atividade física ou mental a que o indivíduo é naturalmente impelido para satisfazer a necessidades físicas, psíquicas ou sociais, de cuja realização lhe advem prazer.

Dois são, em suas características, as formas de recreação; passiva e ativa. Na primeira, desempenhamos o papel de simples espectadores, como acontece quando assistimos a uma partida de futebol, a uma peça teatral ou a um filme cinematográfico. No segundo aspecto, a nossa atividade poderá ser preponderantemente mental, como no xadrez, nas palavras cruzadas e demais jogos intelectuais ou preponderantemente física, como ocorre nos chamados jogos motores, nos desportos, etc. As atividades artísticas proporcionam o prazer psíquico de transformar uma idéia, representação abstrata que se configura na nossa vida mental, em alguma coisa perceptível pelos que nos cercam, expressa, seja em palavras escritas ou faladas, seja em representações di ou tri-dimensionais; a arte satisfaz às exigências de nossa imaginação criadora de onde deriva o prazer do artista e se justifica a sua inclusão entre as atividades recreativas.

O conceito moderno de recreação tem um conteúdo sociológico que não pode ser desconhecido. Nos países em que o problema foi suscitado, a recreação surge com um sentido novo verdadeiramente social. Assim *Recreation e Leisure* nos Estados Unidos, *Freizeit e Erholung* na Alemanha, *Loisirs* na França, *Dopolavoro*, na Itália são palavras impregnadas de um sentido social. Integrada na recreação, assume a educação física um novo sentido, mais amplo, mais agradável, mais positivo, contribuindo para tornar o povo mais feliz.

Na recreação de natureza física o agente não se preocupa apenas em satisfazer às necessidades puramente físicas, contemplando também as de ordem psíquica e social.

Os jogos e os desportos devidamente orientados, estimulam e desenvolvem o espírito de cooperação e ajustam o indivíduo aos padrões de cultura. Diz o Dr. Nicanor Miranda, diretor por muitos anos da Divisão de Educação e Recreio do Departamento de Cultura de São Paulo, idealizador dos Clubes de Moças Operárias da capital paulista:

“Êsse trabalho de conformização ou ajustamento tem sido considerado nos Estados Unidos mormente em certas zonas ou distritos de cidades industriais conhecidos pelo nome de “slums”, isto é, bairros pobres, miseráveis, pois aí é que se formam os bandos (Gangs), aí é que brota a delinquência infantil e juvenil aí é que proliferam os criminosos adultos.

A finalidade social da recreação não era reconhecida antigamente. Há um século, os parques eram construídos e instalados com o único objetivo de embelezar a cidade. Era uma concepção urbanística, incipiente e primitiva. O urbanismo social moderno caracteriza-se pela adaptação do meio ambiente às necessidades do homem. E não se poderá negar, em sã consciência, que os lazeres e a recreação ocupam também o seu pôsto importante no quadro das necessidades vitais do homem. Os parques de recreação não tinham superintendência nem serviço organizado, mas apenas vigilância policial. A supressão desta e a criação de serviços que promovam e estimulem facilidades e meios para uma vida mais intensa da comunidade, durante as horas de lazer, começou por transformar e revolucionar as velhas concepções exclusivamente urbanísticas”.

“A recreação tem responsabilidade na formação e no enriquecimento da personalidade humana, agindo eficientemente na vida cooperativa do grupo e ajudando a criar uma ordem social plena de vida, abundante e feliz. A alegria e a felicidade que deriva da recreação comunal, enriquecem a vida e são essenciais para a tranquilidade, a ordem e a segurança social. Êstes são os grandes valores sociais da recreação”.



16/05/1954

RECREAÇÃO – PROBLEMA SOCIAL

Subsídios aos vereadores do Distrito Federal para estudo da questão no Rio de Janeiro

3 – Papel social da recreação na vida do estado moderno

O Prof. F. G. Gaelzer, diretor do serviço de Recreação Pública de Pôrto Alegre, afirma que a recreação popular devidamente orientada precisa basear-se nos três seguintes fatores:

1.º FATOR SOCIAL – De início deverá haver horas disponíveis para o lazer. A seguir será levado em consideração o estado físico do indivíduo pois um cansado e mal nutrido não está apto para usar o seu lazer com dignidade. São também de suma importância fatores raciais, climatéricos e dos costumes gregários ou individualistas do povo. Mesmo o problema da habitação merece ser estudado: uma casa com quintal e próxima ao local de trabalho, com fácil acesso a um campo de jogos, a uma biblioteca, a um teatro ou a um centro recreativo da comunidade, virá reduzir o problema do lazer à sua expressão mais simples.

2.º FATOR POLÍTICO – Alguns sistemas políticos fornecem grandes programas recreativos deixando pouca iniciativa ao indivíduo. Outros deixam à iniciativa particular a gerência do assunto: e é quanto vemos o desperdício com a duplicidade dos esforços, sem consideração à necessidade pública. Sempre foi observado que quando agências oficiais, como as Prefeituras, são incumbidas da programação da recreação pública, existe neste trabalho uma uniformidade e eficiência mais elevada, atingindo as facilidades da recreação, não somente a classes ou grupos restritos, porém a todos o povo.

3.º FATOR EDUCACIONAL E CULTURAL – Aqui abordamos a qualidade das atividades usufruídas durante às horas de lazer. Se a recreação é bem usada pelo indivíduo, depende isto largamente do desembaraço educacional que ele alcançou por seu estudo e meio ambiente. E seu bom aproveitamento só pode ser compreendido na proporção em que êle, sem conflitos físicos ou psicológicos, agrade à sua personalidade; enriquecendo sua memória e imaginação ou desenvolvendo a sua fôrça e destreza física. Observamos geralmente o mau uso da recreação, quando ela é explorada comercialmente e sem contrôle oficial. Com o incremento dêste tipo de recreação em quantidade e preço de aquisição, mais se desenvolve a recreação desorganizada e por tal nefasta em seus resultados. Daí concluímos que, se subsiste um problema de recreação pública, êle é causado pela recreação mercantilizada. O ritmo acelerado da vida moderna torna essencial um programa recreativo saudável para obtermos uma vida bem equilibrada. Como jovem, como cidadão, e mais tarde como pai, a personalidade humana logrará maior dignidade e uma dotação mais integral, se em seus planos de vida inclui um programa saudável e construtivo de recreação. Os investigadores do crime, da delinquência, há muito assinalaram a existência de uma relação entre a recreação (falta de espaço, oportunidades e guias e a alta percentagem de delinquência. Como o jôgo é

uma necessidade para a infância, não é de estranhar que os jovens procurem jogar a todo transe. Em toda parte onde se encontrarem, procurarão inventar ou copiar jogos de outros meninos, e quando êles, os jogos, atingirem as prerrogativas dos adultos se declararão delituosas. Porém a criança seguirá jogando, de conformidade com as suas exigências de auto-expressão. E quando ocorrer um cerceamento, êste poderá então tornar-se um jôgo, no qual as crianças tratam de, com sua esperteza aguçada, iludir aos adultos. Atitude esta que mais tarde, assumirá o mesmo aspecto em face da lei e das autorizadas constituídas, que por sua vez, também serão burladas”.

O noticiário de nossos jornais, nêste último anos, foi invadido pela divulgação de verdadeira onda de crimes de tôda natureza perpetrados por menores, que, quando presos, são recolhidos aos estabelecimentos do Serviço de Assistência de Menores (SAM). As quadrilhas de adolescentes bandidos como “Lilico”. “Gazinho”. “Balico”, etc., tornaram-se comuns entre nós e proliferam em muito maior número do que as de adultos. É inegável que a delinquência juvenil resulta em grande escala do “uso impróprio das horas de lazer”. Bastante oportuno torna citar que a “Play Ground and Recreation Association of América” coligiu em várias partes do país e publicou grande número de pareceres de juízes de menores, oficiais de menores, sociólogos e educadores, os quais provam que a recreação convenientemente dirigida reduziu a delinquência de 25% a 75% em regiões onde era elevada a sua percentagem.

Não será, por ventura, êste resultado bastante animador?

Por que não orientarmos racionalmente às horas de lazer das crianças e dos jovens de modo a delas tirar proveito?

Afirma Leonídio Ribeiro que “A primeira estatística feita, no Brasil, entre quinhentas crianças abandonadas e criminosas, demonstrou que não havia entre elas uma única que estivesse absolutamente sã, apresentando cada qual, pelo menos duas doenças geralmente graves, capazes de, por si sós, comprometer seu desenvolvimento físico e mental”.

E precisamos cuidar biológica e socialmente da infância de hoje, repositório das esperanças do Brasil de amanhã, geração que floresce para a vida adulta e pela qual somos diretamente responsáveis.

Vamos refletir sôbre isso. Senhores Vereadores da Câmara do Distrito Federal; é preciso pensar que a infância não se corrompe nas horas de estudo ou de trabalho, mas nas horas de lazer.



19/05/1954

RECREAÇÃO – PROBLEMA SOCIAL

Subsídios aos vereadores do Distrito Federal para estudo da questão no Rio de Janeiro

4 – O movimento da recreação no cenário mundial

Os principais países do mundo passaram a considerar o problema da recreação como de interesse nacional, promovendo medidas de grande alcance social.

Em julho de 1932, celebrou-se na cidade de Los Angeles, simultaneamente com os X Jogos Olímpicos, o I Congresso Internacional de Recreação. Em 1936, na cidade de Hamburgo, um segundo certame se realiza, o “Congresso Mundial para a Organização das Horas Livres e de Recreio”, ao qual compareceram 61 países, entre os quais o Brasil, representado pelo Prof. F. G. Gaelzer. Em 1938, em Roma, um terceiro congresso se realizou com as mesmas finalidades. Numerosas instituições se organizaram com o objetivo de cuidar de problema da Recreação, dentre as quais se destacam o “Central Council of Physical Recreation”, na Inglaterra, e a “American Association for Health, Physical Education and Recreation”, nos Estados Unidos.

No Uruguai, país latino-americano que pode ser considerado como exemplo de equilíbrio social, desde 1940 está lançando o “Plan de Accion” para tornar a Recreação uma realidade na vizinha república.

A Organização Internacional do Trabalho (O.I.T.), já na Conferência de 1924, adotava uma recomendação, na qual figuravam como pontos principais: preservação dos lazeres como meio de higiene social, criação de instituições para utilização dos lazeres em que fossem desenvolvidos os jogos familiares, círculos de palestras sobre assuntos domésticos, práticas desportivas, instrução primária por meio de cursos de continuidade, educação extra-escolar por meio do teatro, cinema e música. Em maio de 1949, reuniu-se em Genebra, a Comissão de Lazer Operários, de que resultou importante resolução sobre a utilização dos lazeres, quer dos trabalhadores adultos, quer, e sobretudo, dos adolescentes. Em outro artigo desta série teremos o ensejo de tornar público os cinco pontos dessa importantíssima resolução.

Em nosso país, alguns esforços têm caracterizado iniciativas isoladas que estão reclamando maior apoio. Assim, na órbita municipal, encontramos a Divisão de Educação e Recreio do Departamento de Cultura do Município de São Paulo, o Serviço de Recreação Pública de Pôrto Alegre e o Serviço de Educação Física e Recreação da Prefeitura do Distrito Federal. Na esfera federal temos apenas o Serviço de Recreação Operária do Ministério do Trabalho, cuja ação tem sido limitada pela precariedade de recursos com que se defronta. A Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura vem de elaborar um “Plano Nacional de Recreação” que deverá ser estudado no corrente ano e com o qual pretende mudar a fisionomia social de nosso país.

Na iniciativa particular, cumpre ser destacado o Serviço de Recreação, Esportes e Educação Física do SESI, que inegavelmente, bastante tem realizado, sobretudo no

Distrito Federal e em São Paulo, embora a sua ação se vá tornando cada vez mais eficiente nos outros Estados.

Parece-nos que bem próximo estamos, e a necessidade o reclama impressionantemente, da criação, em nosso país, do Serviço ou Departamento Nacional de Recreação, como um dos mais importantes órgãos do Ministério da Educação e Cultura.



22/05/1954

RECREAÇÃO – PROBLEMA SOCIAL

Subsídios aos vereadores do Distrito Federal para estudo da questão no Rio de Janeiro

5 – A recreação em face das necessidades bio-psico-sociais da criança

Todos reconhecem que a atividade física é para a criança uma necessidade e sobre tal assunto não pairam mais dúvidas. As formas de atividades físicas indicadas para as crianças não têm sido, porém, as mais adequadas, as que correspondam às suas necessidades e desejos. Muito ao contrário, na maioria das vezes são justamente escolhidas formas de trabalho físico menos aconselhadas para as crianças, as quais constituem verdadeiros castigos, ou, repetindo a excelente expressão de Claparède, trabalhos forçados. Precisamos antes de tudo, conhecer bem a natureza da criança, as suas necessidades de ordem física, psíquica e social; em face dessas exigências, tendo em vista o objetivo que se pretenda alcançar, escolheremos os meios mais indicados. A educação física da criança não será obtida se a obrigarmos a executar um amontuado de exercícios cujas finalidades não estão bem esclarecidas, como geralmente sucede. Devemos penetrar na alma da criança, conhecê-la profundamente, adivinhar todos os seus desejos, compreender tôdas as manifestações do seu comportamento, buscar explicações para os atos da criança, não de acôrdo com o nosso raciocínio, mas consoante o modo de pensar da própria criança, dentro do seu limitado mundo psíquico e pelo prisma porque encara tôdas as coisas. A Educação Física da criança não acompanhou o movimento renovador da escola, conhecido sob a denominação de escola nova: manteve-se aferrada aos processos que utilizava é que se caracterizam por um artificialismo exagerado, traduzido por exercícios analíticos que pretendem fazer o organismo trabalhar por parcelas; cada uma de por si, sem procurar atender às suas exigências integrais, concomitantemente como reclama a própria criança. O adulto se compraz em contrariá-la, em ensinar-lhe coisas que ela não deseja aprender e que de nada lhe servem, enquanto lhe veda atividades indispensáveis, que ela persegue, impelida por uma fôrça natural. A criança quer o exercício físico, livremente, e os professores insistem em lhe ensinar um exercício.

Como o interêsse corresponde à coincidência das necessidades de ordem física e psíquica do indivíduo, evidente se torna que as formas de trabalho usadas para alcançar a educação física da criança deverão satisfazer, e não como vem acontecendo contrariar, às suas necessidades físicas e psíquicas, atendendo ainda mais ao aspecto gregário do homem, isto é, às suas necessidades sociais. Por outro lado, a natureza da criança, traduz um espírito sincrético, ao qual repugna tudo aquilo que é analítico a razão da criança vai da sínkrase (sincretismo) à síntese (sintetismos) para, finalmente, chegar, no limiar da vida atual, a análise (analismo). Isto significa que os tipos de atividades mais indicadas para a educação física da criança são os que traduzem formas globais (sintéticas) e nunca as parciais (analíticas). Em consequência, os exercícios naturais

(aplicações), a recreação em aparelhos, os brinquedos cantados, os jogos e a natação são as atividades que melhor correspondem às necessidades e interesses da criança.

A recreação é a atividade, por intermédio de agente mental ou físico, a que o indivíduo é levado por seu próprio interesse e com o desenvolvimento da qual encontra o prazer que lhe proporciona um estado de euforia.

Ora, sabemos que a imaginação da criança é riquíssima, que o seu mundo irreal, o seu mundo de fantasia se confunde frequentemente com a realidade: a criança se identifica de tal forma com os personagens dos seus brinquedos, que anima (dá alma) a todos os objetos que ocupam o foco de sua atenção, criando-lhes problemas que resolve como se fossem os seus próprios. Assim, o brinquedo nunca está no objeto, mas na mente da criança. Por outro lado, é preciso sempre não confundir a mentira, que se caracteriza pelo dolo, com a fantasia, que resulta da riqueza de imaginação e da impossibilidade de discernir e limitar o mundo real do mundo irreal.

Na recreação puramente mental, a criança faz uma completa abstração de sua vida terrena, desligando-se deste mundo e transportando-se ao seu verdadeiro mundo; na chamada recreação física, a que mais nos interessa no momento, as necessidades de ordem física, a imperiosidade de movimento imposta pelo organismo que necessita de ação para desenvolver-se, superam as necessidades psíquicas, embora o interesse nunca deixe de, normalmente se caracterizar pelos seus fundamentos psico-fisiológicos.

A ginástica, na sua verdadeira acepção, constituída de exercícios formais, artificiais ou construídos, embora baseada no movimento, paradoxalmente traduz a limitação da liberdade de movimento da criança. Esta, com a sua natureza essencialmente sincrética, não se pode mover por parte, analiticamente, órgão por órgão, mas globalmente, como um organismo cujas necessidades são complexas. A recreação em aparelhos (playgrounds) é a melhor forma de corresponder às necessidades físicas e psíquicas da criança, em consequência, ao seu interesse, atendendo ainda às exigências das diferenças individuais.



23/05/1954

RECREAÇÃO – PROBLEMA SOCIAL

Subsídios aos vereadores do Distrito Federal para estudo da questão no Rio de Janeiro

6 – A recreação em face das necessidades bio-psico-sociais do adolescente

A educação não deve contrariar a evolução natural, muito ao contrário, tanto quanto possível, favorecê-la. Varendonck assim se expressou a êste respeito: “Se a educação precipita ou retarda os períodos do desenvolvimento, daí pode resultar uma falha no caráter, talvez uma desorganização séria”. E Clapárede o apoia nestes termos: “Fazendo corresponder os interesses de cada grau do ensino aos interesses naturais que caracterizam os diversos estádios da evolução infantil, os educadores fariam cessar, entre o professor e os alunos de sua classe, a “desinteligência radical”, que Cousinet aponta”.

Aqui está a solução do conflito que comumente se estabelece entre o professor e o aluno: fazer corresponder os interesses de cada grau de ensino aos interesses naturais que caracterizam os diversos estádios da evolução da infância e da adolescência. Na recreação, tanto quanto no ensino, essa medida se impõe. A cada fase da evolução humana correspondem certos e determinados interesses que precisam ser atendidos com formas de trabalho adequadas.

Na adolescência, verifica-se a predominância do campo emotivo sobre o domínio da percepção exterior. E o jovem gosta de experimentar novas sensações, sente-se atraído pelo desconhecido, empolga-se pelo mistério e busca as situações perigosas, desafiando as normas de prudência: tem atitudes heroicas que parecem aos olhos do adulto, muitas vezes, ridículas e até quixotescas. O exibicionismo o domina. Gosta de ser alvo de tôdas as atenções, ama as situações ou as coisas que o singularizem, que o destaquem dos demais indivíduos. Nos desportos deseja igualar-se aos campeões, nas artes aos grandes artistas, nas letras aos maiores autores, nas ciências aos mais destacados cientistas. Tais são os seus sonhos. Geralmente prefere as glórias ao dinheiro, porque, com frequência, não tem noção exata do que seja a necessidade; a sua situação de dependência não lhe permite conhecer as dificuldades mais duras da vida, salvo em casos excepcionais, que, por isso, fogem à regra geral.

O professor de recreação, consciente dos desejos e necessidades do adolescente, poderá orientar a sua atividade física de modo a obter dela os melhores resultados possíveis com a aplicação de formas de trabalho atraentes, que se ajustem aos interesses do indivíduo nessa difícil fase de transição da meninice para a idade adulta.

Bem conhecidas as necessidades de ordem física do adolescente, as profundas transformações porque passa o seu mundo psíquico e a função que se lhe destina na vida social, melhor poderemos compreender a grande importância e o significativo papel que cabem à recreação nesse período, verdadeiramente crítico, da evolução humana. A recreação não poderá deixar, aqui, de ser essencialmente ativa, quer do ponto de vista físico que mental. É preciso estimular as aptidões do organismo que floresce, solicitar-

lhe a imaginação e o lento, aguçar-lhe o raciocínio, enfim desenvolver-lhe tôdas as capacidades, estimular ao máximo o patrimônio biológico com que se apresenta e ajustá-lo às condições do ambiente físico e social de forma a integrá-lo na sociedade como uma partícula perfeitamente homogênea, não permitindo que, de maneira alguma, se transforme num perigoso quisto.

Os agentes de natureza física e mental de que se vale a recreação destinam-se a satisfazer necessidades imperiosas reclamadas pelo organismo do adolescente, possibilitando-lhes desenvolvimento harmonioso do corpo e do espírito e concorrendo, assim, para formar o homem de ação, física e moralmente sadio, alegre e resoluto, cômico de seu valor e de suas responsabilidades e preparar a mulher para a sua missão no lar e na sociedade, enfim para tornar cada cidadão, de um a outro sexo, apto a contribuir eficientemente para a economia, defesa da comunidade em que vive e para a felicidade do povo a que pertence.



05/06/1954

RECREAÇÃO – PROBLEMA SOCIAL

Subsídios aos vereadores do Distrito Federal para estudo da questão no Rio de Janeiro

7 – A recreação em face dos cinco pontos estabelecidos pela comissão de lazeres operários (1)

SOB os auspícios da O.I.T. (Organização Internacional do Trabalho) reuniu-se, em maio de 1949, na cidade de Genebra, a Comissão de lazeres Operários, que adotou a seguinte resolução baseada em cinco pontos:

1.º

A Conferência de Técnicos em recreação do Comitê de Correspondência da Organização Internacional do Trabalho, convocada pelo Conselho de Administração, reunido em Genebra, na sua 2.ª sessão, de 31 de outubro a 3 de novembro de 1949, tomando conhecimento, de um lado, das resoluções concernentes aos lazeres dos trabalhadores adotadas pela 4ª sessão da conferência dos Estados da América, membros da Organização Internacional do Trabalho (Montevideú, 1949), e pela 32ª sessão da Conferência Internacional do Trabalho (Genebra, 1949), e, por outros dos informes submetidos a seu exame pela O.I.T., adota, neste dia 9 de novembro de 1949, a seguinte resolução:

1 – Declara que os informes fornecidos pela O.I.T. constituem base apropriada para elaboração de estudos sôbre o melhor meio de serem ocupadas as horas de lazer do trabalhador.

2 – Solicita ao Conselho de Administração encarregar a O.I.T. da complementação de tais informes, devendo os membros do Comitê de Correspondência fornecer à O.I.T. tôdas as informações úteis.

3 – Solicita igualmente ao Conselho de Administração dar a esses informes a mais larga publicidade.

2.º

“A Conferência de Técnicos em Recreação do Comitê de Correspondência da Organização Internacional do Trabalho, interessada em desenvolver em todos os países a utilização nacional dos lazeres e consciente da importância dessa utilização e da necessidade de difundir a recreação em todo o mundo, resolve:

1 – A conferência solicita ao Conselho de Administração dar em suas publicações larga difusão às informações concernentes à utilização dos lazeres do trabalhador.

2 – Confia em que a O.I.T. continuará o estudo do problema dos lazeres em todos os seus aspectos.

“A Conferência de Técnicos em Recreação do Comitê de Correspondência da Organização Internacional do Trabalho, depois de ser discutido o informe n.º 1 concernente á situação atual e aos problemas os mais importantes em matéria de

utilização dos lazeres e desejando fornecer ao Conselho de Administração da O.I.T. a mais eficiente ajuda nesse domínio, resolve:

1 – A Conferência solicita do Conselho de Administração encarregar a O.I.T. de proceder a estudos detalhados sôbre as seguintes questões, que poderão entrar na ordem do dia das próximas sessões da reunião de técnicos.

- Educação dos trabalhadores, seja do ponto de vista de sua cultura geral, de seu aperfeiçoamento técnico ou de suas relações profissionais;

- Formação de organizadores e de animadores de recreação;

- Turismo popular especialmente no plano internacional;

- Organização de Recreação nas empresas;

- Desenvolvimento dos jogos e dos esportes nos planos nacionais e internacionais;

- Meios de utilização dos lazeres no sentido de contribuir para a prevenção das doenças, em particular das doenças profissionais.

A ordem na qual são enumeradas as questões acima não discrimina a sua importância; caberá ao Conselho de Administração, segundo as necessidades e as circunstâncias, estabelecer uma ordem de prioridade.

2 – A Conferência exprime o desejo de que o Conselho de Administração, na primeira ocasião oportuna, torne o Comitê de Correspondência para os problemas concernentes aos lazeres do trabalhador, mais representativo do ponto de vista geográfico.

3 – Verificando-se que a questão da utilização dos lazeres interessa sob certos aspectos, não só à O.I.T., mas também as Nações Unidas e muitas outras instituições especializadas, a Conferência solicita ao Conselho de Administração examinar, com o órgão administrativo de coordenação, a questão das responsabilidades respectivas e da cooperação nesse campo.



10/06/1954

RECREAÇÃO – PROBLEMA SOCIAL

Subsídios aos vereadores do Distrito Federal para estudo da questão no Rio de Janeiro

7 – A recreação em face dos cinco pontos estabelecidos pela comissão de lazeres operários (2)

Em continuação ao artigo anterior, apresentamos os pontos 4.º e 5.º estabelecidos pela Comissão de Lazer Operários:

4.º

“A Confederação de Técnicos em Recreação do Comité de Correspondência da Organização Internacional do Trabalho, depois de ter procedido a uma troca de pontos de vista aprofundada sobre diversos aspectos da organização e utilização dos lazeres dos trabalhadores, considerando entre outras coisas que essa utilização pela recreação:

- a) Corresponde a um desejo geral e a uma necessidade universal;
- b) Contribui para o desenvolvimento da personalidade do homem do ponto de vista físico, intelectual, espiritual, social e moral;
- c) que são necessários ao desenvolvimento do bem-estar do povo assim como à saúde e à educação.

Considerando também o valor preventivo de uma boa ocupação dos lazeres, a Conferência sugere que os programas de organização dos lazeres devem ser inspirados nos seguintes princípios:

1 – Tôdas as medidas de organização dos lazeres, quaisquer que sejam seus promotores, devem salvaguardar a liberdade integral de cada um.

2 – A organização dos lazeres deve partir essencialmente da iniciativa dos interessados ou dos grupos, constituindo o trabalho do Estado em coordenar, estimular e apoiar estas iniciativas, reservando-se o contrôlo pelo direito que lhe dá a sua manutenção.

3 – A organização dos lazeres, ou seja, a recreação, deve ser adaptada às condições do meio geográfico, psicológico, social e cultural, assim como à situação individual do trabalhador.

4 – A recreação deve procurar desenvolver a vida familiar.

5 – A organização dos lazeres deve levar em conta o fato de que os lazeres organizados sob uma base coletiva oferecem vantajosas possibilidades para a criação de um espírito social e o desenvolvimento do bem-estar.

6 – A organização dos lazeres deve ser estritamente coordenada com as medidas tomadas em favor da saúde, da educação e do bem-estar dos trabalhadores”.

5.º

“A Conferência de Técnicos em Recreação do Comitê de Correspondência da Organização Internacional do Trabalho, depois de ter discutido o 2.º informe e considerado que os princípios gerais adotados no que concerne à utilização dos lazeres dos trabalhadores são aplicáveis aos jovens trabalhadores do mesmo modo que aos trabalhadores adultos, sugere:

1 – A utilização dos lazeres para os adolescentes depende dos seguintes fatores:

- a) condições favoráveis de trabalho e de vida;
- b) liberdade do indivíduo;
- c) direção adequada por pessoas qualificadas.

2 – a organização de facilidades relativas à utilização dos lazeres dos adolescentes deve ter por fim o desenvolvimento da personalidade e o sentido de sua responsabilidade como membros da coletividade.

3 – Os poderes públicos devem prever locais e meios apropriados, principalmente nos planos de reconstrução e urbanismo, assim como encorajar as organizações que se ocupem da utilização dos lazeres dos adolescentes.

4 – É conveniente a utilização na maior escala possível de informação entre os diversos países, notadamente no que concerne aos programas e atividades dos quais podem participar os jovens de um e outro sexo, seja individualmente, seja em grupos.

5 – É conveniente uma atenção particular às necessidades de certas categorias de adolescentes, tais como os “Chômeurs”, os trabalhadores rurais, etc.

6 – Deve ser reconhecido o direito dos adolescentes de colaborar com os adultos na elaboração e realização de programas de utilização dos lazeres”.

E tais foram os cinco pontos estabelecidos, pela Comissão de Lazer Operários, em Genebra, no ano de 1949.



11/06/1954

RECREAÇÃO – PROBLEMA SOCIAL

Subsídios aos vereadores do Distrito Federal para estudo da questão no Rio de Janeiro

8 – O verdadeiro motivo da existência dos exercícios analíticos nas escolas do Brasil

A existência dos exercícios analíticos em nossas escolas encontra a sua origem em dois motivos: a falta de espaço das mesmas e a grande disseminação dos chamados sistemas de ginástica, que dominaram o mundo no século passado. Ainda hoje não conseguimos aparelhar convenientemente as nossas escolas nem nos libertar da influência que êsses sistemas sempre exerceram sôbre os nossos professores, cujo trabalho continua muito mais dirigido para atender às exigências dos espectadores do que às necessidades dos educandos.

A divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde, instituída em 1937, tentou resolver o assunto nos estabelecimentos de ensino secundário, mas os interesses particulares se superpuseram ao interesse público e êsse órgão viu baldados todos os seus esforços. A luta das autoridades educacionais para dotarem as nossas escolas de espaço necessário à prática dos exercícios físicos e ao próprio recreio dos alunos remonta ao século passado, como poderemos verificar dos documentos que a seguir apresentamos, pacientemente recolhidos.

Em 1857, o decreto n.º 2.006, de 24 de outubro, conhecido sob a denominação de Reforma Marquês de Olinda, que dividiu o Colégio Pedro II em dois estabelecimentos de instrução secundária, previa: “O internato será colocado fora da cidade, com terreno espaçoso não só para exercícios de ginástica, banhos e natação, como para recreio”.

Em 1870, o Ministro Paulino de Souza insistiu na mudança do Internato do Colégio Pedro II para fora da cidade, argumentando: “Nos estabelecimentos de educação deve ter-se em vista não só o progresso intelectual da mocidade, mas também dar ao espírito têmpera verdadeiramente varonil, e ao corpo vigor e saúde, que tanto contribuem para que o indivíduo possa ser útil a si e à sociedade. Os moços que, na época, o organismo precisa desenvolver-se apropriando-se dos elementos que oferece a natureza, vivem entre as quatro paredes de um edifício apertado pelos montões de casas das cidades, têm um desenvolvimento artificial, e contrafeito, do qual resente-se depois em todos os períodos da vida tanto o corpo como o espírito. Ar, espaço e vastos horizontes, eis o de que principalmente precisa a idade de dez a dezoito anos, em que, comumente, se frequentam as aulas secundárias. “Mas... apesar dessas duas tentativas, o Internato continuou mesmo na cidade.

Do relatório apresentado, em 1890, pelo inspetor geral, Dr. Ramiz Galvão, consta o seguinte:

“Em relação à educação física há um verdadeiro mundo novo a abrir-se nas escolas. Quase em tôdas elas está esquecido ou comprometido êste ramo da educação;

alguns professôres mais antigos rezam pela cartilha absoluta na imobilidade da criança como ideal de disciplina; outros, inteligentes e zelosos, nada ou quase nada podem fazer porque é raro o prédio escolar dotado de um pátio ou de um jardim anexo, que se preste ao recreio, aos jogos infantis. O ensino de ginástica é por via de regra feito dentro de salas de classe, de maneira insuficiente, por consequência. Tôda esta parte do programa escolar carece de execução satisfatória, e, para isso, assim como para muitos fins, faz-se urgentíssimo cuidar da construção de prédios apropriados para as escolas. Dois meios se oferecem para conseguir êste desiderato: ou aceitar propostas de uma companhia para esta grande obra, ou levantar um empréstimo com êste destino, ou conforme já lembrou o Dr. A. R. Souza Bandeira, um dos antecessores. Por qualquer deles é forçoso que não adiemos a resolução do problema. Enquanto não chega o dia dêste melhoramento, pensei atender à necessidade dos exercícios físicos, e tendo suscitado no conselho diretor a questão foi ela estudada pelo professôr Alfredo Alexandre, que discutiu o ponto e propõe meios práticos. Oficiei ao govêrno pedindo que uma vez por semana nos fosse permitido o gôzo exclusivo de alguns jardins públicos e de certos terrenos devolutos para que ali pudessem as crianças entregar-se, sob a direção de seus mestres, a jogos infantis e exercícios ao ar livre. Pende de decisão êsse pedido” (“A Instrução e a República” – Primitivo Moacyr).

E parece nunca ter havido a decisão de tal pedido.

No Estado de São Paulo, a lei n.º 88, de 8 de setembro de 1892 (lei do ensino público), no capítulo “Da organização escolar”, estabeleceu: “Cada escola preliminar, além da área bastante espaçosa para recreios e exercícios físicos, terá uma sala apropriada para os trabalhos manuais e os objetos e aparelhos necessários para o ensino intuitivo, para o de geografia, do sistema métrico e da ginástica”.

Mas... as escolas primárias continuaram sem espaço.





Centro de Memória do Esporte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Rua Felizardo, 750

Jardim Botânico

Porto Alegre - RS

90690-200

Tel: (51) 3308-5879

ceme@ufrgs.br

VISITE NOSSO SITE:

www.ufrgs.br/ceme

VISITE NOSSO REPOSITÓRIO DIGITAL:

<http://www.repositorioceme.ufrgs.br>

Este livro constitui-se em um e-book produzido pelo Grupo de Estudos sobre Cultura e Corpo vinculado ao Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da UFRGS em Porto Alegre (RS) de janeiro a dezembro de 2015.